

*Kezawin, deusa sonhadora
(Medicine Woman)
Kathleen Eagle*



Se para tê-la era preciso morrer, James oferecia sua vida pelo amor dessa mulher!

Nenhum índio Lakota conseguia permanecer indiferente à beleza hipnótica de Kezawin, a Mulher Gamo Sonhadora. Alguns homens da tribo tentavam cortejá-la, expondo-se aos perigos de seus misteriosos poderes. O único que a conhecera intimamente não escapara de um triste destino. Assim, todos acompanhavam com ansiosa curiosidade a crescente amizade entre a curandeira e o naturalista americano, James Garret. Seria ele Wakan, sagrado, e reprimia seus impulsos sexuais? Ou então era ignorante, ou louco! Pois punia-se com a morte quem procurasse saciar seus desejos físicos com a mulher da magia, a escolhida dos deuses para executar uma estranha missão naquelas terras envoltas em insondáveis mistérios.

*Digitalização: Tinna
Revisão: Márcia Goto*





Título original: Medicine woman

Copyright: Kathleen Eagle

*Publicado originalmente em 1989 pela
Harlequin Books, Toronto, Canadá.*

Tradução: Silvana S. P. Marques

Copyright para a língua portuguesa: 1990

NOTA DA AUTORA

Escrever Kezawin, Deusa Sonhadora começou como um desafio pessoal; uma história de amor entre uma mulher lakota e um homem branco que havia se transportado para uma comunidade indígena (situação oposta a minha), em uma época em que a cultura lakota dominava toda a região que hoje compreende os Estados de Dakota do Norte e Dakota do Sul. Ironicamente, o território dakota foi assim denominado em homenagem àqueles que foram expulsos, por meio de força e fraudes, de suas próprias terras. A perda maior não foi a dos territórios, mas sim de um modo de vida em que o homem vivia em harmonia com o meio ambiente, equilibrando, naturalmente, aspectos espirituais e materiais da vida. O conceito do "bom selvagem" é tão simplista e ridículo quanto qualquer idéia proveniente de uma visão medíocre.

Minhas pesquisas iniciaram-se com entrevistas e prosseguiram com as histórias que meu cunhado, Philip Eagle, contava nas reuniões de família. Entrelinha sua platéia com histórias sobre os wanagi, os espíritos, entremeadas com casos engraçados que logo se tornaram parte do folclore local. No entanto, os relatos sobre a mulher gamo foram os que mais me interessaram. — Ouvi falar de três — dizia ele. "Não as vi com meus próprios olhos, mas contava-se que..." Histórias fascinantes, como a do gamo albino, que trazia boa sorte ao povo, desde que lhe fosse permitido pastar em paz nas terras baixas do Grand River. Devo a Philip e a meu marido Clyde a alma desse livro.

Aprofundei minhas pesquisas sobre o tema lendo todas as entrevistas disponíveis, tendo sempre em mente que quase toda a literatura sobre os índios havia sido escrita por não índios. As melhores fontes de documentação foram, sem dúvida, as entrevistas registradas no final do século XIX por não índios, embora muito de seu conteúdo tenha se perdido nas traduções. Meu objetivo foi o de contar essa história descrevendo os lakotas da maneira mais autêntica possível. Se, em alguns momentos, falhei, peço desculpas. Em toda obra de ficção existe um componente de fantasia.

Em minhas pesquisas, encontrei pouquíssimos mas preciosos indícios da existência do homem que eu queria descrever: alguém que tivesse a mente aberta, não só sob o ponto de vista intelectual como espiritual, para aprender com a cultura nativa, tão banalizada no chamado mundo civilizado. Embora raros, parece que, felizmente, tais indivíduos existiram, em épocas distantes umas das outras. Eram aqueles entre os imigrantes brancos que estudaram e transcreveram a língua lakota; que defenderam a causa justa dos povos índios perante um congresso surdo; que deixaram, para a posteridade, material sobre essa cultura como fotografias e depoimentos. Houve até um caso de um homem branco que permaneceu entre o povo índio durante um dos inúmeros surtos devastadores de varíola. São esses homens que tornaram possível escrever um romance entre personagens representantes de culturas tão diversas.

Finalmente, o leitor deve ser informado que a nação Sioux compreende três ramificações e três dialetos. A leste do rio Missouri, viviam os santees, que falavam dakota, os yank-tons e os yanktonais, que falavam nakota. À margem oeste do rio, estavam os tetons, que falavam lakota, e que compreendiam sete bandos ou conselhos de fogo: oglalas, brülés (Sicangu), miniconjus, blackfeets (Sihasapa), que não devem ser confundidos com os blackfeets de Montana; sans are (Itazipco), two kettle (Oohenunpa) e hunkpapas.

PALAVRAS E EXPRESSÕES LAKOTAS

O idioma lakota não era escrito até que o homem branco utilizou os símbolos de seu alfabeto para representá-lo. Em consequência, a grafia das palavras lakotas e a utilização dos sinais diacríticos diferem de acordo com as diversas fontes pesquisadas. Além do dialeto lakota, havia também os dialetos nakota e dakota e, dentro de cada um, variações de bando para bando. Quando, no século passado, foram criadas as reservas indígenas pelo governo dos Estados Unidos, a Reserva Indígena Standing Rock Sioux abrigou os hunkpapas, um dos bandos lakota, e também um pequeno grupo de yanktonais, que fala o dialeto nakota. Para o governo, todos eram Sioux.

Não tenho a pretensão de ser fluente em lakota, mas, com a ajuda da família e dos amigos de meu marido, aprendi alguma coisa da língua. No entanto, como primeira fonte de consultas, utilizei o Lakota-English Dictionary, cujo autor é o reverendo Eugene Buechel (Red Cloud Indian Sêhool Inc., Pine Ridge, SD, 1970). É um idioma repleto de conotações que vão desaparecendo, enquanto a língua, pouco a pouco, cai em desuso; isso ocorreu durante toda a primeira metade deste século, devido à política educacional estabelecida pelas escolas das missões e o Bureau of Indian Affairs, cujo objetivo era a morte da cultura lakota. Espero que minha tentativa em descrever

palavras e expressões utilizadas em Kezawin, Deusa Sonhadora, com definições que, reconheço, são limitadas, ajudará a dar ao leitor uma idéia dessa língua magnífica e poética.

Akicita — grupo de homens cuja função é manter a paz.

Ate — pai.

Cantorça winyela — a fêmea do gamo de cauda branca dos bosques.

Eyapaha — aquele que proclama as novidades pela aldeia.

Haho — veja isto!

Hanble ceya — rezar em voz alta pedindo uma visão.

Heyoka — o oposto; um palhaço, considerado sagrado, que faz tudo ao contrário.

Hoka hey — preste atenção! Cabeças erguidas!

Hunka — parente; parente por adoção cerimonial.

Iktomi — um espírito trapaceiro, geralmente mau.

Inipi — rito de purificação cujo fim pode ser a mesma purificação ou preparação para outro ritual; às vezes, é denominado banho de suadouro.

Kiciyuskapi — a cerimônia de se desvencilhar um do outro; um ritual para eliminar o ressentimento e a culpa entre duas pessoas.

Kiniknik — tabaco índio feito de ingredientes como a casca de salgueiro pulverizada.

Kola — amigo.

Mahto — urso.

Mitakuye oyasin — todos meus parentes.

Mitamn — minha esposa, minha mulher.

Ohan — sim! (enfático).

Onsila — pobrezinho!

Paha Sapa — as Montanhas Negras.

Pannunpala — algodãozinho-do-campo; "duas pequenas bolsas de mulheres".

Pejuta — ervas medicinais; grass roots.

Pejuta wicasa — homem que utiliza ervas para curar; um tipo de curandeiro ou shaman.

Pilamaye — obrigado.

Sapa — negro.

Shaman — pejtta wicasa.

Sicun — um guardião como se fosse um espírito; tanto pode se originar do ton como ser visto por ele; Ton é o espírito de outro ser, quase sempre de um animal.

Taku — o quê?

Tatanka — o bisão americano, mais conhecido pela denominação búfalo.

Tiipasotka Wakansica — a Torre do Diabo, no Estado do Wyoming; a "torre do mal".

Tiospaye — bando ou clã.

Tipi — tenda dos índios.

Tos — sim; usado somente pelas mulheres.

Tuki — é mesmo, é; usado somente pelas mulheres.

Tunkansi — meu sogro.

Tunkasila — avô; Deus.

Unci — avó; mãe terra,

Unsica — coitado, digno de pena.

Wahpehatapi — lavanda

Hissopo; "folha que é mastigada".

Wakan — sagrado.

Wakincuzas — líderes do clã, "aqueles que decidem".

Wanagi — espíritos dos que já se foram.

Wasicun — homem branco.

Wasna — carne-seca moída misturada com sebo; pode conter também frutas silvestres secas.

Waste — bom.

Wicasa — homem.

Wicasa wakan — um homem sagrado; o nível mais elevado do curandeiro ou shaman.

Winkte — homem que se veste e se comporta como uma mulher, considerado sagrado.

Winyan — mulher, menina.

Winyan He cinacaupi — "Ele queria aquela mulher e então eles a entregaram. Descreve um acordo matrimonial entre as famílias, baseado no amor entre os dois que devem se casar.

PREFÁCIO

Paha Sapa, as Montanhas Negras nas terras dos lakotas.

A luz da manhã perpassava pelas pálpebras fechadas de Kezawin como uma sutil invasora. O sonho tenebroso foi se afastando pouco a pouco, e a gargalhada aguda, horripilante, desapareceu. Ela esforçou-se para abrir os olhos e cobriu os ouvidos para não mais ouvir os ruídos do sonho que se desvanecia. Tarde demais, era o aviso rouco envolvendo seu pensamento. Tarde demais para cobrir a cabeça, Kezawin. Você ouviu, você viu. Você escolheu.

Kezawin virou-se lentamente, pressionando o rosto nos pêlos emaranhados de bufalo e olhou o rosto adormecido de seu marido. Concha de Ferro era um jovem bonito e carinhoso. Por três anos, protegera-a e cuidara para que nada lhe faltasse, sem reclamar enquanto esperava, mês por mês, que sua esposa concebesse. Naquele momento, nas brumas da manhã, a verdade terrível apoderou-se do coração de Kezawin. Ela era estéril. Nenhuma vida se desenvolveria no útero de uma mulher capaz de sonhar algo tão tenebroso. E o jovem esposo que dormia a seu lado, embora fosse tão forte como qualquer outro homem, corria perigo pela presença dela em seu leito.

Trêmula, a índia desvencilhou-se de suas roupas de dormir. O frio da manhã atingiu-lhe todo o corpo. Equilibrou-se sobre a ponta dos pés e das mãos, os seios tocando os joelhos enquanto se afastava de costas, sem fazer qualquer ruído. Ela não deveria acordá-lo. Não deveria permitir que a visse encolhida e trêmula de vergonha.

Jogando um abrigo sobre os ombros, começou a levantar-se lentamente enquanto, com os dedos dos pés, buscava os mocassins. Cuidadosamente, alcançou o vestido de pele de gamo, dobrado sobre o tapete de pele de bufalo que cobria o piso da tenda, a tipi, e apertou-o de encontro aos seios, sob o abrigo. Não poderia colocar o vestido sobre a cabeça sem que os enfeites de dentes de antílope soassem uns contra os outros ou o suave movimento das franjas farfalhas-se. Concha de Ferro tinha os sentidos aguçados de um guerreiro. Mas Kezawin era filha dos lakotas e sabia como se mover silenciosamente.

Sentiu dificuldade em desfazer o nó do cadarço de couro que mantinha a entrada da tipi cerrada, entrada que consistia em um pedaço de couro cru esticado sobre uma armação feita de galhos de salgueiro. Esperou um momento, concentrou-se na tarefa e, então, soltou o nó com a mão firme.

O ar do outono era frio e rarefeito. Uma leve inspiração fez com que sentisse uma pontada nos pulmões. Uma inspiração profunda provocou-lhe dor, como se uma faca houvesse penetrado em seu peito. "Não é o ar", pensou ela. Eram os resquícios dolorosos de seu sonho. Ajustou o abrigo sobre os ombros ao vislumbrar os pinheiros verdes e o vale cor de terra. As tipis despontavam do solo recoberto pelo orvalho da manhã como se fossem miniaturas dos picos de Paha Sapa que circundavam a aldeia. O brilho tímido dos primeiros raios do sol emprestava um reflexo dourado aos castanhos topos das montanhas. Amarrados próximos às tendas de seus donos, os cavalos permaneciam imóveis, a cabeça abaixada e uma das patas dobrada, em posição de descanso. Um cachorro da aldeia buscava, como de costume, restos de comida entre as cinzas da fogueira. O acampamento descansava placidamente.

Kezawin apressou o passo em direção ao rio. Aproximou-se de um bosque de pinheiros onde podia se abrigar e ali buscou refúgio enquanto se vestia. A pele suave do antílope bloqueou a luz quando ela fez com que o vestido escorregasse por sua cabeça, e então a escuridão do pesadelo a dominou. Esticou os braços por dentro das mangas e forçou a cabeça pelo decote, à procura de ar. Ela buscara a luz. Escolhera a luz.

Ajoelhou-se na relva alta e ainda molhada que margeava o rio. Debruçada sobre a água que corria, Kezawin mergulhou as mãos em concha e jogou, por diversas vezes, o líquido gelado no rosto e pescoço. Estremeceu quando as gotas tão frias molharam seus seios, mas continuou a se banhar. Sentia a pele formigando e se esticando sobre as maçãs proeminentes do rosto, como a pele dó gamo esticada sobre a armação de salgueiro, na confecção de tambores.

Fechou os olhos e sacudiu a cabeça para que a água escorresse, lutando assim para que aquele pensamento abandonasse sua mente. Não queria comparar sua pele com a de um gamo. A imagem invadiu-lhe a mente sem querer. Talvez ainda pudesse expulsá-la. Afinal, era bem diferente o destino que desejava para si própria: viver o papel de mãe, esposa, mulher respeitada por sua virtude, diligência e aptidões. Durante seus dezessete anos fora esse o seu objetivo e não iria, não poderia ver tudo perdido por causa de um simples sonho.

Seu pai lhe diria que o sonho havia enganado sua mente jovem e inexperiente. Urso Solitário era um homem considerado sagrado, de grande sabedoria. Seguramente, a filha de um sábio não poderia ser influenciada por sonhos anormais. Kezawin levantou-se do chão e buscou seu abrigo. Seu pai interpretaria o sonho. Ela contaria cada detalhe, nada omitiria quando lhe descrevesse o sonho. Havia certos símbolos que ela não podia entender, mas Urso Solitário saberia reconhecê-los. Ele lhe diria que o sonho não significava aquilo que ela temia. Ela não havia sido tocada pela mulher gamo.

Kezawin parou perto da entrada da tipi recoberta pelos desenhos geométricos em cores fortes que descreviam os feitos de Urso Solitário. Sabia que seu irmão, Cavalo Bravio, continuaria dormindo, se ela falasse suficientemente baixo.

— Pai — chamou ela. — Não queria perturbar seu sono, mas preciso falar com o senhor.

— Kezawin? — murmurou uma voz carregada de sono que ela conhecia melhor que a sua própria.

— É um assunto muito importante, pai. Algo que me assusta.

Uma cabeça coberta por cabelos grisalhos emergiu da tipi. Urso Solitário amarrou a manta na cintura, enquanto se levantava. Era um palmo mais alto do que sua filha, e os primeiros e tênues raios de sol mostravam um rosto sulcado por rugas.

— Onde está seu marido, Kezawin? É ele que você deve despertar quando sente que algo a aflige.

— Meu marido não é um homem sagrado, pai.

Sentiu que ele a olhava fixamente, embora ela mantivesse os olhos baixos, fixos nos mocassins pespontados.

— Eu vi algo wakan — continuou ela, em voz baixa. — Algo sagrado.

Urso Solitário voltou-se para entrar na tipi.

— O que tenho a contar não é para os ouvidos de meu irmão — murmurou Kezawin. — Além disso, preciso sentir o sol sobre minha cabeça.

Andaram até o riacho e sentaram-se sobre o abrigo de Kezawin, em uma clareira coberta de relva, onde gotículas de cristal de orvalho reluziam sob o sol da manhã. O longo verão seco havia diminuído a força do rio, que corria preguiçosamente dentro dos limites de suas margens. Urso Solitário esperava em silêncio.

— Foi um sonho — revelou ela, simplesmente. — Veio enquanto eu dormia.

Urso Solitário concordou com um gesto de cabeça, entendendo que não fora sua filha que buscara aquela visão. Ela não jejuara nem rezara para que a visão chegasse até ela.

— Estávamos caminhando — começou ela. — Estávamos buscando uma determinada planta, só o senhor e eu. Eu jamais a havia visto, mas o senhor comentou sobre as raízes vermelhas e disse que eu saberia identificá-la. Chegamos até um rio, que não se parecia com este — explicou, com um gracioso gesto mostrando as águas. — As águas estavam bastante altas e não conseguíamos encontrar um baixio. Seguimos caminhando. Então vimos um gamo.

Embora ele estivesse sentado afastado dela, Kezawin pôde sentir o pai se retesar ao escutar a palavra gamo. Descreveu com as mãos os movimentos do animal.

— Pai, o gamo atravessou o rio e as águas só lhe chegavam até as pernas. Ele tinha um belo e suave trote... Pai, era um macho. Tenho certeza disso.

Fixou os olhos no pai com a esperança de que essa informação fosse importante, mas não viu qualquer alteração na expressão séria.

— O gamo começou a esfregar sua galhada em uma árvore cujos galhos eram bastante irregulares, mas a árvore crescia cada vez mais e sua galhada ficou presa nos ramos. Eu podia ver seus olhos. Ele não entrou em pânico. Induziu-me a que atravessasse o rio e o libertasse.

— Ele falou? — perguntou Urso Solitário.

— Não. Não naquele momento. Eu pedi que o senhor me acompanhasse, mas o senhor disse que só uma mulher poderia utilizar aquele baixio. E que se eu me decidisse a empreender a travessia, deveria ir só. Eu lhe perguntei se a planta das raízes vermelhas poderia nascer do outro lado do rio e o senhor me respondeu que era provável. Segui o caminho que o gamo havia tomado para cruzar o rio. Ele estava bastante emaranhado e logo meus braços e rosto estavam sangrando devido aos arranhões.

Ela esticou os braços, virando-os como se procurando as marcas. O sonho queimava com tal intensidade em sua mente que quase assustou-se quando descobriu que seus braços não apresentavam qualquer arranhão.

— Eu o libertei — disse ela. — E então ele falou. Sua voz era a de... uma mulher.

Sabia da importância daquela passagem e parou com medo daquela certeza.

— O gamo disse que me daria a planta de raízes vermelhas se eu ficasse com ele. Eu me recusei e ele começou a ficar irritado, movendo a cauda como se fosse um cão. Girando e girando, girando e girando. Minha cabeça logo começou a girar também. Ouvi o barulho de um redemoinho e me senti atraída em direção à dança selvagem do gamo.

Não pensei em caminhar, mas estava me aproximando cada vez mais. Mesmo enquanto ele girava, observava-me com seus olhos negros e rasos. Mostrava seus dentes e o vento zunia em meus ouvidos.

Urso Solitário ouvia em silêncio, atentamente.

— Algo branco chamou minha atenção — continuou Kezawin. — Outro gamo pastava nas proximidades mas este era branco, todo branco. Eu queria tocá-lo. Ele levantou a cabeça e vi as raízes vermelhas das plantas em sua boca. Afastei-me do gamo que não parava de girar. O gamo branco permaneceu imóvel até que o alcancei. Permitiu que eu lhe tocassem a cara. Deixou cair as raízes vermelhas em minhas mãos. Lambeu o sangue de meu rosto e dos meus braços com sua língua refrescante.

O velho sábio continuava em silêncio para acompanhar o longo relato.

— Andamos até a margem do rio e encontramos uma velha com os cabelos emaranhados, sentada com os pés dentro da água. Do outro lado do rio eu podia ver a aldeia e disse ao gamo branco que levaria as plantas de raízes vermelhas para meu pai. A mulher riu e, quando levantou o rosto, pude ver os olhos negros e os beijos do gamo que girava. Ela tirou as pernas da água e colocou os mocassins sobre os cascos partidos e então sentou-se com as pernas cruzadas. A aldeia parecia estar próxima, mas me dava a impressão de estar distante. Perguntei à mulher quão longe estávamos e ela disse: "Eles estão além do seu alcance agora. Você será uma idiota se ficar no meio deles". E então, dirigiu-se até o arbusto de cereja, começando a esfregar a cabeça em seus galhos, emaranhando os cabelos nos ramos. Senti minha cabeça coçar e quis imitar o que ela fazia.

— E você o fez? — quis saber seu pai, delicadamente.

— Não. O gamo branco entrou na água e eu sabia que ele não era uma mulher e não poderia atravessar o rio por ali. Ele debatia-se em águas profundas. Atrás de mim, podia escutar o riso da mulher. Segui o gamo branco nas águas profundas. Eu o segui porque ele conhecia os segredos das plantas de raízes vermelhas e porque ele era belo e eu não queria que se afogasse.

— Ele se afogou?

— Não sei — disse ela. — A luz da manhã me fez acordar.

— O gamo branco falou?

— Nenhuma palavra.

Urso Solitário fez que sim, enquanto olhava para o outro lado do rio e por entre as árvores.

— E o gamo que girava? — perguntou ele. — De que cor era seu rabo?

— Era um gamo de rabo branco.

Urso Solitário concordou em silêncio, outra vez. O rabo branco não o surpreendera. Era cantarca winyela, a corça das florestas, uma visão que nenhuma mulher iria buscar. Ele rezaria sobre esse sonho e consideraria o significado de cada detalhe, mas não havia mais qualquer dúvida em seu coração:

— Você sonhou com a mulher gamo.

Kezawin estremeceu e cruzou os braços sobre o peito como para se proteger do arrepio que lhe percorria o corpo.

— Você é a Mulher Gamo Sonhadora — disse Urso Solitário.

Capítulo I

Próximo ao rio Shayan, nos territórios livres, terras dos Teton Lakota, a oeste do rio Missouri.

James Garrett deixou-se cair de joelhos sobre o exuberante solo nativo repleto de folhas verdes e mergulhou um punhado de plantas no riacho gelado. A correnteza logo dissolveu os torrões de terra, transformando-os em uma mancha marrom na corredeira. Ele sacudiu os caules cheios de folhas para poder melhor observar e então aproximou-os mais para estudar as curiosas e bulbosas raízes vermelhas. A parte superior do rio Missouri era o paraíso de um naturalista, e aquele espécime botânico era justamente o exemplo de descoberta que estimulava seu espírito científico. Com a unha do polegar, fez um talho na raiz e cheirou a polpa cheia de sumo. Tinha um cheiro forte e uma textura lenhosa. Tocou-a com a ponta da língua para sentir o sabor. Queimou-lhe. Com a concha da mão encheu a boca de água para aliviar a queimadura, cuspiu o primeiro gole sobre a relva e inclinou-se para mais um gole.

O doce som do riso de uma mulher fez com que esquecesse o gosto amargo que sentia na boca. Ficou imobilizado, a água escorrendo por seus dedos, livremente, como a risada da mulher que ele não podia acreditar estar ouvindo. Fazia bem mais de um ano desde que ouvira uma mulher rir dessa maneira. Levantou a cabeça lentamente, com certa esperança de ver uma mulher de sua própria raça, de pé, na outra margem do rio, mas com a certeza de que realmente não veria nada. O povo sioux, com quem havia vivido durante o último ano, já considerava seu comportamento estranho e não era impossível que ele estivesse começando a ouvir coisas.

A mulher que o observava do outro lado do riacho era a mais maravilhosa criatura da raça indígena que jamais vira. Seus cabelos trançados eram mais negros e mais brilhantes do que a asa da graúna, e a alegria despontava em seus olhos negros como o vislumbre do reflexo de uma truta em um riacho. Seu vestido branco de pele de alce não tinha qualquer adorno, exceto por uma profusão de franjas acompanhando os braços e a barra da saia; no entanto, usava brincos feitos de dentes de alce e uma gargantilha de conchas de moluscos. Levava com ela uma vareta para escavar e portava, pendurada nos ombros, uma sacola feita de pele de gamo. James lembrou-se do modo pouco digno com que cuspira diante dela e sentiu o rubor invadir-lhe as faces. Esforçou-se por se lembrar que ela não era uma mulher de sua raça, como ele ousara esperar; mesmo assim, um sorriso culpado nublou seu semblante.

— Desvie seu rosto do meu comportamento vergonhoso — disse-lhe usando sua própria língua. — O gosto era amargo. Eu tinha que me livrar dele.

— Foi bom que o fizesse — respondeu ela em voz alta, por sobre o rio. — A planta de raízes vermelhas não deve ser ingerida.

— É venenosa?

Ignorando a pergunta, ela voltou a atenção para sua vareta de escavar, usando-a para soltar as raízes de alguma planta escondida na relva. James levantou-se e colocou sua descoberta dentro da sacola de coleta. Com a pá de jardinagem nas mãos, continuou seu caminho, seguindo a margem do riacho. Na margem oposta, a mulher acompanhava-o. O seu olhar cuidadoso, que ele treinara tão bem para vasculhar o solo, começou a se distrair ainda que ele mantivesse a aparência de estar compenetrado no trabalho de campo. Ela se movia quando ele o fazia. James sentiu-se tentado a mudar de direção, só para ver se ela atravessaria o riacho para segui-lo.

O fato de que ela estava colhendo raízes sozinha era notável por si só. James estava seguindo o rio Missouri em direção norte e havia passado os últimos dezoito meses com grupos de sioux da margem leste, os santees, os yanktons, e, nesse momento, com grupos da margem oeste, os tetons, que se denominavam o povo lakota. Ele havia dominado a linguagem deles a nível de conversação, observado seus costumes e se interessado especialmente pelo modo como eles utilizavam a flora da região. Também havia permitido que o observassem e foi o que eles fizeram. James percebera que o consideravam algo estranho. Mas não representava nenhuma ameaça para eles.

As temidas tribos lakotas, ou os conselhos do fogo, os brülés, os miniconjus, os sans are, os oglalas, um por um, todos os grupos acabaram por aceitá-lo.

Nos últimos tempos, enquanto explorava um afluente sinuoso, havia estabelecido os primeiros contatos com os hunkpapas. Os primos deles haviam mandado o que seria uma versão indígena de carta de apresentação antes da chegada de James, pois um grupo de caçadores havia passado pelo seu acampamento no dia anterior e o saudaram pelo nome. Ele lhes oferecera fumo como presente e dissera-lhes que havia ouvido falar de seu curandeiro, Urso Solitário, e que gostaria de visitar aquele cuja sabedoria era tão admirada. A partir daquele momento, sabia que estaria sob intensa vigilância, mas não imaginara que enviariam uma mulher para se assegurar de suas intenções.

As mulheres saíam juntas à procura de raízes e das frutas silvestres. Viajavam em pequenos grupos em busca de lenha e água e trabalhavam juntas em curtimento, pesponteado e costura, em círculos exclusivamente femininos. James havia observado o ritual deles de fazer a corte, onde uma mulher jovem ficava de pé junto a um homem, os dois cobertos pelo abrigo dele, mas sempre em frente à porta da tipi dos pais dela. Ele havia observado as mulheres dançarem em filas e flexionarem os joelhos, acompanhando as batidas dos tambores de uma forma suave, considerada apropriada para as mulheres. Elas riam com facilidade, mas sempre com a mão recatada cobrindo a boca, sempre submissas, ao menos diante dos homens.

Essa mulher que o seguia era um enigma. Mais do que isso, era persistente. Durante todo o tempo de sua permanência entre esses povos, havia tomado todas as precauções para não ofendê-los e suspeitava que aproximar-se de uma de suas mulheres seria um ato ofensivo. Mas esta, com certeza, estava seguindo-o.

— Sou de opinião de que não há nada comestível ao longo dessas margens — disse ele, enquanto levantava o rosto para o sol do meio-dia. — Você concorda?

— É comida o que você busca? — perguntou a mulher.

— Busco o que jamais tenha visto antes — comentou, guardando a pá de jardinagem na sacola e voltando-se para ela. — E nunca a vi antes.

— Você estava me buscando, então, James Garrett?

A franqueza dela fez com que ele também fosse franco.

— Se eu tivesse ouvido falar de você, eu poderia estar buscando-a, mas como tem a vantagem de saber meu nome, acho que é você quem me busca.

— Ouvi falar de você, James Garrett. Nada mais. — Ela escolheu outra planta e cutucou sua base com a vareta de escavar. — Está precisando de alimento?

Ele levantou a mão e apontou em direção a uma colina coberta de relva.

— Minha barraca está aqui perto, do outro lado da colina, mas estou certo de que você já sabe disso.

Ela desviou os olhos de seu trabalho e observou-o por algum tempo. Ele sabia que deveria parecer-lhe muito estranho com seus cabelos castanho-claros e sua barba cerrada e ficou pensando se ela esperava que aparecessem nele chifres e cauda. Mas talvez ela estivesse provocando-o. Acreditava que todas as sociedades tinham mulheres que gostavam de provocar os homens, usassem elas vestidos de seda ou pele de alce.

— Você tem alguma comida para partilhar?

— Se precisa de alimento, tenho algum.

Ela retirou a planta solta do solo e, com um gesto rápido, cortou as folhas com uma reluzente lâmina afiada.

James esforçou-se para identificar a planta de longe. Parecia ser um espécime que ele não possuía.

— Que planta é essa?

— É a raiz da febre — explicou ela, enquanto abria a mão para mostrar-lhe a massa emaranhada cor de terra. — Ela alimenta o corpo febril.

— Há mais plantas assim nesse lado?

James deu uma olhada rio acima para ver se havia algum ponto de travessia. Seu interesse pelo novo espécime, de repente, suplantou o interesse pela mulher.

— Não creio que tenha visto nenhuma planta como esta — continuou ele. — Raiz da febre, você disse?

Ela observou-o andando pela margem e percebeu o que ele pretendia fazer.

— Fique onde está — disse ela, enquanto se inclinava para soltar a perneira que lhe protegia a barriga da perna dos arbustos. — Eu vou até aí.

— Mas eu quero a planta inteira — murmurou ele. — Posso encontrar...

— Fique aí, James Garrett.

Ela desenterrou outra planta e deu alguns passos rio abaixo, desvencilhou-se das duas perneiras e dos mocassins e, carregando-os, começou a andar na água rasa. A água chegava-lhe nos tornozelos, mas logo estava à altura dos joelhos. James olhava-a levantar a saia um centímetro de cada vez de acordo com a profundidade do riacho. Ele bem que gostaria que as águas fossem mais profundas mas, entre a água e as franjas de pele de alce, só pôde vislumbrar sugestivos joelhos arredondados e coxas lisas.

— Eu poderia ter feito isso — disse ele, enquanto lhe estendia a mão para ajudá-la. — Eu não seria bem-vindo na outra margem do riacho?

De pé, com água pelos joelhos, junto à margem íngreme, ela fixou os olhos na mão estendida, o rosto mostrando desconfiança.

— Entre meu povo, um homem ajuda uma mulher dessa forma — explicou ele. — É nosso costume. Eu não lhe faria nenhum mal.

Ela pensou por um momento, observando a mão estendida, antes de passar seus pertences para a mão esquerda e colocar a direita na dele.

— Você fala bem a nossa língua — comentou ela, enquanto subia na margem coberta de relva.

— Tive bons professores.

Ela lhe entregou a planta que havia retirado para ele.

— Seus primos, creio. Povo interessante. Boas pessoas — disse ele distraído, enquanto examinava as pequenas folhas arredondadas e as raízes emaranhadas.

— Meu pai recebeu a informação de que um wasicun, um homem branco chamado James Garrett, desejava conhecê-lo. Nossos primos miniconjus contam que você anda de planta em planta, o nariz colado à terra, murmurando exclamações para elas em sua própria língua como se, ao contrário dos outros de sua raça, soubesse que essas plantas são parte de sua família. Eu vi que isso é verdade.

James esboçou um sorriso e mostrou-lhe o novo espécime enquanto se dirigia à água.

— Você disse que a planta é eficaz contra a febre?

— Eu disse que alimenta alguém que tem febre — disse ela, pacientemente.

— E quem é seu pai?

— Meu pai é Urso Solitário, dos hunkpapas.

James retirou da água sua planta recém-lavada e, enquanto a sacudia, murmurava, em sua própria língua, observações sobre as características das raízes. Só então se deu conta do que ela acabara de lhe informar.

— Urso Solitário? Ah, o curandeiro sagrado de quem tanto ouvi falar — disse, apoiando-se em um dos joelhos. — A sabedoria de seu pai é louvada em toda parte.

— Nós ouvimos falar muito de você.

— O que você ouviu?

Ela sentou-se sobre uma pedra e puxou uma perneira sobre a barriga da perna.

— Diz-se que você é wakan. Você tem sido vigiado, mas nunca ameaçado ou ferido. Na verdade, nossos primos contam que você segue a trilha das plantas e que, de vez em quando, se perde.

— Eu jamais me perdi — disse ele, indignado, mas pensando melhor, sorriu e deu de ombros. — Uma ou outra vez, talvez. Mas não tem importância, realmente. Seu povo tem sido muito bom para mim e cedo ou tarde acabo encontrando alguém disposto a me colocar no caminho certo.

O riso da mulher era cadenciado e solto.

— Você não os encontrou por acaso, James Garrett. Eles cuidam de você. Se é wakan, então deve ser protegido.

James riu enquanto guardava a nova planta em sua sacola.

— Meu próprio pai acharia divertido ouvi-la descrever-me como sagrado. Você foi mandada para cuidar de mim hoje?

— Não — negou ela. — Estava entretida em meu próprio trabalho quando o vi. Encontrou a planta de raízes vermelhas.

— Coletando ervas para seu pai? — perguntou ele. — Sem dúvida, todos nós temos nossos assistentes para a pesquisa de campo.

Ela o olhou com curiosidade e então voltou a colocar os mocassins.

— Posso saber o seu nome? — perguntou ele.

A pergunta a constrangeu, quase como se estivesse incerta do que deveria dizer ou se deveria dizer algo. James havia aprendido a esperar pelas respostas sem insistir com outras perguntas. Ela levantou-se lentamente, evitando o olhar dele.

— Meu nome é Kezawin — revelou, por fim.

— Kezawin — repetiu ele, deliciando-se com a palavra. Suave e quente, passava docemente pela língua, enquanto encantava os ouvidos. — Você me leva até seu pai?

— Eu poderia levar a planta de raízes vermelhas para meu pai — disse ela, os olhos fixos na sacola dele.

— A raiz vermelha... ah! — disse ele, tocando a sacola. — Foi a única planta dessa espécie que eu encontrei. Podemos procurar mais delas.

— São muito raras — informou-lhe. — Talvez não encontre outra igual por muito tempo.

— Para que servem? — quis saber, enquanto olhava dentro da sacola apoiada em seus quadris estreitos. — Você disse que não eram comestíveis.

— Elas têm poder curativo.

Com todo o cuidado, ele separou a planta das demais na sacola.

— Eu vou levá-la a seu pai e então oferecê-la como um presente.

— Se você me deixar oferecê-la, ele saberá que é um bom sinal — disse ela, estendendo a mão.

— Um bom sinal?

Ela fez que sim, e James colocou-lhe a planta de raízes vermelhas nas mãos.

— Você me levará até ele?

— Eu voltarei aqui para buscá-lo, James Garrett. Não atravesse o riacho até que eu volte.

Ela afastou-se e James sentiu os pés estranhamente pesados, fazendo com que lhe fosse impossível segui-la. Acompanhou-a com os olhos até que ela desapareceu em meio aos choupos.

O ar dentro da tenda de suadouro estava denso com o vapor. Kezawin respirava com dificuldade e permitiu-se uma percepção física de si própria como um

prelúdio à percepção que ela buscava. Estava envolta em trevas. A cúpula feita por uma armação de salgueiro não admitia que nada do mundo externo penetrasse, separado pelas paredes formadas por diversas camadas de couros pesados. Kezawin estava sentada nua, o queixo trêmulo sobre os joelhos, no interior do útero úmido e quente da terra. Os cabelos cobriam suas espáduas recurvadas, e um filete de suor escorria-lhe por entre os seios em direção à poça que se formara em seu umbigo. Seu estômago roncava, mas ela não pensava em comida. Tinha o som de sua própria respiração e nesse momento não pensava em nada. Simplesmente sentara-se dentro de si mesma e transformara-se na respiração e nas batidas do coração, mergulhada sob o seio da terra. Era só um receptáculo no qual, eventualmente, a percepção poderia chegar.

Em meio à escuridão, surgiu a cara do gamo branco com a planta de raízes vermelhas na boca. A imagem pairou por algum tempo para, em seguida, desvanecer-se.

A claridade começou como uma pequena semente abrindo-se na escuridão e florescendo lentamente até transformar-se na brancura da luz do dia. O sol dançava pelos cabelos claros do homem. Assim como o irmão dele, o gamo, ele também tinha o rosto coberto de pêlos. Ele colocou a planta de raízes vermelhas na boca e Kezawin suspendeu a respiração enquanto o observava do outro lado do riacho e esperava que ele sofresse a transformação. Mas quando ele cuspiu a polpa amarga no pasto, ela sentiu-se aliviada em saber que era um ser humano e riu. Ele lhe falou e ela o observou, como era seu dever. Os olhos dele eram grandes e arredondados, curiosos e alertas. Ele se identificava com tudo o que nascia da terra e usava todos os sentidos: olfato, paladar e tato, enquanto observava atentamente com os olhos. Falava com as plantas quando as retirava da terra, fazendo as pazes com elas em sua própria língua. Kezawin presenciara James Garrett fazendo todas essas coisas e sentiu-se imbuída de um forte sentimento de admiração.

Ele viu a raiz da febre e agiu por impulso, descuidado em sua impetuosidade para atravessar o rio e aprender algo novo. Um homem mais sábio saberia que a coisa desconhecida era wakan, sagrada em seus mistérios. Ela o viu andar pela margem do riacho movido pela ansiedade de chegar até ela, e ela o avisara de que não deveria atravessar o riacho até que voltasse.

Ele concordou com a advertência, mas não demonstrou qualquer medo. Outros homens a admiravam, mas tinham medo do poder dela e mantinham-se afastados. Esse lhe oferecera a mão. O nome dela não o assustara, nem sua risada. Era um homem corajoso. Ou um tolo. Ou, caso os sinais estivessem corretos, ele havia sido enviado pelo sicun dela, seu guardião e apoio, que havia sido representado em seu sonho pelo gamo branco...

Percepção. No escuro útero da terra, Kezawin não pensava. Ela via o que era. Ela aceitara a planta de raízes vermelhas do gamo branco. Sob o sol brilhante do meio-dia, ela aceitara a mão de James Garrett.

Enquanto trabalhava, James percebeu que seus pensamentos voltavam-se para a mulher lakota. Ele a havia visto há dois dias e começava a pensar se não tinha sido fruto de sua imaginação. Ela o havia convencido de que retornaria e o conduziria até o pai, e ele se via muitas vezes esperando, sentindo que esperava. Tinha de se esforçar para lembrar-se de que não era o tipo de homem que ficava esperando os caprichos de qualquer mulher. Não tinha tempo nem paciência.

Prendeu com os dedos a barba cerrada e cocou o queixo enquanto observava o fogo do café da manhã diminuir de intensidade. A água logo estaria quente e ele tinha uma navalha em sua mochila que estava próxima. Havia deixado crescer a barba após haver dado seu espelho de presente para um curandeiro da tribo dos brülés, mas nesse momento sentia a necessidade premente de livrar-se da coceira irritante. Charles LaRoux, o velho francês caçador de armadilhas, com quem ele havia viajado durante a maior parte do ano, havia-o aconselhado a que desfrutasse do fato de não ter mais de se preocupar com os cuidados com a aparência física; no entanto, James não conseguira alcançar o estado de total despreocupação que o francês atingira em relação à higiene pessoal. Ele deixara crescer a barba cerrada, mas já era hora de barbear-se. Os homens indígenas removiam qualquer pêlo que tivessem no rosto, e a mulher poderia muito bem sentir-se ofendida pelo...

Outra vez divagando. Era óbvio que a mulher não o achara ofensivo. Em sua tentativa de portar-se de modo respeitoso, ele havia evitado aproximar-se dela. Mas ela o seguira. Talvez estivesse só curiosa em relação a ele, por ser um homem branco. Mas não era impossível que ela se sentisse interessada por ele como homem. Essa idéia o perseguia desde que a conhecera. Ainda que mulheres não estivessem entre seus planos durante a expedição, James não excluía a possibilidade de exercer seu charme masculino.

Ao pôr-se de pé, atirou a água da panela sobre o fogo. O som do tropel de um cavalo misturou-se ao sibilo do carvão, e James voltou a cabeça com um gesto brusco. Ela estava chegando. Sua mente não admitia qualquer outra possibilidade. Ela surgiu no topo da colina montada em uma égua pequena e James abriu um largo sorriso quando se deparou com a silhueta desenhada contra o sol da manhã. Ela montava o cavalo como os homens, com tanta graça como qualquer cavaleiro que ele jamais houvesse visto. Seus arreios consistiam em um cobertor e uma tira de couro envolvendo a mandíbula inferior da montaria e que servia, a um só tempo, de rédeas e bridão.

James enfiou depressa a camisa branca por dentro do cinto que prendia os suspensórios de pele de gamo e a bainha da faca e da pá de jardinagem. Sentiu a boca cada vez mais seca enquanto a mulher se aproximava. O rosto dela brilhava com a luminosidade dourada da manhã e o vestido branco de pele de alce realçava ainda mais sua beleza. A pala do vestido era toda bordada com espinhos amarelos e vermelhos de porco-espinho, e as pontas das franjas, enroladas em metal na barra, tilintavam suavemente enquanto a montaria se aproximava a passo ligeiro.

— Alô — saudou-a em inglês e continuou em lakota: — Que bom ver você, Kezawin. Deve ter escutado meus pensamentos esta manhã.

— Esteve pensando em ir até nosso acampamento sozinho, não é mesmo? — confrontou-o enquanto desmontava.

A égua manteve-se imóvel, como se um invisível cabresto estivesse amarrando-a ao pasto.

— Pensei que talvez tivesse se esquecido de mim. Posso lhe oferecer algo para comer?

Ainda que ela já tivesse se alimentado, aceitou a oferta como sinal de amizade e ajoelhou-se ao lado das cinzas do que havia sido a fogueira do acampamento. O coelho assado no espeto que ele lhe serviu ainda estava morno e ela sabia que o que lhe era oferecido seria a refeição do meio-dia.

James agachou-se e lançava-lhe olhares furtivos enquanto ela comia. Por mais indelicado que pudesse ser o fato de observá-la, não conseguia evitar. Encantado, perturbado, seu vocabulário em lakota começou a se embaralhar na mente. Ela se arrumara com esmero e James observava, admirado, o trabalho de pesponto do vestido, minucioso, delicado, formando desenhos geométricos em cores fortes. Uma obra-prima de artesanato! A gargantilha de conchas de moluscos e os delicados brincos brilhavam como se fossem pérolas, e as tranças negras e luzidias traziam a parte central pintada de vermelho.

— Você está bonita esta manhã — disse James, lutando para encontrar as palavras certas. A última coisa que desejava era constrangê-la e afastá-la. — Seu vestido é muito bonito. Pode-se ver que você é uma excelente artesã.

— Meu trabalho é bastante apreciado — concordou ela, sem levantar os olhos da carne que mordiscava.

— Vou reconhecer seu marido antes de ser apresentado a ele. Deve ser o que veste a camisa mais bonita.

— Ele usava a camisa mais bonita na última vez que o vi — disse ela num quase murmúrio. Então acrescentou, num tom mais firme: — Se você for sábio, James Garrett, não deverá mais falar dele.

— Está morto?

Ela apenas balançou a cabeça em afirmativa.

— Há quanto tempo?

— Sete invernos.

— Então você vive com seu pai?

— Tenho minha própria tenda — respondeu-lhe, encarando-o.

James sabia que se tratava de um fato bastante raro, mas não insistiu no assunto. Sentiu-se estranhamente aliviado por Kezawin não ter marido, porém resolveu analisar mais tarde esse sentimento inesperado.

— Você falou com seu pai sobre mim?

— Ele ficou feliz em receber a planta de raízes vermelhas.

— Encontrei mais uma. Não devem ser tão raras assim.

O semblante dela iluminou-se com um sorriso.

— É muito bom que tenha vindo, James Garrett. É o primeiro homem branco que veio em busca de ervas medicinais. Meu pai discutiu esse assunto com outros de nosso povo. Alguns afirmaram que poderia não haver homens sábios ou sagrados entre seu povo.

Ele riu e ela ficou feliz que não se sentisse ofendido.

— A planta de raízes vermelhas é um bom sinal — continuou ela. — Estivemos esperando por alguém como você.

— Você sabia meu nome.

— Eu o conhecia pela planta das raízes vermelhas. Seu nome pouco significava para mim.

Foi difícil esconder a súbita onda de indignação que o invadiu.

— Talvez significasse algo para seu pai. Você contou que os miniconjus falaram sobre mim.

— Sim, eles o fizeram. — Ela terminou de comer a carne e limpou os dedos na relva. — Estávamos preparados para encontrar James Garrett, a quem chamavam de homem branco estranho mas inofensivo. Mas meu pai, Urso Solitário, deseja conhecer o portador da planta de raízes vermelhas.

Parou por um momento e então acrescentou, pensativa:

— Para isso, não esperávamos um homem branco, mas os sinais são muito claros, James Garrett. E estou feliz que não seja um verdadeiro gamo.

— Um gamo?

Mesmo que quisesse, não receberia maiores explicações. Resignado, James aceitou que ela fosse totalmente misteriosa. Em silêncio, guardou seu equipamento, distribuiu-o entre seu cavalo de carga e o de sela e seguiu-a pelos sete ou oito quilômetros que os separavam da aldeia. Enquanto se aproximavam das tipis que despontavam na terra alta acima do riacho, James avistou uma sentinela montando guarda, bem no topo da colina. Deveria haver outros, escondidos. Fizera bem em esperar que Kezawin o acompanhasse.

Na aldeia, todos reagiram de imediato à aproximação do casal. Três garotos, que corriam um atrás do outro e saltavam as estacas das tipis, interromperam a brincadeira para observar os cavaleiros que passavam. Quatro adolescentes que se dirigiam ao riacho, caíram na risada. Começaram a cochichar entre si, mas a mulher idosa que se arrastava atrás delas enxotou-as em direção ao bosque de ameixeiras selvagens às margens do rio. As meninas correram, porém a velha, à guisa de ajustar

seu avental de colher frutas, deteve-se para examinar o homem. Então chamou seu cão e continuou em seu passo arrastado.

O grande cachorro cinzento corria atrás das garotas, a língua balançando. Para James, o animal lembrava mais um lobo conduzindo suas presas a uma armadilha.

Os olhares se multiplicavam à passagem dos cavaleiros. Sob a armação de salgueiro onde as mulheres preparavam as tiras de carne para secar nos varais, cessou todo o movimento, e James teve a impressão de que até um bebê, num berço suspenso nos galhos de um choupo, deixara de brincar com o irmão para se surpreender com ele.

Ele não podia imaginar o que, em sua aparência, causava tanta estranheza. Durante os últimos dezoito meses, viajara com outros homens brancos, mas, dessa vez, decidira partir só em busca de Urso Solitário, o famoso sábio curandeiro. Sentiu-se consciente de sua fragilidade e arrependeu-se de não ter cortado a barba.

James contou mais de trinta tipis no acampamento. Quando chegaram à entrada de uma delas, no lado sudeste da aldeia, Kezawin desmontou e segurou as rédeas dos cavalos. Um velho alto de cabelos grisalhos apareceu na entrada. Kezawin apresentou James a seu pai, Urso Solitário.

— Minha filha vai desencilhar os cavalos e levá-los ao piquete com os demais, James Garrett. Entre, você é meu convidado.

James seguiu Urso Solitário. Sem mostrar-se indiscreto, notou que o piso da tipi era todo forrado com couro de búfalos e como os pertences do velho índio estavam bem ordenados. Urso Solitário sentou-se apoiado em um encosto feito de salgueiro e James, a seu lado, na parte direita da tipi, tradicionalmente reservada aos homens. Fumaram o cachimbo em silêncio, como era costume, e James aguardou até que o outro se manifestasse:

— Ouvi dizer que existem sábios curandeiros entre seu povo, mas jamais havia visto um com meus próprios olhos. Você é um curandeiro, sabe interpretar visões ou tem ainda outros poderes, James Garrett?

— Sou o que as pessoas chamam de naturalista — respondeu James, usando a palavra em inglês por não saber o equivalente em lakota. — Meu interesse está voltado para a botânica, a vida das plantas. Coleta todas as espécies de plantas, observo onde nascem, como se desenvolvem, seus ciclos, os animais que se alimentam delas.

Urso Solitário assentia, em silêncio.

— São as plantas então que você quer. Pretende retirar grandes quantidades, assim como os que vieram em busca de castores?

— Vou levar somente alguns exemplares — assegurou-lhe James.

A afirmação provocou um nítido alívio.

— Você deve ser um curandeiro, como minha filha.

— Sua filha é curandeira? — perguntou James, surpreso. — Imaginei que ela estivesse coletando ervas para o senhor.

— Às vezes ela faz isso para mim, mas, quase sempre, as ervas destinam-se a seu próprio uso. Kezawin é dotada de poderes especiais, o poder de curar. Muitas mulheres a consultam e até mesmo alguns dos homens, depois de tentarem todas as outras opções.

— Mas nunca ouvi falar dela — protestou James. — Todos dizem ser Urso Solitário o grande shaman, o maior curandeiro dos hunkpapas.

— E eu sou — disse Urso Solitário, descartando a falsa modéstia como perda de tempo. — Mas o destino de Kezawin é único; ela tem uma capacidade extraordinária para identificar plantas que combatem os males do corpo.

— Tenho interesse em observar como o senhor utiliza as plantas. — James procurava evitar qualquer menção a Kezawin. — Durante o tempo que passei aqui, aprendi a ter grande respeito pelas atividades e conhecimentos de um shaman.

Urso Solitário parecia meditar sobre essas palavras.

— É até possível que um naturalista possa aprender alguns de nossos segredos. Pela sua descrição, qualquer um dos lakotas poderia ser considerado um naturalista, embora alguns sejam mais observadores do que outros. Você teria paciência de aprender conosco, James Garrett?

— Estudei durante muitos anos, mas creio que o senhor me ensinará coisas que os sábios do Leste desconhecem.

— Não há mais nada que eu possa lhe ensinar, mas há muito para aprender. Por acaso, seus estudos trarão algum benefício a seu povo?

James refletiu durante algum tempo sobre o que deveria responder. Jamais duvidara da importância de seu trabalho como cientista, mas não estava certo se o velho índio compreenderia a seriedade de seus propósitos.

— Tenho um diário — disse, finalmente. — É algo semelhante às histórias contadas aqui durante o inverno, exceto que utilizo palavras em vez de desenhos. Quando as pessoas lêem meu diário, podem, com os olhos, escutar tudo o que eu digo. Meu trabalho será publicado e então muitas pessoas saberão o que aprendi durante minha viagem.

Ele tinha a consciência de que Urso Solitário entenderia a palavra publicar somente no contexto do lakota eyapaha, aquele que anuncia as novidades pela aldeia, mas era o termo mais aproximado que poderia usar.

— Então seu povo desejará vir aqui.

James sorriu.

— Não creio. Nossas casas são fixadas ao solo, assim como as casas dos mandans, o povo que se aloja na terra, e é lá que temos nossas fazendas e famílias. Meu povo não gostaria desse lugar.

— Muitos homens brancos de língua francesa vieram para ficar. Casaram-se com nossas mulheres e fixaram suas casas no solo. Nós fazemos trocas com eles. A maioria não nos traz problemas.

Era melhor não fazer qualquer comentário sobre os franceses. James devia a facilidade que tinha hoje com a língua lakota a um desses franceses, mas, ao contrário de Charles LaRoux, era um cientista. *Joie de vivre* era o lema simples do francês. Fosse qual fosse a língua em que conversassem, James e Charles jamais se entendiam.

— Eu também não causarei nenhum problema, Urso Solitário. Não levarei mais do que um punhado de plantas comigo, quando for embora. Vim aqui para aprender.

— Você costuma caçar?

— Só para me alimentar. Mas, em geral, passo sem carne, pois não sou bom atirador.

Enquanto o velho considerava sua resposta, James imaginava se ele havia causado má impressão ao curandeiro. Os jovens guerreiros costumavam fornecer carne em troca dos serviços do shaman que, em geral, não tinha condições físicas para caçar. Urso Solitário, porém, estava em excelente forma para sua idade.

— O senhor caça?

— Eu exijo pedaços escolhidos após cada caçada, como é meu direito. — Jogou as cinzas do cachimbo no fogo, sinal de que a conversa havia terminado.

— Você deve aperfeiçoar sua pontaria, James Garrett.

— Farei o possível — prometeu James enquanto descruzava as pernas e preparava-se para sair. — Mas devo dizer-lhe, honestamente, que caçar não é meu esporte.

— E é assim que deveria ser. Nós tiramos a vida dos que têm quatro patas para que os "duas-pernas" possam permanecer vivos. Isto deve ser registrado em seu diário, James Garrett. Você deve ensinar seu povo que matar não é um esporte. — Guardou o cachimbo em uma bolsa de couro pespontada. — Mesmo os franceses que vivem entre nós há tanto tempo ainda não aprenderam isso. Talvez não haja um número suficiente de naturalistas entre seu povo.

— Somos um grupo estranho. Muitos pensam que pessoas como nós são excêntricas.

— Você está aqui por ser excêntrico. Você é wakan. Aquilo que é misterioso e sagrado vive dentro de seu ser. Construa seu abrigo ao lado da minha tenda, James Garrett. Minha filha cozinhará para nós dois.

— Prometo contribuir com víveres sempre que puder.

James passou a maior parte do dia escolhendo e ajustando estacas para construir sua tipi ao lado da de Urso Solitário. Cobriu a armação com um encerado e galhos de salgueiro e construiu um fogareiro de pedra defronte a fim de que, à noite, pudesse queimar sálvia para espantar os pernilongos. Enquanto trabalhava, saudava

com palavras ou com um sinal de cabeça os curiosos que por ali passavam. O primeiro homem a se aproximar sugeriu a mudança da estrutura alguns graus a leste a fim de que a entrada estivesse voltada para o sol nascente. O homem não oferecera ajuda, pois a tarefa de levantar uma tipi era feminina, mas demonstrou sua aprovação depois que a mudança foi feita.

Após completar a construção do abrigo e guardar todo seu equipamento, James pegou sabão e apetrechos de barbear e foi para o riacho. Primeiro cortou os cabelos e depois, com a tesoura, cortou a barba tanto quanto pôde. Afiou então a navalha e dedicou-se à tarefa de barbear-se sem o auxílio de um espelho. O primeiro talho em sua pele fez com que grunhisse, mas no terceiro perdeu a calma maldizendo a barba e a alma de Charles LaRoux. Apoiado em um dos joelhos, lavou no rio a espuma da navalha tingida de sangue e raspou com raiva o que restava da barba. Uma súbita gargalhada quase provocou um grande sangramento em seu pescoço. James voltou-se assustado e deu com os olhos de Kezawin, brilhantes de alegria.

— Ah, meu Deus. Você não deve assustar um homem que tenha a navalha encostada em seu próprio pescoço.

— Jamais vi um homem com uma faca colada à própria garganta. É um ritual muito estranho.

Ela se aproximou para observá-lo.

— Minha barba é muito cerrada, por isso não posso arrancar os pêlos um a um, como fazem os homens lakotas — explicou, jogando água no rosto.

— Quando vi, alguns momentos atrás, que você estava cortando seu rosto, voltei à minha tenda para trazer-lhe isso. Estancar o sangramento.

Kezawin estendeu-lhe uma pequena bolsa. James se levantou sem pressa, olhando, constrangido, o próprio peito nu. Em dezoito meses, ele passara da palidez do estudioso para o bronzeado intenso de um homem que vive ao ar livre. Embora não se envergonhasse de seu físico, estava por demais preso às convenções sociais de Boston, e a risada dela deixara-o desconcertado.

— Mais uma vez você me pegou desprevenido.

Kezawin sorriu. Estava habituada a ver os guerreiros da tribo com o peito nu.

— Um homem deve estar sempre atento a tudo que o rodeia, James Garrett. Ainda que esteja ocupado, mutilando o próprio rosto. Pegue isto.

Ele fechou a navalha, fitando primeiro a bolsa e depois os olhos de Kezawin.

— Eu poderia ter vindo aqui para me banhar.

— Não, a não ser que você pretendesse se lavar em público.

— Não sei em que lugar devo aplicar isso.

— Seu rosto deve ser insensível se você não sabe onde se cortou depois de tanto raspá-lo. — Retirou da bolsa uma pequena quantidade de bálsamo e passou-o no

queixo dele. — Eu lhe direi quando deverá lavar o rosto outra vez. O sangramento já terá estancado.

Um cheiro forte espalhou-se no ar. Por mais que buscasse na mente, James não conseguia identificar, pelo odor, de que era feito o bálsamo.

— O que é?

— Uma mistura de ervas com o látex da casca da árvore amarela.

— Você me mostrará a árvore?

— Não nasce por aqui. Se ficar conosco por tempo suficiente, eu lhe mostrarei. Cresce nas colinas ao sul.

Cada corte recebia o máximo de cuidado; James estava profundamente consciente do hálito quente contra seu pescoço, da proximidade do corpo a seu peito nu e do perfume dela, uma combinação de cheiro da lenha com algo doce. Enterrou os dedos na palma das mãos, lembrando-se de que fora a seu pedido que ela o tratava. E agora desconcertava-se com as emoções fortes que o tomavam de assalto.

— Seu pai me convidou para ficar algum tempo por aqui. Construí minha tenda ao lado da dele.

— Eu sei.

— Não desejo ser um peso para vocês, Kezawin. Meus dotes de caçador são limitados, mas farei o possível para que não falte carne fresca em sua panela.

— Não é para isso que você está aqui — disse, enquanto lhe untava o pescoço com o bálsamo.

— O que quer dizer com isso? Tem idéias bem definidas sobre o objetivo da minha vinda, não?

— Talvez não seja o seu objetivo, James Garrett... — acrescentou Kezawin, enigmaticamente. — Creio que tem muito o que aprender antes que esse objetivo se torne, verdadeiramente, seu. — Ela retirou a mão do pescoço dele, mas não se afastou. — Você também raspará os pêlos do peito?

— Melhoraria minha aparência?

Ela sorriu antes de responder:

— Seu rosto fica muito melhor assim, James Garrett. Afinal, é um rosto bonito.

— Depois que todos os pêlos foram raspados? — Riu ele, enquanto esfregava a mão no queixo liso. — Já sei: pensou que eu ficaria parecendo um ganso depenado!

Divertida, ela negou com um gesto de cabeça.

— Gostaria que me chamasse de James.

— Eu falei errado? James Garrett — pronunciou cada sílaba com vagar.

— Não. É que Garrett é o nome de minha família. James é meu nome.

— James — repetiu ela. — Você parou de sangrar. Pode lavar...

Ele tocou, com a ponta dos dedos, as fileiras dos trabalhos de pespontos no ombro dela.

— O que planejou para mim, Kezawin? O que devo aprender?

— Não sou eu que planejo, nem você pode determinar seu destino. Existem certos desígnios...

— Você fala por enigmas quando sabe tão bem quanto eu que não deseja se afastar. Que desígnios são esses a que se refere?

Ela não era tocada por um homem havia muito tempo, e as mãos fortes desse homem descansavam tranqüilamente sobre seus ombros. Se ele fosse mais sábio, não teria ousado tocá-la; no entanto, ela não podia negar a sensação agradável. Por um momento, os olhos fixos nele, Kezawin sentiu-se feliz com a ignorância do homem branco. Para ele, ela era apenas uma mulher por quem se sentira atraído e não havia razão para que temesse se aproximar.

James deslizou as mãos por seus ombros, seus braços, tocando o couro suave de alce e, em seguida, a pele quente da mulher. Sentia a palma das mãos queimando com o contato.

— Não sei a palavra, Kezawin — sussurrou, tomando-lhe o rosto entre as mãos.

— Mas o que vou fazer não vai machucá-la. E é mais gostoso de olhos fechados.

Ela não fez qualquer movimento para tocá-lo, mas também não se afastou. Ele tocou-lhe os lábios, primeiro no canto da boca e depois, suavemente, no centro, enquanto ela erguia o rosto para ele.

— Feche os olhos, Kezawin — murmurou ele.

Os lábios de James escorregaram sobre os dela, quase sem movê-los, quase sem forçá-los, até que os lábios dela se entreabrissem. Seu coração batia apressado e, enquanto suas bocas se fundiam, ele abandonou-se ao doce sabor do beijo.

Quando se separaram, James buscou nos olhos dela o mesmo abandono que experimentara em seus lábios. Mas o olhar penetrante e sombrio assustou-o. Embora ela não o houvesse tocado, exceto para aplicar-lhe o bálsamo, ele sentiu como se as mãos dela o tivessem agarrado, sacudindo-o vigorosamente. Ele estava certo de que ela havia desejado o beijo. E então, inesperadamente, a sombra abandonou os olhos de Kezawin e ela deu uma gargalhada.

— Foi tão engraçado assim? — perguntou, ofendido. Não era nenhum garoto tolo e inexperiente e jamais uma mulher zombara de suas investidas. — Perdoe-me, mas eu poderia jurar que o convite estava ali, presente.

— Você é um homem tolo — disse ela, com uma ponta de arrependimento na voz. — Eu não quis prejudicá-lo e ainda assim você estufa o peito como um galo silvestre diante da fêmea, enfrentando-me para que eu o destruía.

— Destruir-me? Você me mataria por causa de um beijo?

— Não gostaria de vê-lo morto, James. Não deve me tocar como um homem toca uma mulher.

Ele estava confuso.

— Eu não impus minha presença em nenhum momento, Kezawin. Jamais faria algo assim. Desde o princípio, quando você surgiu à minha frente perto do riacho, tem se mostrado...

Calou-se por um momento, repassando cada diálogo entre os dois.

— Que tipo de mulher é você?

— Chamam-me de Mulher Gamo Sonhadora — revelou-lhe e esperou que ele recuasse. Como ele não o fizesse, ela interpretou sua atitude como mais uma prova de ignorância.

— Sonhei com a mulher gamo, aquela que é, ao mesmo tempo, mulher e gamo. Tenho o poder de curar.

— Foi o que seu pai me contou.

— E ele lhe revelou também o aspecto tenebroso dos meus poderes?

— Não.

— Dois homens estão mortos por minha causa. Meu marido e meu irmão. O poder da mulher gamo pode destruir os poderes de um homem.

— Eu não tenho poderes, Kezawin. Sou um cientista. Você não me matará com seus sonhos. — Apontou para a bainha da faca. — A menos que enterre uma faca em meu coração.

— Tive uma visão sobre sua vinda, James. Nossos destinos estão entrelaçados. Você é o portador da planta de raízes vermelhas. No entanto, existe em mim uma sombria dualidade e você não deve, em nenhuma circunstância, me tocar... ainda... ainda que pareça que eu o deseje. Não preciso de facas para matá-lo.

Os olhos negros de Kezawin mostravam que ela acreditava no que acabara de dizer, e embora James não compreendesse o sentido de suas palavras, a convicção dela o assustava.

Capítulo II

O estampido do rifle transtornou a paz do bosque de pinheiros. O gamo tombou. O som do tiro e um grito de vitória ecoaram pelas colinas. Geralmente, ao disparo da arma de James, seguia-se a fuga da presa; dessa vez, porém, a mira certa provocara morte instantânea, sem sofrimento. Qual seria a reação de Kezawin ao ver o resultado da caçada?

Com certeza, Urso Solitário acolheria o sucesso de seus esforços como recebera seus fracassos: sem elogios ou censuras. Cada vez que James conseguia trazer carne fresca para o acampamento, o ancião agradecia aos deuses; se falhava, não fazia nenhuma crítica. Quanto a Kezawin, aparecia um brilho de satisfação e orgulho em seus olhos cada vez que ele lhe levava uma presa.

James ajoelhou-se diante do animal, amarrou-o pelos cascos e suspendeu-o sobre um galho de árvore, desculpando-se, em silêncio, por havê-lo abatido. Se seu anfitrião não fizesse tanta questão de comer carne, pensou, poderia muito bem sobreviver alimentando-se de raízes, de frutas, de folhas de dente-de-leão e de azedeira...

Escondida atrás do bosque de pinheiros, Kezawin observava James meditar. Era evidente que ele tinha necessidade de pedir perdão pela vida do gamo que matara para servir de alimento aos homens. Era um homem branco diferente, e a visão que ela tivera havia mostrado quão singular ele de fato poderia ser. O gamo branco era uma criatura realmente singular.

Ela abandonou seu esconderijo e se aproximou sem ser vista.

— Você compartilhará o fígado de sua presa comigo, para que ambos nos fortaleçamos dele?

James voltou-se assustado, o coração aos pulos.

— De onde você surgiu?

— Tenho algumas coisas para lhe mostrar depois de nos banquetearmos — disse ela, colocando a sacola no solo.

A idéia não o entusiasmava nem um pouco. Um caçador lakota consumia o fígado fresco, logo após abater o animal. No entanto, como costumava caçar sozinho, James se desfazia das vísceras.

— Seus poderes, assim como os meus, estão cada vez mais fortes — disse ela, cortando uma fatia de fígado para cada um. — Seu irmão gamo permitirá que compartilhem de sua força nesse momento.

James segurou o naco de carne escura, o sangue escorrendo-lhe pelos dedos. Kezawin comia sua parte e o processo não parecia muito diferente do que engolir uma ostra. Talvez fosse capaz, desde que não pensasse muito no assunto e engolisse de uma só vez. Assim que o fez, sentiu o estômago revirar e afastou-se correndo. O som da risada só contribuiu para que seu mal-estar aumentasse.

Logo, Kezawin trouxe um cantil com água que tinha preso à sela; encontrou-o encostado em um tronco de árvore. Notando a palidez de seu rosto, lamentou que ele não houvesse terminado seu pedaço de fígado suculento, pois lhe teria restaurado as forças. Sorrindo, ofereceu-lhe água.

— Eu tentei, Kezawin. Como você pôde rir de mim?

— Por que comeu tão rápido? Sentiu-se ofendido porque eu já havia começado?

— *Passei mal porque a carne estava crua! Você me deu a impressão de que o gosto não era tão ruim quanto a aparência.*

— *Como você nunca trouxe o coração ou o fígado dos animais que caçou, achei que estava acostumado a comê-los sozinho — explicou ela, estendendo algumas ervas.*
— *Tome, isto vai ajudar.*

James afastou o rosto das folhas tenras das plantas silvestres que Kezawin aproximara de sua boca.

— *Deve mastigá-las bem devagar, não as engula de uma só vez...*

A tentação de comer das próprias mãos dela era irresistível. Provou com cuidado.

Mais uma vez, ela se recordou do animal tímido que anunciara a vinda desse homem. Permaneceu imóvel deixando que ele comesse de suas mãos, até que os lábios dele roçaram-lhe os dedos. Ao encontrarem os dela, os olhos azuis de James se suavizaram. O coração de Kezawin se enterneceu, embora soubesse que ele agia assim por ser como uma criança que confia por não conhecer o perigo.

— *O que é isso? — perguntou ele, mastigando devagar.*

— *Chamamos de planta das abelhas. Cresce nas montanhas do oeste; mas há uma coisa que quero lhe mostrar. Encontrei algumas dessas perto daqui — disse-lhe, retirando mais um espécime da sacola.*

— *É difícil encontrar esse tipo de planta nessa região?*

— *Muito difícil. — Mostrou-lhe outra planta. — Não creio que você tenha uma dessas em sua coleção.*

— *Preciso ver onde elas nascem — entusiasmou-se ele, examinando os dois espécimes. — Essas montanhas são um verdadeiro esconderijo de tesouros, Kezawin. Uma mina de ouro para naturalistas.*

— *Mina de ouro? — perguntou ela, sem entender o significado.*

— *É só uma expressão. Um lugar que abriga tesouros como esses dois... É claro que Lewis e Clark descreveram muitas novas espécies em seus relatos da viagem que fizeram a essa região há vinte anos, mas como o objetivo deles era menos específico, não chegaram até essas montanhas maravilhosas — divagou ele.*

— *Paha Sapa é um lugar sagrado. Seus tesouros, como você os chama, são muitos. É por isso que, todo verão, acampamos aqui.*

— *Mostre-me onde você encontrou essas plantas — insistiu ele.*

— *Tenho que preparar a carne agora, James. Amanhã eu o levarei até lá.*

James já estava arrependido de haver abatido o animal; era por isso que Kezawin não poderia levá-lo logo às montanhas.

— Ouvi seu grito de vitória quando você disparou seu rifle barulhento — comentou ela, os olhos brilhantes. — Creio que está se transformando em um caçador, James Garrett.

Na tarde seguinte, e em muitas outras, Kezawin cumpriu sua promessa. Conduzia James ao topo de colinas e à margem de córregos, numa busca constante de novos tipos de plantas. Vez ou outra Urso Solitário os acompanhava, mas quase sempre recusava o convite da filha, deixando que os dois partissem sós.

Mais ainda que os passeios, a guia fascinava James. Ela demonstrava não só um carinho especial em relação a cada planta que retiravam do solo como também uma curiosidade insaciável sobre as anotações que ele fazia em seu diário. James lhe explicou por que a ciência exigia que as espécies fossem agrupadas em famílias para estudo e mostrou-lhe as características que as relacionavam entre si. Esse conceito fazia sentido para ela. Seu povo também se agrupava em clãs, em tiospaye. Kezawin não necessitava de diários para anotar o que pretendia; repetia as explicações e passara a organizar suas próprias plantas em grupos botânicos. Quando trabalhara como assistente de laboratório em Harvard, James jamais tivera discípulo tão entusiasmado.

Uma tarde, enquanto procuravam plantas nas montanhas cobertas de pinheiros, conhecidas por Paha Sapa, Montanhas Negras, pois, a distância, pareciam negras, ela se afastou. De repente desabou uma tempestade e, quando James conseguiu alcançar um abrigo sob as rochas, já estava encharcado.

Esperou por Kezawin, mas logo começou a se preocupar. Talvez ela tivesse tropeçado em alguma toca de urso ou caído de alguma rocha. Abandonou o abrigo e seguiu pela mesma trilha que ela percorrera. Sob a chuva torrencial, gritava por ela. Como resposta, só ouvia o eco de sua própria voz. O pânico o dominou e começou a correr. A sola de seus mocassins escorregavam sobre o tapete barrento das agulhas dos pinheiros, mas ele continuava a procurar por ela, gritando sem parar. Algo acontecera. Algo acontecera. Um medo irracional invadiu-o, a garganta apertada, a voz rouca.

— Keezaawiin!

— James!

Ele parou, sentindo um peso no peito, enquanto vasculhava os bosques molhados, imaginando estar ouvindo coisas.

— Kezawin, onde está você?

— Aqui!

O rosto dela emergiu por entre os galhos densos de um imenso pinheiro que lhe servia de abrigo.

— Você está ficando ensopado, seu maluco. Entre logo.

O som da risada dela fez com que seu sangue fervesse, transformando o medo gelado em raiva. Através de brotos de pinheiros que lhe alcançavam os joelhos, ele mergulhou dentro do abrigo; era uma toca protegida da chuva, onde ela conseguira acender uma pequena fogueira, quase sem fumaça. Encontrou-a encolhida sob um alpendre natural, constituído de alguns ramos baixos reforçados por galhos caídos que formaram a pequena toca. Quando o viu rastejando por dentro, caiu na risada. James agarrou-a pelos ombros, sacudindo-a. Espantada com a fúria em seu olhar, parou subitamente de rir. Os rostos estavam tão próximos, que gotas de água dos cabelos dele caíam-lhe sobre olhos, nariz e face. Ela não se moveu.

— Mulher, você não vai mais rir de mim. — A voz dele estava rouca. — Já sofri essa humilhação por muito tempo e não vou mais tolerar isso. Você é obstinada e atrevida. Não respeita as próprias convenções de seu povo. Mulheres de seu tipo não se portam de modo tão indigno e ainda assim, você...

— Mulheres do meu tipo? — perguntou ela, calma. — O que sabe você sobre mulheres do meu tipo, James? Achei engraçado ver você correndo na chuva. Foi isso que me fez rir.

— Correndo na chuva! — berrou, sacudindo-a mais uma vez. — Eu não conseguia encontrar você, gritei seu nome várias vezes e, quando não respondeu, tive medo, achei que algo havia lhe acontecido, Kezawin.

— Comigo? — estranhou ela, vendo o medo voltar aos olhos dele. — Mas é só chuva, James. Achei que você saberia encontrar seu próprio abrigo,

A tensão cedeu e James soltou-lhe os ombros. Afinal ela estava em segurança e nem mesmo havia sido tocada pela chuva, exceto pelas gotas que ele próprio trouxera ao abrigo. Como deveria parecer ridículo naquele momento, enquanto Kezawin, com seus brilhantes olhos negros, era a mais linda visão. Recuou e apoiou-se no tronco de uma árvore, tratando de não pensar na beleza dela. Sentia-se perturbado.

— Você tem medo da chuva, James?

Tentou rir, negando, mas quando ela tocou sua manga ensopada, o riso se desfez.

— Minha mãe morreu na chuva — falou, quase sem querer. — Ela estava muito doente e saiu caminhando, sem rumo, sob a chuva. Não havia ninguém cuidando dela. Teria morrido de qualquer maneira, pois estava muito enferma. Mas alguém deveria estar cuidando dela.

— A dor dessa morte ainda o atormenta. Deve fazer as pazes com quem deveria estar cuidando dela. Essa pessoa era você, James?

— Eu era apenas uma criança. — Ele tinha os olhos fixos no fogo. — Estava tão doente quanto ela. Meu pai nos havia deixado aos cuidados de seus... das pessoas que trabalhavam para ele. Alguns deles ficaram doentes também. Outros fugiram.

— Você deve fazer as pazes com seu pai, senão não se livrará dessa dor. Seria esse ressentimento em relação a seu pai que o afasta para tão longe de seu povo?

— Afasta? — resmungou James, passando os dedos pelos cabelos molhados. — De modo algum. Estou aqui porque a Sociedade de Naturalistas de Boston concordou em publicar meus trabalhos, e meu patrocinador, Ezra Breckenridge, concordou em pagar as despesas dessa expedição.

A confusão que viu em seus olhos deu a James certa satisfação. Ela havia passado dos limites com toda aquela especulação; o que é que ela realmente sabia? A própria palavra sociedade era difícil de traduzir. Ele usara a palavra *akicita*, que se referia a grupos de guerreiros, mas o conceito mal podia ser comparado à Sociedade de Naturalistas, um grupo de intelectuais, de estudiosos.

Sentindo sua segurança renovada por haver elevado o nível da conversa bem além do que ela poderia compreender, James sorriu, determinado a não mais permitir que seus pensamentos corressem tão livres.

— Boston faz parte de um lugar chamado Massachusetts, que é uma palavra indígena, e é o lugar onde vivo — explicou, percebendo que seria a única coisa que ela poderia compreender de tudo o que lhe dissera.

— É também onde vive seu pai?

— Não. Meu pai vive em Virgínia, que fica muito longe de Massachusetts.

— E essas outras pessoas de quem você falou mandaram-no para cá. Por quê? As plantas de Massachusetts não são tão boas quanto as nossas?

— Algumas são iguais às que existem aqui. — Ele sorriu. — A Sociedade só deseja saber mais sobre o oeste e sobre sua flora.

— E você é o guia deles?

— Não, Kezawin. Sou um cientista. Preciso aprender também porque... preciso aprender. Só isso. — Olhou-a com ternura, paciente, sabendo que era algo difícil de explicar a quem quer que fosse. — Também desejo publicar meus trabalhos e, como não tenho dinheiro, preciso de um financiador que, no caso, é esse Sr. Ezra Beckenridge. Mas acho que nada disso faz sentido para você.

— Sei que o que você está dizendo tem muito pouco a ver com o motivo verdadeiro de sua vinda. — Sorriu ela, com a mesma paciência. — A não ser o fato de que quer aprender. E tem uma percepção bastante boa. Mais aguçada do que a de outros de seu povo.

— Você afirma que eu nada sei sobre as mulheres lakotas — disse ele, envaidecido com o elogio contido nas palavras dela. — E o que sabe sobre os homens brancos?

— Sei que a maioria não é observadora, mas isso não se aplica a você. Por que teve medo pela minha segurança, James?

— Eu já disse. Disse mais do que desejava. Mas a idéia de que um homem é responsável pela segurança de uma mulher não se aplica aqui. E você... você foi capaz de cuidar de si própria. Quem pensaria em buscar abrigo em um lugar como esse?

— Um porco-espinho, talvez — disse ela, divertida. — Do que tinha medo, James?

— Você poderia ter escorregado ou caído — explicou ele, sentindo um arrepio de terror. — Ou algum animal selvagem poderia...

Kezawin fez um gesto em sua direção e, por um doce momento, ele imaginou que ela fosse abraçá-lo.

— Deve deixar que o fogo seque suas roupas e aqueça sua pele, James — disse ela, desabotoando-lhe a camisa.

Se qualquer outra mulher tivesse feito a mesma sugestão, ele saberia como agir. Mas essa mulher era um enigma, pensou, divertido. Enquanto isso, ela continuava a tirar-lhe a camisa. Curiosa, deslizou as mãos por sobre os pêlos claros que lhe cobriam o peito, sentindo a textura.

— E agora, Kezawin, o que acontece? Se eu tocá-la, vai rir de mim, como de costume?

Com as pontas dos dedos, ele acariciou o rosto, tocou o pescoço, seguindo por sobre o decote do vestido. Só a ponta dos dedos. Só uma ligeira pressão descendo suavemente. O toque de seus dedos fez com que o bico dos seios se retesassem. Então, a boca de James cobriu-lhe os lábios.

Os dedos dela acariciaram seu peito e seus lábios se entreabriram para sorver o beijo. Kezawin correspondeu como uma mulher, o desejo afluindo, envolvida por suave sensação de arrepio, como o rápido roçar de asas de borboleta. Os modos dele eram diferentes; fazia muito tempo que um homem a tocara e aquele homem era tão jovem e inexperiente quanto ela própria. E, nesse momento, sentia um calor despertado por algo diferente e, ao mesmo tempo, muito conhecido. Eram um homem e uma mulher. Mas quando ele gemeu como alguém cujos desejos logo o afastariam da razão, Kezawin se retraiu.

Apoiando as costas no tronco da árvore, James ergueu a cabeça, olhando-a desconcertado. Ela pôs sua camisa perto do fogo onde colocou mais alguns galhos secos. Não havia espaço suficiente para que qualquer deles se movesse à vontade. Depois do beijo, a percepção da respiração e do calor de seus corpos se intensificou e a atração mútua redobrou.

— Acho que é hora de saber um pouco mais sobre o tipo de mulher que você diz ser, Kezawin. É do tipo que leva um homem à loucura com seu jogo?

— Isso não o afetaria, James — comentou, com um riso breve. — Você já é louco.

— Creio que você é uma das poucas pessoas que sabe que isso não é verdade.

— Sei que você é wakan. É tudo o que sei.

— Por que me provoca, Kezawin? Você passa bastante tempo em minha companhia e sei que sente prazer em... Por que ri de mim? Não, não é isso. Por que ri dessa forma? As outras mulheres são... diferentes. Submissas. Femininas. Não entendo... É como se você tivesse um segredo, um segredo só seu.

Kezawin estava sentada, as pernas cruzadas.

— Quando me beijou, eu lhe pareci diferente, James? — perguntou, ansiosa. — Um momento antes ou depois, você notou alguma alteração em meu rosto? Ou, quem sabe, em minha cabeça?

— Não. Eram os olhos de uma mulher, a boca de uma mulher.

— Que bom. Isso é muito bom.

Os olhos de uma mulher, pensou ele, tentando penetrar dentro deles para desvendar o segredo tão bem guardado. Eram olhos suaves e cautelosos, como os olhos de uma corça, mas em um rosto lindo, de pele suave, o rosto de uma mulher belíssima.

— O que mais deveria ter visto?

— Já lhe disse, sou a Mulher Gamo Sonhadora. Vi em um sonho a mulher gamo, que tem o poder de se transformar em mulher e em gamo. Não sou como as outras mulheres. A risada desperta em mim e não posso contê-la. Meus dotes de artesã são insuperáveis e também possuo o poder de curar.

— Esses são dotes magníficos Kezawin. O poder de rir, de criar e de curar, todos eles em uma única mulher maravilhosa — tratou de animá-la. — É por isso que você nunca está entre os grupos de mulheres que se reúnem para colher frutas, preparar a carne e fazer os trabalhos de pespontos? Elas sentem inveja de seus dotes?

— Talvez uma certa desconfiança, mas não inveja.

— Acho que se engana. Seu trabalho é muito valorizado. Vi como as mulheres levam seus filhos até você para que os cure de qualquer mal que os aflija. Cada vez que você passa por elas, se afastam. Você é muito só, Kezawin... Talvez eu seja seu único amigo.

— A Mulher Gamo Sonhadora não tem amigos — disse, baixando os olhos. — Sonhei que você viria e que então nos ajudaríamos. Seu caminho segue paralelo ao meu.

— Somos amigos muito especiais, então. Uma sociedade constituída por duas pessoas — disse, encantado com a idéia de que ela tivesse sonhado com ele antes de vê-lo. — O naturalista e a curandeira sagrada. É uma combinação muito poética.

— Precisamos de um nome para nossa sociedade. Como você chamou aqueles que o enviaram para cá, a sociedade daquele lugar chamado Massachusetts?

— A Sociedade dos Naturalistas de Boston, que não tem um nome tão criativo como os nomes de suas akicitas, como Corações Valentes ou Grupo das Raposas e outros.

— A nossa sociedade terá um nome secreto para que ninguém possa roubar nossos poderes. Mas não o escutei cantar nossa aliança. Você cantou?

Por engano, usara a palavra lakota canção quando na verdade queria dizer poética e a reação dela emprestou sentido mais profundo às palavras dele.

— Eu cantaria como um pássaro se você me desse sempre essa doce ilusão.

— Ilusão?

— Ao menos, você poderia me dar mais de um beijo de cada vez. Eu ficaria de pé na frente da tenda de seu pai e a beijaria sob o meu abrigo, como se costuma fazer.

— Gosto muito quando me toca, James. Não posso negar. Durante muito tempo, tive o cuidado de não desejar qualquer homem para não me transformar na mulher gamo. Jamais permitirei que ela me use dessa maneira; não, se puder evitá-lo; se eu lhe desse uma doce ilusão, como você falou, seria então possível que ela... — Kezawin estremeceu de medo. — Ela poderia ter entrado em mim ou eu poderia ter...

— Kezawin, isto é uma tolice — insistiu James. — Se eu me encontrasse beijando os beijos de um gamo, posso lhe assegurar que me afastaria de imediato.

— Estaria morto — declarou ela. — Não é um risco que um homem sensato correria.

— Mas se você sonhou comigo...

— É nosso destino compartilhar nossos conhecimentos, James, nada mais. E talvez seja verdade que você é meu único amigo.

— Fico contente com isso — respondeu James, com um sorriso nos lábios.

Aqueles eram tempos de fartura para o povo de Urso Solitário. No outono anterior, o fogo nas pradarias havia queimado a relva seca e, depois de fartas chuvas na primavera, as colinas e planícies se cobriram de um tapete de vegetação denso e verde. Grandes rebanhos de búfalos pastavam, movendo-se a seu bel-prazer; enquanto a tribo os seguia de perto. Pelos cálculos de James, permaneciam acampados por duas semanas e então, de repente, seguiam viagem; assim que escutavam a canção de partida, desarmavam as tendas e carregavam as pequenas carretas em menos de uma hora.

Quando o sinal foi dado, Garrett partilhou do entusiasmo geral de, mais uma vez, levantar acampamento. Uma onda de energia inesgotável espalhava-se por toda a aldeia, cada qual ocupando-se de suas tarefas. Não era necessária qualquer discussão. Os planos haviam sido estabelecidos pelos wakincuzas, aqueles que decidiam, e um líder oficial havia sido designado pelas sociedades dos guerreiros. O clima de excitação era geral, apesar de ignorarem o rumo a seguir. Tanto poderiam estar se dirigindo para lugares onde haviam estado em verões passados, quanto para outros lugares com fartura de água, pastagens, lenha e abrigo contra o vento, encontrados

pelos guias. Para os lakotas, as terras por onde viajavam, assim como o acampamento, eram considerados sua casa.

James Garrett estava encantado com a mudança de cenário. Foram necessários diversos ajustes para que se adaptasse. Antes de se unir ao povo de Urso Solitário, viajara com LaRoux, o francês, e algumas vezes com dois ou três caçadores, amigos de LaRoux. Acampavam com uma ou outra tribo e ali permaneciam segundo sua vontade ou a acolhida dos anfitriões. Nesse momento, ele obedecia às regras do grupo, ainda que às vezes com certa dificuldade. A regra mais rígida consistia em que, durante a marcha, todos deveriam se manter dentro dos limites impostos. À frente, seguindo os guias, encontravam-se os wakincuzas e, nas laterais e na retaguarda, os vigilantes. Ninguém se atrasava e ninguém saía sozinho para caçar, muito menos para procurar espécimes botânicos. Quando James ameaçou desobedecer às regras, Kezawin preveniu-o de que se o fizesse a akicita destruiria todos os seus pertences, inclusive sua coleção de plantas e seus diários.

Uma vez conformado com as regras, pôde usufruir de considerável liberdade. Faziam diversas paradas durante o dia e acampavam à noite em regiões que, pela riqueza da flora e variedade da fauna, jamais decepcionavam o naturalista.

O trabalho de Kezawin revelava-se mais interessante do que os novos espécimes encontrados; o tratamento que ela dedicava aos doentes, tratamento que na opinião de James não tinha qualquer base científica, acabava se mostrando extremamente eficaz. As ervas medicinais eram utilizadas para curar ferimentos, picadas e mordidas de animais, ulcerações infeccionadas, doenças e enfermidades dos idosos. Até mesmo cavalos e cães eram trazidos para serem examinados por ela. Ainda que James não tivesse autorização para assistir as suas consultas, acompanhava atentamente a melhora dos pacientes e, na maioria das vezes, o resultado era surpreendente. A idéia de que os poderes curativos de Kezawin haviam sido concedidos por meio de um sonho era, para ele, uma grande tolice; mas as observações dos resultados de seu trabalho começavam a cobrir páginas e mais páginas de seus diários.

Às vezes, tinha a sensação de que estavam viajando em círculos; primeiro oeste, depois norte e, em seguida, leste. Passavam pelas colinas, seguindo faixas estreitas de pradarias, até o topo de uma série de montanhas e, outra vez, de volta para as pradarias. Um dos pontos de referência mais impressionante fora uma torre de pedra que parecia haver emergido do solo devido a alguma erupção vulcânica de muito tempo atrás. Suas vertentes íngremes continham sulcos profundos, como se um demônio do subterrâneo houvesse enterrado suas garras no bloco para impedi-lo de escapar da terra em direção aos céus. Acamparam perto do monólito e James estava ansioso para explorar os arredores.

— Tem diversos nomes — explicou Kezawin, enquanto se aproximavam do bosque de onde surgia a estrutura. — Alguns o chamam de Toca do Urso. Nós o chamamos de Tūpasotka Wakansica, a Torre do Deus Mau.

— Um nome muito apropriado — comentou James, observando uma nuvem passar sobre o topo do pilar. — Você tem medo dele?

— É um lugar sagrado que nos inspira profundo respeito. Não retiraremos nada do solo aqui.

— Mas pode ser que encontremos algo...

— Nada que não possamos encontrar em outros lugares. Não é uma questão de medo, James, e sim de respeito.

— Há alguma forma de se chegar ao topo?

— Só o falcão sabe como fazer isso. — Riu ela.

— Talvez alguma planta extraordinária cresça por lá. — Escorregou nos pedregulhos ao tentar observar o topo. — Deve haver algo mágico lá em cima; algo que me dê o poder de anular a maldição da mulher gamo.

— Não é uma maldição, se forem tomadas as devidas precauções. É uma questão de se ter o devido respeito.

— São poucas as mulheres que conheci que inspiram tanto respeito entre os homens como você, querida Kezawin. Tem certeza de que não há nenhum medo envolvido nisso?

— Não de sua parte, com certeza. Vá em frente, James, escale o topo do Tüpasotka Wakansica e cante sua proeza.

Traga a magia lá de cima.

— Pode ser feito — disse ele, observando o topo. — Com o equipamento apropriado e muita força de vontade, é possível chegar lá.

— Nós iremos ao Mahto Sapa, o Morro do Urso, que fica a leste daqui. Você poderá escalar aquela montanha onde, quem sabe, poderá contemplar sua visão. Creio que essa sua ambição existe pelo fato de ainda não ter tido uma visão.

— Creio que são uma única coisa — disse ele, o braço em sua cintura enquanto caminhavam. — Em meu mundo, os homens teriam medo de você também, mas por uma única razão: é demasiado inteligente. Vou sentir muito sua falta.

Diversas vezes, James falava em voltar a sua terra, o lugar que ele chamava de Massachusetts; mas para Kezawin a idéia de futuro era algo muito distante. O fato de ele comentar a partida era outra coisa. No mundo dela, as pessoas partiam no dia que considerassem apropriado e parecia que, para James, esse dia havia chegado.

— Vai partir agora?

— Não, mas logo deverei ir. Não quero viajar em meio à neve.

— Vai precisar levar carne com você.

— Antes de partir, ainda quero abater um búfalo. Gostaria de trazer um búfalo para você.

— Nesse caso, deverá tratar de caçar um — comentou ela, com uma ponta de malícia. — E se comer o coração antes que o sangue esfrie, terá a força do...

— Que horror! — grunhiu ele, carregando-a em seus braços e balançando-a. — Devo passar em mais um de seus testes sanguinolentos para provar minha força? Não sou forte o suficiente? Se é assim, vou escalar essa rocha carregando-a nas costas para provar que tenho tanta força quanto um búfalo. O que acha?

— Se não quer a melhor parte da carne, traga-a para mim. Ou melhor ainda; eu vou com você.

— O quê? Para assustar o animal com esse seu riso debochado?

— De modo algum — protestou ela. — Vou me assegurar de que você não se distraia com alguma flor, perdendo o rastro.

— Ah, a mágica senhora tem um lado prático, afinal. Primeiro, comida. Depois, flores para as poções. Fazemos uma tentativa? — Apontou para o topo. — Dizem que somos wakan, tocados pelos deuses. Vamos fazer uma experiência. Talvez possamos voar.

Ela olhou o cume da rocha. Os estranhos sulcos pareciam atrair o espírito para as alturas acenando com a promessa de se atingir o cume.

— É um pensamento lindo, mas não será esse o teste pelo qual deveremos passar — revelou ela.

Devagar, colocou-a no chão. O corpo resvalou junto ao seu e ele soube então a que teste ela se referira. Aspirou profundamente o perfume do óleo que ela passara nas trancas. Era uma das coisas que, a princípio, parecera-lhe estranha até desagradável, mas que, naquele instante, só o fazia pensar, ah, sim, no doce aroma de seus cabelos.

Uma fantasia exótica era o que ela representava, mais desejável, ainda, porque não podia tocá-la nem conseguia influenciá-la. Possuía uma vontade tão inquebrável quanto a sua e a mente igualmente rápida. Como era possível? Em salões sofisticados, James se expressava melhor que qualquer homem, mas ali, sob o céu de azul tão intenso, à sombra do Tiipasotka Wakansica, um pedaço de terra que contrastava com seus arredores, confessara à mulher que sentiria falta dela quando partisse. Não se utilizara de nenhuma metáfora, e isso o fizera sentir-se desarmado; não era assim que se enfrentava um teste.

Estavam muito próximos, Kezawin com as mãos apoiadas em seu ombro, e James envolvendo-a pela cintura. Pensava em tentar roubar-lhe mais um beijo para ver quanto prazer ela se permitiria antes que suas superstições voltassem a assombrá-la, quando percebeu que algo as suas costas chamava a atenção dela. Com um sinal dos olhos, ela indicou-lhe que deveria se voltar com muito cuidado.

Um gamo branco estava próximo, encarando-os. Por um momento, os três permaneceram imóveis como que hipnotizados por um tênue equilíbrio de magia e medo

que os unia. O sol da tarde filtrava-se pelas folhas de um verde esmaecido do bosque e criava uma sombra difusa no lombo branco do gamo. Com a respiração suspensa, James e Kezawin não podiam afastar os olhos do animal; entrelaçaram as mãos e deixaram que a eletricidade do ar passasse entre seus corpos, até que o gamo voltou-se, desaparecendo por entre as árvores.

Kezawin olhou para as mãos entrelaçadas e depois para James. Os olhos dele refletiam a mesma fascinação.

— Você também o viu?

— Magnífico — respondeu ele, rouco de emoção. — Divino. Jamais vi algo... — Parou, ao perceber a sombra de medo no rosto dela. — Era um gamo macho, Kezawin. Não poderia ser a tal mulher gamo.

— Eu sonhei com ele também. Foi ele o primeiro que trouxe a planta das raízes vermelhas. Você veio em seguida.

— Está querendo dizer que o gamo albino foi meu arauto? — brincou ele.

A magia revelada pelos sonhos estava ainda muito longe da compreensão de James. Por mais que ele afirmasse que o wakan, o domínio do misterioso e do sagrado, não representava qualquer mistério para ele, ela sabia que ele não podia compreender. Também não estava preparado para entender o que significava o sicun dela, o guardião espiritual. Mesmo assim, o gamo branco o conduzira até ela e, no mesmo instante em que ele falara na partida, o gamo surgira. Qual seria o significado de tudo isso?

— Quando o vi pela primeira vez, já o conhecia, James — continuou ela. — Naquele instante, compartilhamos de alguma coisa e ainda há muito o que compartilhar. Não como homem e mulher, mas como...

— Colegas — completou ele, irônico. — Kolas. Amigos. Amigos das plantas e... amigos do gamo branco.

— Isso — entusiasmou-se Kezawin. — Amigos do Gamo Branco. Será nosso nome secreto. Aprendi muito com você, James.

— Antes de partir, quero aprender muito mais com você. Você me deixaria observar como utiliza as ervas medicinais? Quem sabe, só com as crianças. Deixe-me tomar notas. Daria uma nova dimensão ao meu trabalho. Meu povo aprenderia a ter um respeito maior por...

— Talvez meus poderes de cura não façam efeito em seu povo. Pode ser que nem façam efeito em você. Teria que se sujeitar a um ritual de iniciação.

— Farei o que disser. Tomarei parte nas cerimônias, tudo o que quiser. Talvez seu pai, percebendo que você confia em mim, permita que eu o veja utilizar seus poderes de cura.

— Se meu pai praticar inipi em você, será purificado na tenda de suadouro. Só então poderá compreender meus poderes de cura. Quanto a meu pai, ele sabe que você é diferente, é mais observador do que a maioria dos homens brancos.

Mais uma vez, James sentiu-se gratificado.

Capítulo III

Não raro, Escudo de Trovão admirava, fascinado, a Mulher Gamo Sonhadora, mas sempre de uma distância segura. Via-a com frequência quando o pai dela exigia, por direito, parte do que ele caçava. Ou ainda quando acompanhava Novilha Vermelha, sua mulher, para ofertar a Mulher Gamo Sonhadora um cavalo em retribuição à cura da filha. Mas era quando, escondido nas sombras, espreitava-a pendurando tiras de carne de veado, o vestido revelando parte da coxa, que realmente se deliciava. Prazer e temor o invadiam ao absolver a curva dos tornozelos e as pernas bem torneadas. Só às escondidas dedicava-se a tal passatempo, pois ela era a Mulher Gamo Sonhadora, cujo olhar poderia fulminar um homem.

Kezawin era a viúva de seu irmão mais moço, e se Escudo de Trovão houvesse sido um pouco mais temerário já a teria pedido como segunda esposa. Novilha Vermelha, que não era muito esforçada, ficaria muito feliz em ter alguém para ajudá-la. Nos últimos meses, comentara mais de uma vez que a irmã, Corça Grande, já com dezenove invernos, ainda não conseguira um marido. Não era para menos, pois seus quadris eram mais largos que os ombros de um homem e parecia não ter qualquer presença de espírito. Estava muito longe de ser a escolhida de Escudo de Trovão, como segunda esposa.

Esfregou as costas no tronco de um choupo, o pensamento na mulher que teria sido sua primeira esposa, houvesse ele esperado só alguns anos mais para escolher. Naquela época, Kezawin havia se tornado uma mulher dotada de tal beleza, que seu irmão mais novo, Concha de Ferro, durante muito tempo empenhara-se em conquistá-la. Ainda que ela não lhe houvesse dado filhos, Concha de Ferro havia sido, durante três anos, o mais feliz dentre os homens casados. Foi então que ela se transformara na Mulher Gamo Sonhadora. Concha de Ferro foi aconselhado a deixá-la, mas não quis escutar uma só palavra contra sua esposa e, por isso, pagara um alto preço. Os poderes dela revelaram-se demasiado fortes para o jovem guerreiro. Pouco tempo depois da visão de sua mulher, Concha de Ferro morreu em uma emboscada dos pawnees. No mesmo ataque, foi também abatido o irmão da Mulher Gamo Sonhadora. A força de seus poderes era indiscutível.

Nenhum homem conseguia permanecer indiferente a sua beleza que, com o decorrer dos anos, os atraía cada vez mais. Alguns, deixando de lado a precaução, tentaram cortejá-la. Não raro, alguma mulher que houvesse sonhado com a mulher gamo desafiava os princípios lakota, tornando-se assim abertamente promíscua. Muito

embora a Mulher Gamo Sonhadora, ao contrário das outras mulheres, vivesse só, em sua própria tenda, e fosse conhecida por seus poderes de cura e suas risadas descontroladas, nunca houvera o menor comentário. Nenhum homem jamais revelara que a tivesse conhecido intimamente e nenhuma mulher presenciara qualquer indício nesse sentido. O povo inclinava-se a aceitar a amizade que a unia ao coletor de plantas como parte do mistério dos dois, pois, sem nenhuma dúvida, ele era wakan.

Mas Escudo de Trovão não acreditava nisso. Revoltava-se ao vê-la pendurar o pedaço de carne da caça do homem branco ao lado das escuras tiras de flanko de búfalo, parte exigida por Urso Solitário, de sua própria caça. O homem branco não conseguira abater nada maior do que tom simples veado e ainda assim porque tinha um rifle. Se usasse a lança, com certeza erraria o alvo. Apesar disso, parecia que essa insignificante oferta de carne de veado agradara à mulher.

E não era só isso. Vez ou outra, Escudo de Trovão espiara os dois enquanto coletavam ervas. Sem o mínimo amor-próprio, o homem branco rastejava no solo, rebaixando-se, a ponto de colher nabos silvestres e ameixas, como uma mulher.

Quando a Mulher Gamo Sonhadora soltava aquela risada indecorosa, ele nem ao menos ficava constrangido. Ao contrário, muitas vezes ria com ela. Em nenhum momento Escudo de Trovão vira os dois se tocando e, por isso, não poderia acusá-los publicamente; no entanto, duvidava de que esse James Garrett fosse wakan, e o sangue fervia ao pensar no que poderia haver entre os dois. Apesar de ser tão corajoso quanto qualquer outro guerreiro, não ousava aproximar-se mais dela. O homem branco era louco, ou então muito ignorante.

Já sentia o sangue ferver, quando Garrett chegou. Escudo de Trovão esforçou-se para ouvir o que diziam quando o homem branco ofereceu à Mulher Gamo Sonhadora um punhado de flores silvestres; comentava como as havia encontrado, sem se perder. Escudo de Trovão interpretou a risada dela como demonstração de desprezo, que era o que ele merecia, mas, para sua surpresa, ela elogiou a habilidade de rastreador de Garrett e ofereceu-lhe comida. Fora de si, Escudo de Trovão abandonou o esconderijo atrás da árvore e surgiu detrás da moita que escondia o rio, aproximando-se.

— Ho, James Garrett! Pode-se pensar que você é irmão do búfalo. Passa tanto tempo pastando.

James já havia notado que o jovem atarracado tinha certa inclinação por Kezawin. Os olhos ávidos de Escudo de Trovão não eram nada sutis, mesmo na presença de sua mulher, mas era tão grande o contraste entre as duas, que James não podia censurá-lo.

— Aprendi que somos todos irmãos do búfalo e há muito o que dizer sobre o nosso irmão — comentou, lançando um olhar cúmplice a Kezawin. — Principalmente, quando propicia ao homem um convite para jantar.

— Você vai comer sua caça ou a minha, James Garrett?

— *Aquela que estiver na panela. Creio que vou tentar pescar hoje e quem sabe Kezawin pode variar a comida.*

— *Mudar de antílope e carne de veado, você quer dizer — disse Escudo de Trovão. — Alguns dizem que o tamanho da caça é a medida do homem.*

— *É mesmo? Alguns dizem que o tamanho das orelhas de um homem corresponde à medida de sua inteligência, mas no seu caso creio que não se aplica — retrucou James.*

— *Os guias localizaram uma grande manada de búfalos. Já é hora que venha caçar conosco, James Garrett. Você está vagabundeando em nosso acampamento há muito tempo. Vamos ver se é mesmo um homem.*

— *Parem com essa tolice — interrompeu Kezawin, espantando um cão que tentava roubar um pedaço de carne.*

— *Eu tenho direito a uma parte de sua caça, Escudo de Trovão. Sua mulher costuma se consultar comigo e também seus filhos. Quanto a você, James, é convidado de meu pai. Não está obrigado a...*

— *Baseado em que direito você pensa ser shaman, James Garrett? — provocou-o Escudo de Trovão.*

— *Eu sou um estudioso, uma vocação que não tem significado aqui. Mas não serei chamado de covarde por homem nenhum. Vou sair com seu grupo para caçar.*

— *Será um dia perfeito para morrer, James Garrett — ameaçou Escudo de Trovão, partindo um galho em dois e atirando-o ao solo. — Não leve seu rifle. Não o ajudará em nada e, além disso, não vou permitir que você, por engano, acabe acertando um de nós.*

Enquanto observava o jovem desaparecer no círculo do acampamento, James ficou imaginando como fora que, de repente, conseguira um rival. Durante semanas ele havia sido observado, tolerado, apenas um inofensivo objeto de curiosidade.

— *Não levar meu rifle? — murmurou para si mesmo. — E como eu poderia abater alguma presa sem ele?*

Kezawin ficou resmungando descontente, voltou-lhe as costas e entrou na tipi. James seguiu-a.

— *Não me saí bem com o arco e flecha — disse ele, passando pela entrada. — Fiz umas duas tentativas, mas sem me esforçar muito.*

Kezawin lançou-lhe um olhar duro. James percebeu que ao entrar havia cometido uma quebra de etiqueta. Ela olhava para os lados como se estivesse procurando alguma coisa.

— *Desculpe — disse James, sorrindo. — Posso entrar?*

— *Você conhece alguma canção, James? Talvez seja esse o dia que você deverá cantá-la.*

— Sinto muito. — Afastou-se ele como se estivesse se defendendo. — Sei que fui muito rude em entrar assim, mas não sabia ser isso uma ofensa tão grave.

— E eu pensei que seu bom senso predominasse sobre seu orgulho, mas parece que isso não ocorre com homem algum, nem mesmo com você.

— Você mesma disse que eu deveria caçar um búfalo — lembrou-a.

— Não disse que deveria participar de um cerco.

— Um cerco? O que é isso? Ele disse que iriam caçar.

Kezawin suspirou, trazendo a bolsa de pele de gamo que estava pendurada nas estacas da tipi.

— Você não tem qualquer poder, armas ou habilidade para esse tipo de caça e nenhum senso de...

— Eu tenho um rifle — insistiu ele, vendo-a abrir a bolsa. — Alguns dos homens também têm rifles. Existe alguma proibição em usar rifles para caçar búfalos? São animais tão grandes que, com certeza, eu não poderia errar o tiro. Um único disparo e terei minha presa e minha auto-estima e você terá...

— Não é a mesma coisa que se aproximar silenciosamente de um gamo. Você deve seguir as ordens da akicita. Se fizer qualquer movimento antes que o sinal seja dado e assustar a manada, ao retornarem a akicita pode destruir o que é seu. Se você romper as fileiras, podem açoitá-lo. Seu rifle não o ajudará em nada. Não haverá tempo para recarregá-lo.

Kezawin retirou da bolsa um amuleto em forma de disco, pendurado em uma tira de couro, e colocou-o em volta do pescoço de James. O decote em V profundo de sua camisa deixava-o bem à vista. James tomou o amuleto entre as mãos e passou os dedos sobre a superfície lisa.

— Isto significa que estou defendendo suas cores? — comentou ele, sorrindo.

— Rezarei para que o sicun do gamo branco proteja você. Isto é feito da galhada de um gamo. Não do gamo branco, é claro, mas foi ele que o trouxe até aqui.

— Kezawin, não se preocupe; não vou me colocar em nenhuma situação de perigo. Se não conseguir abater nenhum animal, não será...

— Os homens que são treinados desde a infância percebem o perigo quando cavalgam no cerco. Você não foi treinado para isso. Para você...

— Para mim? É demasiado perigoso para mim? Muito difícil? Requer muita astúcia? E o que mais? Eu cheguei aqui sozinho, Kezawin, por minha própria conta, a uma região que me era estranha, habitada por povos desconhecidos. Não sou caçador ou guerreiro, mas assumo riscos para fazer o que faço e... e... — Hesitou em dizer o que pensava. — Aquele fanfarrão arrogante, tão bem treinado, insinua que eu não tenha coragem de caçar aqueles animais idiotas em companhia de seu grupo. Pois muito bem, tenho uma novidade para vocês, eu vou...

— Você é um bom cavaleiro, James — disse ela em voz baixa. — Controle sua montaria. Proteja-se do chifres dos tatanka. Não cavalgue no meio da manada e, lembre-se, não desobedeça a akicita. Escudo de Trovão é um membro dela e parece que não gosta muito de você.

— Ele está com ciúme. Ele quer você e acha que eu sou um empecilho.

— Escudo de Trovão é meu cunhado. Sabe melhor do que ninguém o que a Mulher Gamo Sonhadora pode fazer com os poderes de um homem.

— O que não o impede de desejá-la. Eu vi isso nos olhos dele. Ele olha para você do mesmo modo que eu olho — confessou e, percebendo o medo na expressão de Kezawin, continuou: — Como não tenho nenhum poder, não, há nada que seus poderes possam destruir.

Kezawin não sentiu alegria em saber que essa atitude arrogante seria colocada à prova de tal forma que toda a experiência de James em nada o ajudaria.

— Venha comigo. Iremos Consultar meu pai. Talvez ele possa conseguir alguma lança com poderes especiais.

Os caçadores cavalgavam em silêncio por entre a vegetação alta, atrás dos guias que os conduziriam até a manada de búfalos. Aproximavam-se contra o vento e nada traziam que pudesse fazer o mínimo ruído. James fora instruído para deixar sua sela no acampamento, pois o couro poderia ranger. Como os demais, seu torso brilhava untado de gordura, que não só disfarçava o cheiro dos homens como também os protegia do sol e das picadas de insetos.

Se não fosse por seus cabelos castanho-claros, olhos azuis e o tom dourado da pele bronzeada, James não se diferenciaria de qualquer dos outros trinta homens do grupo, que se moviam em harmonia com o ritmo de seus cavalos como se formassem um único corpo. James usava calças e perneiras de pele de gamo; seus cabelos estavam presos à testa por uma tira de pele de gamo. Carregava uma lança de um metro de comprimento que Urso Solitário lhe havia dado e tinha uma lança extra amarrada com um laço sobre seu cavalo. Os outros portavam arcos e aljavas com flechas, mas Garrett sabia que, para ele, todo aquele equipamento só atrapalharia. A caçada prometia ser uma emocionante aventura. Se além disso conseguisse abater uma presa, seria muita sorte.

Do alto da colina, podiam ver a manada. Pelos padrões das grandes planícies não era muito numerosa; no entanto, consistia em algumas centenas de animais que pastavam placidamente no amplo e verdejante vale. James prestava atenção às instruções dadas através de sinais. Os caçadores foram divididos em dois grupos. O seu deveria fazer um círculo amplo para aproximar-se da manada pelo lado oposto. Observava as trocas de sinais quando, de repente, seu cavalo deu um salto, como se tivesse sido picado por uma cobra. Em pouco tempo, James conseguiu controlar o nervosismo do animal e, olhando à volta, percebeu que todos os caçadores franziam os cenhos; todos, exceto Escudo de Trovão. Mirando diretamente o amuleto que James

exibia no pescoço, o guerreiro atarracado deu um sorriso sinistro. Ele levava um chicote cuja extremidade havia sido talhada como a ponta de uma flecha. Fora isso que machucara o cavalo de James.

Era assim, então. James afastou-se o mais possível de seu novo rival enquanto formavam uma coluna e cavalgavam em direção ao outro lado da manada. Assim que se colocaram em posição, as duas colunas fecharam o cerco, em silêncio; nesse momento, os experientes cavalos de caça estavam tão excitados que era difícil controlá-los. Mas assim como James, que não tinha maiores pretensões com a caçada, seu cavalo parecia estar satisfeito em seguir os demais.

Então a manada começou a se agitar. Cabeças de búfalos levantavam-se uma ou duas de cada vez e uma corrente sutil parecia se espalhar entre homens, presas e montarias. Complacência transformou-se em apreensão. Controle, em ousadia. Havia uma forte tensão no ar e, por um instante, o inevitável tornou-se óbvio. De repente, um enorme touro disparou e o grito veio do líder: — Hoka hey!

Em seguida, a planície se transformou em um redemoinho de cavalos galopando, búfalos debandando e uma confusão de gritos e imprecações. O touro foi guiado outra vez para a manada por um cavaleiro exímio, e os búfalos, já cercados, começaram a correr em círculos. Os caçadores montados disparavam uma saraivada de flechas e atacavam, com suas lanças, os animais acuados. James viu-se em meio a brados, berros e rugidos, cheiro de pó e sangue, suor de cavalos e homens untados de gordura. Com o coração aos saltos, enterrou os calcanhares nos flancos de sua montaria; levantou a lança e atacou a manada lançando seu próprio grito:

— Eeeyahhh!

Era difícil encontrar um animal que já não tivesse sido golpeado por flechas ou lanças. Tudo era confusão. James guiou seu cavalo com as pernas e tentou diversas vezes atingir alguma presa, mas o máximo que conseguiu foi não perder a lança. Tanto ele quanto os búfalos haviam sido surpreendidos pela violência do ataque. Logo percebeu que deveria fazer pontaria em algum animal, e viu que os outros tratavam de perfurar um pulmão, enterrando a lança entre as costelas da presa. Era muito mais complicado do que pensara.

Depois de várias tentativas, James viu-se cavalgando ao lado de um touro e, com as duas mãos, enterrou-lhe a lança no flanco. O touro berrou, virou-se e atacou. James olhava horrorizado o chifre mortífero penetrando em sua coxa.

Seu cavalo girou e o chifre saiu outra vez, causando uma dor lancinante. O touro vergou os joelhos e tombou de lado, sem vida.

Arrancando a tira da cabeça, James prendeu-a em volta da perna sobre o ferimento. Queria sair, tinha que sair dali, mas os caçadores e as presas não paravam de girar em torno dele. Tentou escapar desviando da montaria de um guerreiro, mas o cavalo refugou e, de súbito, percebeu por quê. Um touro enorme, furioso, se arremetia contra um jovem. O cavalo caiu, e o cavaleiro foi atirado ao solo.

O rapaz logo pôs-se de pé e olhou a sua volta. Havia apenas um mar de búfalos e o homem branco, James Garrett, que, percebendo a incerteza e o medo toldando seus olhos, alcançou-o de imediato.

— Venha! Monte rápido!

Com um pulo ágil, o jovem saltou na garupa do alazão. Quando já estavam bem longe de carnificina, o jovem pediu-lhe o cavalo emprestado.

— Ainda não consegui abater nenhum animal.

— Diabos, eu vi o que aconteceu com sua montaria — James gritou. — Eu tenho um cavalo. Você pode partilhá-lo comigo.

Quando deslizou da garupa do alazão, o guerreiro lançou-lhe um olhar furioso que demonstrava o que pensava de sua oferta. Apontou então para a lança de reserva.

— Dê-me isso então.

— Você pretende voltar lá a pé?

O jovem bufou irado e, dando-lhe as costas, caminhou desarmado em direção à batalha.

— Volte aqui!

Ele voltou-se e James atirou-lhe a lança; desmontou, tentando não se apoiar na perna ferida e estendeu-lhe as rédeas.

— Não quero sua morte na minha consciência. Vá buscar seu alimento, mas traga meu cavalo de volta. Não estou disposto a voltar a pé para o acampamento.

Em pouco tempo, tudo havia acabado. Alguns dos animais conseguiram escapar e pastavam em outras pradarias; a relva, porém, ficara coberta de corpos de búfalos. O jovem a quem James emprestara o cavalo, Vista Longa, conseguira abater sua presa. As mulheres aproximavam-se para limpar a carcaça, carregar seus cavalos e transportar carnes e peles ao acampamento. Sentado na relva, refeito das emoções, James deixava que Vista Longa o ajudasse a enfaixar o ferimento.

Sentiu-se feliz ao ver Kezawin se aproximar, trazendo um cavalo de carga. Isso não significava que ela confiara em seus dotes de caçador, pois todos estariam ali para ajudar na limpeza dos búfalos. Os idosos e os shamans tinham direito a exigir as melhores partes da caça; os bons caçadores tinham tanta carne no chão que suas mulheres jamais conseguiriam preparar ou transportar, de modo que ninguém negaria uma parte aos do terceiro grupo, aqueles que não contavam com um caçador. Era a comunidade como um todo que se esforçava na busca de alimentos em benefício da tribo.

Identificando flechas e lanças pela marca dos caçadores, as mulheres iniciavam seu trabalho. James deveria voltar ao acampamento para tratar de sua perna. No entanto, sentou-se sobre a relva no topo de uma colina para melhor observar Kezawin. Impassível, ela identificou a lança de seu pai e desembainhou a faca. Embora ela não tivesse tentado localizá-lo, ele acreditava que soubesse onde

estava. Entregando-se à autopiedade, ficou imaginando se ela saberia que estava ferido. Ele havia conseguido estancar a hemorragia, mas o ferimento escondido sob a pele de gamo doía demais. Sentiu-se orgulhoso ao vê-la abrir a barriga do animal que ele abatera.

Quando Kezawin terminou de carregar o cavalo com a carne e a pele, dirigiu-se para onde James estava. De repente, tomado por uma onda de orgulho, ele montou o cavalo antes que ela se acercasse. Cavalgaram lado a lado para o acampamento, mas as palavras que ele ansiava ouvir nunca foram pronunciadas. Desejava ansiosamente contar-lhe as aventuras da caçada, mas como ela nada perguntara, ele se calara.

— Você deve ir até a tenda de meu pai — disse-lhe ao chegarem ao acampamento. — Ele tratará de seu ferimento.

James franziu o cenho. Para conseguir alimento para aquela mulher ele perdera um pedaço de sua própria carne e agora ela o dispensava. Com os dentes cerrados para não recriminá-la, acelerou a marcha, trotando em direção à tenda de Urso Solitário; o ferimento voltou a se abrir.

— Urso Solitário!

O rosto curtido surgiu na entrada. James escorregou da sela, fazendo enorme esforço para que os joelhos não vergassem. A mancha de sangue recomeçara a se espalhar pela calça.

— Há algo que você possa fazer?

— Estou pronto para atendê-lo. — disse o ancião. — Amarre seu cavalo e entre.

Amarrar o cavalo? Ele estava sentindo vertigens, mas o orgulho teimoso fez com que prosseguisse, até que o cavalo estivesse bem amarrado. Urso Solitário indicou-lhe com a mão um catre coberto de pele de búfalo. Agradecido, James deitou-se, resmungando em sua própria língua:

— Afinal de contas, há coisas que as mulheres não sabem apreciar, a velocidade, a emoção a... a... maldita seja, ela bem poderia demonstrar alguma preocupação. Poderia me dar um pouco mais de atenção. Não é todo dia que um homem...

— Kezawin me conta que muitas vezes você fala com as plantas ao retirá-las do solo — disse Urso Solitário, atirando um broto de sálvia no pequeno fogareiro no centro da tipi. — Faz parte de seus poderes?

— Kezawin disse que não tenho qualquer poder. No entanto, consegui abater um grande animal, não é? Voltei vivo, não é? É claro que tenho poderes. Estudei muito. Jamais fiz trabalho de pesquisa de campo para outros. Fui eu que identifiquei... Que dei nomes...

James falava de modo incoerente; sabia que estava dizendo tolices. Urso Solitário fez com que trocasse as calças por uma tanga, e ele permaneceu deitado, a cabeça girando de dor, os olhos lacrimejantes, ouvindo os cantos do ancião. O

curandeiro enfaixou-lhe a perna, e os cânticos continuaram, a fumaça espalhando-se por toda a tenda. "Maldita fumaça", pensava, "maldito animal com seus chifres mortíferos, e maldita seja a inconstância das mulheres." Ele lhe havia demonstrado do que era capaz e queria apenas o seu reconhecimento. Não era um covarde.

Estava cansado de ouvir essa história de poderes. Sabia que deveria voltar ao mundo civilizado onde um homem era respeitado por seu trabalho, trabalho importante, trabalho que iria para os anais das ciências... Arriscara sua vida e sua perna por um pedaço de carne e não ouvira sequer um elogio!

Durante o ritual de Urso Solitário, James adormeceu, mas despertara no meio da noite sentindo a perna latejando. O ancião dormia. O ar dentro da tenda estava denso de fumaça e cinzas. No fogareiro, as brasas ardiam. O luar, penetrando na tenda, misturava-se à fumaça e transformava-se em névoa embaçada. Com cuidado, James tocou a coxa e, sentindo o calor e o inchaço, levantou-se trôpego e saiu da tenda. A porta da tipi dela ficava a poucos passos de distância. Alguns longos e dolorosos passos.

— Kezawin — sussurrou ele. — Deixe-me entrar. Preciso de sua ajuda.

A porta de couro cru entreabriu-se, e James, agarrando-se nela, atirou-se, cambaleante, para dentro.

— Sem cânticos — balbuciou, caindo em seus braços. — Sem fumaça. Está infeccionado. Lancete-o... faça-o drenar. Dê-me... o que você achar...

Na luta para mantê-lo em pé, ela deixou cair o abrigo e a face dele resvalou em seus seios nus. James tinha as costas suadas e ainda cobertas de gordura. Ela pensou em dar-lhe um banho. Tentou segurá-lo com firmeza e ele, delirando, aconchegou-se a ela. Arrastando-o para o catre, decidiu que o banho ficaria para depois. Então, vestiu-se. Depois colocou mais lenha sobre as brasas e encheu de água o recipiente feito de rúmen de búfalo. Quando as pedras para cozinhar estavam bem quentes, jogou-as dentro da água para que fervesse.

O inchaço na perna de James havia tornado a faixa muito apertada. Nesse momento, o ferimento estava quente e inflamado. Kezawin o combateria com mais calor. Aplicou uma compressa de camurça quente, mas James, sentindo falta de ar, atirou-a longe. Kezawin, com toda a calma, voltou a esquentá-la e recolocou-a sobre o ferimento.

— Por Deus, mulher!

— Você quer minha ajuda ou não?

— Seu pai quase me sufocou e agora você pretende me esquentar vivo.

— Fale mais baixo.

— Desculpe — disse ele, voltando a recostar-se sobre o catre. — É só que... piorou muito.

— Você deveria ter se cuidado de imediato.

— *Você é quem deveria ter cuidado de mim de imediato — retrucou James, ressentido. — É você quem tem o poder de cura.*

— *Eu não trato homens.*

— *Está tratando este aqui.*

— *É verdade — disse ela, com doçura. — Por que ficou esperando que eu terminasse de limpar o animal? Os outros caçadores já haviam partido. Não havia necessidade...*

— *Ficou surpresa que eu tivesse conseguido abater um animal?*

— *Você é um homem forte e um bom cavaleiro.*

— *Imaginou que não pudesse matar um búfalo sem usar o rifle? — insistiu ele.*

— *Você não tinha sido testado — disse ela. Colocou outra vez a compressa quente. Mergulhou na água fervente pedaços de músculo e uma de suas preciosas agulhas de aço. Queria tudo quente, mais quente que a febre da perna dele. Sangue e pus começaram a escorrer do ferimento, carregando a doença para fora do corpo.*

— *Fui testado agora — persistiu ele. — Passei no teste, não? Eu mesmo me surpreendi, essa é a grande verdade. Jamais gostei de caçar, mas me senti compelido a provar que podia fazê-lo, e quando me vi no meio do burburinho chegou a ser até emocionante. A surpresa, o medo e então deixar o medo de lado, tudo foi muito instigante, até que o maldito animal me atacou. O que está fazendo?*

Kezawin estendeu-lhe um broto de planta seca que ele, automaticamente, passou a analisar, cheirando-a, virando-a de um lado para o outro para observar na luz, cheirando mais uma vez.

— *O chá desta erva vai acalmá-lo — explicou ela.*

— *Eu estou calmo. Onde podemos encontrar mais dessa planta? Podemos...*

— *Ela cresce em terras secas bem longe, a oeste — disse ela, rindo. Ele era outra vez o coletor de plantas. — Eu a consegui em uma troca. Depois de suturar seu ferimento, vou dar-lhe mais chá para fortalecê-lo e ajudar seu espírito a expulsar a doença de sua perna.*

— *Preciso de meu diário — disse ele, levantando a mão em direção a sua tenda. — Quero anotar tudo.*

Para surpresa de James, ela lhe entregou o livro.

— *Você pegou meu diário?*

— *Trouxe também suas caixas de plantas.*

— *Por quê? O que você queria com meus... — James interrompeu-se percebendo o que ela havia receado. — Imaginou que eu pudesse ter tido problemas na caçada de hoje, não foi? Pensou que a akicita voltaria aqui e destruiria minhas propriedades.*

— Havia essa possibilidade — concordou ela, entregando-lhe um vasilhame com chá. — Se o faltoso, após ter tido seus bens destruídos, mostrar-se bastante arrependido, a akicita poderá pedir contribuições a outras pessoas a fim de repor os bens. Este seu trabalho não poderia ser substituído e é minha obrigação protegê-lo.

— Obrigado — disse, provando o delicioso chá fumegante. — Houve mesmo uma possibilidade; foi quando Escudo de Trovão quase fez com que meu cavalo disparasse, um momento antes do cerco.

— Não devo explicação alguma a Escudo de Trovão, mas se for necessário fazer algo para que ele deixe de persegui-lo, vou colocar-me sob juramento de que não sou mulher de homem nenhum e que não serei de...

— Você não fará nada disso — retrucou ele, agarrando-lhe o braço. — Se existe ou não algo entre nós não é da conta dele. Não sei qual o conceito que você tem de mim, mas não sou covarde. Não tenho medo de Escudo de Trovão.

— Sei que você não é covarde, James. Nunca pensei que fosse — tentou acalmá-lo, aproximando a taça de sua boca. — Beba isso agora. Os pontos podem ser bem dolorosos.

Kezawin lavou-o enquanto o chá fazia efeito, deixando-o meio tonto e relaxado. Não era como um gole gostoso de um bom conhaque envelhecido, pensou ele, entregando-se com prazer aos cuidados dela. O latejar da perna se transformara em dor constante à medida que o calor que ela lhe aplicava atacava a infecção. Sorriu ao sentir os dedos massageando-lhe o peito; logo, outra parte de seu corpo começaria a latejar.

— Você está outra vez me dando uma doce ilusão, Kezawin.

— Prefere ficar cheirando como um búfalo? — replicou ela. — Estou expulsando o cheiro do seu corpo.

— Hummm. Continue expulsando — disse ele, sonolento. — Eu me referia à sensação que tive anteriormente quando você odiou a idéia de que eu fosse caçar com eles, temerosa que me ferisse. Mas quando fui de fato ferido, você... você me abandonou, preferindo cuidar do búfalo.

— E você resolveu ficar me observando enquanto sangrava.

— Eu não estava sangrando. O sangramento já havia estancado e não tinha idéia de que o ferimento fosse tão profundo. Mas você não sabia disso. Pensei que éramos amigos. Uma sociedade de dois, você disse.

— Deveria ter procurado meu pai, de imediato — insistiu ela, desviando os olhos, com medo de que ele estivesse exigindo mais do que poderia dar. — Em algumas ocasiões, tratei de homens. Só em desespero, um homem me procura e aí, então, quase sempre, perde sua batalha.

— Foi por isso que eu vim até você antes de me desesperar — explicou ele, segurando-lhe o queixo por um momento. — Você tem grande consideração por meu trabalho, até o guardou aqui. E quanto a mim?

— Não queria constrangê-lo, James. Uma mulher só lamenta a sorte de um homem quando ele está morto.

— Então quer dizer que se recusa a me cobrir de mimos? — perguntou ele.

— Se morrer, eu farei cortes em meus braços, cortarei meus cabelos e lamentarei sua morte em altos brados, pois não haverá mais ninguém que chore sua morte de modo apropriado.

— Seu eu morrer! — caçoou ele. — Quer dizer que preciso morrer para que você demonstre que se preocupa comigo? Será que você não pode mostrar um pouco, só um pouco de afeição por um amigo ferido? Algo como "Oh, coitado do James"?

— Eu devo chamá-lo onсила — perguntou ela, rindo com ele. — Pobrezinho! É assim que uma mulher fala com uma criança.

— Ah, agora entendo. Foi por isso que você me evitou. Uma mulher não pode demonstrar sua afeição por um homem cuja perna quase foi arrancada por uma fera de olhos de fogo, não é mesmo?

— Onсила — cantarolou ela, deixando ele perceber a malícia em seus olhos, enquanto acariciava seu peito. — Será que se você fosse acalentado junto ao seio de uma mulher seu ferimento curaria mais depressa?

— Quem sabe — disse sorrindo. — Não faria mal algum.

— E ainda... — A sugestão ficou presa em sua garganta. Trocavam olhares insinuantes. Kezawin sentiu um tremor, um insistente desejo de se inclinar para mais perto dele, de tocá-lo. O chá surtira efeito em James, cujo olhar se tornara suave, opaco. As sensações que Kezawin experimentava não podiam ser atribuídas ao chá. Algo mais estava acontecendo com ela, algo traiçoeiro e perigoso.

Segurou a agulha, lutando contra o mal que a ameaçava. Acreditava ser o mesmo que provocara pus nos ferimentos de James; ela o combateria e o expulsaria da mesma forma.

— Hoje você participou de uma caçada e abateu um búfalo — disse, com frieza. — Não é homem que mereça pena.

James estava demasiado febril para sentir a frieza de suas palavras.

— Gosto do seu tratamento — disse, rindo. — Esquecerei minhas queixas por um pouco mais desse chá.

— Não se mexa — pediu-lhe, preparando-se para dar o primeiro ponto. — Vou tentar terminar depressa.

Ele agarrou com firmeza o forro de couro sobre o qual estava deitado e, ainda sorridente, voltou a cabeça em direção ao fogo.

— No entanto, os seios são outro assunto. Não vou me esquecer de seus seios macios.

Quando finalmente adormeceu, Kezawin cobriu-o com um cobertor e sentou-se a seu lado, contemplando-lhe o rosto. Ela não mais se importava com a sombra da barba dele, nem com a cor pálida de sua pele ou cabelos. Muitas vezes nem se lembrava de que ele era um homem branco. Fúteis foram seus esforços para esquecer que ele era um homem. Diversas vezes, ela o surpreendera olhando-a com desejo e sentia que algo se agitava dentro de seu ventre.

Quando o mensageiro anunciara a caçada vitoriosa e os ferimentos dos caçadores, ela sentira um aperto no coração. Depois, ao perceber que James havia enfaixado seu próprio ferimento, prosseguiu com suas obrigações, todo o tempo ciente de que ele deveria estar sofrendo muito. Se tivesse morrido, seria por seu próprio orgulho masculino e seu destino teria sido interrompido. Ela não tinha a pretensão de saber qual seria o destino dele, mas tinha a certeza de que, de alguma forma, estava ligado ao dela. O gamo branco não permitiria que ela se esquecesse disso.

Mas a mulher gamo impedia que se esquecesse de outro aspecto de sua sina. Kezawin, como todos, temia uma parte de si própria que parecia não se importar com qualquer noção de decência. Era a faceta que debochava de sua feminilidade, que a fazia desejar um homem ao mesmo tempo que lhe negava um lugar permanente em sua vida. O, sonho lhe dera poderes que a diferenciavam de qualquer outra mulher, e essa singularidade continha sua própria maldição, condenando-a à solidão. Circulavam muitas histórias, histórias revestidas da força da tradição. Contava-se que a avó de um ou o tio de outro haviam presenciado a transformação da mulher em gamo ou do gamo em mulher. Um homem não devia jamais deitar-se com a Mulher Gamo Sonhadora, pois quem haveria de confiar nela?

Kezawin havia sentido a força da mulher gamo em suas visões, povoadas por esse homem que a deixava úmida como se tivesse sido tocada, e seu desejo se tornava mais intenso por saber que era apenas uma visão, jamais seria realidade. Sua risada era um aviso para que se afastassem, pois seus poderes tinham enorme força. Dizia-se que ela poderia encantar um homem, seduzi-lo com o único fim de atraí-lo para a morte.

Mas não esse homem, pensou. Quando soubera que ele estava ferido, seu coração gritou: não esse homem! Ela lutaria contra aqueles terríveis e estranhos desejos, ainda que seus sentimentos se intensificassem dia a dia.

Com dedos tímidos, tocou-lhe a face quente e deu-se conta de que o contraste entre seus tons de pele era agradável aos olhos, como um pedaço macio de pele de gamo tingido com pigmento de amora e adornado com pespontos brancos. Afastou-lhe do rosto os cabelos abundantes, caídos em desalinho sobre a fronte alta e, neles, descobriu a mesma cor dos pêlos que recobrem o dorso de um antílope-cabra; tocou seu queixo voluntarioso, quadrado e saliente. Não era mais o rosto de um estranho, de

homem branco, era a face que lhe trazia o sol pela manhã, promessa de dias plenos de coisas boas a serem compartilhadas. Era o rosto de seu amigo.

Kezawin pensava nele a ponto de tomá-lo sob sua proteção, por algum tempo. E ele a fazia sentir-se feliz com o sorriso cálido de um homem que a via como Kezawin e não como a Mulher Gamo Sonhadora. Mas ela sabia quem era. Por isso, jamais poderiam ser amantes.

O sol da manhã penetrou pela abertura da tenda de James, tocando-lhe a perna doente. Ao perceber que a perna não suportaria seu peso, improvisou uma muleta com um galho de freixo e tratou de seguir com suas tarefas de rotina. Ao meio-dia, estava de volta à tipi de Kezawin, a perna inchada e mais uma vez infeccionada. Ela repetiu o tratamento, oferecendo-lhe mais ervas para combater a infecção. Urso Solitário aproximou-se algumas vezes para perguntar sobre seu hóspede? mas se absteve de qualquer conselho. Alguns homens não reagiam ao tratamento do shaman, mas poucos aceitariam a ajuda de uma mulher ainda que dotada de poderes de cura. No entanto, como esse homem era branco e wakan, suas atitudes eram imprevisíveis.

Ao cair da noite, a febre alta tomou conta do corpo de James. Kezawin tratou-o, drenando o ferimento, banhando-o, forçando-o a ingerir as poções que preparava; rezava todo o tempo para que os poderes dela não anulassem os dele.

— Não corte minha perna — implorava ele, a boca seca.

Kezawin sorriu e deslizou a mão por sob sua cabeça, suspendendo-a enquanto aproximava uma tigela de seus lábios; ele negou-se a tomar.

— Quero sair disso com duas pernas, Kezawin. Você está entendendo? Duas pernas.

— Eu entendo.

— Não seria parte do tratamento, não? Decepar membros?

— Não para um amigo. Se você pertencesse à tribo dos crows ou dos pawnees, eu poderia pensar nessa possibilidade.

— Os médicos de minha terra praticam a amputação tanto em amigos quanto em inimigos.

— Eu jamais o ofenderia desse modo — prometeu ela, enquanto ele tomava a infusão. — A cura acontece dentro de você, James. Eu posso alimentá-lo e tentar expulsar o mal de seu corpo, mas é necessário que você conjure os poderes que lhe dão a vida. Deve rezar.

Esse apelo veemente tocou fundo em suas recordações. Lembrou-se da pequena mulher frágil cujas orações eram murmuradas entre desesperadas tentativas de conseguir um pouco de ar, e de um homem que falara de orações, seus passos ecoando em direção à saída, após cerrar a porta, deixando atrás de si o quarto escuro.

— Não tenho fé, Kezawin. Só tenho minha força de vontade. Minha única e teimosa força de vontade. Este é meu poder. Este é meu scwi.

— Sua vontade não lhe dá a vida, James.

— Eu tenho vida. De onde vem, de que poder, isso eu não sei. Só tenho a certeza de que tenho vida e que não vou desistir dela. E também não pretendo desistir de minha perna. Seus poderes de cura dão resultados. Eu sei disso. Traga-me os diários para que eu possa tomar notas sobre o tratamento.

Mas assim que ela colocou os diários em suas mãos, ele mergulhou no sono.

Pouco a pouco, James foi se recuperando do ferimento da perna; durante todo o tempo, tinha o diário sempre à mão. Kezawin mostrou-lhe como preparava as ervas medicinais, não apenas para seu caso, como também para outros, e ele preencheu páginas e páginas com anotações. Compartilhavam desses momentos, mas, sempre que tentava tocá-la, ela recuava. Cada vez que suas risadas se transformavam em sorrisos cálidos e depois em olhares cheios de desejo, ela afastava-se, seguindo seu próprio caminho. Passavam quase o dia todo juntos, mas ela se recusava a falar das noites. Quando ele comentava sobre a solidão de um homem, ela mudava de assunto. Os poderes dela o haviam curado, mas seus mitos o estavam deixando louco.

Urso Solitário executou inipi, o rito de purificação, em James, mas foi uma experiência inócua. Durante todo o ritual, Kezawin cuidava do fogo aceso ao ar livre, rolando as pedras ferventes para dentro da tenda em forma de domo, sempre que o ancião as solicitava. A pequena tenda encheu-se de vapor e James transpirava; sentia-se irritado e impaciente tanto com a fumaça, que fazia seus olhos arderem no escuro, quanto com os cânticos monótonos do ancião. Depois de muito tempo, os dois homens foram banhar-se nas águas frias do rio; então James se vestiu e foi em busca de Kezawin. Contou-lhe que se sentira limpo, mas sem inspiração.

Com o passar dos dias, conversavam cada vez menos. Era a época em que a relva mudava do verde para uma cor parda, sem vida, e em que o vento quente zumbia nos ouvidos, entorpecendo a mente, mas não se podia atribuir só às mudanças sazonais o esfriamento de suas relações.

Certa manhã, Kezawin saiu de sua tipi e descobriu que a tenda de James havia sido desmontada; ele havia partido.

Capítulo IV

Boston.

Inverno de 1827

Ezra Breckenridge era um homem rico e poderoso. Seu avô, durante a época colonial, havia amealhado a fortuna da família dedicando-se ao comércio na cidade de Boston. Seu pai, como membro do Congresso da Província, garantia a influência política, e sua mãe, do clã dos Dexter de Boston, contribuía para a respeitável posição social de que desfrutavam. Ezra seguira a tradição familiar com bastante sucesso. Atraía para si grandes somas de dinheiro e contava com o apoio de amigos e políticos junto às altas esferas do poder. Um dia decidiu acrescentar suas próprias armas ao brasão da família, perseguindo interesses mais grandiosos. Transformou-se então em homem da ciência.

Aos cinquenta anos, não iria dedicar-se aos estudos; quanto ao seu filho Orson, ao ser expulso da Universidade de Harvard logo no primeiro ano, falhara em atingir os objetivos pessoais do pai. A única alternativa seria, então, tornar-se um patrono das ciências. Financiando a expedição de um jovem e promissor naturalista ao interior do continente, conseguiria vincular seu nome a um importante trabalho científico. Nem mesmo a construção de um monumento faria com que fosse mais conhecido e, sem dúvida, esse feito lhe traria o respeito de toda a comunidade acadêmica.

Finalmente, o protege viajante havia retornado e era imprescindível que se festejasse a ocasião. A casa dos Breckenridge, em Cambridge, estava toda iluminada; inúmeras carruagens se enfileiravam na entrada enquanto os convidados, pessoas ricas, influentes e também intelectuais, desciam no pátio recoberto de pedras e subiam os degraus em direção às colunas brancas que sustentavam a enorme mansão.

Assim que chegara a Boston, James Garrett enviara a Ezra uma extensa coleção de espécimes botânicos, montada com todo o cuidado; estes estavam, nesse momento, expostos em cada mesa, estante, prateleira e console, distribuídos nas diversas salas por onde os convidados circulariam. É claro que eles também iriam conhecer o homem do momento, aquele que seguira à risca as instruções de Ezra.

Breckenridge acompanhava a conversa a seu lado, mas com a atenção voltada para as palavras trocadas no vestíbulo, cada vez que chegava um convidado. James estava atrasado e Ezra Breckenridge não gostava que o fizessem esperar. Era inadmissível supor que ele fosse apresentar a coleção aos convidados mais intelectuais, espalhados pela sala de estar, sem a presença de seu assistente de trabalho.

— Estamos ansiosos para ter Garrett de volta na universidade — dizia um dos convidados. — É um excelente professor.

— Deve ter sido uma maravilhosa aventura — dizia outro. — Se eu fosse vinte anos mais moço, ou mesmo dez, gostaria de visitar essas fantásticas montanhas e os desertos do Oeste. Você já viu o diário, Breckenridge?

— O quê? Ah, não, ainda não. Acredito que ele tenha a intenção de entregá-lo hoje. Espero que não tenha se alongado em demasia, tendo em vista o volume de trabalho que nos aguarda antes de enviá-lo para a impressão.

— É verdade. Imagino que você deva ter passado bastante tempo mergulhado em pesquisas.

— Qualquer trabalho que tenha o meu nome...

Breckenridge mostrava um sorriso fixo e forçado. Não lhe convinha demonstrar quão ansioso estava com o atraso de seu assistente.

— Ah! Creio que nosso intrépido colega encontrou a entrada — comentou ele, com casualidade.

Com um suspiro profundo, James Garrett adentrou o saguão da casa de Breckenridge, já imaginando que uma hora de conversa de salão seria o máximo que poderia suportar. Depois, ele se desculparia dizendo que um assunto urgente necessitava de sua presença. Entregou a cartola e a capa preta de lapela de veludo ao mordomo e passou os dedos rapidamente pelos cabelos. Ainda não se havia acostumado ao corte curto.

Fizera chegar a Breckenridge uma duplicata de sua coleção de plantas do Oeste, o que era suficiente para entreter os convidados por uma noite. James se aborrecera pelo fato de sua presença ter sido exigida como parte da exposição. No entanto, parecia ser uma regra tácita: era preciso agradar o mecenas que demonstrava um interesse amoroso pelas ciências. A comunidade acadêmica dependia das doações dos ricos. Fonte de curiosidade superficial para a maior parte das pessoas, a ciência pura era amplamente financiada por amadores. Consciente de suas obrigações, James se submeteria a essa provação com todo o charme possível, para depois desfrutar um canecão de cerveja no Green Dragon.

— Bem-vindo! Bem-vindo, meu rapaz — saudou-o, a mão pesada sobre o ombro de James. — Senhoras e senhores, dêem as boas-vindas ao homem que passou dois longos anos nos territórios livres a oeste do rio Mississippi, coletou raros espécimes de botânica e trouxe-os para enriquecer nosso conhecimento. O Sr. James Garrett.

Seguiram-se os aplausos e James inclinou a cabeça em sinal de agradecimento.

— Ezra Breckenridge é um grande amigo da ciência — disse aos convidados. — Esse empreendimento só foi possível graças a seu apoio. Gostaria de lhe agradecer por isso.

No meio dos aplausos, Breckenridge aproximou-se e perguntou em voz baixa:

— Onde estão os diários? O Hector guardou-os junto com sua cartola?

— Os diários? — espantou-se James, dando um olhada pelo salão. — Não vi qualquer razão para trazê-los.

O semblante de Breckenridge toldou-se de imediato. Demorou certo tempo para que o sorriso afável voltasse a seus lábios e desse um tapinha condescendente nas costas de James.

— Mais tarde falaremos sobre isso. Todos estão ansiosos para conversar com você. É claro que conhece o professor Harding melhor do que eu, não é mesmo? — disse, incluindo o professor na conversa.

James estendeu a mão para o homem gordo de cabelos brancos que estava ao lado de Breckenridge.

— Boa noite, senhor.

— Muito boa noite para você, Garrett.

— Para todos nós — acrescentou Breckenridge.

— Seria maravilhoso se pudéssemos ter participado de sua expedição — comentou o professor. — Mas você trouxe para nós o horizonte distante, Garrett, e estamos ansiosos para ouvir os relatos que acompanham essa notável coleção.

James escolhera com todo o cuidado as histórias que deliciariam os convidados de Breckenridge. Eles queriam ouvir sobre os ursos e bisões, o esplendor das montanhas e os estranhos costumes dos índios. Falou-lhes sobre os lakotas, usou até mesmo algumas palavras na língua deles, mas nada contou sobre Urso Solitário, Escudo de Trovão, ou Vista Longa. Ocultou, ainda mais zelosamente, o nome de Kezawin.

Depois de deixar que James circulasse por algum tempo entre os convidados, Breckenridge conduziu-o a um escritório, fechando a porta. A festa transformara-se em um burburinho longínquo; o anfitrião sentou-se em uma imponente poltrona estofada, de espaldar alto, atrás de uma mesa e retirou da gaveta um documento escrito.

— Este é nosso acordo, meu jovem. Em troca do meu apoio financeiro, devo receber a completa coleção dos espécimes botânicos, devidamente catalogados com comentários.

Pela própria natureza de James, a cena fazia com que seu estômago revirasse. As palavras meu jovem lembravam-lhe desagradavelmente a expressão meu rapaz, e o homem do outro lado da mesa lhe lançava um olhar acusador, bastante conhecido. Lembranças do pai fizeram com que James se mantivesse na mais fria reserva. Retirou um charuto do bolso interno do casaco.

— Gostaria de fumar? — perguntou com formalidade a Breckenridge, que recusou.

James aproximou-se da lareira e acendeu o charuto com uma fagulha. Deu uma baforada e ficou olhando a ponta por algum tempo, como se isso fosse muito mais importante do que as palavras de Breckenridge. Por fim, sentou-se.

— Espero receber os diários ainda hoje — disse Breckenridge.

— Pareceu-me que o senhor estava ansioso para expor os espécimes. Preparei-os em primeiro lugar. Meus comentários sobre a coleção, que incluem uma amostra de cada planta, serão enviados dentro em breve.

— Quero seus diários exatamente como estão. A essa altura, não há necessidade de qualquer refinamento, Garrett. Conhecendo sua reputação, estou certo de que você foi bastante cuidadoso. Pretendo publicar as descobertas da expedição Breckenridge tão logo quanto possível, e já tratei com...

— Os diários são de minha propriedade — comunicou James, direto. — Imaginei que o senhor doaria os espécimes e os comentários a alguma das instituições para as quais contribui, mas pode fazer com eles o que melhor lhe aprouver. Os diários são pessoais e me pertencem.

— Não concordo, Sr. Garrett. Nós dois sabemos que os diários contêm o filé mignon do trabalho.

— É verdade — concordou James, dando uma baforada e envolvendo-se em um véu azul. — Eu me propus a organizar uma coleção botânica, classificá-la e descrevê-la, e foi o que fiz. Além disso, estive em contato com um mundo que nos é totalmente desconhecido e meus diários contêm observações sobre aquele mundo. Esta parte do trabalho, senhor, não foi mencionada em nosso acordo, e o senhor não tem qualquer direito sobre ela.

— Tenho direito sobre tudo relacionado à Expedição Breckenridge. Paguei por isso, portanto me pertence.

James encarou-o através da nuvem de fumaça azulada. Seus diários estavam repletos de descobertas que estavam muito além do medíocre poder de imaginação de Breckenridge. Jamais poderia ser o proprietário deles. Algumas das coisas que James escrevera jamais seriam publicadas. Suas memórias não estavam à venda. O que ele, James, e mais ninguém, publicaria algum dia seriam certas considerações que iam além da ciência pura. Enquanto a primeira parte do trabalho limitava-se a observações profundas, renovadoras, mas puramente científicas, os relatos dos últimos meses superavam tudo o que havia sido observado até então.

— Asseguro-lhe que cumpri minha parte do contrato, Sr. Breckenridge. O senhor não ficará desapontado com meus comentários, que serão escritos com muito cuidado, em linguagem acessível aos leigos. Será uma leitura agradável. O senhor pode publicá-lo, colocando seu nome como o responsável na primeira página. Estou certo de que seus amigos gostarão muito.

James levantou-se e deu uma última baforada em seu charuto antes de jogá-lo na lareira. Havia perdido o gosto pelos charutos fortes. Um fogo aceso ao ar livre de um acampamento, um cachimbo comprido e o gosto suave do kiniknik o atrairia muito mais. Se estivessem seguindo os costumes lakotas, o cachimbo poderia ter controlado o ódio crescente entre os dois homens.

— Você vai se arrepender de me haver enfrentado, Garrett. Os diários me pertencem. Vai ser muito difícil encontrar um advogado nesta cidade que esteja disposto a representá-lo nos tribunais.

— Se assim for, eu mesmo me representarei.

Nesse momento alguém bateu de leve na porta.

— O senhor está aí, papai?

— Sim, sim, entre — respondeu impaciente. — O que você quer, Orson?

Surgiu na porta um rosto avermelhado.

— O senhor está tendo algum problema? O nosso amigo não está tentando nos passar para trás, não é?

— Entre e feche a porta, Orson — disse Ezra, levantando-se e aproximando-se de James. — Acredito que o Sr. Garrett saiba que estaria sendo um tolo se pretendesse me ofender, não é mesmo, Sr. Garrett?

James virou-se para o jovem com o rosto coberto de espinhas, parado de braços cruzados no umbral da porta e, então, voltou à atenção para o pai barrigudo. Em alguns anos a mais, pensou, estariam idênticos.

— Não era minha intenção ofendê-lo. Mas também não pretendo entregar-lhe meus diários. Se o senhor sentiu-se ofendido com isso, nada posso fazer.

— Vou me certificar de que ninguém financie seu trabalho — explodiu Ezra, o sangue subindo-lhe às faces. — Vou me assegurar de que ninguém mais lhe dê um centavo. Posso fazê-lo, você sabe disso. Percebe que com algumas poucas palavras em ouvidos certos posso fazer com que nunca mais se escute falar do jovem e brilhante naturalista James Garrett? Pode tentar vender seus diários por toda parte, meu jovem; jamais conseguirá qualquer resultado.

— É por acaso o senhor pretende viver mais tempo do que eu? — perguntou James, irônico. — O estado apoplético em que o senhor se encontra deve fazer muito mal a sua saúde.

— Está ameaçando meu pai, Garrett? — perguntou o jovem, dando um passo à frente.

— Para mim chega — encerrou James, caminhando em direção à porta. — A festa já não está me divertindo. O senhor receberá os comentários segundo o contrato, mas os diários são de minha propriedade.

James lançou um olhar furioso a Orson que, na frente da porta, impedia a passagem.

— Desculpe-me — disse James, empurrando-o com o braço.

— Seu trabalho jamais será publicado — ameaçou-o Ezra, a voz trêmula de ódio. — Suas expedições estão acabadas, sua carreira, sua reputação...

— Desejo-lhe uma boa noite, senhor.

James dirigiu-se logo para o Green Dragon, onde o rum Medford e a companhia dos amigos dissiparam seu mau humor. Ao reencontrar-se com amigos e companheiros da universidade, passou a contar e ouvir histórias e a levantar sucessivos brindes. A luz amarela dos lampiões de óleo da taverna produzia sombras altas nas paredes; nelas misturavam-se as sombras das bonitas garçonetes, dos escuros trabalhadores das

docas com as dos intelectuais, comerciantes e políticos. Nenhuma história ali contada era demasiado afetada ou abertamente grosseira, e a única coisa que levavam a sério era a bebida.

— Conte-nos sobre o búfalo de cabeça peluda, Garrett. Quantas lanças você teve que usar para abatê-lo?

— Isso me faz recordar a minha viagem em meu navio para a África — dizia um deles. — Vi os mais estranhos animais. Rinocerontes. Elefantes.

— O senhor matou algum elefante, capitão?

— Quase. Tinha ele na minha mira.

— Mas voltando ao búfalo. Era muito grande?

— Bem grande — James contava ao grupo. — Suficiente para alimentar sua família durante todo o inverno.

— Não o bando de pirralhos do velho Charlie. Já são catorze, não, Charlie?

— E as mulheres, hein, Garrett? Quantas garotas selvagens de pele vermelha você abateu?

James não respondeu, tirando os óculos, e olhando fixamente para a mesa.

— Isso me lembra as mulheres nativas que vi na África — interrompeu o capitão. — Elas andavam quase nuas, é claro, e quando você está negociando, aprende a escolher as melhores. As mais jovens...

— As mulheres lakotas não têm a pele vermelha, nem... — James olhou para o grupo que estava atento as suas revelações.

— De que cor é a pele delas?

— Que cor têm sob os seus...

— Chega! — exclamou James, a cadeira caindo no solo quando se levantou.

James viu a surpresa nos olhos dos amigos, ele mesmo surpreso com sua reação. Na verdade, conhecia só uma mulher lakota e saltara em sua defesa. Buscou seu costureiro autocontrole.

— As... hum... as mulheres lakotas são bastante recatadas. Na verdade, muito reservadas.

— Você quer dizer que elas não se deitaram com você?

— Um exemplar tão bonito como o James — comentava um deles, seguido de risos.

— Ou talvez elas fossem todas umas bruxas.

— Talvez ele não soubesse as palavras certas.

— Ou o preço certo. Você lhes ofereceu um pouco de...

— Não! — A raiva brilhou em seus olhos, embora não soubesse bem por quê.

James sempre tivera espírito esportivo quando a conversa entre amigos caía para um tom de caçada. Pegou o copo e tomou o último gole de rum forte de uma só vez. Sentiu uma agradável sensação invadi-lo; sorriu e voltou a sentar.

— A única coisa que eu tinha para oferecer-lhes era um punhado de ervas daninhas, meus amigos. As mulheres não ficaram nada impressionadas.

— Na próxima vez que for em uma dessas suas viagens, leve com você algumas bugigangas — alguém sugeriu. — Um homem precisa de um pouco de diversão, não importa onde esteja. Eu tenho alguma.

James riu com eles. Todos sabiam que Charlie tinha divertimento suficiente em sua própria casa. Quanto mais corria o rum, menores eram as probabilidades de transformarem em atos todas as vantagens que contavam. Mas quando soou uma risada feminina acima do tom grave das vozes masculinas, surgiu na mente de James a imagem de uma mulher que estava quase meio continente longe dele. O cabelo era negro e brilhante e seu rosto adorável estava molhado pela chuva. James sentiu que seu coração batia mais rápido. Voltou a cabeça em direção ao riso.

A mulher tinha cabelos ruivos e lábios da cor de morangos, em um rosto pálido. Ria com vontade enquanto servia canecas de cerveja a outros homens em uma mesa próxima.

— Betty é tão selvagem quanto qualquer pele-vermelha — confidenciou alguém ao lado de James.

Era seu velho amigo Glover que lhe sorria com malícia.

— Ela já deu várias olhadas significativas para você esta noite.

— É mesmo?

— Sem o menor disfarce. Acho que suas histórias sobre caçadas acabaram por impressioná-la.

Um sorriso espalhou-se pelo rosto de James. Finalmente suas proezas como caçador haviam conquistado o respeito merecido. Levantou a voz, dirigindo-se ao outro lado da sala.

— Srta... Betty, não é? Poderia, por favor, encher minha caneca com cerveja?

Betty logo circulava em torno da mesa deles, inclinando-se para encher as canecas até a borda e presenteando James com uma vista generosa de seus seios fartos. Quando ela sugeriu que gostaria de descansar um pouco, James afastou sua cadeira, fazendo com que se sentasse sobre seus joelhos. Cheirava a cerveja e gordura de cozinha, e o que ele queria era cheiro de madeira queimando e relva suave. Afastou esse desejo da mente, tratando de voltar à realidade. Betty era real.

Ela passou as mãos pelos seus ombros, avaliando seu físico por debaixo das ombreiras do casaco.

— Que vigoroso você é, não? Forte o suficiente para abater um elefante com um único golpe de lança.

— Búfalo — corrigiu ele, apertando-lhe a cintura.

Ela riu excitada, movendo os quadris. James cerrou os olhos, encostou o queixo no franzido do decote profundo da blusa dela e aninhou o rosto no vale entre os seios fartos. Abstraiu de sua mente o ruído da taverna. Escondido em seu pensamento, encontrou a lembrança doce de seu próprio rosto febril roçando na frescura de seios firmes.

— Posso conseguir um quarto para nós lá em cima — sussurrou Betty.

James levantou a cabeça e sentiu-se levemente surpreendido quando encontrou cabelos ruivos ondulados em vez dos bonitos cabelos lisos, negros... Deus do céu. Como a realidade podia ser decepcionante.

Ela não entendeu a expressão fria dele.

— Você deverá pagar pelo quarto, mas eu não vou cobrar nada.

— É muito generosa.

— Gosto de você — disse sorrindo, os olhos verdes brilhando.

— Por quê? — perguntou ele. — Teve alguma visão comigo? Um raio caído do céu prometendo que eu viria?

Ela parecia intrigada. James lhe deu um tapinha nas nádegas, sabendo que entenderia esse tipo de linguagem.

— Eu também gosto de você, Betty. Não há nada complicado em você ou em sua oferta — disse, os olhos cheios de desejo. — E eu virei. Prometo-lhe.

— Não há pressa — sussurrou em seus ouvidos. — Relaxe e desfrute da companhia de seus amigos. Eu me encarrego de tudo.

Betty levantou-se e fez todo o possível para encantá-lo com seu sorriso. Nada conseguiu; não havia qualquer mistério nos olhos dela, nada que pudesse excitar a imaginação. Mas sentira desejo por ela e era tudo o que precisava nesse momento.

— Eu tenho um quarto — disse ele. — Não fica longe daqui.

Sendo Ingersoll's uma das mais respeitáveis hospedarias de Cambridge, James decidiu conduzir Betty pela entrada dos fundos; na escuridão, subiram a escada em caracol que dava acesso ao quarto. Preveniu-a de que não pisasse no quinto degrau, pois o ranger certamente despertaria os demais. Era tarde da noite e James seria expulso caso incomodasse os outros hóspedes. O ar frio da noite dissipou o primeiro entusiasmo provocado pelos quadris de Betty. Quanto antes ele terminasse com aquilo e se livrasse da mulher dando-lhe um bom dinheiro, melhor. O sorriso dela, o olhar vidrado e os risos abafados que mais pareciam soluços começavam a irritá-lo.

Assim que abriu a porta, uma figura sombria no meio do quarto fez com ele estacasse de súbito.

— O que você...

James deu um passo à frente, protegendo Betty com o corpo.

— O que você quer? — perguntou, desvencilhando-se da própria capa, atirando-a ao chão juntamente com o chapéu.

O intruso afastou-se da escrivania. Um reflexo de aço brilhou em sua mão.

— Ele tem uma faca... — murmurou Betty, atrás de James.

— Não tenho nada de valor aqui. Vá embora e nós esqueceremos o que...

O vulto sombrio atirou-se sobre James, e os dois homens caíram juntos no chão, enquanto James esforçava-se para alcançar o braço que empunhava a arma. A capa do intruso transformou-se em terceiro oponente. Rolaram juntos e, engalfinhados, lutaram pela posse da lâmina mortífera.

Enquanto tratava de se defender, James se deu conta de que embora o homem fosse mais forte, era menos ágil. Se o homem, muito mais pesado, conseguisse reverter as posições e ficasse por cima de James, este estaria perdido. Escutava Betty gritando por socorro, e sentia o hálito quente do intruso, cheirando a leite azedo, penetrando em suas narinas. Com um movimento rápido, James atirou a capa sobre a cabeça do outro, conseguiu virá-lo de bruços e segurou sua cabeça de encontro ao chão. O homem gemeu e teve convulsões como se estivesse pendurado no laço de uma forca. Em seguida, ficou imóvel.

Uma única vela iluminava o quarto criando sombras irreais. Com o peito ainda arfando pelo esforço, James afastou-se da enorme figura enrolada na capa, apoiando-se em um dos joelhos. Uma segunda vela veio juntar-se à outra. Ouvia-se um murmúrio de várias vozes. James olhou para cima. A Sra. Ingersoll segurava o castiçal no alto e tinha os olhos arregalados. Sua camisola de flanela chegava ao chão. O Sr. Lorry, do piso inferior, aproximava-se com seu castiçal, e Betty andava de lá para cá, atrás deles. Havia um murmúrio de vozes no escuro, além do umbral da porta.

— Quem é essa mulher? — perguntou a Sra. Ingersoll, indicando com os olhos a mulher amedrontada que estava atrás dela. — O senhor sabe que não permitimos isso, Sr. Garrett.

James endireitou os ombros enquanto voltava a respirar normalmente. Um grande alívio, mais a sensação de que estava rodeado de absurdos e uma louca risada ameaçavam escapar de seu corpo.

— O que significa isso, Sr. Garrett? O que o senhor fez aqui? Esta é uma casa respeitável. Não permitirei esse tipo de coisas em minha...

— Vejam! É sangue!

O Sr. Lorry apontou para uma poça escura que se formava debaixo do assaltante enrolado, que aumentava cada vez mais. James virou o homem para cima e retirou a capa que o cobria, enquanto Betty começou a contar:

— Ele estava nos esperando aqui, no escuro. Ele tinha uma faca. Quando o Sr. Garrett lhe disse para ir embora em paz, o maldito ladrão avançou sobre ele, como se fosse...

A faca estava enterrada até o cabo na barriga do homem. James buscou a pulsação no pescoço, mas não havia nenhuma; no entanto, pôde sentir algo escondido por baixo do casaco. Empurrou um braço sem vida para o lado e encontrou dois livros com encadernação de couro. Buscou a luz das velas e o Sr. Lorry se aproximou, ardendo de curiosidade. James voltou o rosto sem vida do homem em direção à luz.

— Maldito seja, Orson. Se você não fosse tão gordo, teria escondido os diários na barriga, na frente de suas calças. Poderiam ter salvado sua vida inútil.

Durante o inquérito, os depoimentos de Betty e das testemunhas da Pensão Ingersoll inocentaram James; no entanto, ele não pôde reaver seus diários. Assim que retornou à hospedaria, foi informado de que havia sido expulso e que deveria se apresentar a Barkleigh Harding, o chefe do Departamento de Botânica de Harvard. Harding recebeu-o num minúsculo cubículo atrás de um quarto de depósito poeirento, perto do laboratório. James interpretou a atitude como indício de que já não era bem aceito.

— Estou certo de que você tem consciência de que esse caso Breckenridge tornou-se para nós um assunto desagradável — disse Harding, sentando-se em um dos bancos altos de madeira, próximo aos armários de carvalho.

James colocou o pé sobre um banquinho, apoiando as mãos sobre o joelho.

— Um homem invadiu meu quarto — disse, impassível. — Fui obrigado a me defender.

— Sabemos disso, James. Breckenridge é um homem pomposo e seu filho era um idiota.

— Não houve qualquer acusação.

— Muito bom — disse Harding. — Isso é muito bom, James. Detestaria vê-lo apodrecer na prisão por algo assim.

— As autoridades têm meus diários em seu poder?

— Não — disse Harding, desviando o olhar. — Não estão com seus diários. Breckenridge exigiu-os juntamente com os pertences pessoais do filho.

— Então é ele quem os tem?

— Estão comigo. Ele quis que eu desse uma olhada. Planeja publicar as conclusões da Expedição Breckenridge, mas, é claro, esses relatos estão muito além do que ele possa entender.

— Parece que o pesar pela morte do filho durou muito pouco — comentou James com um sorriso amargo.

— Suspeito que a vingança terá prioridade sobre o luto, James, e sugiro que você tome suas precauções em relação a sua segurança pessoal.

— Que destino será dado aos meus diários?

— Ainda não decidi o que fazer com seus diários — confessou Harding, depois de uma pausa. — Seja o conteúdo deles fato ou ficção, são certamente fascinantes. Não consegui parar de ler até chegar à última linha.

— Fato ou ficção? — revoltou-se James. — O senhor conhece meu trabalho, professor. Eu estudei todos os seus trabalhos, assim como os de Nuttall e os de Say. Conheço seus predecessores de cor, mas ousa afirmar que a profundidade de meu trabalho, meus diários, ultrapassam qualquer outro estudo sobre os territórios a oeste de...

— Ah, você ousa afirmar, é? O que realmente significa toda a mistificação sobre aquela mulher índia, James? Parece que você foi muito além da observação sobre qualquer cultura primitiva. Na verdade, eu diria que dá crédito às práticas pagas dela, chegando perigosamente a afirmar que ela tenha conhecimentos médicos ou, pior ainda, algum poder divino de curar.

James sentiu sua cabeça latejar. O professor estava falando sobre Kezawin, fazendo com que se sentisse um traidor. Jamais tivera a intenção de expô-la a esse terrível escrutínio. Desejava escrever sobre o que ela lhe ensinara, mas adaptaria os diários para que ela não fosse acusada de feitiçaria ou bruxaria por aqueles que nada sabiam de sua vida e tradições. Não que os preconceitos pudessem atingi-la em seu mundo, mas afetariam James, que não saberia como reagir.

— Nada falei sobre Deus ou poderes sobrenaturais — esclareceu James. — Tomei nota sobre a utilização de ervas medicinais e, até onde me foi permitido, observei os resultados. Ela tratou um grave ferimento meu com incrível sucesso.

— Sim, eu li sobre isso — concordou Harding. — Foi bastante interessante. Devo dizer-lhe que os seus... vamos dizer, sentimentos em relação à mulher são bastante claros em seus escritos.

— Aprendi a respeitá-la. Aprendi muito com ela.

— Tanto quanto aprendeu comigo ou com Thomas Nuttall, ou com Thomas Say?

Havia um inequívoco desafio no olhar duro de Harding. Seus cabelos brancos e as rugas do rosto envelhecido só serviam para dar maior peso a sua autoridade.

— É claro que não — confessou James, em voz baixa. — Ela não tem estudos e... não foi treinada para um raciocínio filosófico e científico.

Em sua mente, era como se ela estivesse ali, presenciando a traição. Sentiu um peso no coração e tentou buscar algum meio de se redimir.

— O senhor deve entender que ela é...

— Uma selvagem, James. O cérebro deles é menor que o nosso, você sabe. Eles são simplesmente incapazes de participar de um nível mais elevado de... É claro que você sabe disso muito bem. Você ficou fora dois anos e tem os desejos de um homem. Acredito que a mulher fosse atraente e você...

— Senhor, eu lhe imploro que me devolva os diários.

Harding levantou-se devagar, as juntas protestando sob o peso de tantos anos.

— Entendo seu dilema, James. Reconheço que é um trabalho que contém alguns momentos de gênio. Por outro lado, há certos aspectos, certos elementos, certas implicações... Poderiam arruiná-lo e você sabe disso. Por mais fascinantes que possam ser, superstições pagas devem ser consideradas tolice pela mente científica. Esses ritos não podem constar como se fossem algo superior a...

— Os ritos não fazem parte de minha pesquisa. Eu apenas descrevi o uso de ervas no tratamento de doenças e ferimentos.

— Descreveu os poderes de uma mulher que pensa poder se transformar em gamo. Meu Deus, homem, você seria objeto de piada de toda a comunidade científica!

— Não tinha intenção de ressaltar esse aspecto de sua vida. Não tem qualquer implicação...

— Implicação! É uma mistificação, posso lhe dizer. Uma coisa é observar os homens primitivos e descrevê-los sob o ponto de vista do homem branco civilizado, inteligente, temente a Deus, que fala nosso idioma; outra muito diferente é... — Harding interrompeu-se, tentando controlar a emoção e voltar à postura racionalista, conveniente a um cientista. — Como eu estava dizendo, grande parte de seu trabalho é valioso, instrutivo e merece atenção. Pretendo acalmar Breckenridge publicando-o como sendo de autoria dele; seu nome constaria como sendo seu assistente de trabalho.

— Assistente dele...

— E, James, sugiro que desapareça por algum tempo — aconselhou. — Vá visitar sua família na Virgínia. Talvez em dois ou três anos, quando o furor de Breckenridge pela morte do filho houver diminuído, você possa voltar e retomar seu posto na universidade.

— Estou sendo destituído de meu cargo de professor?

— Temo que sim. Não podemos nos arriscar a perder as generosas doações de Breckenridge.

A diligência deixou a praça Scollay às três da manhã. O enorme veículo movia-se desajeitadamente pela cidade adormecida, sobre suas ruas calçadas de paralelepípedos, livres de qualquer tráfego. Sacolejou pelos sulcos de terra da estrada de Boston Post, dirigindo-se ao sul. Cobrindo dez quilômetros por hora, levaria no mínimo dois dias para chegar a Nova York; dois dias para que o viajante pudesse decidir como refazer sua vida.

James não tinha qualquer plano. Pensara muito em colocar o velho Breckenridge na cova ao lado do filho, mas a razão prevalecera. O professor Barkleigh Harding, homem a quem James sempre admirara, sacrificara a carreira de um cientista pelo bem da universidade. Talvez tivesse sido uma atitude prudente, mas

James ponderava quantos outros cientistas seriam expulsos para o bem da mesma causa.

James decidira contratar um advogado para ter de volta seus diários. Não conseguira ninguém que se dispusesse a aceitar a causa. Ouviu diversas desculpas baseadas em possíveis conflitos de interesses; um advogado mais franco acabou por aconselhá-lo a se afastar e permanecer o mais longe possível de Boston, caso surgissem novas provas sobre as circunstâncias da morte de Orson Breckenridge.

Depois de percorrer todos os canais legais, ele passou a analisar as outras opções que lhe restaram. Os diários haviam sido roubados dele por meios legais. Se quisesse recuperá-los, deveria buscar uma saída. Fora ao escritório de Harding no fim da tarde para entregar suas chaves, despedir-se, representar o papel do cavalheiro que entendera a posição do velho professor e agradecer por seu nome constar como assistente no Projeto Breckenridge. James devolvera-lhe as chaves. Harding as jogara na gaveta, trancara seu escritório, e continuaram conversando enquanto percorriam juntos, pela última vez, o corredor deserto.

Ao chegarem ao saguão, apertaram-se as mãos e cada um seguiu seu próprio caminho. Harding tinha um compromisso para jantar. James dera a volta no edifício, entrara usando uma duplicata da chave e retornara ao escritório de Harding, onde sua chave mestra fizera com que o arrombamento fosse desnecessário. Ele sabia que para Harding os diários pertenciam à universidade e a lógica lhe dizia que deveriam estar guardados em seu escritório. Encontrou-os na gaveta da escrivaninha.

A diligência ia sacolejando na escuridão da madrugada e James pensava sobre a sugestão de Harding para que voltasse a Virgínia a fim de se recuperar das mágoas sofridas.

Sua casa. Garoto, havia deixado sua casa perto de Falmouth, no rio Rappahannock, com as ameaças do pai zumbindo em seus ouvidos. Danação eterna esperava o filho que se recusara a cumprir os desejos, do pai. O velho desejava que ele se dedicasse à plantação de tabaco, mas James não tinha maior interesse em agricultura e sentira-se muito satisfeito em desafiar alguém que abandonara uma criança gravemente doente e uma mulher frágil para que morressem na chuva. Com a herança que recebera de seu avô materno, James garantira seus estudos em uma universidade de grande prestígio. Não havia retornado a casa por mais de dez anos e não pretendia fazê-lo nesse momento.

Sem dúvida, os rumores sobre seu envolvimento na morte de Orson Breckenridge já deveriam haver chegado em Falmouth e em Ridge View, a fazenda dos Garrett. Seu pai insistiria na idéia de que James matara um homem em defesa de alguma tolice intelectual e que seu lugar no inferno estaria assegurado. Então, ofereceria a James um meio de se redimir.

Só teria que colocar o rabo entre as pernas e fazer o que o velho queria. Como se regozijaria em representar o papel do pai magnânimo, acolhendo o filho pródigo!

James não suportava qualquer tipo de farsa. Não tinha de se desculpar com ninguém. Sua vida ainda lhe pertencia, assim como seus diários. Haveria ainda muitas páginas de outros diários a serem preenchidas. Seus trabalhos exibiriam seu nome, não o de seu pai ou o de Ezra Breckenridge. O que parecera ser um beco sem saída era, na verdade, uma encruzilhada. Seguiria com a diligência até o fim da linha e, então, rumaria outra vez para o Oeste.

Capítulo V

Paha Sapa, as Montanhas Negras.

Verão de 1827

A Lua das Cerejas era a época dos dias longos e quentes, quando os homens lakotas cumpriam suas promessas e ofereciam sacrifícios ao Sol. As tribos dos tetons sioux reuniam-se às margens do rio Spearfish, no sopé da Paha Sapa, para a cerimônia de doze dias da Dança do Sol. Haviam vindo para a terra sagrada onde, desde os primórdios, os homens dilaceravam sua própria carne e derramavam seu próprio sangue para o bem de seu povo. Era também a época sagrada em que mães traziam bebês para furar as orelhas, em que jovens buscavam visões; em que os homens maduros tentavam conseguir novas experiências místicas, e as mulheres buscavam sinais fortes de amor, um útero fértil ou um parto bem-sucedido.

Na procura de ervas às margens do riacho, Kezawin encontrara um destes sinais, o trevo de quatro folhas, uma promessa de amor. A descoberta provocou-lhe um ataque de riso. O amor, bem o sabia, fora excluído de seu destino. O fato de ela haver encontrado o trevo, e não as outras que o buscavam, era, com certeza, provocação de Tunkasila, o avô das alturas. Pensou em deixá-lo para uma das jovens, mas, afinal, decidiu guardá-lo em sua bolsa de couro. De volta à tenda, examinou-o com todo cuidado. Urso Solitário entrou nesse momento.

— Filha, tenho algo para lhe contar.

Kezawin guardou a planta sob o abrigo de dormir e atirou no fogo um broto de sálvia e um galho de choupo.

— O senhor é bem-vindo, pai.

O velho sábio tomou o lugar reservado aos homens, sentando-se com as costas apoiadas na confortável armação de galhos de salgueiro. Aceitou as frutas e a carne charqueada que Kezawin lhe oferecera, mas provou apenas alguns pedaços.

— Nosso amigo Garrett é prisioneiro dos skidis — declarou, para surpresa de Kezawin.

— James? — murmurou ela. — Desde quando? Ele foi feito prisioneiro quando nos deixou no verão passado?

Urso Solitário negou com um gesto de cabeça.

— Há algum tempo, dois homens brancos estavam viajando com um guia da tribo dos yanktons. Os skidis só levaram os homens brancos e abandonaram nosso primo como morto. Seus parentes o encontraram e trouxeram para ser tratado.

— Quando foi isso?

— Há dois dias.

Kezawin sabia o que significava. Teriam apenas três dias mais para agir. O solstício de verão era a época da cerimônia nas montanhas, mas nas planícies, não muito longe do sul, os odiados pawnees — aos quais a tribo dos skidis pertencia — também costumavam venerar seus deuses nessa época. Enquanto a Dança do Sol dos lakotas durava doze dias, o ritual pawnee não levava mais do que cinco. A mente de Kezawin zunia com uma confusão de imagens: um grupo de três cavaleiros, um redemoinho de poeira e cavalos, cavaleiros urrando com a cabeça pintada de vermelho, raspada, exceto por uma faixa de cabelos bem no centro, espetados como os espinhos do porco-espinho. E, no meio de tudo isso, o rosto que ela não esquecera. Escutou o tropel dos cavalos e as batidas aceleradas dos corações, primeiro o dele, depois o dela.

— Nosso primo está bem — disse Urso Solitário.

O som da voz de seu pai passava ao largo.

— James não pode ser deixado com os skidis.

— Talvez já o tenham matado — falou Urso Solitário em voz baixa.

— Não. Se ele estivesse morto eu saberia.

— Como?

O olhar de Kezawin revelava uma convicção tão profunda, que era difícil explicar. Naquele momento, James Garrett estava vivo. As batidas do coração dele eram tão reais quanto as suas próprias.

— Os skidis já devem ter ouvido falar de mim — disse ela. — Muitas pessoas sabem quem é Mulher Gamo Sonhadora da tribo de Urso Solitário.

— Se já ouviram falar de sua beleza, poderão fazê-la prisioneira e ainda matar Garrett.

— Tenho que preparar um suadouro — decidiu-se ela. — Preciso purificar meu corpo e minha mente para que possa conceber um bom plano.

Kezawin viajou só. Quando chegasse às terras dos pawnees, nenhuma arma a protegeria; assim, só levava uma pequena faca que ela usava para cortar frutos e ervas. Rumava em direção ao sul, impulsionada por sua vontade férrea. No vapor da tenda de suadouro, elaborara seu plano e, depois de repassar cada detalhe, sentira o ar mais leve.

Os pawnees eram um povo que vivia em cabanas feitas de terra, e há muito eram inimigos dos lakotas. O cavalo que Kezawin montava e o outro que puxava pelas rédeas seriam prêmios tentadores, assim como o alforje amarrado em sua garupa. Ela própria tinha seu valor. Uma mulher era, em primeiro lugar, mãe em potencial e, depois, mão-de-obra. Sob os dois pontos de vista, representava uma valiosa propriedade. Com certeza, naquele momento, eles teriam percebido a presença dela e poderiam abordá-la quando desejassem. Estariam à espreita para tentar descobrir os planos daquela mulher lakota.

As planícies banhadas de sol estendiam-se a perder de vista, mas começavam a surgir alguns sinais da aldeia, como estrume de cavalo e o pasto cortado rente pelos dentes dos animais. Com certeza, as sentinelas surgiriam antes que ela se aproximasse das fileiras de milho ou das pequenas elevações de terra de que tanto ouvira falar.

Apareceram todos ao mesmo tempo, no topo de uma colina. Quatro deles aproximaram-se a cavalo, em marcha lenta. A égua baía de Kezawin levantou as orelhas em sinal de atenção, mas Kezawin não alterou a marcha. O coração batia forte, porém ela mantinha a cabeça ereta, sem demonstrar medo. Sua única vantagem era a audácia, e era com essa atitude que iria impressioná-los. Só diminuiu a marcha quando bloquearam sua passagem. Parou e fez sinal de que desejava falar.

A atitude dos quatro guerreiros era claramente hostil. Suas cabeças quase totalmente raspadas brilhavam ao sol e suas mãos brandiam machados de guerra. Pela mente de Kezawin, passou a imagem repentina de seu crânio sendo golpeado e abrindo-se em pedaços; no entanto, ergueu os olhos, decidida, enfrentando o exame que lhe faziam. Por certo saberiam interpretar o significado dos chifres de gamo pendurados em seu cinto e, ainda que não tivessem respeito pelos poderes dos lakotas, perceberiam que somente uma mulher dotada de fortes poderes atravessaria sozinha as terras de seus inimigos. Era óbvio que ela não se havia perdido. Também já teriam se assegurado de que ela viajava desacompanhada.

Depois de trocarem algumas palavras, os quatro homens dispararam a um só tempo. Um deles tomou a dianteira enquanto os outros rodeavam Kezawin. Cavalgaram juntos em formação até chegarem ao topo de outra colina. Nas planícies que se espalhavam abaixo, as folhas verdes brilhantes dos pés de milho agitavam-se em meio à relva parda; mais além, estava a aldeia dos pawnees.

Com expressão altiva, Kezawin cavalgava em direção à aldeia, escoltada pelos guerreiros. Alguns subiram no topo de suas choças para ter uma melhor visão da mulher lakota que chegara à aldeia desarmada, montada em seu cavalo e trazendo, pelas mãos, outro animal. Admirando a cena, uma criança perdeu o equilíbrio e escorregou por um lado da cabana, arrastando consigo o irmão mais velho. No alto de outra cabana, uma garotinha grudava-se à saia da mãe que, embora falasse em uma língua desconhecida, devia estar ordenando à criança que se calasse.

Os guerreiros skidis conduziram-na para a entrada ovalada da choça principal. Um dos homens partiu em seguida. Os outros desmontaram e, através de gestos, indicaram a Kezawin que fizesse o mesmo. Então, um ancião emergiu da cabana e os três dirigiram-se a ele em tom respeitoso. Tinha a curva de suas orelhas toda furada, adornada com argolas de contas e pequenos pedaços de osso que tilintavam cada vez que ele assentia com um gesto de cabeça. Quando voltou-se para Kezawin, ela lhe indicou, com sinais, que desejava negociar. O ancião pareceu surpreso.

O guerreiro que partira minutos antes voltou acompanhado de uma jovem. Gritou alguma ordem e ela se aproximou.

— Sou a Mulher Relva Suave, outrora yankton, agora a segunda mulher de Mensageiro do Céu, da tribo dos skidis —falara a jovem no dialeto nakota, bastante semelhante ao lakota.

— Sou Kezawin, filha de Urso Solitário, dos hunkpapas. Também sou conhecida como Mulher Gamo Sonhadora.

Mulher Relva Suave recuou. Erguendo a cabeça, Kezawin esperou. Enquanto o ancião ouvia a jovem traduzir suas palavras, Kezawin só tinha olhos para a reação dos homens. O medo refletido nos olhos deles foi um sinal auspicioso.

Mulher Relva Suave deu-se conta de seu próprio valor ao perceber que todas as atenções se voltavam para ela, enquanto traduzia. Endireitou os ombros e transmitiu a mensagem dos homens que, até aquele momento, jamais lhe haviam dedicado qualquer atenção.

— Texugo, chefe dos skidis, diz que a Mulher Gamo Sonhadora parece não ser tola. Ele deseja saber por que uma filha dos hunkpapas veio aqui para negociar com os pawnees.

— Disseram-me que os skidis aprisionaram um homem branco alguns dias atrás. Creio que conheço esse homem. Se assim for, gostaria de comprá-lo.

Texugo e o líder do grupo de escolta começaram a falar entre si, em voz baixa. Mulher Relva Suave esperava, paciente, para transmitir a resposta.

— Os skidis têm dois prisioneiros brancos. O mais forte está sendo preparado para Tirawa. Texugo ainda não se decidiu quanto ao outro.

James era forte e saudável. Kezawin tremeu por dentro, pensando que nenhum outro homem poderia agradar tanto os pawnees quanto ele.

— O homem que busco é wakan — disse ela através da intérprete. — Eu, que sonhei com a mulher gamo, também sonhei com esse homem. Ele é sagrado e deve ser protegido. Os poderes dele farão com que os meus sejam ainda mais fortes. É por isso que vim, sem nenhum medo. Meu sicun, o gamo branco, guiou-me até aqui para comprar esse homem.

Depois de mais discussões entre os homens, finalmente Texugo decidiu:

— Vamos ver o que você tem a oferecer.

Kezawin descarregou o cavalo de carga e esticou no chão quatro peles de búfalo pespontadas. Como Mulher Relva Suave notara, as cores vividas e o bordado notável provavam a arte de alguém que sonhara com a mulher gamo e que, portanto, tinha o direito de chamar-se a si mesma Mulher Gamo Sonhadora. Kezawin também mostrou uma bolsa para cachimbo, um par de bolsas para cavalo e uma manta para sela, todos com o mesmo trabalho de bordado. Embora Texugo não se mostrasse muito impressionado, pensava que aqueles bens valiam muito mais do que qualquer inútil homem branco.

— Texugo aceita os presentes e também os dois cavalos — traduziu Mulher Relva Suave. — Pode levar seu prisioneiro e retornar em paz a seu povo.

— Tem que ser o homem que busco — disse Kezawin.

— Texugo disse que um já foi escolhido para Tirawa. Você comprou o outro.

Os braços de James doíam e seus pés estavam dormentes. Desde sua captura, passava grande parte do tempo encolhido e enrolado, como se fosse alguma massa especial. Ficava imaginando quanto tempo levaria para que o assassinassem. E ele só tinha querido caminhar livremente e observar os costumes e hábitos dos pawnees, participar do que lhe fosse permitido. Em vez disso, mal permitiam que se mexesse.

Por algum tempo, mantiveram-no ao lado do jovem Red Girard, o grande e robusto caçador que, antes de ser dominado, quebrara diversas costelas dos pawnees. James havia passado um dia inteiro amarrado às costas de Girard, tempo suficiente para que ficassem enjoados um do cheiro do outro. Desde o princípio, os pawnees tinham mostrado grande interesse pelo físico privilegiado de Red e por seus cabelos vermelhos. O caçador sabia: se tivesse quebrado o nariz do filho do chefe, pagaria caro por isso. Concluiu que eles estavam tentando decidir onde pendurariam seu escalpo vermelho quando tudo tivesse acabado.

Nenhum dos dois sabia muito sobre os pawnees, exceto que eram inimigos dos sioux; isso significava que a fluência de James em lakota de nada adiantaria para fazer amizade com seus captores. Depois de algum tempo, levaram Red, abandonando James em um canto da grande choça feita de terra, junto ao cavalo do chefe. Todas as manhãs, ele e o cavalo eram levados para fora. Permitiam que o animal pastasse e que James fizesse suas necessidades e logo o levavam de volta à cabana e o amarravam mais uma vez. À noite, levavam-no para beber água e então ele e o cavalo eram reconduzidos ao canto e amarrados com tiras de couro.

James tentava se concentrar no tênue raio de luz que penetrava pela abertura destinada à saída da fumaça. Tinha as narinas cobertas de poeira e, no pescoço, um ferimento infeccionado, provocado por um golpe quando tentara reagir à captura. Agora, com as mãos atadas, nada podia fazer.

Tentava identificar a origem de cada som fora da cabana. Doze pessoas viviam naquela choça, membros de três famílias. Com razão, preferiam passar a maior parte

do tempo ao ar livre; no entanto, sentia-se reconfortado quando uma mulher ou algumas crianças, ainda que o ignorassem, entravam por alguns momentos, aliviando o tédio.

Naquele momento, havia certa agitação fora da cabana. Com a face colada ao piso poeirento, esforçava-se para escutar. O murmúrio grave de vozes masculinas soava distante; o exercício mental era, no entanto, uma forma de distração. Tratava-se de algo vivo, algo humano, e James sentia que estava se distanciando perigosamente desses dois elementos.

Carregando, em cada braço, um abrigo de pele de búfalo, um homem idoso, seu "anfitrião", entrou na cabana. James voltou-se para o outro lado da sala e, quando um raio de luz iluminou um dos abrigos, notou o trabalho de pesponto. Os desenhos complexos eram sioux. A visão provocou-lhe um aperto no coração. Lembrou-se, nostálgico, das tipis arejadas com suas paredes opacas, o piso coberto por abrigos de búfalos e o cheiro da carne fervendo na panela. Uma mulher entrou carregando mais peças bordadas. Em seguida, entrou outra mulher. A entrada não passava de um túnel onde ressoavam os passos dos que se aproximavam, provocando-lhe angústia e ansiedade. De repente, James pareceu identificar a segunda mulher, pois ouvira o suave tilintar dos dentes de alce e a música dos metais que envolviam cada franja da barra do vestido. Não, não podia ser. Era evidente que os dias e as noites de cativo haviam, por fim, enlouquecido seu espírito. Perdera contato com a realidade e sua mente só via aquilo que queria ver. Kezawin.

As dúvidas de Kezawin sobre a identidade do homem que havia comprado só se dissiparam quando ela se dirigiu à parte iluminada da cabana. Respirou aliviada. Era James.

Ajoelhou-se a seu lado e ergueu-lhe a cabeça do chão sujo. Sentiu o hálito morno em seu pulso, quando ele balbuciou seu nome. James cerrou os olhos, buscando com os lábios secos e partidos o pulso amigo. Kezawin ansiava por examiná-lo cuidadosamente, como uma mãe com seu recém-nascido. Em vez disso, voltou-se, dizendo:

— Pergunte a Texugo se posso cortar as amarras do escravo. Paguei muito caro por ele e o quero inteiro e saudável.

— Escravo? — reclamou James, enquanto traduziam a pergunta, do outro lado da sala.

— Eu o comprei, James Garrett. Você me pertence a partir desse momento.

— Antes pertencer a você do que a ele.

A permissão foi concedida através de Mulher Relva Suave, e Kezawin cortou as tiras de couro cru que atavam as mãos e os pés de James. Entre os gemidos dele, Kezawin tentava ajudá-lo a se sentar. James a olhou, estendeu a mão e tocou-lhe o rosto e os cabelos trançados.

— Não deve me tocar, James — sussurrou ela, a voz embargada. — É meu escravo.

— Como foi que você me encontrou? Como soube que eu estava aqui?

Ela afastou do seu pescoço a gola da camisa, que se transformara em um trapo imundo, a fim de examinar-lhe o ferimento. Como estava demasiado escuro, inclinou-se para verificar se havia cheiro de carne gangrenada.

— Que mais lhe fizeram, James? Há algo mais...

— Está sozinha? — indagou, agarrando-a pelos ombros. — Não veio sozinha, veio?

— Não deve me tocar — repetiu, afastando-lhe as mãos. — Você é meu escravo. Diga-me onde mais foi ferido para que possa tratá-lo.

— Só no pescoço — respondeu, impaciente. — Kezawin, quem está com você? Quem a trouxe? Quem está cuidando de sua segurança?

— Ninguém veio comigo. Os pawnees são nossos...

— Eu sei — interrompeu ele, como se a palavra fosse uma maldição. — Sei disso. Mulher, você deve ter perdido o juízo. É tão louca quanto seu povo pensa que sou. Essas pessoas me deixaram amarrado por dias. Só Deus sabe o que pretendiam. O que a fez pensar que uma mulher, uma pequena e louca mulher...

A risada incontrollável ameaçava arruinar o comportamento contido dela; tentou apertar os lábios com dois dedos, mas não pode esconder o sorriso terno que aflorava em seus lábios, ao ouvir as suas palavras.

— Uma mulher muito bonita, uma mulher muito corajosa...

— Só temos permissão para partir amanhã e devemos seguir viagem a pé.

— A pé?

— Exigiram os dois cavalos como parte do pagamento.

Ele recebeu a notícia com um suspiro profundo.

— Há mais um prisioneiro, que foi capturado comigo, um caçador chamado Girard. De alguma maneira, devemos ver se ele...

— Falaremos disso depois — disse ela, pondo-se de pé. — Está em condições de andar?

Conseguiu se levantar, mas as pernas estavam tão fracas que foi obrigado a se apoiar nos ombros de Kezawin.

— Não estou tocando você. Só estou me apoiando.

— Parece mais um bezerro recém-nascido.

— Nesses últimos dias, sinto-me como se tivesse retornado ao útero materno.

James deu uma olhada em direção a Texugo e Mulher Relva Suave, que se transformara em ouvinte interessada.

— Ele vai permitir que a gente saia agora?

Kezawin fez um sinal com a cabeça para Mulher Relva Suave, que transmitiu a pergunta.

— Texugo só lhes dá permissão para irem até o rio. Seu escravo deve ser lavado. Ele pode ser confundido com um cavalo.

Texugo tapou o nariz ao dizer sua piada e riu ainda mais quando escutou a tradução em lakota.

— Só um velhote míope poderia me confundir com um cavalo — resmungou James. — Eu não recomendaria a hospitalidade dos pawnees a meus amigos, mas posso pensar em alguns inimigos que gostaria de ver...

— Controle sua língua, James — alertou-o Kezawin, ajudando-o até a saída. — Ainda somos convidados aqui.

Lavaram-se separadamente e, quando Kezawin retornou ao lugar que James escolhera para se banhar, encontrou-o só de cuecas molhadas que lhe chegavam aos joelhos. Suas calças de pele de gamo, a camisa rasgada e as meias agitavam-se ao vento leve, penduradas em um arbusto próximo, enquanto ele, sentado em um choupo caído, tentava em vão colocar as botas nos pés molhados. Kezawin sorriu com carinho e ficou pensando nas razões que os haviam levado a escolher o outro homem, quando James era tão saudável e atraente. Enterneceu-se com a careta marota que ele lhe fez.

— Qualquer dia desses você vai me surpreender nu e aí vamos ver quem ri por último.

— Tuki, homem branco — provocou-o, usando a expressão exclusiva das mulheres para caçoarem das fanfarronices dos homens. Depositou a sacola e outros apetrechos debaixo do tronco onde James se sentara. — Lembre-se de que a Mulher Gamo Sonhadora ri de qualquer coisa que a diverte.

— E se descobrir que pagou caro demais por um farsante, Mulher Gamo Sonhadora, quem deverá rir então?

— A mulher gamo — disse ela enquanto cortava e arrancava, para fazer fogo, um galho seco enredado nos arbustos de frutas silvestres, cheios de folhas prateadas. — Eu só consigo estar um passo à frente daquela astuciosa trapaceira. Não posso esquecer que ela tem duas faces.

— Nenhuma delas é tão bonita como a que surgiu diante de mim hoje. Quando você se aproximou daquele poço escuro e a luz a iluminou, parecia mais um...

Ele queria dizer um anjo, mas ocorreu-lhe que em seu mundo jamais se vira um anjo de pele morena e, por outro lado, não sabia nenhuma palavra em lakota que representasse a idéia. E além disso, se alguma vez, em toda sua vida, algum anjo intercedera por ele, acontecera nesse mesmo dia. Sua mãe falara de anjos quando os dois estavam gravemente doentes, e ele os imaginara criaturas de faces translúcidas, cabelos dourados, vestidos em túnicas brancas transparentes. Mas o que surgira

dentro daquele inferno usava um vestido de pele de alce, enfeitado com os matizes quentes da terra. Tinha os cabelos tão negros como a asa da graúna, e os olhos que se apiedavam de seu sofrimento. Ela se revelara, ao mesmo tempo, a essência do céu e da terra, e quando se ajoelhara a seu lado e erguera sua cabeça do chão sujo, erguera também seu coração.

James estava ainda meio atordoado e lento em seus reflexos. Ela interrompeu, por um momento, o que fazia e voltou-se para ele, esperando "que completasse o que estava dizendo.

— James, com o que mesmo eu parecia?

— Algo wakan — concluiu ele.

Só então se deu conta de que não estava juntando lenha para a fogueira. Levantou-se rápido para ajudá-la.

— Você era o raio de esperança que pôs fim ao meu desespero — continuou ele.

— Você era um pobre infeliz — disse ela, baixando os olhos.

Enquanto separava um graveto seco, Kezawin lembrava-se do alívio que a invadira quando, depois que seus olhos se acostumaram à escuridão, reconheceu James.

— Preciso cuidar desses ferimentos, caso contrário você acabará atraindo os lobos.

— Você me feriu, Kezawin, ainda que eu cante suas qualidades numa canção — disse ele, enquanto quebrava os galhos fortes, comparava a medida dos dois e buscava um terceiro.

— Não ouvi qualquer canção. Duvido que seu povo possa fazer uma boa canção, pois nunca escutei você...

O terceiro graveto escapou de suas mãos quando ele levantou a voz imitando uma canção lakota. Compôs os versos naquele momento e armou o tripé, cantando suavemente para ela.

"Ela vem a mim

Feliz eu me entrego

Ela me conduz na escuridão levando-me à luz

Mulher cujos olhos se enternecem de piedade

"Ela vem, ela vem."

Só depois de terminar foi que ele viu sua própria surpresa refletida nos olhos dela. Ele não estava certo de onde viera a canção e, agora que as notas haviam desaparecido e restara apenas o som do rio preguiçoso e o olhar surpreso de Kezawin, sentiu-se como um adolescente desajeitado.

— Você foi uma visão maravilhosa, sim.

— Porque você precisava de alguém.

— Porque foi você quem veio.

Em silêncio, acenderam o fogo. Quando Kezawin conseguiu ferver um pouco de água no recipiente que Mulher Relva Suave lhe emprestara, recolheu pedaços de casca de árvore e ervas secas e preparou uma infusão para tratar do ferimento. Sem fazer perguntas, ele a observava. O fogo crepitava e assobiava; atrás deles, a camisa e as calças balançavam-se ao vento. O ar morno da tarde cheirava à liberdade.

Com o líquido esquentando, ela começou a limpar o ferimento. James pulou ao calor da primeira aplicação, mas logo sua pele se acostumou à temperatura, fonte de conforto. Nesse momento, encostado no tronco do choupo caído, ele não conseguia pensar em como o bálsamo estava sendo preparado; só queria abandonar-se aos cuidados de Kezawin.

Era bom ficar ali observando-a, admirando certos detalhes gravados em sua memória e notando novos que, com certeza lhe haviam escapado meses atrás. Os cílios eram longos, escuros e bem retos. Não se lembrava disso. Mas não havia esquecido de como os cantos dos olhos se franziam quando ela ria, nem do modo em que a luz e a sombra acentuavam seu rosto anguloso. Não havia nada frio ou obscuro nela. Seu rosto parecia verão. Sua pele combinava com o sol.

— A mulher que traduzia deve viver com os pawnees há muito tempo — disse James.

— Ela é yankton, mas tem um marido pawnee. É provável que a tenham feito prisioneira há muito tempo.

— Por que não capturaram você? — perguntou ele. — Será que eles também a temem?

— A mulher yankton contou-lhes sobre meus poderes. Eles perceberam a minha coragem de vir até a aldeia deles desacompanhada.

— Por que o fez, Kezawin? — Ele tomou suas mãos. — Por quê?

— Por que você voltou?

— Meu trabalho ainda não estava concluído.

Ele não poderia confessar que não tinha mais para onde ir. Em sinal de cortesia, ela aceitou a resposta, mas retirou a mão e continuou a lavá-lo.

— Você não podia saber que não a matariam.

— A morte é sempre uma possibilidade. Eles ainda podem me matar, James. Podem matar você — disse ela, enigmática, e ao mesmo tempo com uma ponta de medo.

— Prometo não dizer uma palavra que possa ofendê-los.

Não cometerei nenhuma tolice. Você já se arriscou demais.

— Não se esqueça que o troquei por valiosos bens — disse-lhe enquanto lhe untava o pescoço com uma poção viscosa que cheirava à hortelã. — Você me pertence até que eu diga o contrário.

Sorrindo, ele assentou, o olhar perdido na outra margem do rio.

— Eu entendo, Kezawin.

Ao retornarem à aldeia, uma voz saudou-os em francês; era Red Girard saboreando uma refeição à sombra de uma das choças menores. Uma mulher rodeava-o enquanto outra lhe oferecia mais comida.

— Isso é que é vida, n'est-ce pás, mon ami? Vejo que também lhe deram uma mulher — riu Red. — Tem havido uma grande procissão delas trazendo-me comida e não sei mais o quê. Acho que querem que eu me decida por uma delas, mas cada uma parece mais bonita do que a outra.

Antes que James pudesse responder, Kezawin agarrou-lhe o cotovelo e murmurou:

— Você não deve dizer nem uma palavra.

Com um sorriso hesitante, James acenou em direção ao francês.

— Peca-lhes algumas roupas, Garrett — sugeriu Red, jovial. — Você parece com o próprio diabo. Olhe para mim!

Red vestia uma camisa branca nova e tinha no pescoço colares de contas e pedrinhas. Mais uma vez James acenou-lhe sorrindo e comentou em voz baixa com Kezawin:

— Com certeza, elas se encantaram com ele. Deve ser o seu charme francês.

— Vamos embora, James — insistiu Kezawin, com uma urgência na voz que o surpreendeu.

Enquanto compartilhavam a refeição da noite com a família de Texugo, Kezawin e James ouviam homens cantando nos dois extremos da aldeia. Embora fosse a primeira vez que James os escutasse, desde que fora feito prisioneiro, esses cânticos no fim do dia lhe pareceram um agradável costume. Até então, não lhe ocorrera associar a palavra agradável com qualquer coisa que viesse dos skidis. Mas agora que estava livre, ou quase, notou certa semelhança nos costumes quando os homens se retiravam e as mulheres recolhiam recipientes de madeira e argila e os caldeirões adquiridos em trocas.

Como qualquer criança, de qualquer raça, os meninos pareciam querer aprender com os pais algum tipo de artesanato, pois haviam trazido feixes de brotos de cerejeira, colocando-os aos pés dos mais velhos. Seguiu-se uma longa discussão enquanto Texugo, seus filhos mais velhos e genros desatavam os feixes e explicavam às crianças quais escolher. James deduziu que se preparavam para confeccionar flechas.

— Devemos ir dormir — anunciou de repente Kezawin. — Temos uma longa jornada pela frente. A filha de Texugo nos conseguiu um abrigo. — Ela notou o sorriso malicioso de James e acrescentou: — Lembre-se de seu lugar, James Garrett. Lembre-se de nossa situação.

Ele se esforçava para não esquecer. Tentou concentrar-se na fragilidade da trégua com os skidis enquanto deitava-se a alguns centímetros de Kezawin, protegidos pelo abrigo emprestado. Em que pensaria ela, deitada a seu lado, rígida e imóvel como um cadáver, tentando manter a respiração regular? Ela não estava conseguindo enganá-lo. Duas das mulheres vieram deitar-se na mesma choça. Uma roncava e a outra ressonava. Mas Kezawin estava bem desperta.

— Kezawin — sussurrou ele.

Nenhuma resposta.

— Detesto esse monte de sujeira. Não quero dormir em uma choça. Quero dormir em uma tipi.

Silêncio.

— Precisamos falar com Red amanhã, antes de partirmos. Não creio que eles o impediriam de ir conosco. O que você acha?

Um longo e profundo suspiro foi a resposta de Kezawin.

— Por outro lado, parece que ele está se divertindo bastante com a situação. Elas devem preferir os gordinhos.

Ele continuou falando, sem se preocupar com o silêncio dela.

— Eles tomaram meus diários. Estou passando por momentos infernais tentando manter as pessoas afastadas dos...

— Entregaram-me seus livros — murmurou Kezawin, seca. — Ficaram com o que tivesse utilidade para eles, mas não precisam de seus preciosos diários.

— Ah, bom, então eu...

— Pare de falar, James. Não quero enfrentar o nascer do sol depois de passar uma noite em claro.

— Então, boa noite — encerrou ele, dando-lhe as costas. Fechou os olhos e começou a contar de mil a zero até que a intensa percepção daquela presença acabasse por se dissolver no sono profundo. Ele se deixou embalar pelo ritmo abafado das batidas distantes de um tambor.

Mas os pensamentos de Kezawin estavam povoados por imagens do sorridente homem branco, com seus cabelos cor de sangue; ela não podia dormir.

Texugo despertou-os antes do amanhecer. Kezawin apertou o abrigo de dormir de encontro ao peito enquanto o ancião pawnee amarrava novamente as mãos e os pés de James, sob as vistas de vários guerreiros que os observavam ao pé do fogo. James não podia reagir.

— Você não pode levá-lo — exigiu Kezawin, tentando controlar o desespero que a dominava. — Paguei por ele. Fizemos um acordo, Texugo. Nenhum homem de sua casta quebraria sua...

— Texugo não pretende se apoderar de seu escravo — explicou Mulher Relva Suave, aproximando-se. — Mas o homem branco não pode sair da choça agora. Você deve ficar tranqüila, Mulher Gamo Sonhadora. Mais tarde, quando Tirawa for satisfeito com nossas oferendas para que nos conceda boas colheitas e saúde, estarão livres para partir ou ficar, como quiserem.

Texugo lançou a Kezawin um olhar inquisidor e duro. Carregava mais peles de couro cru. Sem escolha, ela assentiu, e o índio voltou-lhe as costas abandonando a cabana. Logo ouviu-se um ruído de madeira batendo. Era quando os guerreiros pegavam as armas. Um ruído que aterrorizava todas as mulheres.

— Que diabos está acontecendo aqui? — perguntou.

Embora suas mãos estivessem atadas às costas e seus pés imobilizados, James conseguiu rolar para o lado e sentar-se. Virou-se para Kezawin que estava encolhida sob o abrigo de búfalo.

— O que eles estão fazendo? Por que me amarraram desse jeito? Pensaram que eu iria interferir com as orações da manhã?

— Eu jamais presenciei esse costume dos skidis, mas já ouvi algumas histórias a respeito.

— Histórias sobre o quê? O que estão fazendo?

— Não é a forma dos lakotas. Esses povos têm estranhos costumes, assim como o seu povo.

Ela alcançou o vestido e colocou-o sobre a cabeça. Quando o rosto dela surgiu pelo decote, James se assustou com a expressão selvagem de seus olhos.

— Quando estiver acabado, poderemos voltar aos lakotas. Dormiremos em uma tipi e não haverá...

— O que eles estão fazendo, Kezawin?

Ela não respondeu. Ele voltou a sua antiga prática de tentar identificar qualquer som abafado encostando-se nas paredes espessas e tentando interpretá-lo. A aldeia parecia estar sob enorme agitação.

— Eles estão sendo atacados? — indagou ele. — É isso? Corte minhas amarras, Kezawin. Confie em mim. Deixe-me... — Ele ouviu um grito angustiado. Alguém chamara seu nome. Red Girard? James concentrou-se no som. Ouviu mais uma vez. — O que eles estão fazendo com Red? — perguntou, olhando-a intensamente. — Kezawin? Kezawin! O que estão fazendo com Red?

— Você não pode ajudá-lo, James. Não deve tentar.

— Meu Deus! Eles vão matá-lo. Kezawin, eles vão matar o homem!

Kezawin fechou os olhos e abraçou os joelhos, enterrando as unhas na própria carne. A luz da manhã penetrou lentamente pelo topo da choça, através da fenda da fumaça.

— Você precisa... você precisa me soltar.

— Eu preciso levá-lo de volta aos lakotas — murmurou ela...

Os sons vinham agora do lado oeste da aldeia, e os gritos de Red eram desesperados e furiosos.

— Garrett, seu maldito, ajude-me! Eles vão me queimar vivo! Está me ouvindo? Onde diabos se meteu você, seu covarde? Maldito seja, você tem que me ajudar!

— Kezawin, por favor — sussurrou James, tenso. — Nós não podemos ficar aqui parados.

— Eles o matariam também, James.

— Garrett!

— Kezawin, nós precisamos fazer alguma coisa — implorava James, tentando em vão se libertar das amarras.

— Eu preciso levá-lo de volta aos lakotas — repetia ela. — É tudo o que sei.

— Kezawin, eu conheço aquele homem. Viajei com ele. Solte-me. Solte-me agora!

O grito dele foi acompanhado por um uivo distante e agonizante.

— Ele não sofrerá mais — sussurrou Kezawin. — Eles o mataram rapidamente. O resto não importa.

— Oh, meu Deus!

— Você não poderia ter evitado isso, James. Se eles o tivessem escolhido, eu não conseguiria evitar.

Do lado de fora, a manhã era invadida por gritos clamorosos. James escondeu o rosto nos joelhos. Kezawin tocou-lhe os cabelos e ele estremeceu.

— Você sabia — gemeu ele.

— Sabia.

— Deveria ter me contado — disse, erguendo a cabeça e olhando-a duramente.

— Se o tivesse feito ontem à noite, eu poderia tentar impedir.

— Você não é um guerreiro. Você é wakan e precisa ser protegido.

— Protegido! Que tipo de mulher é você? Como você pode salvar um e deixar o outro...

— Paguei o preço pelo prisioneiro que não havia sido escolhido. Até o momento em que o vi, não sabia qual homem havia comprado.

Escutavam os gritos frenéticos do outro lado das paredes.

— Deveria ter me contado — repetiu ele, controlando o tom da voz. — Um homem toma suas próprias decisões e você me considera menos que um homem...

— Acho que, por destino, você será mais do que um homem. Não foi escolhido pelos pawnees porque o gamo branco o escolheu primeiro.

— Isso é o que você diz.

— Não poderá entender seu destino enquanto estiver dominado pelo orgulho, James Garrett. Seu amigo está morto.

Os gritos enlouquecidos desapareciam na distância enquanto uma voz diferente chegava aos ouvidos de James. Uma única voz de homem, um gemido pesaroso, suplicante, um lamento doloroso.

— Ele está morto? — agitou-se ele. — Então o que é esse gemido?

— Creio que são os lamentos do homem que o fez prisioneiro — ela explicou. — Ele foi obrigado a executá-lo. Agora sofre por ter tirado uma vida.

James balançava a cabeça, atônito.

— Seu amigo está morto, James. Não estava em seu poder evitar a morte dele. Ponha de lado todo esse orgulho e chore sua morte.

Capítulo VI

Como presente de despedida, Texugo dera um cavalo a Mulher Gamo Sonhadora. Não era um animal tão bom quanto os dois que ela negociara, mas seria indispensável na longa viagem de volta. O velho chefe convidou-a a permanecer entre os pawnees, pois a força de seus poderes e sua coragem eram inegáveis. Ela poderia conservar seu escravo e nenhum homem a molestaria. Kezawin recusou delicadamente a oferta, pois tivera uma visão muito clara do caminho que deveria percorrer e não ousaria contrariar seu destino.

James não dizia uma só palavra. Quando a Mulher Relva Suave entrou na cabana para comunicar que Texugo desejava vê-los, ele já havia desistido de lutar. Não mais se importava com as amarras, que eram a única coisa real em meio ao pesadelo. As mãos e pés atados impossibilitavam qualquer ação. Tudo mais era demasiado absurdo para ser real. Quando Kezawin o desamarrou, apenas esfregou os pulsos machucados, recolheu seus diários e, como um sonâmbulo, saiu da choça. Alguém lhe estendeu um embrulho que, com gestos automáticos, amarrou na garupa do cavalo. Deveria ter sugerido que Kezawin montasse, mas não o fez. Quando chegou o momento da partida, tomou as rédeas e ela seguiu um passo atrás.

Ao percorrermos a aldeia, James olhava cada um dos rostos solenes dos pawnees. Pouco lhe importava que sua atitude fosse considerada rude. Lembrava-se dos garotos trazendo feixes de galhos para confeccionarem flechas. Havia trabalhado lado a lado, os mais velhos ensinando os meninos. Onde estavam aquelas flechas? Quem havia atirado em Red? Cada rosto que via lhe parecia suspeito. "Foi você?", pensava ele. Que papel lhe coubera? Os olhos escuros escondiam segredos

tenebrosos? Havia, em seus rostos, vestígios de fuligem; em seus cabelos, cinzas esbranquiçadas. Não passavam de selvagens sanguinários! Caminharam primeiro rumo a oeste e depois para o norte. Em um outeiro árido, na extremidade da aldeia, encontraram duas estacas queimadas e as cinzas fumegantes do que havia sido uma fogueira. Tudo estava parado. O sol da manhã intensificava a umidade do verão, e o ar estava impregnado do cheiro de sangue queimado. Por onde passavam, James parava e, com o peito apertado, examinava cada detalhe. Kezawin, como de costume, prestava atenção a terra. Interrompia a marcha, arrancava algumas plantas, para em seguida alcançar James, que caminhava a passos rápidos. Até o fim da tarde, não trocaram uma só palavra. Só quando a sede levou o cavalo a buscar um lago formado pelas águas de uma mina, James decidiu parar.

— Mulher Relva Suave nos deu um pouco de carne seca — disse Kezawin, retirando uma bolsa de couro cru do cobertor enrolado na garupa do cavalo. — Encontrei algumas raízes para cozinhar junto com a carne, se você quiser acampar neste lugar.

— Não comerei nenhum pedaço da carne dada por esse povo.

— Nesse caso, espero que você goste das raízes — disse ela. — São as primeiras da estação, mas têm bom aspecto. Vou cozinhá-las e, assim que você comer sua parte, colocarei minha porção de carne.

James deu água ao cavalo e ficou de mau humor enquanto ela cozinhava. Tentava, em vão, se convencer de que o cheiro da carne dada pelos pawnees revirava-lhe o estômago. As raízes silvestres não satisfizeram sua fome, e seu mau humor aumentou. Era irritante ver Kezawin cozinhar apenas uma porção de carne e consumi-la toda, sem pensar que ele pudesse mudar de idéia. Enquanto ela limpava os utensílios, ele se esforçava para se controlar.

— Você sabe o que fizeram com ele? — perguntou James, quebrando o silêncio.

— Já ouvi muitas histórias a esse respeito — respondeu ela em voz baixa, o vento agitando as folhas dos choupos.

— Eles não o queimaram vivo, não é mesmo?

— Não. Primeiro atingiram-no com uma flecha, que atravessou seu peito. Foi uma morte rápida.

— Por que então continuaram a uivar e a gritar e por quê...

— São os costumes dos skidis. Não são costumes lakota. Não sei explicar.

— Mas você me impediu de fazer algo a respeito.

— Não fui eu quem amarrou suas mãos.

— É verdade, mas foi você quem não quis desamarrá-las.

— É essa a maneira que um homem branco chora a morte de outro? — censurou-o. — Parece um modo estranho de diminuir o sofrimento da perda, esse desfiar de atitudes que poderia ter tomado. A morte não se importa com nada disso.

Com um suspiro profundo, James levantou a cabeça, olhando uma nuvem passar.

— Todos eles estavam envolvidos, não é? Eu pude ver em seus olhos. Até mesmo as crianças.

— O que você viu?

— Desejo de sangue.

— Você mesmo já matou, James.

Ele a encarou, assustado, nervoso com a acusação. Como ela soubera? Sentiu as pontas dos dedos enregeladas e a palma das mãos úmidas de suor, enquanto o sangue lhe invadia as faces e a pulsação se tornava mais forte. Os olhos dela eram escuros e inescrutáveis como os dos pawnees. Mas eram os olhos de Kezawin. E ela o conhecia.

— Aquilo não foi assassinato — reagiu com mais veemência do que pretendia.

— Não. Não quando você necessita de carne do animal para se alimentar. Não quando sua família está faminta. Mas tirar uma vida sempre implica sofrimento — disse ela. — Quando você colhe uma planta, não expressa sua pena em sua própria língua? Em geral, você diz algo para cada uma delas.

James sentia a cabeça girar em total confusão. O que ela estava dizendo? De repente, sentiu-se aliviado. Ela nada sabia sobre o homem que ele havia matado. Isso era bom. Não devia dar importância ao que ela estava falando, pois ela nada sabia. Por vezes, ela era extremamente intuitiva e, no momento seguinte, completamente ingênua. Se ela imaginara que ele murmurava algum tipo de oração ao colher uma planta, estava, é claro, totalmente enganada. Em geral, fazia suas observações para si mesmo, mas nunca houvera qualquer lamento. Por Deus, ele era um cientista! Além disso, não cometera nenhum assassinato. Agira em legítima defesa. Não fazia sentido tentar justificar-se nem tampouco sentir-se tão mal.

— Caçar e coletar plantas não são assassinatos — disse ele, mais calmo.

Percebendo que essa conversa não levaria a nada, ela deixou seus pensamentos de lado.

— Você costuma sair-se bem em roubos, James?

— Que tipo de pergunta é essa? — reagiu ele, outra vez assustado.

— Precisamos de outro cavalo.

— Ah, sim. Um cavalo.

Ele nada havia roubado que não lhe pertencesse por direito; apenas recuperara seus próprios diários. Se os lakotas consideravam isso roubo, deveriam homenageá-lo por seu único feito.

— E de quem eu poderia roubar um cavalo?

— De qualquer um que se distraia por um momento — respondeu Kezawin, sorrindo.

Ele já fizera uma tentativa. Passavam por um pequeno grupo acampado em um vale que Kezawin identificara como Ponca; não seria difícil roubá-lo. Há muito tempo, o povo lakota o havia expulsado, com a ajuda dos primos yanktons e yanktonais. Calculando o número de pessoas no pequeno grupo, James concluiu que seria capaz de afastar as quatro mulheres e os diversos jovens, um ou dois de cada vez, mas teria dificuldades com os três homens. Além disso, só tinham quatro cavalos. Tentou se convencer de que os poncas estavam próximos de sua aldeia e não necessitavam tanto de seus cavalos quanto ele e Kezawin.

Calculando a distância entre os cavalos pastando e o fogo do acampamento em torno do qual tomavam o café da manhã, decidiu lançar mão do fator surpresa. Mas emboscadas não eram seu forte. Atacou depressa demais e os cavalos dispararam em todas as direções; ele só escapou ileso porque estava montado.

Depois de quatro dias caminhando sem descanso, decidiu tentar mais uma vez. Havia sinais de um pequeno grupo de cavaleiros na área e, depois de acamparem, James comunicou a Kezawin que daria um passeio a cavalo. Ela nada disse. Agachado contra o vento, observando os cinco caçadores por entre folhagens tão altas como o dorso de um cavalo, James se deu conta da confiança que ela depositara nele. Não poderia fracassar outra vez; além disso, se fosse abatido, ela ficaria sozinha e a pé lá embaixo nas pradarias. Será que ela não pensara na possibilidade de ele fugir, abandonando-a à própria sorte? Não, ela não sabia que ele fugira de Boston. Ignorava o gosto de fuga deixado ria boca de um homem, o gosto amargo de sua própria bÍlis.

No fim da tarde, ele localizara o acampamento dos caçadores e então, por duas vezes, cruzara o rio, cobrindo o corpo com lama. A noite havia caído e a brisa trazia o cheiro gostoso da gordura que escorria da carne assando nos espetos sobre a fogueira do acampamento. Quando voltasse a seu acampamento, quebraria o jejum de carne. Já havia comido raÍzes demais. Simplesmente tiraria a carne-seca do embornal e a rasgaria entre os dentes.

Antes disso, porém, deveria cumprir sua tarefa e desta vez não se apressaria. Amarrou seu próprio cavalo atrás da colina, fora das vistas do acampamento. Desta vez ele se aproximaria a pé. Sentiu um mosquito picando-lhe o pescoço. A lama oferecia alguma proteção, mas às vezes um ou outro inseto conseguia penetrá-la. Mais importante é que a lama escondia também seu cheiro. Cobriu o inseto com a palma da mão e, sem ruído, esmagou-o. Desta vez, esperaria até que os homens estivessem dormindo. Desta vez, conseguiria roubar um cavalo.

Aproximou-se com cuidado, pé ante pé, antes de arrastar-se de bruços em direção aos cinco cavalos. Com a faca de Kezawin, cortou o cabresto do primeiro. O animal continuou pastando. O segundo afastou-se devagar, em busca de melhores pastos. Enquanto James cortava o terceiro cabresto, seus pensamentos voltaram-se para Kezawin. Quando ele lhe pedira a faca, ela a entregara, sem nada perguntar. Não exigiu nenhuma promessa nem deu conselhos. Já teria se esquecido do fracasso anterior? "Mais um cabresto", pensou. O quinto cavalo, o mais forte; aquele seria seu!

Sentiu que o coração lhe saltava do peito quando atirou-se sobre o dorso do baio e disparou, sem conter um grito impetuoso: Eeeiaaaa! Os outros quatro cavalos debandaram enquanto James inclinou-se no pescoço do baio, enterrando os calcanhares nos flancos do animal. Como se tivesse molas, o cavalo saltou e disparou atrás dos outros. James ouviu uma flecha zunindo rente a sua orelha, mas concentrou-se na subida. O baio que montava ultrapassou os outros quatro, mas na descida suave diminuiu a marcha, e James inclinou-se para o lado esquerdo, dirigindo o animal na direção de seu cavalo amarrado. Estendeu o braço, agarrou o cabresto de couro cru e deu um puxão na estaca que os prendia.

A rédea do cabresto se transformou em um tição ao escorregar pelo pulso de James. Eeeiaaaa!, gritou mais uma vez. Agora quatro cavalos galopavam noite adentro e dois outros os seguiam.

Kezawin já havia empacotado as provisões que restavam e o esperava, pronta. Partiram de imediato a fim de colocarem uma boa distância entre eles e as vítimas do golpe. Sob um céu estrelado que anunciava a madrugada, acamparam, abrigados por um vale de outeiros corroídos pela erosão. Em um riacho turvo de lodo os cavalos bebiam água. Kezawin examinou o baio roubado enquanto amarrava os dois animais próximo a um pasto ralo, deixando os outros livres. O robusto animal"castrado havia sido pintado com listras negras como raios e com sinais imitando granizo. O rabo estava preso por uma tira vermelha de pele de gamo e um pedaço do mesmo couro enfeitava o cabresto. Era óbvio que James aplicara o golpe em um grupo lakota, provavelmente nos primos brülés.

Kezawin sorriu. Ele roubara um aliado, mas nem por isso seu sucesso deveria ser menosprezado. Se não fosse tão ardiloso, cuidadoso ou rápido com certeza teria sido morto. Não iria constrangê-lo, revelando que o golpe fora aplicado em um grupo que certamente os teria ajudado. James merecera a vitória. Seria divertido presenciar a volta dos cinco guerreiros a sua aldeia a pé e escutar as histórias que inventariam às esposas.

— Cozinhe carne para nós dois — pediu James, ao ver Kezawin trazendo gravetos para o fogo. Com um trapo retirado de sua própria camisa, enrolou a mão ferida pela corda e, com a outra, acendeu o fogo, isolando-o com pedras. Sentia-se forte. — Tenho a sensação de que não como há dias.

— James... estive pensando. Para tê-lo de volta, deixei bens muito valiosos com seus captores. Acho que vou exigir que cozinhe para nós dois.

Ele riu, apanhando o vasilhame.

— Saiba, querida Kezawin, que os melhores cozinheiros do mundo são homens, como você logo irá comprovar.

— Eu disse acho — disse ela, sorrindo. — É mais provável que eu me decida a cozinhar.

James percebeu, na provocação, uma pontada de orgulho pelo seu feito.

— Estou prestes a comprar minha liberdade — disse. — O baio é seu, e trata-se de um animal duas vezes superior a sua antiga égua baia.

— É verdade. Os animais castrados são mais resistentes, e o baio é tão veloz quanto o vento. Por isso mesmo, eu jamais poderei montá-lo.

— Mas ele é muito confiável! — protestou James. — Não é possível que você esteja com medo dele, Kezawin. Não você. Eu me escondi na relva, aguardando o momento certo, arrastando-me com todo o cuidado, concentrado nos animais. Dos cinco, fixei-me no baio e o escolhi para você porque ele era o melhor. Você se desfez de um baio por mim e eu lhe trouxe outro.

— Eu me desfiz de uma égua. Ela era confiável e bonita, mas não era um cavalo veloz. Uma mulher não pode cavalgar um cavalo ligeiro.

— Por que não?

— Porque o transformaria em um animal lerdo.

— Como?

— Cavalgando-o. Aquele que permitir que uma mulher estrague um bom cavalo atrairá desgraças para sua família — disse ela, com convicção.

Sem dúvida, era uma forma bastante engenhosa de o marido manter a mulher afastada de seu melhor cavalo. No entanto, para alguém que ansiava em trazer o brilho aos olhos de uma mulher com o melhor presente que lhe podia ofertar, esse tipo de crença era um transtorno.

— Roubei o cavalo para você — insistiu ele. — Pensei que ficaria feliz.

— Foi um ato corajoso e sincero. Vou homenageá-lo com um abrigo pintado relatando seu feito.

— Eu quero homenagear você. Salvou a minha vida.

— O cavalo é um presente ou é o pagamento pela sua liberdade?

— É um presente! — bradou ele, dando em seguida um suspiro profundo. — É um presente, embora eu deva minha vida a você. Nesse momento, o cavalo é tudo o que possuo e quero que você... A verdade, Kezawin, é que estou lhe oferecendo, como se fosse meu, algo que roubei.

— Foi um golpe formidável! — comentou Kezawin, entusiasmada. — Você enfrentou desarmado cinco guerreiros.

— Nada tenho que possa lhe ofertar. Nada que expressasse meu...

— Você tem os seus diários.

— Meus diários? — gaguejou ele.

Ela aquiesceu.

— E o que você ia querer com meus diários?

A expressão de James lembrou a Kezawin uma ocasião em que um marido orgulhoso lhe oferecera tudo o que possuía caso ela conseguisse curar a febre de sua esposa. Ela citara a égua de cria appaloosa e os olhos e a boca do homem se crisparam.

— O que você ia querer com minha égua tordilha? — perguntara ele.

Kezawin voltara o rosto para a mulher que baixara os olhos; por fim decidiu aceitar qualquer égua.

— Para que eu iria querer seu cavalo veloz? — retrucou ela.

— Que quer você de um homem? — desafiou-a. — Por que compraria um?

A pergunta pairou no ar, sem resposta.

— Posso aceitar o presente — concordou Kezawin, calma. — Mas o baio será sua montaria.

— Está bem — concordou, nervoso, juntando os gravetos. — É bem capaz de ser verdade — resmungou ele. — Você faria com que o animal se tornasse lerdo, mesmo!

James passara a ser propriedade de Kezawin. A história de como a Mulher Gamo Sonhadora voltara ilesa da aldeia dos skidis, trazendo com ela o coletor de plantas, aumentara ainda mais o respeito por seus poderes. O homem branco agora lhe pertencia, e os anciãos da tribo estavam de acordo sobre o bom uso que ela fazia dele. Embora os poderes dela suplantassem os do homem branco, este possuía uma coisa importante chamada ciência, e que estava guardada em seus diários. Os mais sábios achavam que se o escravo fosse bastante cuidadoso, a mulher gamo não o mataria, e os poderes da Mulher Gamo Sonhadora poderiam se fortalecer ainda mais. Até aquele dia, o coletor de plantas despendia horas a fio com a mulher curandeira, mas passava as noites na tenda de Urso Solitário.

O jugo invisível irritava James. A princípio, não levava muito a sério sua condição de escravo, mas depois tinha ficado claro que, enquanto permanecesse entre os hunkpapas, deveria cumprir todas as ordens de Kezawin. Era livre para caminhar por toda a aldeia sem qualquer tipo de restrição, mas não comandava a própria vontade. Devia a Kezawin seu tempo e trabalho e, ainda que coincidisse com seus próprios interesses, era o trabalho dela que deveria ser executado, onde, quando e como ela o determinasse. Em mais de uma ocasião, pensou em ir embora, mas quando se lembrava dos skidis, concluía que poderia continuar servindo a Mulher Gamo Sonhadora por mais algum tempo, como assistente de campo.

Caçar, pescar e trabalhar em curtume eram parte das obrigações de James. No entanto, com a intensidade do verão, cada tarefa tornava-se mais árdua. Os dias eram longos, quentes e secos. Os animais se afastavam em busca de melhores pastagens, e a colheita de frutos silvestres, raízes e ervas medicinais tornava-se cada dia mais escassa. O leito dos córregos estava seco, enquanto o rio que alimentava seus

afluentes minguava cada vez mais por falta de chuvas. Os sábios se dirigiam ao topo das colinas, os braços erguidos aos céus, implorando por chuva. A relva verde secara, e a poeira aumentava cada vez mais.

Invadindo território Crow, a tribo deslocara-se em direção a oeste, junto às quebradas turbulentas do rio Mississipi. Com obstinação, os guerreiros seguiam os rastros das presas que se afastavam à procura de pastagem. Os caçadores saíam em pequenos grupos: irmãos, amigos, pais e filhos. Urso Solitário ensinou James a caçar raposas e esquilos na falta de presa maior; o velho índio, apesar da pouca paciência que tinha com a pesca de vara, também o ensinara a pescar.

Uma tarde, enquanto observava as atividades nos bancos de areia, Urso Solitário comentou:

— O rio está lento neste verão e os peixes, sonolentos. Eles não estão interessados em suas iscas de gafanhoto, James. Neste verão, há gafanhotos em excesso por aí.

James ergueu os ombros, cocando as costas contra o tronco sulcado de seu encosto de carvalho. Urso Solitário armara diversas armadilhas para agarrar qualquer coisa que ousasse correr entre as árvores que sombreavam as margens do rio. De um modo ou de outro, conseguiriam algo para comer antes do entardecer, e James não tinha a menor disposição de fazer maiores esforços. O ancião cutucava em volta de várias árvores, como se estivesse procurando uma isca melhor.

— Os gafanhotos são tão bons quanto as larvas de insetos — disse James, sem muita convicção.

Encontrando o que procurava, uma longa estaca em forma de forquilha, o velho índio começou a afiar suas extremidades e a recortar farpas na bifurcação. James ignorou o trabalho até que o ancião estendeu-lhe a lança pronta.

— A melhor época para aprender a pescar é quando os peixes estão mais preguiçosos do que você.

— Mais preguiçosos do que... — começou a dizer James, levantando-se devagar.

— Você pode aprender, Garrett. É hoje muito mais ágil do que costumava ser — - disse sorrindo, as rugas se acentuando. — E eu, um pouco mais vagaroso.

James sabia que Urso Solitário não desistiria. Colocou a vara de pescar no solo, e aceitou a lança.

— O que faço com ela?

— Tire suas calças, primeiro. Está mesmo quente demais para usá-las.

Desde que Kezawin o trouxera de volta da aldeia de Texugo, James não havia usado camisa, mas não dispensava as calças de pele de gamo. Acabou tirando as calças e, vestido apenas com uma tanga, sentiu-se aliviado pelo fato de suas pernas branqueadas não provocarem risos no velho índio. Com um sinal, Urso Solitário ordenou a James que entrasse na água.

— Assim, Garrett — mostrou, avançando contra a correnteza.

James viu o entusiasmo da juventude naquele corpo envelhecido, mas ainda forte e atlético, e sentiu-se atraído pelo esporte, pela necessidade de imitar seu professor. Agachou-se imitando Urso Solitário, e ficaram à espreita. De repente, James investiu, chapinhou e o peixe escapuliu.

— Foi assim que você deu o golpe nos cinco caçadores, Garrett? Os peixes não são menos cautelosos do que eles. Tente outra vez.

A cada tentativa, aproximava-se mais da vitória.

— Paciência — repetiu Urso Solitário, em voz baixa. — Deixe que ele venha até você. Acolha-o. Acolha-o. Ele virá.

James esperou. Pelo canto dos olhos, observava seu instrutor na mesma posição, esperando. O sol queimava-lhe as costas e gotas de suor espalhavam-se pela testa e nariz. De repente, próximo às suas pernas, sentiu a vibração de um peixe de barbatanas prateadas. Silêncio, imobilidade, espera... zap! James atirou a lança, acertou o alvo e os dois homens gritaram em sinal de vitória.

Partilharam a refeição às margens do rio. Urso Solitário falou de outros verões sem chuva e dos invernos difíceis que haviam se seguido. A idéia perturbou James ao imaginar a neve cobrindo o solo e a fome estampada nos olhos de Kezawin. Sentia-se na obrigação de conseguir alimentos para os três. Estava progredindo, disse a si mesmo. Ele acabara de provar isso.

— Por que você deixou que Kezawin fosse sozinha às terras dos pawnees? — perguntou James, de chofre.

— Você era amigo dela. Conte-lhe sobre sua captura porque sabia que ela choraria sua morte.

— Mas ela foi sozinha.

— Quem mais iria?

A resposta à pergunta tão direta era uma só: mais ninguém. Ninguém desse mundo, ninguém do mundo que ele deixara para trás, ninguém. Demorou certo tempo para que ele se recuperasse do choque dessa constatação.

— Você não deveria ter permitido que ela fosse só. Havia grandes probabilidades de que eles ignorassem sua coragem e a matassem da maneira mais brutal.

— Como poderia eu tê-la impedido? Tratava-se de seu livre arbítrio.

— Ela é uma mulher, Urso Solitário. Deveria ser protegida.

Urso Solitário estremeceu.

— Ela é a Mulher Gamo Sonhadora — disse, considerando o desafio do homem branco. — Quem ousaria ameaçá-la?

— Ela arrisca sua segurança acreditando que tal poder possa protegê-la — prosseguiu James. — É tudo o que ela possui. Ela tem um pai, que está ficando velho, e um escravo, por assim dizer, mas todos os demais ou têm medo dela ou desprezam a história da mulher gamo; ela não tem amigos. É claro que seu pai...

— Quem ousaria protegê-la, Garrett? — enfrentou-o Urso Solitário. — Você?

— É claro que sim. Enquanto eu for... enquanto eu estiver... — Hesitou e, por fim, continuou: — Não tenho medo dos sonhos de Kezawin. Eu a respeito. Respeito-a como alguém que tem grande poder de curar, mas não acredito que seu sonho possa me matar. E aprendi que ela não é uma mulher que...

Por mais que tivesse aprendido, James percebera que Urso Solitário tinha um conhecimento muito mais profundo sobre Kezawin e sobre ele próprio.

— Ela é uma mulher admirável — disse James. — Uma filha que daria orgulho a qualquer pai. Uma mulher que merece todo o respeito.

— Acho que você lhe ofereceu mais do que proteção e ela deixou-o só em seu leito — concluiu solene Urso Solitário. — Fiquei pensando o que haveria entre vocês dois.

— Não mais do que ela permitiu — James sentiu que ficava vermelho.

Jamais havia conversado dessa forma com o pai de uma mulher e percebia os olhos do ancião fixos nele, como se quisessem penetrar em seus pensamentos mais íntimos. Tratou de apagar suas fantasias preferidas.

— Kezawin e eu somos bons amigos.

— Em uma ocasião, enfrentei quatro guerreiros crows para salvar um amigo, James. Mas não conheço um só homem que tivesse a coragem de entrar em uma aldeia skidi para libertar um amigo. Kezawin quer protegê-lo da mulher gamo, mas pode ser que esta não tenha poderes sobre um homem branco; ou talvez não se interesse pelos de sua raça.

Ou quem sabe, pensou James, era a própria Kezawin que não se interessava por ele...

Embora rejeitasse a crença na mulher gamo, James não podia negar que Kezawin tinha comportamentos distintos. Dentro dos limites da aldeia, mantinha-se afastada, mesmo que estivessem trabalhando juntos. Ele aprendera cada etapa de suas tarefas e quase não necessitava mais de instruções. Trocavam idéias sobre a preparação das ervas medicinais, comiam à maneira tradicional, a mulher servindo primeiro o homem, e juntos observavam as atividades da comunidade, um pouco distanciados dos demais. Mas quando se afastavam mais da aldeia em busca de plantas ou de alimentos, Kezawin mostrava uma outra face. O sorriso dela era espontâneo e solto. Um vislumbre daquele sorriso transformava-o em outro homem.

Um dia, descobriram grande número de tocas de marmotas. Assim que atingiram o topo de uma colina, as marmotas se alvorocaram. Um roedor sentinela

guinchou em sinal de alerta e cada um mergulhou na toca mais próxima. Kezawin riu e atirou-se de braços no chão, indicando a James que a imitasse. Protegido pela camisa de pele de gamo que ela lhe havia dado, ele ajoelhou-se a seu lado e esticou-se como um velho cansado. Tinham caminhado durante toda a manhã e ele bem que necessitava de um descanso.

Estirados lado a lado, entreabriram o capim alto para espionar a aldeia de minúsculas colinas de terra. Em poucos minutos, pequenas cabeças peludas começaram a emergir, duas ou três de cada vez. As graciosas criaturas surgiam do solo, as narinas trêmulas, farejando qualquer perigo. Nos olhos negros de Kezawin apareceram os primeiros indícios de um sorriso.

— Se o seu pai estivesse aqui, já teria espalhado armadilhas por toda parte — comentou ele, em voz baixa.

— Não antes que as marmotas tivessem uma boa camada de gordura. Olhe, James. Está vendo como cortam o alimento com suas próprias mãos e colocam na boca como se fossem pessoas pequeninas? São parte de nós e não devemos tocá-las sem permissão.

— E elas lhe dariam autorização para que você as cozinhasse para o jantar?

— O espírito de tudo o que é vivo nos dá permissão. Às vezes. Às vezes, os animais escapam e passamos fome. Mas quando os abatemos, pedimos que nos alimentem, e eles o fazem. E lamentamos ter lhes tirado a vida.

James virou-se de costas, cruzando as mãos sobre o ventre.

— Prefiro não fazer amizade com eles, se tiver a intenção de comê-los.

— James, eles são parte de nós — repetiu ela, como se estivesse ensinando uma criança. — Como o búfalo e o veado. Somente um amigo daria sua carne para alimentar outro amigo.

— Eles não pedem para morrer.

— Não e nós também não. Alguns dias são deles e outros são nossos. Nós também os alimentamos.

Era verdade, pensou James, lembrando-se de que os vermes se alimentavam dos mortos, parte da cadeia da inexorável transformação de toda a natureza.

— E por acaso eles agradecem a vocês por isso? — Sua teimosia foi mais forte.

— Sim. Dando-nos alimento. Faz parte do ciclo.

Ele ergueu a cabeça, os olhos percorrendo os cabelos dela, a parte tingida de vermelho, os brincos de dentes brancos de alce encostados em sua pele morena e o brilho sereno em seus olhos. Somente um amigo daria a vida para alimentá-lo. Voltou-se de bruços outra vez, apoiando-se em um cotovelo enquanto, com cuidado, entreabria a grama alta.

Os animaizinhos atarefados haviam esquecido os intrusos e voltado a seus afazeres. Alguns dos adultos tinham tarefas a cumprir: mover a terra, cortar grama,

preparar o ninho; mas os filhotes lutavam, perseguiam uns aos outros, brincavam e beijavam-se.

— Você está vendo? — disse Kezawin, entusiasmada. — Eles beijam do mesmo jeito que você beija. Você viu aquele lá? Com a mãozinha acariciou a face do outro e, olhe, eles se beijam. É tão bonito.

— Veja como eles se divertem — disse James, sorrindo. — Olhe, aquele penteia os cabelos da outra. Ela está sorrindo, feliz que lhe penteiem os cabelos. Está vendo? Ele lhe deu um beijo.

— Ah, mas ele se voltou para aquela outra e deu-lhe um beijo.

— E a primeira não gostou nada disso — exclamou James, mantendo a voz baixa. — Olhe só; ela o está empurrando e lá vai ele... Começou a briga!

— A segunda não está mais interessada.

— De qualquer modo ela é muito gorda. Ele quer a primeira. Que pestinha agitada! Ela vai lhe dar uma corrida pelo... — James olhou para Kezawin e riu em silêncio.

— Ela está lhe dando uma doce ilusão? — completou ela. James virou-se de costas outra vez, e rindo levantou a trança negra de seu ombro.

— Assim como você. Deixe que eu penteie seus cabelos — disse ele, desfazendo o nó que prendia a trança. — Como a marmota, com a pata. Como amigos. Só agora percebo como são lindos seus cabelos.

— O que você via antes?

— Eu via... cabelos negros, mais espessos e negros do que jamais tinha visto em minha vida.

Ele desfez as tranças e separou as três mechas, mergulhando os dedos nos cabelos. Ela sorriu, deixando que os cabelos marcados pela trança escorressem entre os dedos dele.

— Não é agradável quando seu amigo solta suas amarras, deixando-a livre? Seus cabelos são mais longos do que o meu braço, Kezawin.

Ela tocou as pontas do cabelo dele, queimado de sol, que lhe caía sobre a fronte.

— Os seus estão novamente crescendo, também.

— Você acha que eu deveria deixá-los crescer mais, trançá-los e, usar uma tira na testa? — perguntou, continuando a acariciar os cabelos dela.

— Se quiser...

— Penteie-os para mim. Com seus dedos — pediu ele. A princípio tímida, pouco a pouco ia mergulhando os dedos nos cabelos finos e claros.

— São mais macios do que os meus; são como os pêlos finos das orelhas dos cavalos. Ou como os do castor.

— E os seus brilham como a asa da graúna. Pensai tantas vezes nisso desde a minha partida.

— Você tem um rosto bonito. — Ela passou de leve o dedo pela face dele. — Posso ver isso agora.

— O que você via antes?

— Uma pele tão clara como jamais havia visto, que combinava com o inverno, para misturar-se ao branco da neve, mas não no verão... Não era tão feio assim.

— Quer dizer que não era tão feio, não é mesmo? E agora...

— E agora vejo o rosto de um amigo, James — disse, os olhos brilhando. — Um rosto que dá calor a minha pele cada vez que o vejo.

— Você sente o calor em sua pele agora? — perguntou, continuando a acariciar-lhe os cabelos.

Ela aquiesceu.

— Eu também. Está percebendo como somos? — murmurou, trazendo-a para perto de si, a mão em seu pescoço. — Somos como as marmotas.

Os lábios dela tocaram timidamente os dele. Os longos cabelos negros caíram para um lado, formando uma cortina, enquanto os lábios se buscavam. Abraçou-a, virando-a em seus braços. Ela percebeu o que acontecia entre eles e ergueu o queixo, aceitando o beijo. Com a língua, James entreabriu-lhe os lábios, tentando fazer com que ela o imitasse.

— É tão engraçado — murmurou ela, quando teve chance.

— Se você rir, não conseguirá beijar direito — disse, roçando-lhe a face com os lábios, inalando o perfume de relva seca e pele úmida.

— Não vou rir.

Dessa vez ela própria entreabriu os lábios. Era como se uma corrente passasse entre eles, uma faísca que os incendiava sob o sol forte.

Trocaram beijos longos, profundos, quentes como o fogo. Sentiam-se desfazer, misturando a respiração, provando o sal de cada um, os movimentos do desejo se harmonizando.

Ele a desejava. Jamais havia desejado tanto uma mulher, tanto que uma dilacerante dor física fazia com que não pensasse em nada mais. Encostou o rosto no peito dela e roçou a testa nas beiradas pespontadas do vestido. Precisava dela. Escorregou as mãos sobre as coxas, sentindo a maciez do vestido. Pressionou sua coxa entre as pernas dela, fazendo-a gemer. Queria fazer amor com ela.

— Ajude-me, Kezawin.

O pedido de ajuda despertou-a do denso nevoeiro do desejo. Ajude-me. Ele sentia dor. Uma mancha de sangue nublou a mente de Kezawin. De algum modo ela o

havia ferido. Cerrou os olhos com força e lutou para controlar a respiração. Ela lutaria. Não permitiria que acontecesse. Segurou-o pelos ombros:

— Ela não terá você, James. Eu faço um juramento solene a você, ela não... eu não... nós não...

James ergueu a cabeça. Sentia que todo seu corpo pulsava e seu peito arfava contra o dela.

— Kezawin, quero fazer amor com você.

— Não olhe para mim, James — implorou. — Por favor, não o faça.

Demorou algum tempo para que ele se controlasse. Tinha nos braços uma mulher aterrorizada quando podia jurar que há pouco estavam envolvidos na mais louca paixão. Tomou-lhe o rosto entre as mãos e murmurou:

— Abra os olhos, Kezawin. Olhe para mim. — Quando ela obedeceu e ele viu o terror em seus olhos, afagou-lhe os cabelos, afastando-os da face. — Eu jamais a magoaria.

— Eu sei disso — respondeu depressa.

James afastou-se, e Kezawin sentou, retirando as folhas que se haviam prendido nos cabelos.

— Você está sentindo alguma dor? — perguntou ela, ansiosa.

— Dor? — Surpreso, levantou-se olhando as marmotas correrem em busca de refúgio.

Kezawin aproveitou para examinar suas próprias mãos; eram ainda mãos; e tocou rápida o topo da cabeça. Alisou o vestido ao pôr-se de pé.

— Você não está... Então não houve nenhum ferimento.

— Kezawin, você foi uma mulher casada — disse, voltando-se para que ela pudesse observá-lo. — Imagino que saiba o alcance da paixão de um homem. Não, não houve qualquer ferimento. Nenhuma aparição me provocou qualquer mutilação por eu ter ousado beijar a Mulher Gamo Sonhadora.

— Não deve subestimá-la, James.

— Você é que não deve me subestimar! Sou um homem de carne e osso, e não uma ilusão. Não ando de quatro e minha cabeça é a de um homem. Não tenho que me desculpar por ser homem em vez de algum animal; tenho orgulho disso! Essas pobres criaturas estúpidas não são meus irmãos. Eu sou um homem!

Ele gesticulava enquanto falava. As marmotas, espertas, refugiaram-se em seus túneis assim que ele começara a gritar; portanto, não havia ninguém a quem ele pudesse apontar, a não ser a si próprio. Voltou-se, encarando Kezawin. Os olhos dela estavam muito abertos e uma brisa suave agitava-lhe os cabelos do mesmo modo que ele fizera com os dedos. Ele estendeu a mão para tocá-los e abaixou a voz.

— *Sou um homem e você é uma mulher, Kezawin. Essa é a grande verdade. Por mais sábia que você seja, não poderá nunca mudar essa realidade.*

Capítulo VII

Quando ainda dava os primeiros passos, Menino do Sol havia sido persuadido por seu irmão, Trovão Azul, a escalar uma árvore alta. Levara um grande tombo, fraturara a bacia e seus pequenos ossos não se consolidaram no lugar devido. Aos treze invernos, Trovão Azul, ao contrário dos outros garotos que se preparavam para a maioridade, dedicava todo seu tempo e energia ao irmão caçula. Empenhava-se em dar a Menino do Sol todos os divertimentos e as porções fartas de sua comida favorita; muitas vezes, transportava, por todo o acampamento, o garoto aleijado em suas costas fortes. Com tanta dedicação da parte do irmão mais velho, o garoto quase nunca reclamava, embora dores constantes o atormentassem.

A mãe, Ameixa Doce, buscara meios de aliviar as dores do menino. Em seu afã de protegê-lo, mantinha-o perto de si a maior parte do tempo, ainda que os lakotas considerassem essa proximidade pouco salutar para um garoto de oito invernos. Por fim, ela decidiu experimentar os poderes de cura da Mulher Gamo Sonhadora. Entusiasmado, Menino do Sol comunicou que, depois de ver o rosto de Kezawin, não sentia mais tanta dor e insistiu em prosseguir o tratamento.

A princípio, Ameixa Doce proibiu que Trovão Azul acompanhasse o irmão à tenda da Mulher Gamo Sonhadora, mas os dois garotos não se conformaram com a separação. Como todas as outras mães lakotas, ela então dobrou-se à vontade dos filhos. Desde que a curandeira fora à aldeia dos skidis trazendo de volta o homem branco, comentava-se que seus poderes de cura haviam se acentuado. O garoto podia ser tratado com toda a segurança pelo homem branco, sob os poderosos auspícios da filha de Urso Solitário. Trovão Azul estava proibido de levantar os olhos para a linda mulher curandeira; deveria esperar perto da entrada da tenda e assegurar-se de que, ao examinar Menino do Sol, ela não lhe tocava as partes íntimas.

O irmão vigiava de seu posto atrás da entrada da tipi. O homem branco aplicava um cataplasma quente na bacia do menino, seguido de uma compressa refrescante e, então, repetia o processo. Não havia nada de impróprio na maneira como a Mulher Gamo Sonhadora ficava à parte, preparando as ervas a serem ministradas a seu irmão que se sentia bem com o tratamento. Com cuidado, o homem branco colocava e retirava as compressas, enquanto o garoto contava histórias sobre o seu corvo de estimação.

Seguro de que seu irmão não corria perigo, Trovão Azul inventou um jogo secreto. Ele ousara olhar para a Mulher Gamo Sonhadora, sem realmente levantar o rosto. Mantinha, por um bom tempo, os olhos pregados no chão; então, seu olhar subia lentamente dos pés nos mocassins para a barra do vestido, seguindo pela ponta do cinto até a cintura, de onde prosseguia até o decote do vestido e, então, tentava adivinhar para que lado o rosto dela estaria voltado. Era linda do pescoço para baixo, mas a beleza que ele vislumbraava cada vez que se arriscava a dar uma olhada furtiva em seu rosto, fazia com que engolisse sem parar, a boca seca. Antes de recomeçar o jogo, era obrigado a uma pausa para a respiração se normalizar.

Para James, o comportamento de Trovão Azul não tinha nada de surpreendente. Por um lado, simpatizava com a atitude do garoto. Recordava-se de seus pensamentos libidinosos aos treze anos, cujo objeto era a irmã mais velha de seu amigo Raleigh Brown. Por outro lado, atormentava-o a idéia de que o garoto alimentasse essas mesmas fantasias em relação a Kezawin. Tratou de alertá-la, sem despregar os olhos do seu diário.

— O jovem está sofrendo de uma doença que minha mãe costumava chamar de paixão de filhote.

— O que sua mãe queria dizer com isso? — Kezawin perguntou enquanto guardava sua bolsa de ervas. — Sei que seu povo tem a idéia tola de que comer filhotes é tabu.

— Não é a isso que me refiro — riu ele. — Paixão de filhote não tem nada a ver com filhotes de animais. Refere-se aos garotos. Trovão Azul está apaixonado, pela primeira vez e por uma mulher mais velha, como acontece com a maioria dos meninos. O garoto tem um gosto excelente.

— Ele está apaixonado por uma mulher?

— Ele tem a aparência perturbada de um garoto que está querendo crescer depressa demais. Se tivesse tido a coragem de erguer a cabeça, teria devorado você com os olhos.

Com o cenho franzido, Kezawin afastou-se devagar da bolsa de ervas medicinais; James continuou sentado em seu encosto, escrevendo anotações nos diários.

— Eu não olhei para ele, James. Você é testemunha disso. Não lhe dirigi a palavra.

— Você não precisava fazer isso. Ele estava completamente encantado com a sua presença — disse tenso, para em seguida cair na risada. — Tive vontade de estrangulá-lo pelos pensamentos insolentes dele, pois eu os conheço muito bem. Não gostaria de viver outra vez aqueles dias por mais que... Na verdade, confesso que, um momento atrás, senti a necessidade do macho de delimitar o território. O macho sabe quando outro tenta se aventurar em seus domínios. O filhote pensou em fazer uma investida, mas, felizmente para ele, não teve coragem.

— Não fiz nada inconveniente — disse Kezawin, como se quisesse se certificar.
— Nenhuma vez eu ri ou provoquei nenhum dos...

— Kezawin, quando um adolescente de treze anos vê uma mulher bonita, ele olha embasbacado e ao mesmo tempo quer correr em busca de esconderijo. Os impulsos dele o envergonham. Você não fez nada de inconveniente.

— É bom que você esteja aqui para confirmar isso. Não quero que essas crianças sofram qualquer mal.

Ela sentou-se ao lado dele, sobre o tapete felpudo de búfalo, encolhendo as pernas para o mesmo lado, segundo o costume das mulheres. Como se ela estivesse prestando um juramento sobre o conteúdo dos diários, estendeu a mão espalmada sobre a página aberta.

— Nós podemos ajudar Menino do Sol, você e eu, mas devemos ser cautelosos — prosseguiu ela. — Ele é muito jovem, e as ervas medicinais, muito fortes. Quando fraturou a bacia, algum espírito mau tomou conta de suas juntas, provocando-lhe dor cada vez que se movimenta.

— É o que chamamos de artrite.

— Um espírito mau com um nome continua sendo um espírito mau — disse ela dando de ombros. — Como os shamans brancos tratam essa artrite?

— Não conseguem resultados melhores que os que você conseguiu até o momento; e muitas vezes, nem isso. Mas estive pensando. Em uma de suas sacolas você tem uma raiz que deve ter colhido a leste daqui; creio que deveríamos experimentá-la.

— Você deve me mostrar qual é — interessou-se ela. — Separei algumas de minhas ervas medicinais em famílias, como me ensinou no último verão.

— Eu percebi. — Sorriu ele. — Também tenho registrado em meus diários os nomes que você dá às plantas, como por exemplo, Pannunpala; duas pequenas bolsas de mulheres. Gosto muito mais desse nome do que *Asclepias speciosa*.

— É um bom alimento — disse ela, devolvendo-lhe o sorriso. — É usada quando o leite de uma mulher demora a vir e é também o que você tomou ontem em sua sopa.

Uma voz do lado de fora da tenda interrompeu-os.

— Minha filha!

Com um rápido movimento, Kezawin afastou-se de James.

— Tenho chá pronto, meu pai.

Urso Solitário sentou-se no lugar reservado aos homens e aceitou a tigela fumegante de chá de ervas. Kezawin também serviu James e sentou-se no lado esquerdo.

— Ohan. Esquenta a garganta de um homem velho — comentou o ancião, depois de sorver um grande gole.

— Tem uma pitada de comida-de-alce — explicou James, referindo-se à planta que pensava ser da família da hortelã.

— Você está aprendendo, meu amigo — comentou Urso Solitário, enquanto tomava seu chá. Voltou-se então para Kezawin. — Seu cunhado está esperando por você em minha tenda. Ele falou comigo sobre casamento.

James agarrou com força sua tigela, queimando-se.

— Escudo de Trovão quer se casar comigo? — surpreendeu-se Kezawin.

— Ele afirma que tem fortes poderes. Percebeu que seu olhar não afeta o homem branco e duvida que você possa pôr em perigo alguém como ele. Diz também que tem obrigação de trazer a viúva de seu irmão para sua tenda. Em uma visão, foi-lhe revelado que ele deveria tomar providências a esse respeito ou as coisas não sairiam bem para ele.

— Tukil! — deixou escapar James, só então se dando conta de que usara a expressão reservada às mulheres. — Então é assim? — corrigiu-se a tempo. — Será que a tal visão se esqueceu de mencionar a mulher gamo?

— Nenhum homem sonha com a mulher gamo — disse Urso Solitário, descartando o comentário. — Minha filha, a oferta de Escudo de Trovão deve ser considerada com muita atenção. Você deve conversar com ele.

Kezawin assentiu. Esperou que seu pai terminasse o chá e então saíram juntos da tipi, deixando James entregue a seus próprios pensamentos.

Com os olhos fixos na entrada, arrancou um chumaço de pêlo de búfalo do tapete. Ela havia concordado em conversar com o homem, pensou. Nada mais. Agarrou os diários e a caneta e abriu o tinteiro. Atirou com força a pena dentro do tinteiro, errou, atingiu o recipiente que entornou, espalhando tinta por toda parte.

— Mas que inferno! — murmurou enquanto limpava a mancha negra que se espalhava. — Felizmente a dona da casa tem um escravo a postos para se ocupar de tais incidentes desagradáveis. Ela não se casará com aquele insuportável pavão. Uma esposa é mais do que o suficiente para aquele pica-pau. Obrigação, uma ova.

Tomou de novo a caneta, esforçando-se por se lembrar do processo que haviam utilizado para tratar Menino do Sol. Havia o chaparral do deserto que Kezawin conseguira em uma troca, a alsina e a hortelã. Não, a hortelã fora usada para o chá. Havia também casca de bétula. Sim, e algodãozinho-do-campo. Duas pequenas bolsas de mulheres. Algodãozinho-do-campo estava na sopa que ela havia preparado e não no cataplasma. Sopa muito boa. Embora no dia anterior James só tenha trazido uma pequena lebre, ela olhara para ele daquele jeito luminoso e transformara o pequeno animal em delicioso quitute. Em seus pensamentos, surgiu a palavra lar, lar com Kezawin; que idéia curiosa. Ele pernoitava na tenda de Urso Solitário; fazia suas refeições em um fogareiro e ajudava a arrancar estacas quando levantavam acampamento, sempre em intervalos imprevisíveis e, ainda assim, o pensamento surgira com toda a naturalidade em sua mente: lar com Kezawin.

— As coisas não darão certo para ele — murmurou. — Bígamo miserável. Ele vai se dar muito mal.

O que aquele tinamu emprumado estaria dizendo para ela agora? Estaria arrepiando a plumagem e executando sua dança ritual para seduzi-la? Ou dizia-lhe que a medida da caça era a medida do homem? Quais seriam esses tais poderes de Escudo de Trovão? Alguma vez na vida ele aliviara a dor de um garoto aleijado? No entanto, bastou Urso Solitário vir com a história da proposta de casamento e lá se fora ela...

"Não importa", pensou James, e leu a última palavra que havia escrito em seus diários. *Ervas daninhas. Mas que erva daninha? Ervas daninhas são ervas daninhas. Irrompeu em uma risada maldosa e escreveu em letras claras: "Fragilidade, teu nome é mulher".*

Quando Kezawin chegou, James havia feito uma trilha no tapete de búfalo de tanto caminhar para lá e para cá.

— Novilha Vermelha me falou de um lugar onde podemos encontrar frutas silvestres — disse ela enquanto procurava o avental de colher frutos. — Fica perto do rio e, no fim da tarde, do lado oeste, está bem protegido do sol.

— Quem é Novilha Vermelha? — James tentava, em vão, aparentar naturalidade.

— É a primeira mulher de Escudo de Trovão.

— A primeira mulher dele — repetiu James. — Mas como ela está sendo gentil em compartilhar esse lugar com você.

Kezawin manteve a cabeça abaixada enquanto amarrava o avental de pele de corça na cintura. Se ela erguesse a cabeça, cairia na risada.

— Éramos amigas quando crianças, quase como irmãs.

— Imagino que se forem viver juntas, esposas do mesmo homem, voltarão a ser como irmãs, não é?

— Escudo de Trovão disse que eu poderia manter minha própria tenda, pois, como sonhei com a mulher gamo, ele não iria querer que eu tocasse em suas armas, sua comida ou no lugar onde ele dorme.

De supetão, James fechou seus diários, atirando-os para o lado.

— Muito interessante a noção de casamento que esse homem tem. Como pretende ele consumir o casamento sem permitir que você toque em sua preciosa pessoa?

Kezawin deu um suspiro profundo, tentando a todo custo conter a risada que insistia em brotar.

— Nós não falamos sobre a preciosa pessoa dele — contou ela, sem erguer a cabeça. — Sugeri que ele atendesse às necessidades da irmã de sua mulher, Corça Grande.

— Corça Grande, também? Isso significa que você seria a número três?

— Escudo de Trovão foi grosseiro ao se referir a Corça Grande. Sinto ter feito tal sugestão, pois, se ele a levar a sua tenda, estou certa de que a tratará mal. Tenho pena de Novilha Vermelha por ter esse marido — disse, entregando-lhe uma sacola. — Você virá colher frutas comigo?

Embora sentisse grande alívio em seu coração, James necessitava ouvir dos lábios dela a negativa.

— Se eu vou? E escravo tem opção?

— O amigo pode escolher — disse sorrindo, de um modo que só as mulheres sabem sorrir. — Escudo de Trovão foi até a tenda de meu pai em busca de uma segunda esposa. Ao sair não tinha mais do que quando entrou.

— Você o recusou?

— Se pudesse ter outro marido, não seria Escudo de Trovão. Ele não é honrado. Tem um dever maior de se casar com Corça Grande do que comigo. Corça Grande não aprende tão rápido como as outras pessoas. Ela é wakan e deve ser protegida, mas Escudo de Trovão não tem o senso de suas obrigações.

— E então você o recusou — insistiu ele, teimoso.

— Eu o recusei — disse ela, tomando-lhe a mão e colocando nela a sacola. — Um homem sem honra seria um alvo muito fácil para a mulher gamo.

— É um abuso — indignou-se. — Como ele se atreveu a sugerir esse arranjo para você? É ele que não é digno de partilhar sua cama, e eu me sinto ofendido por sua proposta insolente.

— Escudo de Trovão tem o direito de propor casamento à viúva de seu irmão, ainda que seja uma tolice.

— Ele não tem o direito de degradá-la dessa forma. Se a tal mulher gamo existisse mesmo, ela o amaldiçoaria...

Sem pensar, Kezawin cobriu-lhe a boca com a mão. A audácia do gesto a surpreendeu, mas tinha que fazer com que ele se calasse.

— Eu o recusei, James — sussurrou ela, enquanto retirava a mão. — Vamos pôr um fim nisso.

— Ele deveria ser chicoteado, Kezawin. Ele deveria ser desafiado. Eu deveria...

— Por quê? Propostas de casamento são feitas a todo o momento e muitas são recusadas.

— O homem tem uma esposa! — exasperou-se James.

— Ele quer mais uma — respondeu ela dando de ombros.

— Aquele cobiçoso, atrevido...

— Creio que Escudo de Trovão se comportou exatamente como era de se esperar. Tenho dúvidas sobre a visão que ele disse ter tido. Mas o que mais motivaria um homem a propor casamento a Mulher Gamo Sonhadora?

Com um suspiro profundo, James respondeu:

— Desde o começo do mundo os homens têm sido enfeitiçados por mulheres bonitas. Escudo de Trovão é exatamente como todos nós, mas não tem a decência de reconhecer a verdadeira fonte da magia.

A mão de James pousou com força sobre o ombro de Kezawin. Percebendo o fervor em seus olhos, ela quis lhe dizer que não importava que tipo de pessoa era Escudo de Trovão. James era um homem cujas forças se equilibravam com as dela. Nenhum outro a fizera se sentir mulher, antes mesmo que se lembrasse de ser a Mulher Gamo Sonhadora. Ele não permitia que ela renegasse sua feminilidade e, às vezes, odiava-o por isso. Em certas ocasiões, sua feminilidade era como uma dor que a rasgava por dentro. Ainda que o odiasse por manter viva a mulher dentro dela, amava-o ainda mais por isso.

— A magia está na beleza de seus olhos, Kezawin — disse James.

Ela encarou-o como se estivesse conferindo as palavras dele.

— E o feitiço no encanto de seu sorriso — continuou James. — É muito natural que qualquer homem se sinta atraído por você. Se fizer papel de idiota por isso, a culpa é só dele e não da mulher gamo.

— A mulher gamo não aparece nos sonhos das mulheres de seu povo? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

— Nenhuma mulher branca jamais destruiu os poderes de um homem, dominando-o a ponto de fazer com que ele só cumpra o que ela determinar?

— Não acredito que você possa destruir meus poderes — disse James. — Pensei bastante sobre isso. Parece-me que a mulher gamo não tem poderes sobre quem não a teme, e eu não tenho medo algum. Por que deveria ter? A mulher que os outros conhecem como Mulher Gamo Sonhadora salvou minha vida.

— Era meu destino trazê-lo de volta aqui, assim como salvei o gamo branco guiando-o para a outra margem do rio.

— Por quê?

— Esta pergunta está sempre queimando dentro de você como um tição. Você sabe tantas coisas e ainda assim a pergunta queima. Aceite simplesmente.

Nesse momento, ele não desejava se envolver em qualquer discussão filosófica. Acariciou-lhe os ombros, expressando seu desejo por respostas físicas.

— Sei que você tem suas próprias razões para me haver arrancado das garras de seus inimigos.

"Eu queria ver o modo como os céus se refletem em seus olhos", pensou ela. Sentia o calor e o aconchego da tenda.

— A verdade é que eu não poderia deixá-lo morrer nas mãos dos pawnees.

— *Se é assim, como então poderia me ferir?*

— *Não sei. Tenho duas faces e não posso dizer...*

— *Você tem uma face — insistiu ele, enquanto tomava o rosto dela entre as mãos. — Um rosto adorável e, é verdade, me assombra. Você me assombra como nenhuma mulher jamais o fez, mias é você, Kezawin. Não algum espírito maligno.*

— *Se a visse em mim, me contaria?* — *perguntou ela, temerosa.*

— *Eu lhe contaria — disse, afagando-lhe os cabelos trançados. — Você se lembra quando eu desfiz suas tranças? Poderia libertá-la da mesma maneira, ensiná-la a não temer a mulher que ri, a não esconder o riso com suas mãos.*

— *Não é decente que uma mulher ria daquele jeito — sussurrou ela, enquanto via os lábios dele se aproximando.*

— *Para mim parece muito bonito — disse, beijando-a suavemente e roçando-lhe os lábios com uma súplica. — Coloque seus braços ao meu redor, Kezawin.*

Quando ela o fez, beijou-a outra vez. Ela tocou com sua língua a dele e ficou na ponta dos pés enquanto o envolvia pela cintura. Foi um beijo quente e molhado. James cobriu-lhe a face de beijos e afastou a trança pesada para colar os lábios em sua nuca.

— *Toda vez que você me beija, sinto-me assim — confessou ela.*

— *Assim como?*

— *Do modo como uma mulher se sente quando seu homem está perto.*

Kezawin deslizou as mãos pelas costas musculosas e encostou-se nele, entregando-se à deliciosa sensação que tomava conta de seu corpo.

— *Se você realmente estiver a salvo da mulher gamo, farei o que desejar — rendeu-se ela. — Seja decente ou não.*

— *Não com ele — disse James, estreitando-a contra o peito. — Só comigo.*

— *Só com você.*

— *Ah, Kezawin, não sou melhor do que ele para tentá-la. Não tenho um leito para lhe oferecer e não tenho futuro. O amanhã é um lugar escuro, cheio de brumas, e não posso enfrentá-lo até que o sol leve as sombras embora.*

Havia um vazio dentro dele que preocupava Kezawin, mas era algo contra o qual ela não poderia lutar, como havia feito com os pawnees. Um homem sem visão vivia exatamente como ele descrevera. Era vulnerável como alguém nu enfrentando a tempestade. Durante todo o dia ele buscava conhecimentos; sabia muito sobre o mundo que o rodeava, mas não sabia que lugar ocupava nesse mundo.

Ao saírem da tipi de Kezawin, a brisa quente acariciou-lhes a pele suada. Caminhavam por entre as tipis, dirigindo-se para o lado oposto do acampamento, além do rio. A aldeia estava quieta e preguiçosa no calor da tarde. Ao lado da tenda da mãe, Menino do Sol e Trovão Azul brincavam à sombra, transformando terra e água em miniaturas de cavalos de argila. James parou para admirar o trabalho; ficou satisfeito

em ver que Menino do Sol não sentia muita dor. O garoto lhe mostrou o corvo a quem tratava de ensinar a palavra Sapa, nome que dera ao pássaro. Alguns passos atrás, Kezawin observava a cena, enternecida.

Mais adiante, a brisa entre duas tipis formara um pequeno redemoinho de poeira que dançava no meio do caminho. James pensava em tomar um banho no rio depois que colhessem as frutas silvestres. Até mesmo antes, pensou, enquanto olhava, sorridente, para Kezawin. Água fria servia para acalmar.

— Aonde vai com tanta pressa com esse seu escravo?

Kezawin hesitou por um instante e continuou a marcha sem se voltar. Era melhor ignorar Escudo de Trovão, e uma pergunta tão impertinente não merecia resposta. Mas James parou, voltando-se para encará-lo; ela sentiu que maus presságios perturbariam a paz daquela tarde. Voltou-se devagar e percebeu a tensão nos músculos do pescoço de James.

Escudo de Trovão não estava só. O guerreiro atarracado estava parado com dois amigos, perto de um varal de secar carnes. O sol brilhava nos ombros cor de bronze e suas pernas nuas estavam recobertas de poeira.

— Ele estava esperando por você em sua tenda — acusou Escudo de Trovão. — Eu quis fazê-la minha esposa, mas você prefere levar esse homem branco para o rio e rolar com ele na lama. Você é...

— Você não está se portando bem — grunhiu James. — E você pedirá desculpas.

— Fique fora do meu caminho, cavador de raízes — ameaçou Escudo de Trovão dando um passo à frente. — Essa mulher desgraçou a memória de meu irmão. Vamos acabar com sua pretensa virtude, Mulher Gamo Sonhadora.

James postou-se à frente de Kezawin, como se assim aquelas ofensas sujas não a atingissem. Flexionou os joelhos, pronto para saltar se o homem tentasse atacar. Escudo de Trovão endireitou os ombros e estufou o peito, aproximando-se de um ângulo favorável. James observava e esperava. A criatura haveria de resvalar. O maldito haveria de escorregar. Acolha-o. Acolha-o, lembrava-se das palavras de Urso Solitário.

— Eu a acuso de ser de muitos homens — gritou Escudo de Trovão.

De repente, havia intenso movimento na aldeia. Cabeças surgiram. Pescoços se esticavam. Olhando para todos os lados, Escudo de Trovão se certificava de que todos o haviam escutado.

— Você mente, Escudo de Trovão — retrucou Kezawin em voz baixa. — Eu morderei a serpente.

— Nesse caso, será atingida por ser mentirosa e serei eu que... Você pretende me enfrentar, cavador de raízes?

— Eu cortarei fora sua língua mentirosa.

Escudo de Trovão desembainhou a faca e colocou-se à frente, como um galo de briga.

— Você poderia tentar — provocou ele, sorrindo —, se ao menos sua ameaça não fosse tão vazia quanto a de uma mulher.

Atracaram-se, incendiando a tarde quente. Lutavam no meio de um círculo silencioso, nenhum par de olhos perdendo qualquer movimento. Os combatentes grunhiam com o esforço, lutando desesperadamente pela posse da lâmina que brilhava contra o azul do céu. Uma perna nua atingiu James que, perdendo o equilíbrio, rolou para o lado bem a tempo de evitar o golpe mortífero e certo. Levantou-se e continuaram a girar em círculos no meio da poeira, sem tirar os olhos um do outro, respirando com dificuldade. Escudo de Trovão brandiu a faca.

Kezawin, em silêncio, olhava a cena aterrorizada. No calor do sol, sentiu o arrepio da morte atravessá-la e esforçou-se por desviar o pensamento. Não ousava voltar a cabeça, nem ao menos respirar. Sabia que James não tinha arma.

De repente, Escudo de Trovão avançou, mas James conseguiu de novo evitar a lâmina mortífera. Mais um ataque e o guerreiro, por um segundo, ficou vulnerável. James mergulhou de cabeça em direção ao ventre de seu oponente. Engalfinharam-se outra vez, rolando e retorcendo-se em uma confusão de membros. A poeira quase os cegava. Os golpes eram dados às cegas. De repente, a faca caiu, mas foi agarrada novamente. Houve uma estocada, um gemido e um gorgolejar horrível. Escudo de Trovão fitava o céu sem ver, enquanto o sangue jorrava de seu pescoço, formando uma poça na poeira.

Um gemido agudo, agonizante, cortou o ar abafado. James tropeçou para trás e Novilha Vermelha tomou seu lugar, agarrando-se ao corpo do marido. O peito de Escudo de Trovão estava imóvel.

James levantou o braço, a faca coberta de sangue em sua mão, olhando-a como se a visse pela primeira vez. De sua garganta surgiam sons guturais, mas a palavra que pronunciou era uma que há anos não lhe vinha à mente.

— Meu Deus!

Olhou a sua volta, buscando algo que fosse real, e encontrou Kezawin. Os olhos dela encontraram os dele por um só momento e baixaram-se, fixando-se no chão. Ele largou a faca e, trôpego, caminhou em direção ao rio.

Mergulhou a mão direita na água que se tingiu de sangue. Arrancou um punhado de relva da margem e usou-o para esfregar as duas mãos. Esfregou as raízes, a terra, os caules espinhosos e sementes duras sobre a pele até que esta ficasse vermelha e esfolada. Sua mente estava tão turva quanto a água e a única coisa que desejava era limpar a morte de suas mãos.

Ele sabia que ela ali estava, logo atrás dele, não porque tivesse ouvido seus passos lentos se aproximando, mas porque a havia pressentido. Limpou as mãos nas

calças de pele e lentamente voltou-se. Ela estava ajoelhada como uma madona, nos olhos uma expressão de choque e horror. Envergonhado, ele desviou o olhar.

— Aconteceu tão rápido — disse ele.

— O ódio despeja sua fúria como um raio e fulmina uma vida.

— Eu não queria a morte desse homem — murmurou, exausto. — Foi a faca.

— Sua ameaça era vazia — disse ela. — Você não tinha nenhuma faca.

— Não completamente vazia — disse, voltando-se para ela. — Eu queria arrancar-lhe a língua com minhas próprias mãos para fazê-lo parar de dizer mentiras sobre você.

— Nesse caso, você realmente desejou sua morte.

— Não! — protestou, cobrindo o rosto com as mãos. — Não, eu não tive intenção. Queria bater nele até que parasse de provocá-la.

— Era a você que ele estava provocando, James.

— Ele insultou a nós dois.

James agachou-se, e estudou o rosto dela. Ele queimava de vergonha, e a expressão no rosto dela, de algum modo, aumentava seu sentimento de culpa. Fora por ela que lutara. Onde estava sua gratidão? Onde estava seu alívio? Talvez ela ainda não tivesse tido tempo de se aperceber.

— Ele insultou você — prosseguiu ele. — Você é a mulher mais admirável que jamais conheci e não poderia ficar ouvindo tudo o que ele dizia sem reagir e ainda assim me considerar um homem.

— É verdade — disse Kezawin, em voz baixa. — Foi nisso mesmo que ele quis que você acreditasse.

— O que você queria que eu fizesse? Estava lutando pela minha própria vida, mulher. O homem tinha uma faca e estava tentando me matar.

— Eu sei. Era orgulho contra orgulho, e o seu foi mais forte.

— Ao inferno com o que você diz! Você diz que foi o orgulho e eu afirmo que foi a estupidez dele que o matou — esmurrou a própria coxa, com raiva. — Um homem assume sua posição, recusa-se a que outro lhe tome o que lhe é mais caro e antes que possa pronunciar a palavra paz e seguir seu caminho...

— A palavra paz não foi pronunciada — disse ela. — No entanto, houve tempo para outras palavras.

— Eu não queria a morte dele — insistiu James. — Foi ele quem buscou a minha. Foi ele quem a chamou de prostituta.

— O que não sou. Cabe a mim defender minha virtude e eu o farei no momento adequado — explicou ela, cobrindo-lhe os pulsos com as mãos, afagando-os até que ele se acalmasse. — Se ele o tivesse matado, eu também teria morrido.

— Então por que você me acusa?

— *Eu não julgo você. Um homem morreu por suas mãos e agora o seu espírito chora.*

— *Eu sinto por sua viúva — insistiu James. — Não por ele.*

— *Nesse caso, eu chorarei por todos nós.*

A família de Escudo de Trovão construiu seu cadafalso e por quatro dias chorou sua morte. Os homens enfiavam pedaços de madeira nos braços e pernas, as mulheres arranhavam seus corpos e todos os parentes cortaram os cabelos. Ao final de quatro dias, o corpo foi levantado sobre o cadafalso e decidiu-se que o cavalo favorito de Escudo de Trovão deveria acompanhar seu dono. O cavalo foi abatido com um tiro certeiro para que tivesse morte instantânea e seu rabo foi amarrado no cadafalso. Os gemidos continuaram até que os amigos conduziram a família para longe do ataúde.

James observava, esperando sua punição. Ninguém lhe dirigiu a palavra. Ninguém parecia se dar conta de que ele lá estava. Kezawin chorou, mas, como sempre, ficava ao largo, pária da comunidade. Ela se manteve afastada dele; era natural que mesmo entre os proscritos um pudesse menosprezar o outro. Com certeza eles o puniriam assim que as cerimônias terminassem.

Talvez os dois fossem castigados. Começou a imaginar que tanto ele quanto Kezawin eram objeto de desprezo de todos e que aos dois estava reservado um castigo terrível, tão logo terminassem os rituais do funeral. Franziu o cenho enquanto observava as últimas etapas da cerimônia, sozinho, em uma colina. Por quatro dias os gemidos o torturaram. Já previa o momento em que toda a comunidade se voltaria contra ele.

Mas isso não ocorreu. Ninguém veio procurá-lo com a intenção de se vingar. Ninguém comentou a luta; ninguém o chamou de assassino. Por fim, na tenda, ele confessou a Kezawin que esperava uma punição.

— *É você quem se pune — disse ela. — Havia testemunhas e todos eles sabem que você agiu em legítima defesa.*

Não se sentiu aliviado. Refletiu muito sobre essas palavras, mas não podia compreendê-las. Sentia um nó no estômago e talvez o nó continuasse ali até que ele fosse, de alguma maneira, castigado.

— *Esses problemas vão passar — prometeu Kezawin.*

Ele olhou-a, surpreso.

— *No rio, você disse que estava assumindo sua posição quando ele tentara tirar de você o que tinha de mais caro. O que ele tentava tirar de você?*

O nome do morto não deveria ser pronunciado. Recordando-se daquela tarde tórrida, o rosto de James conturbou-se.

— *Você — confessou. — Mas, afinal, você não me pertence.*

Ela tocou-lhe o ombro.

— Os problemas hão de passar assim que você puder reconhecer, de fato, o que lhe é mais caro.

Capítulo VIII

O homem que pusera em dúvida a honestidade da Mulher Gamo Sonhadora estava morto. James acreditava que assim preservara a honra de Kezawin, colocando um ponto final na questão. Para ela, no entanto, a morte de seu acusador nada provaria. Seu povo honrava apenas as mulheres virtuosas, e não podia admitir que colocassem em dúvida sua dignidade. Atemorizados por seus poderes, quase todos a evitavam abertamente, mas ela jamais dera razão para que a acusassem do comportamento promíscuo que se atribuía à mulher gamo. Ela empreendera uma luta sem trégua contra aquela parte de si mesma, e jamais seduzira um homem. Ninguém poderia contestar isso. Dez dias depois do funeral de Escudo de Trovão, declarou que ofereceria um banquete e se submeteria ao ritual denominado Mordendo a Serpente.

— Mas isso é um disparate — insistia James, enquanto colocava nabos dentro de uma sacola. — Você os convida para que a humilhem publicamente e depois se refestelam a sua custa.

Kezawin ajoelhou-se ao lado de uma grande bolsa de couro cru. Os dentes de alce presos à pala do vestido tilintavam suavemente enquanto ela triturava a carne-seca no pilão antes de colocá-la na cuia.

— Fui acusada de deitar com muitos homens — lembrou-lhe, sem desviar os olhos de seu trabalho. — Os comentários não cessarão até que eu organize a cerimônia para pôr fim a tudo isso.

— Deixe que falem. Nenhum tipo de cerimônia pode impedir comentários. As pessoas não conseguem viver sem isso. Quem pode saber o que...

— Você crê que eu me deitei com outro homem além de meu marido? — desafiou-o, orgulhosa.

— É claro que não! Você não se deitou comigo. Sabe disso muito bem.

Voltando a macerar a carne com força, Kezawin remoía aquelas palavras com uma intensidade estudada. Isso você sabe muito bem. Isso você sabe muito bem.

— Mas mentiras serão ditas, Kezawin.

— E quem vai dizer mentiras?

— Escudo de Trovão.

— Você está se referindo a um homem que já morreu.

— Ele mentiu sobre você, e dois de seus comparsas ouviram sem refutar suas palavras. Eles ainda estão dispostos a prosseguir com as calúnias e cada um inventará uma história, ouça o que eu digo.

Voltando a sentar-se sobre os calcanhares, Kezawin equilibrou o pilão em seus joelhos.

— Se um homem afirmar que se deitou comigo, pagará o preço por suas mentiras quando morder a faca. O homem a quem você se refere não mordeu a faca e se estivesse aqui nesse momento, não repetiria sua acusação.

— Quem segura a faca enquanto o mentiroso a morde? — perguntou James.

Sentou-se sobre as pernas cruzadas e, com os braços em torno dos joelhos, inclinou-se na direção dela.

— Talvez eu devesse ter esperado mais. A única coisa que eu queria fazer era cortar a língua dele fora.

— Um homem que sente a lâmina fria da faca em sua língua sabe quão próxima está a calamidade para quem mente. Aquele que fala a verdade nada tem a temer.

— E o que significa morder a serpente!

Ela virou a pedra cinzenta na mão como se a estivesse examinando. O lado utilizado para moagem estava liso de tanto uso. Pertencera a sua mãe e, antes dela, à mãe de sua mãe. Mulheres honestas. Mulheres afáveis e habilidosas, cuja honra jamais fora posta em dúvida. Por outro lado, a mulher gamo não havia perturbado os sonhos delas. Kezawin endireitou os ombros, encarando James.

— Eu jurarei que sou honrada e morderei a serpente.

— Meu Deus, mulher, eu não vou presenciar você colocar uma serpente viva em sua boca. Deve haver outra...

— É importante que você esteja presente. Seu nome foi mencionado. Você precisa declarar que eu jamais estive em seu leito. — Ela alcançou uma vareta e mostrou-lhe. — Esta é a serpente que eu deverei morder.

— Kezawin... as pessoas mentem. Pessoas com certos interesses farão qualquer tipo de afirmação. Tenho observado como algumas delas não medem esforços para evitá-la. Não é possível que possa acreditar que um pedaço de madeira ou a lâmina de uma faca tenham qualquer significado para quem a trata dessa maneira.

— Você se colocará sob juramento?

— Claro. Considero-me tão honesto quanto qualquer outro homem e mais ainda do que a maioria. Mas se eu tivesse levado você a meu leito e tivesse feito amor com você, como tantas vezes desejei, não posso negar que diria uma pequena mentira para privá-la de qualquer humilhação.

Uma gota de suor escorria por entre os pêlos claros do peito de James. No verão anterior, esta cena teria causado repulsa em Kezawin. Nesse momento, no

entanto, esforçava-se para afastar os olhos do bronzeado de sua pele dourada, da idéia de fazer amor.

— O que é uma pequena mentira?— perguntou ela.

— Aquela que não prejudica ninguém. Neste caso, a mentira protegeria e a verdade prejudicaria. O que há entre nós é um assunto pessoal. Não interessa a mais ninguém.

— Mas se você mentisse a respeito, eu saberia. Compreenderia que seu juramento jamais seria confiável. E você saberia — enfatizou ela. — Pensaria que uma pequena mentira não seria importante e a mentira seguinte viria mais facilmente. Logo, nenhum de nós confiaria em sua palavra e a verdade não teria qualquer sentido para você. Seria presa fácil para os maus espíritos. E, é claro, se nós tivéssemos... feito amor, como você diz, não haveria cerimônia hoje.

— Está bem — reconheceu ele. — Entendi o que você quer dizer. Mas não tenho com que me preocupar, não é mesmo? Morderei a faca com prazer e direi a verdade. E quanto aos amigos de Escudo de Trovão? E quanto à família dele? Alguns deles já devem ter histórias inventadas, Kezawin. Como pode ter certeza de que todos os que irão à reunião dirão a verdade?

— Quase todas as pessoas que conheço comparecerão à cerimônia.

— Exatamente. E como pode saber que seus vizinhos e parentes seus têm, em relação a honestidade, o mesmo alto conceito que você?

— Sei, porque foram eles próprios que me ensinaram.

Kezawin colocou mais ervas secas na cuia, moendo-as com a carne. O silêncio que se seguiu foi quebrado pelo som cristalino da voz dela, cantarolando. Como podia ela se alegrar num momento desses? Para ele, o que aconteceria dentro de poucas horas era ainda uma incógnita; desde o dia anterior, estavam preparando alimentos para um grupo bastante numeroso. Em muitos outros banquetes, ela havia contribuído com comida, mas era a primeira vez que ele via Kezawin oferecer um banquete. Embora sempre fosse convidada, jamais participara ativamente de qualquer comemoração. Ainda que a tratassem com cordialidade, não se relacionavam como por consenso mútuo.

Agora surgira a oportunidade de ela organizar um banquete e por isso cantarolava. Seu coração se apertava ao observá-la. Em poucas horas ela se exporia ao julgamento dos demais. Quaisquer que fossem as armadilhas, quaisquer que fossem as tradições, a honra de Kezawin estava em jogo. Ela declararia em público o que fizera e o que não fizera e pediria que acreditassem nela. Se a rejeitasse, ele jurara a si mesmo que protestaria diante da cegueira deles. Podia visualizar os convidados comendo e partindo sem ao menos dizer uma palavra gentil. Abriu a boca para implorar-lhe mais uma vez, mas limitou-se a observar o movimento circular de seu braço preparando a mistura densa. O ruído da colher de pedra acrescentava um elemento de percussão à canção.

Ao som da voz dela, a imaginação de James povoava-se de cenas tenebrosas; viu-a em uma praça pública de Boston, com seu lindo vestido de pele de alce pespontado, submetida à humilhação do escárnio público. Em seguida, viu-a sentada em um velho banco, proclamando sua inocência enquanto o povo se deliciava com o espetáculo. E então viu-se a si mesmo tentando passar despercebido, calado. Um distinto cavalheiro de Boston o pressionava.

— Conhece essa selvagem? — inquiria ele. — Ela é pagã, não é? Ela lhe tem servido como prostituta?

— Essa mulher, uma prostituta? Essa mulher, cujas infusões medicinais fazem pequenos milagres a cada dia? Essa mulher de olhos brilhantes, cuja risada é tão musical quanto a canção que ela entoa? Venderia minha alma para passar uma noite em seus braços, mas ela me recusa.

Kezawin separou um punhado da mistura triturada que havia preparado e observou o rosto de James enquanto preparava bolinhos.

— A cerimônia o perturba — ponderou ela —, mas mostrará que ainda posso ser honrada como uma mulher virtuosa. Ninguém ousa mentir e morder a faca ou a serpente, pois alguma desgraça terrível cairia sobre sua cabeça. Seu povo não tem um ritual semelhante?

Quando ele se acercou e alcançou a cuia, ela imaginou que ele queria provar a wasna, mas sorriu quando ele começou a fazer bolinhos e colocá-los ao lado dos dela. Inúmeras vezes ela lhe explicara que determinadas atividades eram exclusivamente femininas, mas ele gostava de auxiliá-la em suas tarefas enquanto conversavam. Talvez ele não tivesse tido tios que o ensinassem as tarefas apropriadas aos homens. A aparência viscosa da mistura fez com que James se lembrasse de sua mãe. Enquanto ela preparava biscoitos, ele costumava ajudá-la; lembrava-se das histórias que ela contava que sempre terminavam com uma lição de moral e de confiança no poder de Deus. Ela também fora uma mulher honesta. Concentrou-se nos bolinhos, explicando-lhe:

— Quando uma pessoa vai a julgamento, deve colocar a mão sobre a Bíblia e jurar que dirá a verdade. A Bíblia é um livro que contém histórias sobre o deus do homem branco.

— Tos — concordou ela. — Faz sentido. Nesse caso, a pessoa não ousaria mentir depois de fazer um juramento sobre o livro.

— Se ela mentir, será acusada de perjúrio, que é outro crime.

— Haho, está vendo? Não se admite mentiras.

— Talvez não em um tribunal, mas em outros lugares... — Ele esmagou o bolinho entre as mãos. — As pessoas mentem para conseguir o que desejam. Assim tem sido minha experiência. É por isso que voltei. — A expressão atônita de Kezawin fez com que ele continuasse a explicar. — Eu tinha a intenção de publicar meu trabalho no verão passado, mas o homem que entrou com... que forneceu os suprimentos, o

equipamento, os cavalos, o... — Não conhecia a palavra equivalente a capital. — Aquele homem queria dizer que o trabalho era dele, o que era uma mentira. Era meu trabalho e deve ser publicado como meu.

— Nesse caso, você deve oferecer um presente para o eya-paha e enviá-lo para falar sobre seu trabalho. Você lhe dirá que anuncie que o trabalho foi feito por você e ninguém mais.

— Deve ser publicado em livros — explicou sorrindo. — Muitos livros, para que as pessoas saibam o que aprendi sobre as plantas que crescem aqui, sobre sua utilização. Eu gostaria de compartilhar com todos, mas gostaria também que soubessem que isso é fruto de minhas pesquisas. Minhas e... e suas — disse James, enrubescendo.

Kezawin sorriu.

— Meu nome também será divulgado?

— Seu nome está em cada página — confessou ele. — Mas ultimamente estou em dúvidas sobre o quanto devo revelar.

— Partilhei meus segredos com você por acreditar que era seu destino saber. E você partilhou seus segredos comigo.

— Não são segredos, Kezawin. Qualquer naturalista poderia lhe dizer...

— Nossas ervas medicinais não surtirão os mesmos efeitos, se utilizadas por outros shamans. Eu tive a minha visão e você ainda terá a sua; que outra pessoa poderia entender? Com certeza, não esse outro homem que vive naquele lugar longínquo que você chama de Massachusetts. Ele não tem seus poderes.

— É verdade, mas parte de meu trabalho está com ele e ainda tentou roubar meus diários.

— Se ele afirmar que o trabalho é dele, sofrerá alguma perda terrível. É o que ocorre com os que mentem publicamente. Não deve se preocupar com esse homem. Se ele for desprovido de honra, não há poder suficientemente forte que o proteja.

Era verdade. Breckenridge havia sofrido a perda do filho; a lembrança provocou em James outra estocada de culpa. Outra vida que ele tirara. Outro segredo guardado.

— James, você se preocupa por não compreender — afirmou Kezawin. — Depois da cerimônia, entenderá.

A voz áspera da velha Água Revolta conclamou as mulheres para o canto do acampamento. Assim que estas se reuniram, circulou mais uma vez por toda a aldeia, conclamando os homens. Fora escolhida para cumprir o papel de arauto por haver vivido uma longa vida sempre fiel a seu marido. Caminhava devagar e com grande dignidade por entre as tipis, conclamando cada homem a dar um passo à frente e declarar se havia mantido relações sexuais com outra mulher que não a sua.

James arrastava os passos como se estivesse caminhando para um velório. Os cânticos ameaçadores da velha lhe provocavam calafrios. No mundo civilizado, não havia mais lugar para caça às bruxas e, apesar disso, era o que iria presenciar. Se os pawnees sacrificavam seus prisioneiros em homenagem a seus deuses, o que não fariam os lakotas com uma mulher acusada de adultério?

Sobre mantas, bem no centro do círculo das mulheres, foi disposto o banquete que lhes tomara dois dias de preparação. Sentada entre as outras, Kezawin destacava-se pela expressão solene. Sua rara beleza parecia fruto de maldição, provocando inveja em cada mulher e desejos em cada guerreiro.

Os homens se reuniram fora do círculo e esperavam até que Água Revolta os convocasse a apontar, dentre as mulheres, qualquer uma com quem tivessem praticado relações sexuais. Ninguém se adiantou. Para James, a espera era agonizante. A inocência de Kezawin era evidente. Basta!, queria gritar, mas controlou-se, as mãos crispadas atrás das costas.

Então um homem deu um passo à frente. James empalideceu. Era Cavalo de Bronze, guerreiro jovem, alto e atraente; por que ele? James nunca o vira com Escudo de Trovão. O que pretendia? Sua cabeça latejava enquanto observava o jovem caminhar lentamente rumo ao círculo das mulheres. Passou por Kezawin e então, relutante, parou, resvalando a sola do mocassin na poeira fina.

— Eu conheci esta mulher, Lontra Branca, em um bosque nas montanhas. Eu a conheci intimamente.

James suspirou, aliviado.

Água Revolta entregou ao jovem guerreiro uma faca que ele colocou entre os dentes. Repetiu as acusações. Todos os olhos voltaram-se para Lontra Branca, a segunda mulher de Touro Bravo. A jovem permaneceu sentada, os olhos baixos, as mãos cruzadas. Água Revolta ofereceu-lhe a vareta que ela recusou com um leve meneio de cabeça.

— Aiieee!

O súbito grito de revolta fez James saltar. Virou-se no momento em que Touro Bravo abria caminho entre os homens. O guerreiro maduro e muito respeitado caminhou orgulhoso em volta do círculo. Aterrorizada, os olhos cinzentos arregalados, Lontra Branca recuava, tropeçando. A multidão avançava em sua direção como se atraída por uma força enorme.

Touro Bravo agarrou vários punhados de estéreo de búfalo depositados um pouco além do círculo e outros o imitaram. Atordoada, Lontra Branca mais parecia uma corça encurralada por caçadores, paralisada pelo terror. Atiraram o estéreo até que, recuperando-se do choque, ela disparou em carreira desabalada. Alguns poucos a seguiram, insultando-a. Em seguida, retornaram e o círculo voltou a se fechar. Cavalo de Bronze, que simplesmente ficara à parte enquanto a multidão agredia sua antiga amante, retornou ao seu lugar como se nada tivesse acontecido.

Água Revolta repetiu as mesmas palavras para os homens e seguiu-se outra vez o silêncio. James, horrorizado, não podia crer que a multidão pudesse desejar mais degradação. Será que não fora o suficiente? Ou o espetáculo deprimente abria-lhes o apetite para mais violência? Se alguém ousasse acusar Kezawin, ele não conseguiria se controlar. Ele a levaria para longe. Quando precisavam dela, vinham correndo atrás de seus poderes de cura e, agora, como lhe agradeciam? Ele a tomaria e partiriam os dois para bem longe.

Kezawin esperou. Continuava sentada, ereta. A serenidade que se revelava em seu rosto era a de uma mulher que respeitava suas próprias convicções e não as trairia. Esperaria até que todos estivessem convencidos. Se ninguém falasse a seu favor até que a lua surgisse, ela continuaria à espera.

Por fim, Ameixa Doce deu um passo à frente e mordeu a faca. Declarou que a Mulher Gamo Sonhadora tratava com êxito seu filho, usando seus poderes de cura e que jamais presenciara ou ouvira contar que a mulher curandeira tivesse se comportado de maneira imprópria. Boca Partida, sua irmã confirmou suas palavras. Uma a uma, todas as mulheres que se reuniram morderam a faca reafirmando a honra de Kezawin. Como nenhuma delas fora acusada, suas declarações revestiam-se de maior autoridade, e cada uma vinha, orgulhosa, morder a faca.

Quando por fim Kezawin fitou James, ele soube que era sua vez de falar. Dirigiu-se ao centro do círculo e tomou a faca.

— Disseram que eu conhecia Kezawin de maneira íntima. — Encarou cada um dos presentes e, em especial, os dois amigos de Escudo de Trovão que haviam presenciado a acusação. O nome do morto não deveria ser pronunciado, mas James queria que soubessem que se lembrava. — Eu mordo a faca e digo-lhes que tal afirmação é mentirosa. Embora tenhamos passado muito tempo juntos, a Mulher Gamo Sonhadora jamais se deitou comigo.

Virou-se em direção a Kezawin, que tinha seus diários no colo, e o fitava com olhos esperançosos. Ele entendeu. Tomou os diários, levantou-os e estendeu a mão sobre eles.

— Entre meu povo, o juramento é feito sobre um livro sagrado, e a Mulher Gamo Sonhadora sabe o quanto esse livro é sagrado para mim. Diante de todos vocês, juro que jamais fui íntimo dessa mulher. — Os olhos de Kezawin estavam pregados no chão. — No entanto, eu a conheci. Eu a conheci como uma mulher de extraordinária coragem, pois enfrentou sozinha o inimigo para me libertar. Eu conheci sua compaixão, pois me alimentou e tratou dos meus ferimentos, e conheci sua sabedoria, pois muito me ensinou. Eu vivo entre vocês há pouco tempo e talvez minhas palavras não tenham muito valor, mas saibam disso: Mulher Gamo Sonhadora é uma boa mulher. Em toda minha vida, jamais conheci alguma melhor do que ela.

Depois que James retornou a seu lugar, Água Revolta entregou a vareta que representava a serpente para Kezawin; ela mordeu e pronunciou seu juramento. Todos

prestavam a maior atenção, pois se ela jurasse que seria sempre fiel a seu marido, não se casaria outra vez. Em vez disso, jurou que jamais havia sido infiel a seu marido, ao que o povo respondeu wáste. Estavam satisfeitos. Os homens seguiram seu caminho e as mulheres virtuosas participaram do banquete.

O lauto banquete esgotara todas as provisões de Kezawin, obrigando James a redobrar seus esforços em busca de carne. Decidira reservar sua munição para os meses de inverno e aperfeiçoar o manejo do arco e flecha. Algumas vezes, Urso Solitário, seu instrutor nas técnicas de caçada, acompanhava-o, mas geralmente ele caçava só. Nos momentos silenciosos da madrugada ou na hora do pôr-do-sol, enquanto se preparava para emboscar os antílopes-cabras e os veados de cauda branca, punha-se a meditar.

Nos dias que se seguiram à cerimônia, Kezawin não tecera qualquer comentário a respeito do ritual. Muitas vezes James quisera tocar no assunto, mas hesitara. Não, não iria questionar nada, pois estava disposto a deixar de lado seus preconceitos de homem civilizado em relação ao que presenciara. Ele não julgaria. Só exporia sua visão objetiva de cientista sobre os fatos. Quanto mais pensava no assunto, mais confuso se sentia. Kezawin havia sido isenta de qualquer culpa. Lontra Branca havia sido horivelmente humilhada. Não sabia se presenciara algo sacro ou profano.

Não vira mais a jovem pelo acampamento e o destino dela o chocara. Ela era a segunda esposa. Se a vida que levava fosse semelhante à que Escudo de Trovão oferecera a Kezawin não teria ela razões de sobra para procurar outro homem? As lembranças do ataque com excrementos de búfalo o assombravam e revoltavam; no entanto, sabia que não era só pela violência do fato em si, mas porque a vítima poderia ter sido Kezawin.

E se ela tivesse sido acusada e o homem mordido a faca? Ela teria mordido a serpente, com certeza, mas em quem eles teriam acreditado? Alguém que fosse um herói de alguma batalha ou alguém que tivesse sonhado com a mulher gamo? Quando imaginava a cena, James via pedaços de excremento atingindo o vestido branco de Kezawin, seus cabelos ou seu rosto. Nessas horas, retesava os pulsos e disparava uma flecha, sempre errando o alvo.

Durante o tempo que passavam juntos, James e Kezawin discutiam as propriedades de diversas plantas e a escassez de frutas maduras. Ele sugeriu novos meios de utilizar a farinha que ela moía do nabo cheyenne; haviam planejado fazer experiências com sementeiras de plantas silvestres comestíveis e voltar na próxima estação para checar se haviam brotado. Kezawin sabia que ele tinha outras preocupações na mente. Ele falaria sobre elas quando estivesse preparado.

Foi então que ele encontrou Lontra Branca e o que presenciou deixou-o horrorizado. Ela estava raspando um pedaço de couro esticado sobre o piso, e seus cabelos soltos cobriam-lhe a face. Imaginou que fosse ela. Não estava certo, mas a curiosidade o fez parar. Só depois percebeu que ela não se dera conta de que estava

sendo observada e sentiu-se como um intruso da pior categoria. Mas era tarde demais para recuar, tarde demais para poupá-la de mais um momento de vergonha.

Ela se sentou outra vez sobre os calcanhares, limpando a testa com as costas da mão. Com um rápido movimento, afastou os cabelos para trás dos ombros, e, então, mortificada, mas sem poder evitá-lo, voltou o rosto devagar, encarando James.

Os olhos eram opacos e cavernosos. No lugar onde deveria estar o nariz, havia um horrível buraco vazio, deformando o rosto outrora bonito. Por um longo momento, paralisado de terror, James não conseguiu desviar os olhos. Era o preço que a tradição exigia que ela pagasse. Ergueu o queixo para que ele tivesse uma visão completa de todo o horror. O canto da boca se retorceu, à guisa de um sorriso. James se aterrorizou e tão logo recuperou o controle de suas pernas, voltou-se e correu o mais que pôde, o estômago virado.

Desesperado, buscou Urso Solitário para contar o que havia visto.

— O que você faria com uma mulher infiel? — perguntou o velho índio.

Era uma daquelas tardes quentes e secas, e Urso Solitário soltara as laterais da tipi e enrolara os pedaços de couro, descansando na brisa.

— Se fosse eu que tivesse deitado com ela nos bosques, não a teria traído diante de toda a comunidade — insistiu James. — Cavalo de Bronze deveria ter mantido a boca fechada.

— Vejo que você está solidário com a amante e não com o marido.

— Não, não é isso. O comportamento do jovem não foi nada digno quando ele... Mas divulgá-lo em público foi ainda pior.

— O ato já havia sido consumado. Uma mulher foi infiel ao marido. Era obrigação de Cavalo de Bronze declarar que Lontra Branca não mais pertencia ao círculo de mulheres virtuosas. Touro Bravo exerceu seu direito ao cortar-lhe o nariz para se assegurar de que nenhum homem a desejaria.

— E por que ele simplesmente não a repudiou?

— Ele poderia ter se divorciado dela — assentiu Urso Solitário. — Decidiu não fazê-lo. Ela pode abandoná-lo, se assim o desejar.

— Ele também poderia tê-la matado — murmurou James. — Teria sido menos cruel.

— Às vezes, isso também acontece. Há homens que se matam uns aos outros por causa de mulheres. Não é bom. Os corações se tornam empedernidos e primos transformam-se em inimigos. A melhor solução é cortar fora o nariz e dar o assunto por encerrado. As mulheres hão de pensar muito sobre o caso. — Ofereceu um pedaço de carne-seca para James mastigar. — Como o homem branco pune a esposa infiel?

Era uma pergunta difícil.

— O nariz, nós não cortamos fora — foi o melhor que ocorreu a James.

— Não há punição, então?

— Eu não diria isso. Adultério não é, com certeza... — Teria que confessar que o marido encontraria alguma forma de punir a mulher antes de abandoná-la e de dar um tiro no amante, mas não lhe ocorria nada pior do que cortar o nariz. — No entanto, não podemos ter mais de uma mulher de cada vez e...

— E os homens brancos se satisfazem com uma única mulher?

— Bem, creio que sim, isto é, a maioria, ou melhor, alguns.

— Um guerreiro está sempre inquieto, não é mesmo? — Riu o velho índio. — Cabe à mulher guardar sua virtude. E é isto que as mulheres ensinam às meninas. Uma mulher virtuosa é sempre honrada por seu povo. Como virgem, participa das festividades antes do casamento e depois, se for fiel ao marido, tem um lugar no círculo das mulheres mais honradas. Como você presenciou, aquela que desafiar o círculo será denunciada.

— Poderia ter sido Kezawin — disse em voz alta pela primeira vez. — Qualquer um poderia tê-la acusado, mentindo. Quem provaria o contrário?

— Mentir e morder a faca? — A expressão de Urso Solitário sequer admitia tal hipótese. — Eu tive uma única esposa — revelou. — Para mim, era o suficiente. Ela sentou-se no círculo de mulheres honradas durante toda a vida. Um lakota não necessita de mais de uma esposa, se ela for uma boa mulher e lhe der filhos. É melhor manter urna única mulher satisfeita. As mulheres são exigentes. Não se pode agradar duas. Haveria muita discussão. Na minha opinião, Touro Bravo estava buscando problemas.

Uma mulher já ocupava por completo a mente de James. As festividades de verão haviam terminado e os lakotas começaram a se separar em bandos menores. Talvez a redução do grupo representasse mais tempo livre ao lado de Kezawin. Mas o outono significava maior empenho na busca de alimento, mais tempo à procura de caça. Em um ano difícil, os trabalhos consumiam quase todos os esforços. Ele tinha de se conformar em trabalhar perto dela, observá-la e imaginar como seria bom tê-la de novo em seus braços.

Durante as caçadas do outono, não se saiu tão mal, conseguindo abater duas búfalas e um novilho, de uma pequena manada que se dispersara devido à seca e falta de pasto. Permaneceu ao lado de Kezawin e Urso Solitário para ajudar a cortar carne. O sucesso da caçada emprestou um ar festivo ao bando e todos ajudaram na limpeza dos animais. Parte da carne foi exigida pelos que não tinham quem caçasse por eles. Kezawin demonstrou sua aprovação quando James convidou os parentes dela para repartirem a carne.

Urso Solitário estava orgulhoso de seu discípulo, que finalmente desenvolvera algumas aptidões; o velho índio afirmava que James poderia se tornar um curandeiro, não um wicasa wakan, como ele próprio, mas um pejuta wicasa, um homem das ervas. Depois de tantos anos dedicados aos estudos, a sugestão de que tinha futuro pareceu a James ofensivo, mas não fez qualquer comentário desrespeitoso. Vindo do velho

sábio, e dito publicamente, era certamente um grande elogio. Kezawin mostrava sua satisfação, mais uma vez.

Os caçadores e suas famílias se banquetearam e naquela noite todos dançaram. Uma das danças imitava os acontecimentos do dia, acompanhada pelas batidas irresistíveis dos tambores. Pela primeira vez, James quis dançar para celebrar a boa sorte da tribo. O ritmo forte dos tambores fez com que seu sangue fervesse, e a vitalidade que tinha dentro de si afluiu como jamais pudera imaginar. O tempo e o espaço deixaram de existir, Não era mais um indivíduo. Dançava como parte do grupo de caçadores.

A garganta seca, James se afastou do círculo em busca de água. Alguém envolto em um cobertor se aproximou. Mesmo sem ver, sabia que era Kezawin.

— O círculo de dança das mulheres não está completo — disse a ela.

— Eu estava dançando, mas você estava demasiado absorto e não me viu. Isto é muito bom.

— Tenho sede.

Ela o levou até sua tenda, trazendo-lhe água fresca que buscara pela manhã. Ele deixou a água escorrer pelo pescoço enquanto saciava a sede. Embora estivesse frio, necessitava resfriar seu corpo do calor da dança.

— Tem havido tão pouco tempo para nós, ultimamente — disse ele. — Será que não podemos ficar aqui conversando?

O acampamento estava iluminado pelo luar e as tendas cônicas transformavam-se em sombras escuras contra o céu claro. Havia brasas em diversas fogueiras. Eles estavam próximos a um grupo de anciões que fumavam o cachimbo. Mais abaixo, via-se, sob o cobertor levantado em forma de tenda, um par de mocassins masculinos bem de frente a um par feminino. Os olhos de James brilhavam como os de uma criança quando sugeriu imitarem o casal de índios:

— Vamos tentar!

Sorrindo, ela entregou-lhe o cobertor que ele devia suspender com os braços sobre suas cabeças, envolvendo-os em escuridão. No interior da tenda improvisada, a respiração de ambos abafava o longínquo ruído dos tambores.

— O cobertor é muito pequeno — murmurou ele, com as mãos levantadas segurando a coberta. — Chegue mais perto e coloque seus braços ao meu redor.

— O cobertor não é pequeno — contestou ela, mas acabou por fazer o que ele pediu.

— O que é permitido fazer aqui?

— Conversar.

— Só isso?

— E nos tocarmos com o nariz.

— Com o nariz?

— Assim... — Ela ficou na ponta dos pés, esticou o pescoço e tocou-lhe a face com a sua. As pálpebras passaram por sobre sua boca e os cílios roçaram o canto dos lábios. Ele entendeu. Faziam círculos e roçavam-se suavemente com o nariz, encostavam as frentes e inalavam o hálito quente do outro.

— É gostoso — murmurava ele, enquanto tocava com os lábios as sobrancelhas macias. Os lábios dela, quentes e úmidos, colaram-se ao seu pescoço. Era uma doce ternura. Esse povo gostava de testar o autocontrole de um homem.

— Vamos fazer como as marmotas — sussurrou ela.

Sobre a cabeça de James havia uma abertura por onde se viam as estrelas. Que bom seria se fossem marmotas, escondendo-se em suas pequenas e bem protegidas tocas no solo, para passarem toda a noite.

— Você quer dizer que podemos nos beijar?

— Nossos pés estão firmemente plantados no solo e ninguém pode ver nossos rostos.

Com os braços esticados para cima, ele a beijou com paixão, movendo a cabeça de um lado para outro. Kezawin correspondia, tímida e audaz, a um só tempo. Com um gemido patético, James interrompeu o beijo.

— Um homem deve ter braços de aço para cortejar uma mulher dessa forma.

— Um homem lakota tem ombros poderosos e braços fortes — afirmou Kezawin com um suspiro. Deslizou as mãos por seus ombros, massageando-os. — Quando ele não consegue mais manter o cobertor no alto, o próximo interessado ocupa seu lugar.

James deu uma rápida espiada no lado de fora.

— Não tenho nenhum competidor nesta noite. Ainda bem. — Baixar os braços foi quase tão dolorido quanto mantê-los no alto. — Penso que esse é um esporte para jovens.

— Você tem razão — disse ela. — Entre nós, uma mulher solteira deve ser virgem até o matrimônio ou será denunciada e trará vergonha para si e toda a família. Muitos pais chegam a amarrar um cinto na cintura de suas filhas, por entre as pernas, para desencorajar os jovens!

— Eu vi o que acontece com uma mulher casada. Seguiram caminhando como quem não tem intenção de ir a parte alguma.

— Não posso deixar de me entristecer com o que aconteceu com Lontra Branca — confessou Kezawin.

— Por que ela não evitou a cerimônia? — Essa era uma das dúvidas que perseguiam James desde aquele horrível episódio.

— Se ela não comparecesse, Touro Bravo poderia tê-la desafiado. Todos sabem quem se senta no círculo das mulheres honradas e quem não senta.

— Então ela não tinha saída. Eu creio que seria preferível que ela enfrentasse o esposo em particular.

— Talvez ela tivesse a esperança de que Cavalo de Bronze não fosse lá. Talvez as outras mulheres a tenham convidado, e ela não pôde se esquivar. Seria impossível se esconder. Impossível dizer que não ouvira o chamado. Como você disse, ela não tinha saída. Deve ter sido horrível para ela.

— Não tão horrível quanto o que se seguiu.

— Touro Bravo não se divorciou dela — enfatizou Kezawin. — Se ele a tivesse mandado de volta à família depois de tal vergonha, não teriam qualquer compaixão.

— E não haverá punição para Cavalo de Bronze?

— Ele não poderá mais fazer parte da akicita. Quando os homens se enfrentam por causa de uma mulher, não é bom para o povo. Um homem que provoca discussões e sentimentos maus não tem o respeito da comunidade- Uma mulher também não.

— Cortar fora o nariz de uma pessoa me parece um castigo severo demais — indignou-se James, embora soubesse que não poderia ser juiz da questão.

— E o que faria seu povo?

— Não me pergunte. Tenho pensado muito nisso desde o dia em que conversei com seu pai sobre o assunto. Devo confessar que não se comportaria de maneira muito melhor. Tentei me colocar na situação de Cavalo de Bronze e sei que não seguiria as regras.

— As regras? Você percebe então que é um jogo.

— Algumas vezes — admitiu ele. — E jogos são feitos para divertimento. Não se deve perder o controle do jogo; isso se aprende na infância, quando a brincadeira se torna violenta e alguém sai ferido.

O tambor ressoou acompanhando a dança, e o coração de Kezawin bateu em uníssono.

— E nós estamos participando de algum tipo de jogo?

— No verão passado, eu estava envolvido em muitos jogos. Achei você linda e fascinante e a desejei. Pensei que o seu sonho era o único empecilho que nos afastava. Um ano depois... — Ele havia perdido o controle da situação. Estava muito confuso. Não, não era verdade. De uma coisa estava certo. — Matei um homem porque ele a desejava tanto quanto eu. Agora sei que eu, com meu amor, poderia ter causado dano maior a você que todas as acusações e exigências dele. Sua virtude a protege de todo o mal que ele poderia lhe causar. Eu poderia ter feito com que você perdesse a virtude.

— Eu poderia abrir mão de minha honra — disse ela. — Se o tivesse feito, seria por minha livre escolha. Não tenho marido. Ninguém teria cortado meu nariz. — Ao se aproximarem de um bosque de ameixeiras, ela parou para fitá-lo. — Sei que você falou

do fundo de seu coração quando me elogiou perante meu povo. Senti-me honrada com suas palavras. Quando disse que eu era uma boa mulher, sei que estava sendo sincero.

— Jamais duvide disso, Kezawin. — Ele tocou-lhe a face, mas sabendo que podiam ser vistos, retirou a mão.

— Algumas vezes, o coração determina sua própria conduta — murmurou ela. — Eu gosto de você, James. Respeito é uma coisa boa. Honra é uma coisa boa. Mas não posso fechar os olhos à noite, sem me lembrar de como me senti no dia em que você me tocou. E quando penso nisso, tento me sentir como naquele dia, só com minhas lembranças. Tento trazer você para perto de mim na escuridão.

Ele aproximou-se tanto quanto podia ousar, instintivamente protegendo esse momento de intimidade.

— Tenho feito a mesma coisa. Nas horas mais silenciosas, pensei em ir até você. Não queria despertá-la, só ver você dormindo.

— Eu estaria acordada.

— Eu não forçaria...

— Não haveria necessidade. — Ela ergueu o queixo, revelando em murmúrio seu segredo. — Algumas vezes, penso em você e toco a mim mesma porque...

— Ah, Kezawin. Pensei que só eu...

— Será que é a mulher gamo que me faz agir assim?

— Se ela realmente existe, vai nos levar à loucura por nos manter afastados um do outro. Quero me casar com você, Kezawin.

Assim que deixou escapar essas palavras, deu-se conta de que era o que mais desejava na vida, ainda que tivesse afastado a idéia cada vez que surgia em sua mente, como algo impossível. O que tinha ele a lhe oferecer?

— O que você realmente deseja, James, é fazer amor comigo. Além disso, você não teve sua visão.

— E você?

— Eu também o desejo e além disso...

Ele a conduziu para trás dos arbustos interrompendo-a, e a abraçou com força para que sentisse o quanto a desejava.

— Não estou fazendo nenhum jogo com você, Kezawin. Não posso continuar assim. Somos de mundos diferentes, mas não poderia viver em nenhum deles sem você. Farei o que quiser para provar minha sinceridade. Terei uma visão, se é isso o que quer.

Ela se afastou dele, tomando-lhe o rosto entre as mãos.

— Não há nada que eu exija, James. Gosto de você, é só isso.

— O suficiente para se casar comigo?

Ela fechou os olhos, desejando que a mulher gomo desaparecesse para que pudesse dizer sim.

— Sou estéril — preveniu-o com a voz embargada.

— Você não teve filhos com seu primeiro marido. Talvez possa ter comigo.

Ela o olhou mais uma vez e permitiu-se imaginar que isso seria possível. Na escuridão, pressentiu uma promessa em seus olhos.

— Você deve fazer inipi, o ritual de purificação, para seu próprio bem, e não para o meu. Purifique-se, James.

Capítulo IX

Quando James se submetera ao inipi no ano anterior, nada sentira além da fumaça que quase o sufocara e do suor intenso que empapara seu corpo. O ritual abrira seus poros, mas não a mente. Não era por Kezawin que decidira repetir a experiência, mas por si mesmo. Durante muitos anos, tentara, em vão, preencher o vazio de sua vida com estudos e trabalho. Nos últimos tempos, chegara à conclusão de que lhe faltava algo muito mais profundo, relativo à própria essência de sua existência.

Desejava que fosse algo concreto, algo que pudesse identificar, adquirir e acrescentar a si mesmo. Algo como, por exemplo, uma esposa. Kezawin não permitiu que a solução fosse tão simples. Não havia dúvida de que ela o queria, mas, por outro lado, era óbvio que se compadecia dele, como se lhe faltasse algum membro. Quanto mais respeito sentia por ela, mais pena ela demonstrava. Era intolerável. Ela acreditava que este vazio devia-se à ausência de uma visão pessoal. A idéia absurda de que poderia haver qualquer verdade nisso revoltava seu espírito científico.

Ainda assim, a angústia o dominava. Sua própria existência resumia-se a um imenso vazio, a uma série de interrupções, de rompimentos de relações. Não tinha mais raízes, vagueava sem rumo. Uma vez ou outra, vislumbrava um porto seguro, que, afinal, não passava de ilusão. Por fim, decidiu pedir a Urso Solitário que o submetesse mais uma vez ao inipi.

Fazia frio naquela noite de outono. James foi impedido de ajudar na preparação da tenda de suadouro. Para seu desespero, o ancião parecia ocupar-se de cada detalhe com um vagar deliberado. O lugar de cada objeto era crucial, e o velho índio não queria se apressar.

Algumas peles foram estendidas sobre a armação de salgueiro e, no centro da choupana, armou-se um fogareiro. Urso Solitário movia a terra com cuidado, formando

uma trilha que ia da cabana arredondada até uma pequena elevação que chamava de unci, mãe terra. Cobriu o chão da cabana com sálvia.

Kezawin estava incumbida de alimentar o fogo e rolar as pedras para dentro da choupana. Dessa vez, interessado em cada elemento do inipi, James fizera com que o ancião lhe explicasse todos os passos. O velho índio escolhera as pedras com cuidado; eram as pedras dos pássaros, opacas, cor da terra, cujos desenhos assemelhavam-se aos dos pespontos. Muito resistentes, não arrebentariam com o calor do fogo.

Na entrada da cabana, Urso Solitário colocou uma caveira de búfalo e uma pequena estante para o cachimbo. Como oferenda, James depositou, ao lado da caveira, seis pequenos feixes de fumo da casca do salgueiro vermelho. James tremia de expectativa. Quando foi chamado, desvencilhou-se da tanga, curvou-se e, de quatro, penetrou no útero da terra. O pedaço de couro que cobria a entrada fechou-se sobre ele, e o mundo tornou-se pequeno e escuro.

Urso Solitário havia purificado o interior com incenso de uma erva aromática. Uma de cada vez, seis pedras rolaram por debaixo da entrada, brilhando no escuro como meteoros vermelhos rumo ao centro, no próprio âmago da terra. O ancião entoava cânticos, atirando sobre as pedras quentes o pó de cedro que se transformava em chuvisco de minúsculas centelhas. Acendeu o cachimbo, deu uma baforada e passou-o para James. Esfregaram a fumaça em seus corpos. O velho curandeiro, entoando os cânticos, mergulhava sálvia em água fria, que borrifava sobre as pedras incandescentes. As pedras silvavam ao exalar o hálito da terra.

— Tunkasila, avô, hi-yah, hi-yah — cantava Urso Solitário.

No espaço escuro, James relaxava, envolvido pela fumaça. O curandeiro conversava com ele e cantava, borrifando mais água. O ritual continuou até que James se sentiu sufocado pela fumaça. Seu primeiro instinto foi defender-se como fizera no ano anterior, respirando com cuidado e concentrando-se em suportar tudo com o mínimo de desconforto. Mas desta vez seria diferente. Inspirou profundamente e o calor queimou-o por dentro. Tossiu e gemeu, mas recusou ceder aos protestos de seu corpo. Devagar, voltou a inspirar profundamente. Dessa vez, sentiu uma reconfortante sensação quente e úmida, algo que dava vida. Exalou e inspirou mais uma vez.

Era como se tivesse acabado de nascer. A sensação de respirar pela primeira vez era, ao mesmo tempo, dolorosa e excitante. Ao perceber o estado de James e receando que desmaiasse, Urso Solitário abriu a entrada, permitindo que o ar fresco penetrasse.

— Quando precisar de ar, diga mitakuye oyasin, todos meus parentes — instruiu Urso Solitário. — Diga isso quando seus pulmões estiverem queimando e nós o ajudaremos.

Os cânticos do ancião continuaram e dessa vez James o acompanhou. Fumaram e comentaram como era agradável estarem ali reunidos. Cada vez que Kezawin lançava uma pedra para dentro, diziam pilamaye em agradecimento.

— Ela compartilha destes momentos conosco — disse James.

— É verdade. Ela está com você.

— Mitakuye oyasin.

Era como se da terra emanasse uma força, impregnando-o física e mentalmente, criando dentro dele novas possibilidades de conhecimento.

Esperança. Ele gostaria de oferecer tudo o que havia aprendido de modo que pudesse ser útil aos outros. Urso Solitário orou por isso.

Tristeza. Contou ao velho índio que tirara duas vidas humanas e que os rostos daqueles homens o assombravam. Urso Solitário orou por isso.

Alegria. James falou de Kezawin e da vida que queria construir ao lado dela. Urso Solitário orou por isso também.

Gratidão. Por algumas vezes, vira a morte cara a cara e sua vida fora poupada.

— Descreva estas ocasiões — disse o curandeiro.

— Na minha infância, contrái uma doença. Muitos morreram, eu sobrevivi.

— Tunkasila.

— Um homem entrou em meu quarto para tirar o que me pertencia. Lutamos. Ele morreu e eu vivi.

— Tunkasila.

— Caí nas mãos do inimigo. Meu companheiro morreu, mas uma pessoa amiga arriscou sua vida para salvar a minha.

— Tunkasila.

— Um homem ofendeu a mulher que eu prezo. Lutamos. Ele morreu e eu vivi.

— Tunkasila.

Descrever seus embates com a morte proporcionou-lhe uma sensação intoxicante. Quatro vezes. Será que escapara quatro vezes da morte ou renascera quatro vezes? Urso Solitário acreditava ser obra de Deus. Deus ou sorte? James jamais fora um jogador. Se fosse somente sorte, então não haveria ordem, guia, razão; mas se houvesse uma mão divina em tudo isso... Por que justamente ele, James Garrett?

— Chegará até mim? — perguntou James. — Esta noite?

— O que chegará até você, meu bom amigo?

— Algum tipo de resposta.

— Se sua pergunta for por quê, não haverá resposta. Pergunta tão imprudente ecoaria nas montanhas, e Tunkasila balançaria a cabeça com um gesto de negação, e Taku Wakan, os espíritos do bem, não se pronunciariam.

— Talvez por que não seja a pergunta correta agora. Talvez seja quem e o quê. Quem sou eu? E o que devo fazer?

— Estas são as questões reais, meu amigo. Você está em busca de uma visão e, para isso, deve ir até as montanhas. Hanble ceya. — Do escuro, ouviu-se um sibilo. — As coisas mais importantes têm prioridade. Aqui você se purifica. Prepara-se. Quando estiver aberto às respostas, elas chegarão até você, mas deve estar pronto. Às vezes não estamos preparados para as respostas e, ao recebê-las, queremos atirá-las de volta.

— Será um alívio saber.

— Aliviará o quê?

— A incerteza, a angústia.

— Sua visão não o transformará em Tunkasila. Você sempre terá dúvidas, pois vive dentro do frágil corpo de um homem. Porém, existem quatro elementos vivos em sua alma, e um deles permitirá que realize o melhor que há dentro de si mesmo. Você recebeu dotes importantes. Quando reconhecê-los, como sei que o fará, saberá quem é. Vá para as montanhas e descubra como usar esses dons.

Os dois homens deixaram a cabana juntos e banharam-se em um lago formado pelas águas de uma nascente, bem em frente a tipi de Urso Solitário. O coração de James estava tão leve quanto a sua mente.

— Estou pronto, agora — entusiasmou-se ele.

Enrolaram-se em cobertores de lã e entraram na tipi, onde Kezawin os aguardava.

Era como se ela já soubesse a decisão que James tomara. Ele não se surpreendeu com o fato. Aquela noite, todos os sons se harmonizavam e todos os pensamentos dirigiam-se para o mesmo fim. Ela havia acendido o fogo e cozinhava carne. Urso Solitário comeria, mas James não tocaria no alimento.

— Fiz isto para você. — O abrigo de pele de búfalo que ela tinha nas mãos era bordado com desenhos geométricos em tons de vermelho, amarelo e negro. — É o couro do primeiro búfalo que você abateu. Vai protegê-lo do frio.

James deixou que o cobertor escorregasse para o chão. Estava nu, mas naquele momento isso não tinha qualquer importância. Kezawin colocou o abrigo sobre seus ombros. Trouxe mais um presente.

— Enchi esta cabaça com quatrocentas e cinco pedrinhas — disse ela. — Cada uma representa um tipo diferente de árvore. Leve suas irmãs com você. — Entregou-lhe a cabaça, e o lado científico da mente de James começou automaticamente a contar as espécies de árvores da região. O outro lado, aquele instintivo que apenas despontava, ordenou-lhe para que parasse de contar imediatamente. "Confie em que existem quatrocentos e cinco tipos de árvores nas terras dos sioux e não duvide de que Kezawin conheça cada uma delas."

Ela pegou sua faca de cortar ervas.

— Você levará uma parte de mim também.

Ela já havia cortado com a ponta da faca um pedaço de pele do braço. James observou-a colocar a pele no interior da cabaça, junto com as pedrinhas. Ela repetiu o processo, enquanto James, angustiado, sentia a dor de cada corte. Imbuída do espírito de sacrifício, Kezawin nada sentia.

Urso Solitário levou James até o topo de uma colina não muito afastada do acampamento. Antes de deixar a montanha, ele entregou o cachimbo ao jovem.

Envolto em seu abrigo, James encolheu-se. Escutou os passos do ancião até que se perderam na noite; estava só. Embalandando a cabaça com seu conteúdo, junto ao ventre nu, James ficou imóvel. O vento da noite assobiava de encontro à relva. Um pequeno animal disparou, cruzando uma faixa de terra localizada bem abaixo de onde James se encontrava e, de repente, uma sombra alada mergulhou das alturas, as garras mortíferas prontas para agarrar a presa. Ele ouviu um guincho de terror, mas o pássaro noturno, as asas abertas, partiu com um único e silencioso bater de asas.

A mente de James continuava leve, mas não estava vazia. O vento, a relva, o pequeno roedor e seu poderoso predador, cada um deles penetrara em sua mente. E ainda havia espaço para mais. Fumou o cachimbo, orando para os quatro pontos cardeais, para a terra e para os céus, como Urso Solitário lhe havia ensinado. Então esvaziou os intestinos com todo o cuidado. Seu ventre estava vazio e lembrou-se de alimentos, apesar de não sentir fome. Sua mente estava mais clara naquele momento, desanuviada pela fumaça. A fumaça era wakan, ensinara o velho sábio. Saía do cachimbo dirigindo-se aos espíritos, levando as orações do homem que carregava seus poderes de volta para dentro de seu corpo.

Enrolou-se no abrigo e enterrou a cabeça nos pêlos crespos de búfalo, o corpo colado à cabaça. Sentia-se quente e tranqüilo como se tivesse retornado a um lugar seguro que há muito conhecia. Sem fazer qualquer ruído, ficou imóvel, à espera. Ouviu um farfalhar de asas. Algo resvalou em sua nuca. "Espere", disse a si mesmo. "Fique imóvel. Deixe que venha até você. Acolha-o, Acolha-o."

Não era nem um falcão nem uma águia. Era uma coruja cinzenta de olhos amarelos que pousou no galho seco de um choupo. A coruja fez aparecer as visões. James primeiro reconheceu os dois que havia matado e encolheu-se, esperando suas acusações, mas eles o ignoraram e seguiram.

Então, surgiu sua mãe que liderava uma procissão de pessoas, caminhando em fila, as mãos dadas. Eram lakotas, velhos e jovens, e um pavor descontrolado foi tomando conta dele. Sem querer, movia-se em direção a eles, o corpo trêmulo. Tentou tocar sua mãe, mas ela lhe escapou por entre os dedos e se desfez, como um anel de fumaça. Sua forma diáfana desapareceu para dentro de um buraco na terra, sob o choupo. Desesperado, tentou agarrar os outros que a seguiam, mas também eram feitos de vapor. Só algumas mãos tocaram a sua. Só via mãos. Evitava encará-los.

— Garrett.

A voz de Urso Solitário teve o efeito de dissipar o quadro fantasmagórico que desfilava diante dele. James ergueu os olhos, tentando encontrá-lo na escuridão.

— Urso Solitário, você veio me buscar?

James abraçou os joelhos e esperou. A cabeça pesava e mal conseguia manter as pálpebras abertas. Apoiou a testa nos joelhos, fechando os olhos.

— Não tente me encontrar, Garrett. — A voz falou-lhe mais uma vez. — Preste atenção. Você viu o gamo branco?

— Não. Só vi a morte. Quero voltar ao acampamento.

— É como eu lhe disse, Garrett. Espere pelo gamo branco. Deixe que ele se aproxime. Acolha-o. Acolha-o. Hi-yay-yay-yay. Hunh.

James havia perdido a noção do tempo. A única conexão que mantinha com o mundo tangível dava-se por meio da voz do velho índio e da pele de Kezawin. Mas sentia-se quente e vivo. Lembrou-se de um brinquedo que tivera na infância, uma galinha feita de madeira, dentro da qual havia uma série de galinhas menores. A menor de todas chocava um ovo. "O ovo é o princípio. O ovo é o fim. Afaste o futuro da noite e recomece pela manhã. O ovo é o princípio." Começou então a ouvir, bem ao longe, os cânticos de Urso Solitário.

— Deixe que ele venha. Acolha-o. Acolha-o. Hi-yay hunh hunh. Hi-yah. Hi-yah.

O medo se desvaneceu, e a escuridão se afastou. O mundo transformou-se em luz. Quando o gamo branco surgiu da bruma radiosa e se aproximou, trazia com ele uma sacola. Trotou ao redor de James, fazendo círculos, girando como um carrossel, e James rodopiava atrás dele até que a vertigem o fez cair sentado, rindo, na relva úmida. Exaltado, rolou de costas sobre o chão, os olhos fixos no céu azul.

O gamo branco aproximou-se, tocou-o com o focinho e deixou cair a sacola ao lado de sua cabeça. Dentro, James encontrou uma coleção de plantas, uma pá de jardinagem, uma caneta e algumas penas cinzentas amarradas. No fundo da bolsa, encontrou o amuleto de gamo que Kezawin lhe havia dado, duas pedras negras e um pequeno apito feito de osso.

— Você é Irmão do Gamo Branco — pronunciou a voz de Urso Solitário. — Não deve comer a carne de sua própria espécie. Você é um curandeiro. Use bem os seus dons, e vidas serão poupadas. Você possui muitos conhecimentos, mas ainda há muito o que aprender. Até a morte pode lhe ensinar muito. Escute o seu coração, Irmão do Gamo Branco.

Quando James abriu os olhos, chovia. Era uma madrugada cinzenta e as gotas de chuva começavam a se multiplicar, despertando-o, lavando seu rosto. Abriu a boca e deixou que a chuva fria acalmasse sua sede repentina. Sentia-se como se tivesse estado fora de seu corpo por algum tempo, mas agora que retornara esse corpo fazia exigências. O estômago não parava de roncar e as juntas doíam quando tentava se mover.

— Garrett! — Era a voz do velho índio que se aproximava, subindo a montanha.
— Se até agora você nada viu, é melhor que desça e tente algum outro dia. Logo, você estará sentado em um poço de lama.

James colocou o abrigo de búfalo sobre os ombros e levantou-se, as pernas trêmulas; quando Urso Solitário viu seu rosto, soube, de imediato, que seu jovem amigo havia experimentado algo maravilhoso e superior.

— Há quanto tempo estou aqui? — A voz de James era hesitante.

— Este é o quarto nascer do sol.

Entre os lakotas, as ocasiões importantes eram festejadas com um banquete, mesmo que a estação de caça estivesse fraca; e um casamento, por mais estranho que fosse o casal de noivos, era uma ocasião importante. Durante as festividades, a esposa, os pais e os parentes mais próximos de Escudo de Trovão ficariam em seus alojamentos. Mas os outros participariam do ritual de casamento da Mulher Gamo Sonhadora e do estranho shaman branco.

A hanble ceya pela qual James passara fora uma experiência plena e ele retomara das montanhas trazendo sua canção. Urso Solitário interpretara suas visões, declarando que seus poderes eram fortes o suficiente para enfrentar os da mulher gamo. Muitos estavam céticos, mas o ancião era dotado dos poderes do urso, os mais fortes de todos. Alguns dias após a visão mística de James, Urso Solitário realizou a cerimônia de adoção chamada hunka, que consistia em agitar rabos de cavalos sobre a cabeça do adotado. Foram os oglalas, primos dos hunkpapas, que lhes ensinaram o ritual pelo qual James se tornava membro da família dos lakotas; o ancião se comprometia a ajudá-lo como, se fosse de seu próprio sangue.

Seguindo a sugestão de Kezawin, James ofertara ao futuro sogro o cavalo baio que havia roubado na volta dos territórios pawnees, comunicando formalmente que queria Kezawin como esposa. Nesse momento, aguardava que a trouxessem até ele. O casamento era chamado de Winyan He cinacaqupi: ele queria aquela mulher e então ela lhe foi concedida. Os convidados ficaram satisfeitos quando viram no rosto de James sua expressão de júbilo ao deparar-se com a noiva. Parado ali, vestido com roupas brancas de pele de alce, pespontadas com desenhos simbólicos cinza e pretos, ele, que tanto a queria, só possuía um cavalo para ofertar; mesmo assim, eles a concederam.

O pai a colocara sobre uma sela de boa qualidade em um de seus melhores cavalos, conduzindo-a pelo acampamento com toda a solenidade. Vendo que eles se aproximavam, o coração de James começou a bater forte, como os trovões das tempestades de verão. As trancas negras estavam presas por pele branca de arminho e a testa fora pintada com uma faixa vermelha, a cor das grandes promessas. Ela reluzia como uma jóia, refletindo os raios dourados do sol de outono, ainda que seus olhos estivessem timidamente voltados para o chão.

Ela usava o mesmo vestido branco de pele de alce que usara ao se encontrarem pela primeira vez. Enfeitara-o com mais pespontos e dentes de alce, como deveria ser

um vestido de noiva. James parecia tão surpreso ao vê-la como naquela ocasião, mas agora havia muito mais em sua expressão. Ela seria sua mulher.

Urso Solitário entregou as rédeas ao noivo e, dando um passo para trás, entregou-lhe Kezawin. James recebera instruções para amarrar o cavalo atrás da tipi da família, mas, em vez disso, aproximou-se do cavalo, abrindo os braços para ela, que riu e escorregou da sela caindo em seu colo. Com os olhos brilhantes de felicidade, ergueu o rosto. James inclinou-se e cobriu-lhe a boca com um beijo, que anunciava ao mundo inteiro:

— Esta é minha mulher...

"Deixe que vejam", pensou ele, "e, se ela se transformar em um gamo neste exato minuto, eu a seguirei até algum abrigo secreto onde possa viver com ela e protegê-la de qualquer flecha."

"Deixe que vejam", pensou ela, "que este é o homem que não tem medo de tocar minha língua com a sua, provar meu amor e ser meu esposo."

Todos presenciaram o estranho gesto e alguns até sorriram, aprovando. Outros deram de ombros e seguiram comendo, resmungando que não se podia esperar outro comportamento de um homem branco e de alguém que sonhara com a mulher gamo.

Depois do banquete, houve distribuição de presentes e homenagens a todos os parentes pelos ritos tradicionais. A dança ainda continuou por muito tempo. Assim que o sol se escondeu por trás das montanhas, as mulheres enrolaram-se em cobertores e colocaram-se ao lado da enorme fogueira, prosseguindo com sua dança suave, enquanto os homens, imitando o tinamu ou o caçador rastreando a presa, afastavam o frio com o calor de sua dança animada.

James dançava em círculos, seguindo os demais. O decoro impedia os homens de observarem as mulheres dançando, mas James olhou Kezawin e sorriu para ela. Ele trocaria de bom grado seus mocassins novos pela oportunidade de dançar uma valsa com ela. Sentia a tentação de roubá-la do círculo das mulheres e girar com ela ao redor da fogueira.

As batidas dos tambores exigiam a atenção de todos. De repente, diminuíram de intensidade. James buscou sua mulher com os olhos, mas ela não estava mais lá. A cada um que perguntava, cobria a boca com a mão, rindo, ou então lhe dava um tapinha nas costas, perguntando se a celebração já terminara para ele.

Finalmente, resolveu seguir seus instintos e dirigiu-se à extremidade do acampamento. Havia uma fogueira acesa dentro da tenda de Kezawin. Jamais houvera nenhuma outra casa que o atraísse tanto como aquela. Um fio de fumaça escapava pelo topo. "Uma montanha com seu interior em brasa", pensou enquanto apertava o passo. Um fogo delicioso.

Ao entrar, sentiu o perfume de ervas aromáticas. Kezawin estava sentada ao lado do fogo, as pernas bem torneadas e os pés pequenos encolhidos para um mesmo

lado, penteando os cabelos com um pente feito de espinhos. A boca de James secou. Os cabelos molhados espalhavam-se como uma cascata, enquanto o pente os separava. Ela sorriu e James engoliu em seco, voltando-se e fechando a entrada.

— Fiquei assustado quando não a vi — conseguiu dizer, pisando no tapete macio. — Pensei que você talvez tivesse mudado de idéia e fosse se esconder.

— Você me lançou aquele olhar de homem — lembrou-lhe. — Eu quis me lavar em água perfumada. — Ela havia tirado o vestido e trocado por um mais macio, também feito de pele de alce.

James colocou as mãos sobre a camisa, sentido a umidade do suor.

— Eu deveria ter feito o mesmo, mas não consegui pensar em outra coisa além de...

— Eu vou banhá-lo, se você deixar.

Ele riu, enquanto tirava a camisa úmida pelo pescoço.

— Eu permitiria até que você me afogasse, meu amor, se fosse seu desejo, mas primeiro preciso tocar seus cabelos e sentir seu perfume.

— Você pretende passar sua noite de núpcias tocando os cabelos de sua mulher, James Garrett? — caçoou ela.

— Eu me envolveria em seus cabelos — disse-lhe, enquanto desamarrava uma bolsa de sua cintura, as correias que prendiam as perneiras e os mocassins, atirando-os longe, com sua camisa. Parou diante dela quase nu, exceto pela tanga, expondo seu corpo musculoso, bronzeado pelo sol da terra dos lakotas.

— Não posso imaginar abrigo mais luxuoso do que seus cabelos. Mas veja — disse-lhe mostrando a bolsa. — Tenho uma surpresa para você.

James retirou uma longa flauta de cedro, cujo registro ajustável era esculpido como o torso de um cavalo. Cada um dos cinco orifícios estava pintado de vermelho, assim como a embocadura semelhante ao fruto do carvalho.

Os olhos de Kezawin se iluminaram.

— Uma Grande Flauta Retorcida. Onde você a conseguiu?

— Com Búfalo Sonhador, é claro. O único que sabe fazê-las. Ele me disse que, quando eu tocar para você, não poderá resistir. — Sentou-se ao lado dela, perto dos abrigos de dormir. — Ele se impressionou com a rapidez com que aprendi a música.

James não revelou que tinha experiência com instrumentos de sopro. Enquanto sentava-se confortavelmente sobre as pernas cruzadas, Kezawin colocou em seu pescoço uma grinalda entrelaçada. Tinha um aroma forte.

— Você gosta do perfume?

Ele riu.

— Estou certo de que melhorará o meu cheiro.

— *Vi como você estava dançando bem. Está aprendendo tantas coisas... Búfalo Sonhador lhe ensinou alguma canção?*

— *Seu marido não é tão tolo que não saiba que o preço da flauta inclui a canção de amor.*

Ela sorria enquanto ele colocava os dedos nos orifícios. Observou-o apoiar a flauta no lábio inferior e cobri-la com a boca. O som produzido lembrava um assobio erótico, como apelo noturno cadenciado vindo do fundo do coração de um amante. A música encontrava ressonância no peito de uma mulher.

Kezawin colocou-se atrás dele, pegou um pedaço de camurça macia e mergulhou-o na infusão de água morna e perfumada que havia preparado, fazendo lentos movimentos circulares, e então ajoelhou-se para fazer o mesmo com seus ombros e braços. Molhou os cabelos dourados que lhe chegavam aos ombros, antes de aproximar a boca de seu ouvido.

— *Aqueles que estiverem retornando da dança ouvirão sua música e pensarão que é o próprio Búfalo Sonhador que está tocando — sussurrou ela. — As virgens deverão cobrir os ouvidos e correr de volta a casa. Não, não pare de tocar. — Ele sorriu com a flauta entre os lábios. Ao longe, a dança dos tambores continuava, sua persistente cadência inspirada no galope do búfalo, agora suavizada pela canção de amor de James.*

— *Os jovens guerreiros estarão à espreita — murmurou ela. — E os esposos estão dizendo às suas mulheres: desejo você, mitawin. Venha aplacar meu sofrimento. Tão forte é o poder da Grande Flauta Retorcida. Veja, o cavalo... — Ela apontou para a pequena entalhadura na flauta, pressionando os seios nas costas dele. — De todas as criaturas de quatro patas, é a que mais está disposta a acasalar-se. Não pare de tocar. Sua música tem magia. Toque mais.*

Ela voltou a umedecer o pedaço de camurça com a água morna e, com suas pernas, prendeu-lhe os quadris; começou a lavar-lhe as coxas pelo lado esquerdo, de fora para dentro, subindo lenta e perigosamente.

Ela tocou a cicatriz de sua primeira caçada de búfalo; resvalou a camurça pela parte interna da coxa e aproximou-a tão perto quanto possível, para então largá-la e deslizar a mão pela abertura da tanga. Ao tocá-lo suavemente, o som da flauta emudeceu.

Ela desfez o nó que prendia a tanga e acariciou-o até que ele gemeu:

— *Ah, Kezawin, você tem a magia... Magia. Magia do gamo.*

Ela se afastou.

— *Sou muito atrevida. Não posso ser tão...*

— *Não, Kezawin. — Ele a tomou nos braços. — Não, nada disso. Agora sou seu marido e não deixarei que você...*

— Não deixe, por favor. — Ela tomou-lhe o rosto entre as mãos e sentiu o calor que provocara nele. — Prometa-me, James. Se eu me transformar em algo selvagem...

— Eu serei tão selvagem quanto você. — Ele colou os lábios na mão que há pouco o acariciava.

— Não, não brinque. Você precisa me prometer. Se eu me transformar... se você notar qualquer coisa, se ouvir qualquer som estranho, deve abandonar este lugar tão rápido quanto possível. Não deve...

— Prometo — sussurrou ele, pondo-se de joelhos e fazendo com que ela o imitasse. Por sobre o vestido macio, tocou-lhe os quadris, acariciando-os com movimentos leves, pressentindo a nudez. — Você não pode me magoar esta noite, a não ser que me evite. Desejo você, mitawin.

Uma mescla de medo e desejo envolvia a mente de Kezawin, mas não queria parar.

— Quero você, e é por isso que você deve...

— Quero ver seu corpo. — Ela ergueu os braços para que ele pudesse despi-la. Os cabelos espalharam-se sobre os seios. Com a ponta dos dedos, James percorreu-lhe as coxas, os quadris, até o pequeno ventre arredondado. — Devo colocar meu filho aqui, Kezawin.

— Você teve uma visão sobre isso?

— Sinto isso, neste momento. — Ele afastou-lhe os cabelos para trás das orelhas e admirou, embevecido, os seios firmes. — Você amamentará meu filho aqui — prometeu, enquanto se inclinava para tocar o bico com os lábios. — Desse modo.

Em resposta a seus lábios suaves, Kezawin quis alimentá-lo. Mergulhou os dedos em seus cabelos macios e aproximou ainda mais a cabeça dele a seu corpo.

— Nossos filhos deverão partilhar com o pai os seios da mãe — James disse, enquanto a tomava nos braços e deitavam-se no que, daquele momento em diante, seria seu leito. Deitou-se sobre ela. — Me ame — murmurou entre beijos. — Você não pode me machucar com amor.

— Você vai me amar olhando para mim?

— Vou fazer amor com você... Ponha seus braços em torno de mim e sussurre em meus ouvidos os seus desejos.

— De frente... Assim você poderá vigiar... para ter certeza...

— Para me assegurar de que estou lhe dando prazer. — As mãos dele acariciavam seus seios. — Quero ver isso em seu rosto adorável. Não tenha medo, Kezawin. Eu te amo e serei delicado.

— Não estou com medo... — murmurou ela.

— Não tem medo? — Tomou-lhe a mão e colocou-a sobre o membro ereto. Buscou, como um cego, tateando o corpo feminino até que, com dois dedos, alcançou seu destino. Tocou-a com todo o cuidado, até que ela gemeu e ele sorriu, murmurando:

— Você vai me purificar. Aqui, está vendo? É o seu corpo que me purificará... Você me receberá, o seu marido, e eu me tornarei puro.

Ela se abriu para ele, que se ajoelhou entre suas coxas, colocando-se nela, movendo os quadris e tocando-a até que não pôde mais. Queria que ela lhe dissesse quando, mas ela se controlou. Não deveria tentá-lo. Não deveria seduzi-lo.

— Não deixe que eu...

— Não deixarei — disse, penetrando suavemente nela. Prendeu-lhe as mãos atrás da cabeça, entrelaçando seus dedos aos dela. — Não deixarei que você seja nada além de uma mulher. Eu te prometo.

Ele a penetrou mais fundo. Ela sentia algo diferente. Algo em seu íntimo estava mudando. Um turbilhão de sensações...

— James!

— Envolve-me com suas pernas — ordenou-lhe. — Assim... Assim... Deixe-me possuí-la...

— Por favor, abra seus olhos — sussurrou ela. Não tinha mais controle sobre si mesma. Agora cabia a ele. — Olhe para mim...

Ele a olhou através da bruma clara de seu próprio prazer. Os olhos dela revelaram um misto de prazer e medo.

— Vejo uma mulher — murmurou ele, — O rosto de uma mulher, o corpo de uma mulher... acolhendo as sementes de seu homem.

As sombras das chamas que se extinguíam dançavam nas paredes. Com os dedos, Kezawin acariciava os pêlos finos que cobriam o peito de James.

— O que aconteceria se eu decidisse voltar para o Leste? — perguntou ele, a voz preguiçosa. — Você me acompanharia?

Ela ergueu os olhos, encarando-o com firmeza.

— Voltar para onde você vivia como homem branco?

Ele riu.

— Eu vivo aqui como um homem branco. Você poderia viver lá como lakota.

— Eu poderia morrer lá como lakota.

— Eu te protegeria — prometeu ele. — O que faria se eu decidisse partir?

Com cuidado, ela colou a face em seu rosto e afastou o medo de sua mente.

— Sou sua mulher, iria com você. Se os wakincuzas, aqueles que decidem, determinassem que amanhã se levante acampamento e você não quisesse ir, permaneceria a seu lado. E morreríamos juntos.

Ela lhe prometia devoção total. Nenhum lakota desejava se separar de sua comunidade. Afagou-lhe o ombro, agradecido.

— Há algumas coisas que eu gostaria de ter lhe mostrado no Leste — disse-lhe em voz baixa. — Só para que você se divertisse. Através de seus olhos, queria ver o mundo que me gerou. Mas não pertencço mais àquele mundo. A parte escondida de minha alma que, como seu pai assegurou, eu haveria de encontrar, essa parte morrerá aqui.

— Então você não me levará daqui?

Ele negou com um gesto de cabeça, acariciando-lhe os cabelos.

— E não irei a parte alguma sem você.

Ela colou os lábios em seu peito e, abraçada a ele, observava a dança das chamas.

— Durante o inverno, você deverá pintar suas façanhas em uma tela — disse ela, preguiçosa. — E eu as pintarei numa manta. Você pintará quadros e eu farei esboços para contar as histórias.

— O que é f az pensar que eu possa retratar imagens?

— Os homens pintam quadros e as mulheres desenham símbolos.

— Por quê?

Ela roçou os lábios em seu peito.

— Porque sempre foi assim.

— Nesse caso, pintarei minha maior façanha bem defronte à entrada da tenda — decidiu ele. — Um quadro da mulher que eu cortejei e conquistei... nua.

— Não! — Ela riu, beliscando-lhe a perna com os dedos do pé. — Você deverá descrever a caçada de búfalos e o roubo dos cavalos. Coisas desse tipo.

— Ah, coisas desse tipo. Se devo passar o inverno pintando, gostaria de pintar o que bem desejar. Poderia fazer um quadro ilustrando o momento em que vimos o gamo branco.

— Ele fez parte de sua visão? — perguntou-lhe, apoiando-se de bruços sobre os cotovelos. — Meu pai contou que você teve uma visão muito poderosa.

— Ele lhe disse sobre ela?

— Só me instruiu como deveria preparar sua sacola medicinal. — Ela apontou a bolsa de pele pendurada.

Urso Solitário havia contado a James que Irmão do Gamo Branco era seu nome secreto, só conhecido pelos espíritos. Perderia seus poderes se o revelasse a quem quer que fosse. Ele deveria seguir cegamente as orientações do gamo branco. Seus irmãos o ajudariam a alimentar sua família, mas ele próprio não poderia nunca mais provar carne de veado. A visão de James fora mais do que um sonho pessoal, dissera o velho sábio. Era destinada a todo o povo e até o ancião perturbara-se com a idéia de

que um homem branco pudesse ter tal visão. E foi por esse motivo que Urso Solitário executou o ritual movendo as caudas dos cavalos sobre a cabeça de James, declarando-o parte da família lakota.

James também se perturbara. Por que ele? Urso Solitário o chamara de curandeiro e isso ele até podia aceitar, pois era um naturalista e, pelos ensinamentos de Kezawin, era também um herbolário. Fora o espectro da morte que lhe deixara uma terrível sensação de maus presságios. O velho índio lhe dissera que a morte viria e nenhum curandeiro poderia alterar verdade tão dolorosa. Mas os dotes de James em muito ajudariam e ele deveria buscar toda a sabedoria para usá-los da melhor maneira possível.

Kezawin não esperava que ele lhe contasse os detalhes de sua visão. Sorriu para ele enquanto espalhava os cabelos sobre seu peito.

— Ele também me disse que meus poderes são tão fortes que podem confrontar as ameaças da mulher gamo; apesar disso, você esteve aterrorizada durante todo o tempo em que fizemos amor.

— Não durante todo o tempo. Algo aconteceu que me fez sentir enlevada demais para sentir terror.

O peito de James encheu-se de orgulho.

— Seu primeiro marido era uma criança. Agora você está casada com um homem que pode lhe proporcionar isso cada vez que você... — o rosto dela cobriu-se outra vez com uma névoa. — Esqueça tudo isso, Kezawin. Por favor. Sinto muito ter lembrado...

— Três homens, até agora — refletiu ela. — Quero acreditar nas afirmações de meu pai, mas a mulher gamo é também muito poderosa. Três homens morreram.

— Você não está incluindo Escudo de Trovão, está? Eu sou o responsável pela morte dele, e não você.

— Tem a ver comigo. Você lutou porque... Ele fechou-lhe os lábios com os dedos.

— Existe algo que quero lhe contar a meu respeito, Kezawin. Algo que já deveria ter dito. — Deu um profundo suspiro, escolhendo as palavras. — Tirei a vida de dois homens. — Encarou-a e não se deparou com a expressão chocada que esperava. — O primeiro, matei em uma briga, no verão passado. Esse homem foi até meu quarto para roubar meus diários e eu o surpreendi. Lutamos. Ele tinha uma faca e acabei por matá-lo com ela. É uma história que parece se repetir comigo.

— Você ofereceu as devidas compensações à família dele?

— Testemunhas presenciaram que eu estava lutando em defesa própria. Não fui acusado de qualquer crime.

Ele não havia entendido a pergunta e ela lembrou-se de que ele deveria aprender isso por si mesmo. Um dia ele se daria conta de que deveria se desligar dessas mortes e então, saberia o que fazer.

— Foi por isso que você voltou? — perguntou ela.

— O pai do morto é um homem muito poderoso. Perdi meu cargo de professor. Não mais era bem-vindo onde vivia e trabalhava.

— Você foi expulso?

Para os lakotas, banimento era o pior dos castigos e sentiu uma nota de simpatia na voz dela.

— Não exatamente.

— Nesse caso, com certeza, seus parentes o ajudarão.

— Não há amor entre meu pai e eu. O trabalho era minha razão de ser, portanto, minha vida no Leste terminou.

Ela apoiou a cabeça em seu ombro, envolvendo-o com o braço.

— E agora começa aqui?

— Começa sim. — Na verdade, ele não poderia imaginar lugar melhor.

— Creio que seus poderes devem ser muito fortes, James. Nosso ato de amor foi maravilhoso, não?

Tomou-a outra vez em seus braços, afagando-lhe os cabelos.

— Foi o mais verdadeiro que já experimentei — disse ele, tocando-lhe a face com os dedos e percorrendo-lhe o rosto até o pescoço.

— Eu não me transformei, não é mesmo?

— Não vi nada além de Kezawin, e Kezawin é toda mulher. — Inclinou a cabeça para beijar-lhe os seios. — Minha mulher — murmurou, pensando que quem sofrerá transformação radical fora ele próprio. Ele jamais voltaria a ser o mesmo.

Capítulo X

Durante os dias de inverno, incentivado por Kezawin, James começara a pintar, embora soubesse que não tinha nenhum pendor para essa atividade artística. Em uma fria manhã, segurava irritado o pincel de osso à altura do rosto e examinava a ponta afiada, através do vapor de sua própria respiração. Era feito da costela de algum animal, suficientemente porosa para reter a tinta, mas sem qualquer flexibilidade. Mais parecia um dardo.

— Seus cavalos estão ótimos, James — animou-o Kezawin. — Veja como o baio persegue os outros em direção à entrada da tipi.

Quando ele afastou o rosto do seu trabalho na tela, a expressão dela fez com que a irritação se desvanecesse. Ela lhe dirigia um sorriso torto, pois sua boca estava repleta de espinhos que amaciava com a saliva.

— Eu lhe daria um beijo pelo elogio se, nesse momento, sua boca não fosse uma arma tão letal.

O riso cristalino dela sobrepôs-se ao assobio melancólico do vento de inverno. Retirou da boca um dos espinhos tingidos com pó de raiz.

— O porco-espinho macho saberia como evitar os espinhos da fêmea — provocou-o.

— Espere, logo um certo homem poderá retirar os espinhos da boca de sua companheira e dar-lhe algo melhor para que ela amacie.

— Ayyy — repreendeu-o, fingindo estar escandalizada. — O porco-espinho macho comporta-se com muito mais dignidade.

— Isso porque não o obrigam a pintar as paredes de sua toca. — Com o pincel, apontou para a figura estilizada que tentava completar. — Olhe para isso. Está muito longe de ser um gamo. Parece mais uma lebre com chifres. — Ela riu. — Se engasgar com os espinhos, mulher, será o castigo por ficar rindo.

— Mas os cavalos estão maravilhosos — encorajou-o. — Posso até vê-los saindo da tela, empinando e disparando na neve.

— Humm. — James analisou o trabalho da semana anterior. — Jamais serão peças de museu, mas estão passáveis.

— Você deve pintar um homem de cabelos amarelos montado no baio.

— Ainda não terminei.

Ergueu o pote de tinta feito de casco de tartaruga e mergulhou a ponta do pincel na mistura quase branca que fizera com pedaços de pele fervidos e argila clara. Estudou o cavalo, mais uma vez. Se conseguisse que o gamo parecesse mais com um potro do que com um coelho, ficaria satisfeito. Mais uma tentativa, pensou, recomeçando a pintar.

— Vai ser muito difícil desenhar algo que se pareça com um homem — continuou, distraído. Com o rosto quase colado à tela, concentrava-se na cabeça do gamo. A inclinação da parede não ajudava em nada, mas era mais fácil do que pintar o teto de uma igreja. — Tenho tentado me lembrar das marcas pintadas no baio. Gostaria de reproduzi-las aqui.

Afastou-se um pouco para apreciar o resultado. "Melhor. Muito melhor, Garrett. Digno de ser exposto no Louvre, afinal."

— Você deve se lembrar daquelas marcas, Kezawin.

— Eu me lembro.

— Que bom. — Deu mais uma pincelada nas galhadas do gamo albino, deixou cair o pincel dentro do pote de tinta e guardou-o. Pegou o pote de tinta negra. — Quero retratar as marcas exatamente como eram.

— Talvez não seja uma boa idéia reproduzir tudo o que você viu naquele cavalo — sugeriu ela, sem levantar os olhos de seu trabalho.

— E por que não?

— Porque as marcas identificariam o dono do animal.

— Quando roubei o cavalo, eu me tornei seu dono. Jamais imaginara que um dia discutiria seu furto com tanto orgulho, mas aprendera que havia certa arte nisso também. Naquela cultura, roubar cavalos não se constituía em crime, desde que se obtivesse sucesso. No mundo dele, só não eram punidos os detentores do poder e da riqueza.

— Além disso, acho difícil que o antigo dono venha nos visitar e veja as provas em nossas paredes. — O silêncio dela deixou-o em dúvida. — Ele viria?

Kezawin continuou pespontando.

Recuando, James observou seu cavalo com outros olhos.

— Kezawin, de quem era o cavalo que roubei?

— Não são parentes próximos. São só alguns primos brülés. Eles deveriam ter vigiado melhor seus animais.

James colocou o pote de tinta negra ao lado do outro.

— Brülés! Eles nos teriam dado um cavalo para que pudéssemos retornar à aldeia!

— Estava muito escuro aquela noite.

— E você nunca me contou.

— Foi um golpe muito bem dado, James. Se pudessem, eles o teriam matado, mas você foi muito esperto e muito rápido. Você conseguiu. Retratar você mesmo montado nesse cavalo e esqueça as marcas.

Levou algum tempo até que ele se recuperasse da sensação de haver feito papel de idiota. Então riu, recordando-se de como se orgulhara por haver escapado por um triz. Entre as tribos das planícies, encarava-se o roubo de cavalos quase como um jogo. Já em seu mundo, dependendo de quem fosse o dono, um homem poderia até ser enforcado por isso.

James agarrou diversas achas de lenha da pilha próxima à entrada da tenda e alimentou o fogo.

— Não quero estar por perto quando seus primos se encontrarem com Urso Solitário montado naquele baio.

— Eles se sentiriam envergonhados demais em admitir como foram descuidados.

Apanhando um abrigo, James sentou-se ao lado de Kezawin, buscando o calor de seu corpo para se proteger do frio daquele dia escuro e preguiçoso de inverno. Envolveu os dois com o abrigo.

— Vou decorar as paredes da nossa tenda com desenhos de plantas, feitos com tinta de escrever — sugeriu ele. — Isso eu sei fazer bem.

— Que tipo de histórias seus desenhos contarão?

— A história daquilo que nos aproximou. Algo um pouco diferente — sugeriu ele. — Semelhante ao que minha mãe tinha na parede de seu quarto. Assim como você, ela gostava de bordar.

— Mas quando chegou aqui suas roupas não tinham qualquer bordado. A mulher de quem fala havia morrido há muito tempo e você não tinha esposa. Pareceu-me triste que não tivesse ninguém para pespontar suas roupas. Você parecia... unsica.

— Então você pensou que eu era um coitado, não é? Só mesmo uma mulher para sentir pena de um homem solteiro, quando a maioria de nós nem percebe que está em um estado tão lastimável. — Tocou a barra pespontada de sua camisa. — Mas você cuidou para que minhas roupas apresentassem os mais lindos trabalhos.

— Isto porque você me trouxe muitas peles.

Ela estava sendo generosa. Qualquer caçador lakota teria abatido o dobro de animais; apesar disso, ele estava conseguindo sustentar sua pequena família.

— Quando eu vivia entre os homens brancos, costumava pagar um alfaiate para fazer minhas roupas. Ainda que eu tivesse esposa, continuaria a fazer o mesmo. É assim que os homens brancos se vestem, especialmente...

— E as mulheres brancas, como se vestem?

Tentou lembrar-se, percebendo que seu próprio gosto havia mudado.

— Os vestidos são longos e as saias muito amplas. Gostam mais de enfeites do que os homens, mas enfeites diferentes dos que usamos aqui. Por exemplo, usam pedras polidas, brilhantes.

— Pedras?

— Polidas. Do tipo que brilham. Fazem colares e pulseiras com elas.

— Conchas e dentes de animais são mais leves e fazem enfeites muito mais bonitos. Talvez as mulheres brancas usem contas minúsculas, como as que os mercadores trazem por aqui.

— Não sei. Nunca me preocupei muito com moda.

— Muitas de nossas mulheres passaram a usar contas. — Kezawin segurou os mocassins que estava fazendo, exibindo o delicado trabalho de pesponto em laranja e amarelo. — Eu prefiro usar os espinhos.

— São muito mais bonitos.

— É claro que exige muito mais habilidade. — Ela olhou-o com expressão marota.

— É verdade, muito mais habilidade — concordou ele, divertido. — Só uma mulher preguiçosa usaria contas.

— E essas mulheres brancas nem isso conseguem fazer.

— São feias também, a maioria.

— Eu já imaginava, embora jamais tenha visto uma. Se são tão preguiçosas, devem ser também muito gordas.

— Gordíssimas. Ela riu.

— E devem brigar com seus maridos, quando querem mais comida. — Ele concordava, divertido. — E devem ter vozes como gralhas e peles...

Ele ria e concordava, lembrando-se de como a irmã mais velha de Raleigh Brow, que em certa época representara para ele a própria encarnação de Vênus, havia, ao se casar, destruído seu coração de adolescente. Sem querer, ela mesma lhe devolvera a confiança quando, quase em seguida, engordara dez quilos.

— Diga-me como elas são, de verdade.

— Não são diferentes das outras mulheres, acho. — Sentou-se atrás, apoiando o queixo em seu ombro para observar melhor o trabalho. — Algumas são feias, outras bonitas, algumas preguiçosas, outras ambiciosas. Algumas ficariam ansiosas para contar ao mundo inteiro como fui bobo em atacar o acampamento de nossos aliados. Outras deixariam isso passar com uma pequena alfinetada. "Oh, por falar nisso, o cavalo que você roubou é do meu primo." Algumas, muito poucas, nada fariam para diminuir o momento de glória de um homem. Este homem seria louco se não se casasse com ela, deixando que escapasse.

— Foi mesmo um grande golpe.

— Mais louco ainda se a mulher trabalhasse com pespontos em vez de contas.

— Você está caçoando de mim — disse ela, retomando o trabalho.

— Caçoando? Vou lhe dizer a verdade; jamais vi uma artesã tão hábil quanto você. Se tivesse visto, há muito teria me casado com ela. É impressionante como você trabalha depressa e com tanta arte.

— E graças à mulher gomo que tenho esse dom.

— E o dom de curar. Não creio que ela seja assim tão má. — Kezawin lançou-lhe um olhar de repreensão. — Não estou fazendo pouco dela — ele logo explicou, — Não há dúvida de que ela é dotada de grandes poderes. Veja o resultado do seu trabalho. Que tipo de sonho ajudaria a melhorar minha pintura?

— Creio que a melhor maneira é praticar.

— Hummm. Esse seria o caminho mais difícil. Você vai ter que se conformar com um artista medíocre. Meus talentos estão voltados para outras áreas.

Kezawin dobrou cuidadosamente seu trabalho, sorrindo para si mesma.

— E quais seriam essas outras áreas?

— Posso trazer a Grande Flauta Retorcida?

— Só se você não tiver qualquer outro plano para o resto do dia.

— Meus planos consistem em cumprir o mais sagrado dos meus deveres. —

Tirou-lhe os mocassins das mãos e guardou-os junto com as bolsas repletas de espinhos. — Fazer você ficar grávida.

— Você tem levado muito a sério esse seu dever — murmurou, acariciando-lhe a face.

— É um dever que exige constante devoção. Agora que você retirou as armas de sua boca...

— Não tenho nenhuma proteção contra os espinhos de seu rosto.

— Na primavera vou tirar a barba outra vez. — Ele a beijou no canto da boca.

Uma voz vinda da entrada fechada foi como um banho de água fria.

— Meu irmão está com muita dor hoje.

A contragosto, James ergueu a cabeça, afastando-se dos lábios entreabertos de Kezawin.

— Traga Menino do Sol — disse ela, em voz alta. — Vamos ajudá-lo.

Depois de um longo e desanimado suspiro, James foi desatar o nó que fechava a entrada.

Trovão Azul colocou-se em seu posto habitual, ao lado da porta, envolto em seu abrigo, vigiando cada passo do tratamento ministrado a seu irmão, que conversava despreocupado. Estava impressionado com os poderes do homem branco. Casara-se com a Mulher Gamo Sonhadora havia mais de quatro luas e ali estava ele, mais forte e saudável do que nunca. Trovão Azul pensava que o homem branco estava condenado. Mulher Gamo Sonhadora era simplesmente bonita demais para ser esposa de qualquer mortal. Talvez ela permanecesse casta e ele decidira continuar puro em homenagem ao amor que sentia por ela.

Odiava o modo como o homem branco a olhava. Era errado encará-la; todos sabiam disso. Havia dado algumas espiadas e tinha a certeza de que tombaria morto se a olhasse de frente. O poder dela era terrível. A beleza dela era terrível. A dor que sentia cada vez que pensava nela era quase insuportável.

E ali estava seu irmão, exibindo Sapa, o corvo, e falando como um papagaio com os dois, como se eles fossem pessoas comuns.

James esforçava-se ao máximo para respeitar a intimidade de Menino do Sol, mantendo a tanga em seu lugar enquanto alternava, sobre seu quadril, compressas frias e quentes. Pelo entusiasmo da criança, era óbvio que o tratamento produzia bons resultados, mas James podia muito bem passar sem o bater das asas do corvo.

— Diga seu nome — insistia Menino do Sol. O couro grosso que protegia o braço do garoto das garras do pássaro estava esfarrapado. A asa quebrada impedia o corvo de voar, mas não de bater as asas cada vez que seu dono lhe acariciava o peito. — Fale, Sapa. Mostre a meus amigos como você é um menino esperto.

— Rawwk! Raawwwk!

James espreitava a asa curva.

— Ele quase falou.

— Ele sabe mesmo falar seu nome — insistiu o menino. — Ele não gosta de errar diante das pessoas e é por isso que faz sons de corvo. Vamos, Sapa. Você sabe como fazê-lo. Diga Sahhhpahhhh. Vamos.

— Talvez isso ajude — disse Kezawin, estendendo um punhado de tirinhas de carne para o garoto.

Trovão Azul rompeu seu costumeiro silêncio.

— É melhor não mimá-lo. — Três cabeças voltaram-se surpresas e o garoto teve vontade de sumir dentro de seu abrigo. Em vez disso, ergueu a cabeça e tentou falar com voz firme. — Meu pai disse que talvez tenhamos que comer esse pássaro antes do fim do inverno.

— Não, não vamos — revoltou-se Menino do Sol. — Há muitos cães pelo acampamento e Ate sabe onde encontrar veados. Ele vai sair à procura deles amanhã.

— E eu vou com ele. — Trovão Azul deu uma olhadinha para ver se Mulher Gamo Sonhadora ficara impressionada.

Hahol. Ela sorria. Endireitou os ombros, apertou o abrigo contra si e esperou o pior.

— Olhe, Sapa. Carne. Agora, diga seu nome ou eu não... — o bico foi mais rápido que a mão — lhe darei mais nenhum pedaço. Sahhhpahhh.

Quando o tratamento acabou, Kezawin despachou os meninos, dando-lhes uma generosa porção de carne-seca que deveriam entregar à mãe. Depois que partiram, ela colocou uma porção racionada de carne e de nabos secos em uma vasilha enquanto James se lavava das tintas. Ela podia sentir que ele a censurava em silêncio, mas não fez qualquer pergunta. Assim que encontrasse as palavras certas, ele lhe diria o que o afligia.

Por fim, James tomou seu lugar no fundo da tipi, sentando-se encostado no apoio de salgueiro.

— Você sabe, não somos só nós dois. — Começara pelo meio, clara indicação de que se sentia mal em tocar no assunto. — Somos também responsáveis pelo sustento de seu pai.

Era costume dele começar um assunto revelando algo que ela já sabia muito bem. Ela sentou-se do lado esquerdo e esperou. Depois dessa introdução, ele finalmente chegaria ao ponto.

— Não creio que você deva dar tanta comida para os outros — conseguiu dizer.
— Ultimamente, parece que qualquer um que venha à procura de tratamento parte com uma boa porção de nossos suprimentos.

— Os alimentos estão escasseando.

— É esse o meu ponto. Não me incomode que você dê às crianças algo para comer, mas você lhes entregou uma boa porção do que nos resta.

— Lembre-se de que Ameixa Doce foi a primeira que falou a meu favor e mordeu a faca quando todas as outras hesitavam. Ela tem muitas bocas para alimentar.

— Eu sei disso. — Buscou uma pele de coio e colocou sobre as pernas dela. — Mas em alguns lugares a neve chega até a cintura de um homem. Nas duas últimas vezes em que saí para caçar, não vi qualquer animal. Até os lobos partiram.

— Tem sido um inverno duro.

— Sei que não sou o melhor dos caçadores, Kezawin, mas estou tentando fazer com que não nos falte carne.

— Todos estão passando pela mesma situação. — Pousou a mão em sua coxa, em um gesto reconfortante. — Você tem se saído muito bem. Melhor do que muitos dos outros caçadores. Fico feliz em honrá-lo dessa maneira.

— De que maneira?

— Dando carne de presente. E você precisa saber que, cedo ou tarde, haverá retribuição. Quando o tempo estiver quente outra vez, eles não se esquecerão do que lhes demos.

— Quando o tempo esquentar, não estaremos passando por essa situação. — Olhava o fogo, evitando encará-la. — No momento, acho que deveríamos economizar um pouco. As coisas ainda vão piorar muito antes que comecem a melhorar.

— Economizar? — Não podia entender o conceito. — Você quer dizer guardar só para nós?

— Quero dizer, não dar tanto de presente — corrigiu ele.

— Enquanto qualquer um de nós tiver comida, todos nos alimentaremos.

— Não estou sugerindo que deixemos ninguém morrer de fome.

— Nesse momento, temos alimento suficiente. Logo você encontrará algo e teremos carne fresca. Eu dei carne de veado, James. Você não come essa carne, por isso, temos bastante para partilhar.

— Você e Urso Solitário comem carne de veado — retrucou ele. — Só estou querendo dizer que devíamos economizar um pouco para não passar fome.

— Você nunca passou fome?

— Não. Por um período mais longo, não.

— Antes que os ventos quentes levem a neve embora, pode haver tempos de fome. O lugar onde você vivia como homem branco deve ter muita fartura, se nunca passam fome.

Nunca era um exagero, mas não sabia como explicar a realidade da existência de ricos e pobres.

— Pessoalmente, não passei fome... eu ou minha família. Veja, minha família estava muito bem de vida. Éramos proprietários de vastas... Não que não haja pobreza; um número considerável de pessoas nada têm, ou têm muito pouco.

— Nesse caso, sua família ajudaria os outros, não é? Vocês dariam muitos banquetes e presentes.

— Alguns. Existem instituições de caridade, é claro, mas não se pode ajudar a todos.

— E por que não?

— Porque nesse caso nada sobraria.

— É motivo de grande honra quando se dá até que nada mais reste; então as pessoas lhe darão tudo o que você possa precisar, e dirão que você é um homem generoso. — Mudou as pernas de posição, ajeitando a pele de coioote sobre elas. James tinha a capacidade de ser generoso, mas alguém falhara em sua educação.

Ele franziu o cenho enquanto observava a chama do fogo. Toda a idéia parecia quase bíblica. Idealista. As pessoas não viviam desse modo. Por fim, negou com um gesto de cabeça.

— Não, eu não posso concordar... Nesse caso, você mesma seria objeto de caridade. Não se pode dar tudo de presente.

— É um mau sinal quando um homem tem muito. Significa que ele não deu banquetes, não contribuiu em cerimônias, nem ao menos ajudou seus parentes.

— Mas se dermos até que nada mais tenhamos e ninguém mais tenha...

— Passaremos fome por algum tempo. — Kezawin jamais o vira tão assustado. Aproximou-se entrelaçando seu braço no dele. — Mas a Lua do Nascimento de Filhotes chegará. Sempre chega. E imagine como a relva se porá verde depois de toda essa neve. Tatanka comerá tanto que se tornará gordo e lerdo e dirá: "Tomem um pouco de minha carne, irmãos lakotas. Tenho bastante".

James acariciou a testa de Kezawin, afastando seus cabelos. Às vezes pedia que os deixasse soltos e ela o satisfazia.

— Não passaremos fome. Amanhã mesmo sairei. Ainda que tenha de alimentar todo o acampamento, não permitirei que você passe fome.

Eram palavras corajosas. Palavras orgulhosas. Viviam na extremidade do acampamento, sempre parte dele, mas independentes. No entanto, não eram auto-suficientes. Um sem o outro seria como um tambor vazio, mas sem seu povo, não conseguiriam sobreviver.

— Não cabe a um único homem alimentar todo o acampamento — disse ela. Dessa vez talvez ele se ausentasse por muitos dias... Era difícil esquecer como seu primeiro marido e seu irmão haviam partido cheios de confiança. Fora a mulher gamo a responsável pela morte deles. James não deveria partir só. — Em tempos assim, um grupo pequeno pode ter mais sorte do que um caçador solitário.

James engoliu seu orgulho e foi fazer uma visita a Pele de Alce, o marido de Ameixa Doce. O grupo de caça de inverno compunha-se quase sempre de um número reduzido de homens da mesma família. Mas Kezawin tinha razão. Era perigoso partir sozinho quando a neve era tão espessa; além disso, um único homem era menos eficiente do que o grupo. Pensava que Pele de Alce lhe devia algo, mas nada mencionou ao homem robusto, pai do frágil Menino do Sol. Simplesmente pediu para ser incluído no grupo, ao que Pele de Alce aquiesceu de imediato.

O acampamento havia se deslocado muito mais para oeste em busca de caça. Nos últimos anos, os lakotas haviam estendido seus territórios de caça às terras que tradicionalmente pertenciam aos crows. Enquanto a rivalidade continuava, os crows foram sendo empurrados para oeste do rio Relva Oleosa. Nessa temporada, parecia que a caça também se refugiara na mesma região. O grupo de Pele de Alce rastreara as pegadas de animais por dias a fio, caminhando com as raquetas de neve e conduzindo os cavalos pelas rédeas.

Caçar no inverno era tarefa árdua, não se assemelhando em nada ao agitado cerco aos búfalos na época do verão. Ao se afastarem do acampamento principal, corriam grande risco. Embora a temperatura se mantivesse estável, os dias eram escuros e as noites longas e geladas. Rastrear por longas distâncias requeria força e determinação. Caçar usando armadilhas exigia extrema paciência.

Pele de Alce liderava o grupo de cinco caçadores: seus dois irmãos, Escudo Pintado e Flecha Partida, Trovão Azul e James. Este logo aprendeu a importância do esforço coletivo. Ainda que a maior parte dos animais encontrados fosse de pequeno porte, os caçadores conseguiram abater todos os que encontraram. Um dos homens era sempre designado para cuidar dos víveres e dos cavalos enquanto os outros competiam com os lobos pelos poucos antílopes ou veados que perambulavam pelas encostas da cordilheira Carneiro Selvagem, perto das nascentes subterrâneas, onde ainda havia algum pasto.

James detestava ser escalado como guarda do acampamento, ainda mais à luz esmaecida do dia, quando o sol frio emprestava tonalidades róseas e douradas ao céu, para em seguida esconder-se atrás das montanhas. Era o momento em que a irritante ausência de ruído lhe dava arrepios. Sentiu-se tentado a buscar o sol, maldizendo-o por havê-lo abandonado. Mas quando notou os cavalos atentos com as orelhas em pé e percebeu certo movimento em um arbusto na encosta, esticou-se de bruços armando o rifle.

Se fosse alguém de seu grupo, já teria se identificado. Examinou a encosta e o arbusto. Se fosse algum animal, logo seria abatido; se fosse um homem, era melhor que começasse a rezar. Outro arbusto se moveu. Era mais de um homem; estavam esperando pelo lusco-fusco quando se tornariam alvos difíceis de acertar.

Se fossem crow, para cada um haveria, provavelmente, mais dois escondidos. Estavam além do alcance de seu rifle, mas não esperaria que se aproximassem. A única área que oferecia certa proteção entre ele e os arbustos era uma fileira de três ou quatro choupos, onde os cavalos estavam amarrados. Afastando qualquer outro pensamento da mente, James concentrou-se nesse ponto.

Deu um salto, começou a correr e, assim que se aproximou o suficiente, disparou no primeiro arbusto, mergulhando em seguida entre os choupos. Escutou outro disparo em sua direção. Um dos cavalos recuou, soltando a rédea que o prendia à árvore e saiu em disparada. James protegeu-se atrás da árvore para recarregar o rifle enquanto o cavalo fugia, provocando mais disparos. Em segundos, montou outro cavalo e investiu em direção ao outro arbusto. O guerreiro crow tentou saltar para livrar-se do ataque, mas foi atingido em pleno rosto por uma bala.

Pele de Alce escutou o tiroteio quando voltava da caçada. Caminhando sobre as raquetas, galgou a neve transformada em gelo até alcançar o topo de uma colina para observar o acampamento. Chegou a tempo de ver James galopando sobre as cabeças dos que trataram de emboscá-los. Pele de Alce desvencilhou-se das raquetas, montou e juntou-se a James na perseguição aos dois últimos guerreiros crows que tentavam, desesperadamente, alcançar suas próprias montarias. James estava mais interessado nos dois cavalos e rodeou-os enquanto seu companheiro fingia perseguir os outros dois, deixando que escapassem.

— Dois escalpos e dois cavalos dos crows! — gritou Pele de Alce satisfeito, enquanto trotava de volta. — Foi um ótimo dia de trabalho, meu amigo.

— Os cavalos têm utilidade para mim — disse James. — Mas tirar os escalpos dos crows enfraqueceria meus poderes.

— Como eu o ajudei, vou tirá-los para mim.

— À vontade — concordou James.

Pele de Alce desmontou perto dos cadáveres que estavam postados de uma maneira meio macabra, cara a cara. Vendo-o dar o talho certo, James ficou imaginando como poderia ele reconciliar seus atos com o lamento por haver tirado vidas. Mas, na verdade, não fora o índio quem matara os dois crows; fora James.

— Partiremos esta noite — declarou Pele de Alce quando os três outros caçadores voltaram ao acampamento. — Vocês perderam o melhor.

James terminou de amarrar os cavalos que capturara, em fila, focinho contra cauda, e assegurou-se de que suas mãos estivessem firmes antes de reunir-se aos outros. Agira em um momento de excitação, quase como se tivesse treinado seus movimentos, mas quando tudo terminou, a tremedeira que começara por dentro tomara

conta de todo seu corpo. Foi obrigado a ocupar-se dos cavalos até conseguir se controlar.

Com um tapinha nas costas, Pele de Alce o congratulou.

— Nosso primo Garrett fez com que o ataque surpresa dos crows se voltasse contra eles próprios, e dois deles pagaram caro por isso. Mas agora devemos sair daqui o mais rápido possível, pois nossos inimigos podem voltar.

— Foi uma boa caçada — declarou Flecha Partida, dirigindo-se a James. — Da próxima vez você virá conosco.

Já fazia dez dias que James partira e Kezawin contara os minutos de cada um deles. Lutara contra o desespero mas, a cada dia, o desânimo ameaçava tomar conta dela. Quando chegaram as notícias de que o grupo de caçadores estava a caminho, correu a sua tenda, trocou o vestido, escovou os cabelos e correu de volta para encontrar-se com seu marido. A aldeia exultava com o resultado da caçada, mas a felicidade de Kezawin era ver seu marido retornar são e salvo. No meio de todo o júbilo, só conseguia pensar que ele estava ali, vivo, bem.

Os outros homens saudavam discretamente suas mulheres, mas a James sequer ocorreu a idéia de ser discreto. Viu Kezawin caminhando pela neve em sua direção e fez seu cavalo apertar o passo. Quando ela o alcançou, olhando-o como se ele houvesse lhe trazido algum tesouro, desmontou, tomando-a nos braços.

— Você está bem? — perguntou ela, como se de repente se sentisse tímida na presença dele. — Não está ferido?

— Não, não. — Ela estava envolta até o queixo em seu abrigo, e a James só restava uma atitude: cobri-la de beijos. — Senti tanta saudade, tanta!

— Tanto tempo longe. Eu tive medo...

— Estou bem. — Por um momento examinou-lhe o rosto. — Você teve o suficiente para comer? Parece cansada. Seu pai está bem?

Sorrindo, ela tomou as rédeas de suas mãos.

— Devo cuidar dos cavalos. — Tinha muito o que dizer, mas esperaria até que estivessem a sós.

— Desta vez eram crows e não brülés. — Viu em seus olhos escuros a angústia pelo perigo que ele teria passado e acalmou-a. — Tivemos um pequeno confronto com outro grupo de caçadores. Ao final, consegui mais dois cavalos. — Era a explicação de um homem que esperava que sua mulher jamais soubesse quão aterrorizado ele se sentira ou quão próximo ele estivera da morte.

— Haverá então uma comemoração da vitória e você será homenageado.

— Não é algo que eu desejaria comemorar. Aconteceu, você sabe, de repente eles estavam lá e era eu ou... Tive sorte, foi tudo. Quero comemorar a volta a casa a sós com minha mulher.

Mas os festejos foram inevitáveis. Três comerciantes de pele haviam parado no acampamento para negociar e foram convidados a participar. Não era o clima de júbilo do festival de verão, pois a terra hibernante preferia não ser perturbada durante a longa noite de inverno; mesmo assim, houve um banquete. Na época do inverno, quando os bandos lakotas se dividiam em acampamentos menores, a tipi do conselho, armada no centro do acampamento, podia acomodar a maioria das pessoas. Contavam-se histórias, primeiro atribuladamente e depois com mais vagar, até que por fim as crianças dormiam nos colos dos pais e as histórias iam se espaçando.

Cachimbos eram passados e James informou-se, com os visitantes vindos do Missouri, sobre os acontecimentos dos últimos três meses. Contaram que uma febre se espalhava em direção a oeste e não tardaria muito para que a população fugisse atravessando o Mississipi. Parecia difícil de acreditar. Seria possível? Será que haveria um número considerável de homens brancos aproximando-se da margem do grande rio? Essas terras, com suas pradarias e montanhas majestosas, não poderiam interessar a uma nação de fazendeiros. Havia grandes extensões de terras boas à margem leste do rio Mississipi, terras que jamais haviam sido tocadas por um arado.

Depois que o fogo aqueceu a tipi, Kezawin despiu seu manto. Ele mal havia falado desde que deixaram a tenda do conselho, o rosto angustiado. Queria banhá-lo e livrar sua mente das preocupações.

As mãos dela afastaram a tensão de dez dias. Ao reclinar-se sobre o encosto de salgueiro, fechou os olhos e desejou que todos os pensamentos e lembranças se apagassem, sentindo o calor do fogo em sua pele. A água com aroma de hortelã fazia seu corpo formigar. Quando abriu os olhos outra vez, Kezawin estava deixando o vestido cair no chão. Olhava-a enquanto ela, usando um pedaço de camurça umedecido, se untava até que seu corpo brilhasse à luz do fogo. Encantado, começou a se levantar.

— Fique onde está — ordenou ela com sua voz suave. — Deixe-me fazer você se sentir mais confortável.

— Mais confortável ainda? — comentou, preguiçoso. — Não creio que possa.

— Acho que sim — disse ela, a voz rouca, deitando-se sobre ele. Então, quando ele a penetrou, murmurou: — É muito bom ter você de volta.

Era bom estar de volta. Era bom provar o doce seio dela, tocar com a língua o bico, tornando-o ereto, e colocá-lo na boca, sorvendo-o delicadamente e fazendo-a gemer. Era bom segurar seus quadris e fazer com que se movessem contra ele e fazê-la gemer. Tomar seu corpo, todo ele, cavalgando-o mais alto, mais alto, e fazê-la gemer e gemer... E depois, era bom abraçar seu corpo molhado de suor, olhando a dança das chamas.

— E isto, de onde veio? — James perguntou, tocando um novo cobertor vermelho que cobria a cama.

— Consegui com os comerciantes de peles. Mas não lhes dei comida em troca — apressou-se a explicar. — Só um par de mocassins para inverno.

— Seu trabalho é bom demais para trocar por um cobertor qualquer.

— Era um par muito simples. E esses cobertores são bons para usar como abrigos de inverno, você não acha? Muitos aqui dão peles em troca.

— É só um cobertor — disse, a atenção voltada para as chamas outra vez.

Ela calou-se, acariciando-lhe os pêlos do peito e ele sabia que ela não faria perguntas, não o forçaria a contar nada que ele desejasse esquecer. Não queria que ela soubesse dos detalhes sanguinários, do aspecto de alguém quando sua cabeça é arrebatada por um tiro, ou do terrível som que um homem arranca quando tira o escalpo de outro. Talvez ela já houvesse presenciado tudo isso, mas ele queria acreditar que não.

No banquete, Pele de Alce declarou que haviam atacado os crows e que James se portara como um verdadeiro guerreiro lakota. A canção que fizeram em sua homenagem elogiava suas façanhas em termos poéticos e os detalhes do acontecimento foram discutidos entre os homens. Kezawin já sabia o que havia ocorrido, mas, ainda assim, James precisava confessá-lo.

— Matei mais dois homens — disse, a voz impassível.

— Os crows.

Ele aquiesceu em silêncio.

— Eles o atacaram.

— Estavam prontos para me emboscar, mas eu dei o primeiro passo. Estava só naquele momento, montando guarda no acampamento e sabia que não teria a menor chance se não agisse rapidamente.

— E você foi poupado.

— Mais uma vez. — Voltou-se para ela, o rosto cheio de angústia. — Ainda posso vê-los, Kezawin. São quatro até agora. Será que estou me tornando algum tipo de algoz?

— Ninguém mata sem lamentar a morte — lembrou-lhe. — Ainda que você esteja celebrando a vitória, uma parte sua lamenta ter tirado vidas.

— Preciso fazer inipi — decidiu ele. — Amanhã. Tenho que me livrar dessa horrível imagem da morte.

— Você não buscou; veio até você. Deve lamentar e deixar que se vá. Você tem que pensar na vida. — Colou os lábios no peito dele e murmurou: — Você deu origem a uma vida onde se pensava que nenhuma poderia se desenvolver.

Por um momento, James permaneceu imóvel.

— Eu fiz... o quê?

Kezawin pegou sua mão e colocou-a sobre o ventre.

— Você cumpriu com seu dever sagrado, esposo querido. Seu filho cresce dentro de mim.

Capítulo XI

Por mais que Kezawin lhe explicasse que a tarefa de trazer água e lenha era exclusivamente feminina, James sentia um perverso prazer em contrariá-la. Afinal, argumentava ele, sempre poderia encontrar caça perto da nascente, possibilidade esta que, na verdade, sabia bastante remota. Mas adorava acompanhá-la pela pequena ponte, sentir o ar frio e puro, admirar o suave céu de inverno, com seu azul pálido estendendo-se quase até o infinito.

No pântano, mais abaixo da nascente, algumas plantas resistentes, típicas de brejo, perfuravam a neve e o gelo com suas folhas verdes pontiagudas. Um pouco acima, a bruma da manhã recobria um pequeno lago, indicando o lugar da nascente. A água escorria pela colina e se congelava, criando um parque de diversão natural, formado pelo gelo. Àquela hora, muitas crianças ali se divertiam, escorregando na descida suave e no pequeno lago congelado. O mesmo vento impiedoso que, por dois dias, os impedira de sair das tipis removera toda a neve do gelo.

Nas partes mais elevadas, além da nascente, havia um bosque de choupos. Kezawin logo reuniu grande quantidade de galhos e amarrou-os em um feixe, carregando-os nas costas; James, no entanto, trabalhava sem pressa. Observar as crianças era uma distração deliciosa. Riam e gritavam ao escorregarem sobre o gelo, geralmente sobre os próprios traseiros. James estremecia de frio ao vê-los brincando, como se a temperatura não estivesse muitos graus abaixo de zero; mesmo os menores, arrastados pelos mais velhos sobre pedaços velhos de couro, pareciam não sentir o frio cortante.

Com os gravetos nas mãos, James observava enlevado uma menina que mal podia andar, caindo, as pernas roliças voltando a sustentá-la e caindo outra vez. Imaginou-se estendendo os braços para carregar uma versão menor de Kezawin, e a imagem o fez sorrir.

Ao ver o que prendia a atenção do marido, o coração de Kezawin se enterneceu. Que dia maravilhoso seria aquele quando lhe desse um filho. Depois de amarrar bem o feixe e colocá-lo no chão, aproximou-se. Juntos, ficaram observando um menino escorregando, levando consigo o irmão mais velho. James riu, divertido, enquanto juntava os gravetos em seu pequeno feixe. Trocaram um olhar cheio de promessas sobre o filho que estava por vir. Atraiu-a para si, protegendo toda a família no calor de seus braços, acariciando suas costas.

— Eles devem pensar que você é um homem muito esquisito — caçoou ela, referindo-se aos garotos. — Abraçando assim sua mulher como se a estivesse cortejando, à vista de todos.

Atraído pelo som da voz de Kezawin, um garoto olhou-os e desviou os olhos discretamente. James riu, embalando sua mulher até que ela riu com ele.

— Temos o direito de ser esquisitos — lembrou ele. — É o que se espera de nós. As pessoas ficariam desapontadas se não fosse assim.

— Nesse caso, ao verem você recolhendo lenha, ficarão satisfeitos.

— Dirão "é só aquele homem branco maluco". — Deslizou a mão por sobre o vestido dela e acariciou-lhe o ventre. — Mas quando souberem a razão do meu estranho comportamento, entenderão.

— Entenderiam se eu estivesse com a barriga grande. — Sorrindo, ela pressionou-lhe a mão, suavemente. — Mas ainda estou pequena — disse em voz baixa.

— No verão, você estará grande e irritável, e eu, magro e ansioso.

— Não vou deixar que fique magro e ansioso. — Encostou o rosto em seu peito. — Todos os homens brancos costumam carregar água e lenha para suas mulheres?

— Só este aqui. — Até onde ele sabia, isso era verdade. — Você escolheu muito bem, Sra. Garrett. Maridos loucos são muito difíceis de encontrar.

— Eu sei disso — disse ela, sorrindo. — Esposas loucas também.

Amarraram em feixes os galhos que James apanhara, mas ele não admitiu que Kezawin carregasse nem o menor deles. Sem protestar, ela seguiu à frente, guiando-o até a nascente.

Depois de retirar da sacola as bolsas, feitas de bexiga de búfalo, para guardar água, Kezawin baixou a primeira delas dentro de um círculo de gelo onde havia um fluxo constante de água da nascente. Enquanto observava o anel de gelo fino dissolver-se na água, as bolhas de ar começaram a dançar de um modo estranho. Por um momento o solo pareceu escapar de seus pés. Tentou em vão equilibrar-se e soltou a armação que prendia a bolsa, enquanto um braço forte impediu-a de cair sobre a neve lamacenta.

— Apóie-se em mim. O que foi?

— Nada. Só um pouco de... — Apoiou-se nele, tentando em vão recuperar as forças de suas pernas. — Um mal-estar, só isso.

Deixando a lenha escorregar para o chão, James carregou Kezawin, que não parava de protestar.

— Oh, não! Agora eles vão comentar. Quando souberem que a Mulher Gamo Sonhadora vai ter um bebê, dirão que não pode carregar seu próprio filho como as outras mulheres...

— Dirão que tem um marido que não deixa que ela carregue sozinha o bebê deles. — O abrigo de búfalo representava ao menos metade do peso que ele estava carregando. Ultimamente, ela estava comendo muito pouco, mas se estivesse doente, havia escondido muito bem. — Está vendo? Consigo carregar vocês dois com a maior facilidade.

— Mas cabe à mulher...

— Cabe ao homem, quando a mulher está com tontura. Eu voltarei para levar a lenha e a água.

Carregou-a de volta à tenda e colocou-a sobre os abrigos de dormir. Ela protestou, mas quando tentou se levantar, ele a impediu.

— Não se mova até que eu acenda o fogo. E então ficará aqui se esquentando um pouco enquanto vou buscar a lenha e a água.

— Depois do espetáculo que demos, não vou permitir que você carregue toda a lenha para mim, James.

Ele atirou lenha ao fogo do fogareiro.

— Estamos em vias de começar nossa primeira rusga de casados, Sra. Garrett.

James acendeu o fogareiro. O rosto de Kezawin havia tomado uma estranha tonalidade amarela. Houve um tempo em que ele teria pensado que competia às mulheres tratar dos problemas femininos. Mas não nesse momento. Essa era Kezawin, que jamais se queixava, e se agora o fazia era porque não tinha ninguém a quem recorrer, exceto ele.

Embora ela tentasse ficar deitada sem se mover, a tenda continuava a girar, mesmo quando cerrava os olhos. Não iria vomitar diante de seu marido. Já ia passar. O calor do fogo misturava-se ao calor que a invadia, queimando, girando...

— O que você está sentindo? — perguntou ele, carinhoso. Ela abriu os olhos, vendo-o tratar dela, mas não conseguia se lembrar de quando ele se havia aproximado.

— É o bebê. Vou preparar um chá para clarear minha cabeça e fazer com que o enjôo passe. Então terminarei...

— Eu vou preparar o chá. E não venha me dizer o que colocar nele, porque eu sei muito bem.

— Você roubou todos os meus poderes, James Garrett. Você escreveu minha auna em seus diários.

— Impossível — murmurou James, enquanto colocava a vasilha de ferver em seu tripé e empurrava diversas pedras dentro do fogo. — Nem mesmo Shakespeare encontraria as palavras certas para lhe fazer justiça.

— Esse Shakespeare, ele é seu kolal

— É um dos antigos, morto há muito tempo, mas conservamos suas histórias em nossos livros e nós... Kezawin, o que foi?

Ela estava empurrando as cobertas quando ele se aproximou.

— Muito calor — murmurou. — Não pronuncie o nome de um morto, James. Não nesse momento. Não... com o bebê...

Ele lhe tomou o rosto entre as mãos. Ela ardia em febre.

— Quando foi que isso começou?

— Quando estávamos na nascente.

— Quando foi a primeira vez? Sempre vem de manhã, como agora? — Cobriu-a com o cobertor vermelho e acariciou-lhe os ombros. — Kezawin, quando estiver doente, deve me contar. Eu não...

— Não tenho sentido enjôo — insistiu ela. — Esta foi a primeira vez. Mas sou uma mulher forte e posso lhe dar filhos, James. Já vai passar. Prometo.

— É só um enjôo de gravidez — acalmou-a, ajeitando o cobertor. — Você estará bem se parar de tentar provar como é forte e deixar que eu cuide de você.

Ela cerrou os olhos, assentindo em silêncio.

— Ficarei boa. — Os olhos queimavam como brasas. — Por favor — sussurrou. — Tenho muita sede.

— Um pouco de água e, logo em seguida, seu chá mágico.

— Sem mágica.

— Está bem. Sem mágica. Só com boas ervas medicinais.

Quando o chá estava pronto, Kezawin enrolou-se no cobertor vermelho e aproximou-se do fogo, apoiando-se em seu encosto de salgueiro; precisava muito desse apoio e não queria que James percebesse. Suas costas doíam e o fogo dentro dela queimava tanto quanto o que James havia acendido. Dentre seus pensamentos desconexos, um lhe dizia que ela deveria combater esse fogo interno. Deixe que se extinga. Abafe-o com o chá. Faça-o ir embora. Não deverá de maneira alguma atingir o bebê.

James sentou-se a seu lado, provando o chá em uma cuia de madeira.

— Em seu estado, é normal que uma mulher sinta enjôos. Parece ser bastante comum. No entanto, não tenho qualquer experiência no assunto.

— Você é um homem.

Era dever da mulher proteger o filho que crescia em seu útero e Kezawin faria o mesmo com seu bebê. Era um alívio poder contar com James para tratar os aleijados, como Menino do Sol. Ela também evitaria o heyoka, aquele que por haver sonhado com o trovão, era forçado a fazer tudo ao contrário do estabelecido. O winkte, o homem que vestia roupas de mulher, também deveria ser evitado, caso contrário, ela daria à luz um filho com coração de mulher. Tais pessoas eram wakan, respeitadas e temidas, e viviam uma vida solitária.

Kezawin conhecia a solidão. Aceitara isso durante muito tempo, mas nesse momento tinha um esposo e um filho que estava a caminho. Não ficaria doente. Não sabia exatamente o que a afligia, mas não iria permitir que a fraqueza tomasse conta dela. Não nesse momento. Faria tudo o que fosse preciso. Sorveu o chá.

— Quero ajudar você — lembrou James.

— Você já me ajudou — disse ela. — Agora, não posso desapontar você. Você deve...

Seu estômago revirou e não a deixou descansar até que expulsasse todo o seu conteúdo. James segurou sua cabeça, dizendo-lhe em voz baixa que tudo daria certo. Mas o ardor da pele dela enchia-o de medo. Era algo mais do que um simples enjôo de gravidez.

Embora tivesse certas dúvidas sobre os métodos de cura de Urso Solitário, James devotava grande respeito à sabedoria do velho índio. Era o guardador do cachimbo, um dos wakincuzas, aqueles que decidem. Competia às mulheres resolver os problemas exclusivamente femininos, mas havia dois dias o estômago de Kezawin não aceitava qualquer alimento. As infusões de ervas não haviam baixado a febre e ela não conseguia esconder o sofrimento. Era hora de buscar o conselho de Urso Solitário.

— Existem outros que estão doentes — revelou o ancião, depois de haverem fumado o cachimbo. — Ouvi falar de dois ontem e de um hoje. Doenças de inverno, imagino. Você deve fazer com que minha filha se alimente logo e tome somente água fresca. Não permita que tome água guardada. Se ela tem febre, um espírito deve ter acendido um fogo perto dela. Vocês têm falado sobre os mortos? — James desviou os olhos e seu sogro suspirou. — Queime sálvia e mantenha o fogo da tenda mais alto. Talvez um suadouro ajude a purgar o mal.

— Não quero que ela tome friagem.

— Um pouco de ar frio fortalece o corpo. Ninguém foge do frio; os únicos que não conseguem suportá-lo são aqueles cujo sangue é fraco. Você tem sua pejuta, Garrett, suas ervas e raízes. Utilize-as bem. Faça com que ela transpire e reze. Ela encontrará forças. Você verá.

Quando James voltou à tenda, ela ainda dormia. Colocou mais lenha no fogo e jogou um punhado de sálvia nas chamas. Juntou todas as bolsas com ervas diante de si e folheou seus diários. Tinha de fazer algo para impedir que continuasse vomitando. Escolheu opúncia seca, casca de salgueiro erva-cidreira, e buscou a bolsa de água. Estacou, de súbito. Água fresca? Quando fora a última vez que trouxera água? Nem se lembrava mais.

Correu em direção à nascente. Agachado em frente ao pequeno lago, baixou na água a bolsa marrom translúcida da bexiga de búfalo e, enquanto aguardava que esta se enchesse, observou o céu de fim de tarde. Há muitos dias que não nevava, mas havia neve no ar. Uma nuvem baixa cinzenta movia-se como um rio, vinda das montanhas mais a oeste. Nevaria aquela noite. Tapou a bolsa com o fecho de madeira, prendeu a tira de

couro em volta do peito e juntou um feixe de lenha. Quando voltou à tenda, suas mãos estavam congeladas pelo frio.

Seu coração deu um salto. Ali estava Kezawin, enrolada no cobertor vermelho e encolhida em frente ao fogo, tremendo como um animalzinho encurralado pelo caçador. Largou a lenha e desvencilhou-se do abrigo.

— Perdoe-me por demorar tanto, amor. Seu pai me preveniu contra a água parada e ele está certo. — Ajoelhou-se ao lado dela, puxando-a para junto de si. — Tenho que ser muito cuidadoso com a água — murmurou-lhe no ouvido. O corpo pequeno tremia em seus braços, consternando-o. — Está com frio agora? Eu também estou, mas agora estamos juntos e logo nos aqueceremos.

Kezawin recostou-se no ombro do marido, fechando os olhos. Ele estava gelado, mas não tinha importância. Embora ela estivesse muito quente, por dentro sentia-se enregelada; só a presença dele lhe transmitia segurança.

— Suas mãos estão frias — disse ela. — Não se aproxime muito do fogo. Vai sentir dor.

— Preciso esquentá-la para trabalhar em uma nova experiência com as ervas medicinais.

— Você teve alguma visão?

— Não, só uma idéia.

— Confio em você — disse ela, a voz trêmula.

Ele fechou os olhos, colando os lábios no pescoço febril.

— Eu sei disso.

James preparou o chá e fez com que o tomasse em pequenos goles, segurando-a no colo. Ela cochilou em seus braços, despertou para perguntar se ele havia comido algo e mergulhou no sono mais uma vez. Do lado de fora, a tarde escura se transformara em uma noite clara, acinzentada, luminosa, dentro de um casulo de nuvens carregadas. Algo estava para acontecer e o acampamento esperava em silêncio.

Um grito lúgubre e agudo rasgou a noite. Esse grito solitário na noite era aterrador, em parte porque era a voz de uma criança, e as crianças lakotas jamais gritavam. Aprendiam isso desde a mais tenra idade. Havia algo mais nesse grito, algo assustador e esquivo. Algo estava por vir, trazido pelos ventos, e não havia nada a fazer, exceto esperar.

Quando James entrou na tenda, Kezawin já havia despertado. Com suas mãos, refrescou-lhe o rosto mais uma vez, e ela tentou sorrir.

— O que você comeu? — perguntou ela.

— Nada ainda. Coloquei na água algumas ervas e fervei frutas silvestres secas. Você deve tentar tomar um pouco dessa sopa.

— Você precisa se alimentar com carne.

— Vou pedir a seu pai que fique com você enquanto vou caçar.

— É diferente estar casada com um homem branco. É diferente estar casada com um homem como você.

— Diferente do quê?

— Diferente de tudo o mais. Você tem seu próprio jeito de fazer as coisas. Deve caçar quando achar necessário, sem se preocupar em me deixar só. Os outros estarão por perto.

Ele lhe beijou os dedos.

— Diferente quer dizer melhor ou pior do que tudo o mais?

Às vezes, ele tinha o hábito de não escutar o que ela dizia, mas de qualquer modo ela sorriu.

— É bom ser sua esposa. Seus hábitos são diferentes, mas você me ama.

— Você deve permitir que eu conserve alguns de meus costumes, apesar de já estar aprendendo alguns dos seus. Sempre serei um homem branco e é muito improvável que eu consiga mudar meu modo de ser.

— E eu sempre serei lakota.

— Nosso filho terá uma aparência diferente das outras crianças.

— Nosso filho será lindo, como todas as outras crianças.

— Mas serei seu pai e ensinarei muitas coisas a ele.

— O avô também lhe ensinará muitas coisas.

— E a mãe dele, ou dela. Esta criança deverá ter o melhor dos dois mundos.

— Posso lhe pedir uma coisa? — murmurou ela.

— O que você quiser.

— Toque a Grande Flauta Retorcida para mim — disse com um sorriso pálido. — Esta noite, não creio que a música surtirá seus efeitos costumeiros em mim, mas me fará bem.

A música se tornou parte da noite de inverno, um assobio melancólico misturado ao vento. De algum ponto distante do acampamento, vinha o som de um tambor de curandeiro. James lembrou a noite de seu casamento, quando a música que tocava misturou-se às batidas da dança dos tambores; dois seres, como um homem e uma mulher, transformando-se em um. Nesse momento, tocava para sua mulher, tão necessária a ele quanto o próprio ar que respirava. Estava cansado e com fome, e seus olhos pousaram-se nela, descansando. Nesse momento também eram como um só ser.

O tambor do curandeiro parou de tocar e James deixou de lado a flauta, trazendo um vasilhame com a sopa de frutas silvestres para Kezawin. Apanhou um punhado de wasna de uma cuia e mastigou-o enquanto Kezawin tomava a sopa. As batidas de tambor recomeçaram.

— Alguém mais está doente — disse ela.

— Deve ser alguma doença de inverno que está se alastrando. Se pudermos livrar você dessa febre, creio que conseguiria se levantar. Vou passar uma esponja com água em seu corpo.

— Ah, seria muito bom — suspirou ela. — Quase tão bom quanto a música.

Ele afastou o cobertor vermelho, conduzindo-a para perto do fogo. Ajudou-a a tirar o vestido macio de pele de gamo. Mergulhou um pedaço de camurça na água morna. Pena que não tivesse se lembrado de colocar ervas aromáticas na água, como ela fizera antes. Foi então que percebeu as erupções, os pontos vermelhos no peito dela. Observando melhor, viu que o ventre também estava coberto com as mesmas erupções. Ficou sem respiração, as mãos trêmulas.

As batidas do tambor continuavam, mescladas ao constante assobio do vento, enquanto as lembranças tornavam-se vividas em sua memória.

Uma mulher pálida e loira voltava os olhos vazios ao filho e um homem deixava escapar um gemido horrível.

— Meu Deus, isso não. Meu Deus do céu, isso não.

Pelo canto dos olhos, viu algo vermelho e então tudo começou a fazer sentido. Com um rugido, saltou, agarrando o cobertor vermelho, atirando-o ao fogo. A lã abafou as chamas, encheu-se de fumaça e incendiou-se.

— Só podem ter sido os comerciantes de pele — murmurou para si. — Malditos, só podem ter sido eles.

Kezawin, sem entender nada, tentou se levantar, agarrando-se aos pêlos crespos da pele de búfalo. Enquanto a cabeça girava e a náusea a invadia, tratou de fixar seus olhos febris no marido.

— O que houve, James?

Ele deu um sorriso profundo, tentando se controlar.

— Eu poderia estar enganado — disse, mas as palavras eram destituídas de esperança.

Ajoelhou-se ao lado dela, envolvendo-a no abrigo de búfalo enquanto examinava cuidadosamente as erupções avermelhadas. Muito tempo havia passado, mas ele se lembrava muito bem das vesículas que se espalharam pelo seu corpo e o de sua mãe,

Kezawin. Era Kezawin. Desviou os olhos da inflamação das vesículas vermelhas em seus seios e viu a interrogação no rosto dela.

— Essa erupção — disse com cuidado. — Você já viu algo assim? — Seu olhar escuro mergulhou no dele. — É algo estranho. Creio que é um mau sinal.

— Pensei que talvez fosse algo que você conhecesse — sugeriu James. — Algo que você tivesse visto e tratado.

— É algo que você conhece. Posso ver em seus olhos. Conte-me.

Contar o quê? Contar que só se falava sobre a doença em sussurros para não transformar a ordem em caos? Contar que seu único sinônimo era a morte?

— Quando eu era criança, fiquei doente. Minha mãe contraiu a mesma doença e também muitas outras pessoas. Veja, quando uma pessoa...

— Sua mãe morreu.

Solene, ele aquiesceu.

— E os outros?

— Muitos... alguns... se recuperaram. — Beijou-lhe a mão e colocou-a sobre o peito para que sentisse as batidas do seu coração. — Como você vê, eu me recuperei. Sou saudável. Mas a doença é muito... Nós a chamamos de varíola. — A palavra trouxe-lhe um gosto amargo na boca. Então, fez com que ela tocasse com os dedos duas pequenas depressões na pele, escondidas pelos cabelos. — São cicatrizes das manchas vermelhas.

Kezawin tocou as marcas deixadas na pele de James, para em seguida desviar o olhar.

— Deve ser o mesmo espírito que visitou o acampamento dos brülés, alguns invernos atrás. Ouvimos sobre isso, mas não muito. Ninguém queria perturbar aquele espírito novamente.

— Não é um espírito, Kezawin. É uma doença. Seu pai me contou que há outros que estão doentes, mas as manchas... a princípio a pessoa se sente mal e alguns dias mais tarde aparecem as erupções. É assim que ficamos sabendo o que é.

— O tambor do curandeiro — assentiu ela.

— Creio que os comerciantes de pele trouxeram a doença. Se foram eles, está em seus cobertores e em cada objeto imundo que deixaram por aqui.

— Eu lavei o cobertor — disse ela, fechando novamente os olhos febris. A boca estava seca e sentia-se exausta, mas não queria que ele pensasse que ela colocaria na cama deles um cobertor que tivesse o cheiro dos comerciantes brancos. Tudo o que vinha deles deveria ser lavado e deixado secar ao ar livre, ainda que fosse inverno. O cheiro era... Abriu os olhos e viu a imagem nublada do rosto branco de seu marido. Sorriu. Ele era diferente. Não era um homem branco; era James. — Eu lavei o cobertor — repetiu ela.

— Não importa. Se os comerciantes trouxeram a doença e os cobertores estivessem contaminados...

— Não entendo. — Kezawin balançava a cabeça e suspirava. — A doença invade o corpo e não os cobertores. É um espírito mau que habita...

Ele ergueu as mãos em sinal de desespero.

— Essa doença vem do meu mundo, eu a conheço bem. Precisamos queimar tudo o que eles trouxeram e manter os doentes afastados dos que estão sãos.

— Por quê?

— Porque a doença se alastra de um para outro. Eu passei por isso.

Ela puxou o abrigo, tentando cobrir o queixo.

— Então você deve sair daqui, James. Deve levar meu pai e os outros que não...

— Não. — Ele tocou-lhe a face e ela recuou. — Está tudo bem — acalmou-a, afagando-lhe os cabelos. — Eu já tive varíola. Não posso contrair a doença outra vez. Sou único que deve cuidar dos doentes.

— Você deve contar tudo a meu pai — disse ela. — Você deve contar aos wakincuzas sobre suas experiências com a varíola.

— Vou dizer-lhes que deverão ordenar que as famílias sãs se mudem e que reúnam os doentes em...

— James. — Colocou a mão sobre seu braço, lutando com a sensação de desmaio. — Não lhes diga o que devem fazer. Não o escutarão. Diga-lhes... o que sabe. O que você presenciou. Fale primeiro com meu pai. Deixe que ele... Tenho tanta sede... estou tão cansada...

Ele odiava a idéia de deixá-la só, mas não tinha escolha. Ela havia tomado um pouco mais de sopa, mas enjoara outra vez. Provou um pouco de chá e adormeceu enquanto ele a banhava com água morna. O vento uivava e uma fina camada de neve o envolvia enquanto aguardava, diante da tenda de Urso Solitário, autorização para entrar. O velho índio estava estirado de lado, fumando o cachimbo.

— Estou cansado. É muito trabalho para um ancião. O vento norte trouxe com ele muita doença.

James sentou-se ao lado do ancião, mas deixou um espaço de dois metros entre os dois. Cometeu então uma imperdoável quebra de etiqueta, ao recusar o cachimbo.

— Sua filha está muito doente, Urso Solitário. Não posso compartilhar o cachimbo com você. Não posso fazê-lo com ninguém.

— Isso faz parte de seus poderes agora?

— Sim. — Não era uma inverdade, embora não fosse parte de sua visão. O velho índio lhe dera uma explicação que lhe convinha. — Não devo tocar qualquer pessoa que esteja saudável. Só posso tocar os enfermos, e sei que minha mulher não é a única.

— Só esta noite, estive em três tendas — disse o velho. — É demais para um ancião. Há algo mau espalhando-se por aqui.

— Eu sei. Já vi isso antes e sei o que deve ser feito.

Urso Solitário viu o medo no rosto de James. Por respeito ao jovem, desviou o rosto em direção ao fogo.

— É algo que vem do homem branco? — perguntou.

— Sim.

— Foi você quem o trouxe?

— Não. Tive a doença na minha infância e não posso mais contrai-la.

— Seu poder deve ser muito forte.

— É sim. E como eu sou o único que tem tal poder, devo utilizá-lo para ajudar os outros. E devo falar aos wakincuzas e contar-lhes tudo o que sei.

O ancião fitou-o intensamente.

— Eu me lembro de sua visão.

— Eu também — disse James em voz baixa.

— Eles o ouvirão porque você esteve nas montanhas. Não é necessário que lhes conte tudo o que se passou lá, mas eles devem saber que seu sicun guia você nesse assunto.

Urso Solitário instruiu o eyapaha para que convocasse a reunião daqueles que decidem na tenda do conselho. Quatro homens se reuniram e James tremeu ao vê-los passar o cachimbo de um para o outro, mas nada disse. O ancião lhes explicou que, no momento, os poderes de James impediam-no de fumar com eles ou deles se aproximar. Ninguém contestou suas palavras.

— Algumas pessoas adoeceram nos últimos dias — começou James. — Elas têm febre, dor nas costas e dor de cabeça, e não conseguem reter o alimento em seus estômagos. Algumas podem ter manchas. — Com as mãos, indicou o peito e o ventre. — Manchas escuras, vermelhas, espalhadas pelo corpo. Vim aqui falar-lhes sobre essa doença.

— Ohan — disse Alce Vermelho, o mais velho dos quatro, concordando, e acendendo um ramo de erva aromática, deixando-a queimar sobre uma pedra dentro do fogareiro. — Meu neto está doente.

— Então, o que tenho a dizer é mais difícil ainda. Já vi essa doença. Foi devido a ela que minha mãe morreu. Eu também fiquei doente, mas me recuperei e meu corpo não pode mais ser atacado por ela. A única maneira de evitar que se alastre por todo o acampamento é afastar os doentes o mais longe possível.

James esperou enquanto o cachimbo era passado mais uma vez. Queria voltar logo para ver Kezawin, mas sabia que as deliberações tomariam tempo. Não haveria votação e a decisão chegaria por consenso, o que levaria certo tempo. Passou a mão pela barba cerrada, tentando lembrar-se de quando fora a última vez que se barbeou.

— Então a doença vem do homem branco — disse Raio Veloz. — Talvez você a tenha trazido, Garrett. Você esteve com os brancos e com os pawnees. Casou-se com alguém que sonhou com a mulher gamo. Você matou meu sobrinho.

— Tenho ajudado todos os que precisam de tratamento, e minha mulher também — disse, sem alterar a voz. — Todos vocês sabem o que aconteceu entre mim e Escudo... aquele de quem você fala. Não era meu desejo matá-lo. Mas também não era meu desejo morrer.

Outra vez o cachimbo foi passado de mão em mão, antes que Grito de Corvo se pronunciasse.

— Tunkasila jamais nos protegerá se abandonarmos nossos doentes.

— O novo acampamento não precisa ser montado muito longe daqui — disse James. — Eu cuidarei dos doentes e aqueles que estiverem sãos nos trarão água, lenha e alimentos. Tudo aquilo que tiver vindo dos comerciantes deve ser queimado e nada do que os doentes tenham usado deverá ser levado para o novo acampamento. A doença está impregnada em suas roupas de dormir e nos vasilhames que utilizam para beber.

— Não creio que eu possa abandonar meu neto doente e ir para o novo acampamento — afirmou Alce Vermelho.

James apoiou os cotovelos sobre os joelhos e com a cabeça baixa, murmurou:

— Quando eu e minha mãe estávamos doentes, meu pai nos abandonou. Lembro-me dos sons de seus passos se afastando.

— O que fez você? — perguntou Grito de Corvo.

— Minha mãe morreu e eu vivi para odiá-lo por isso até hoje. Mas eu sobrevivi. — Olhou-os. — Meu pai e meu irmão também. Muitos morreram.

— Que seja assim então — declarou Alce Vermelho. — Alguns morrerão e outros não, mas os lakotas sempre permanecerão juntos.

— Vocês se separaram em pequenos acampamentos durante o inverno — relembrou-os James. — Porque é mais fácil alimentar um grupo pequeno e porque... porque a sobrevivência, nossa sobrevivência, depende de fazermos o que for melhor para todos. Poderíamos ter dois pequenos acampamentos que não estivessem muito afastados um do outro e que...

— Todos em um acampamento estariam doentes — contestou Alce Vermelho.

— Menos eu — replicou James. — Eu não ficarei doente.

Raio Veloz voltou-se para Urso Solitário.

— Você interpretou a visão que o homem branco teve? — Urso Solitário assentiu. — Como é possível que nosso povo adoença e esse homem não? Como ele evita os poderes da mulher gamo? Ele realmente teve uma visão ou está nos enganando?

— Os seus poderes, desde que aqui chegou, estão cada vez mais fortes — afirmou Urso Solitário. — Ele teve uma visão sobre nosso povo e foi por isso que agitei as caudas dos cavalos sobre sua cabeça, fazendo-o hunka. Ele não nos decepcionará.

— Sou wakan — declarou James. Ao escutar as palavras de sua própria boca, sentiu-se imbuído de grande força. — Sei disso agora. Algo me trouxe aqui. Talvez tenha sido este sicun do qual minha esposa fala. Não sei. Mas agora sei que não estou perdido. Estou aqui porque é meu destino. Assim me foi revelado em minha visão e sei que tenho poderes. Além disso, trago comigo a memória de uma terrível experiência a qual ninguém busca, mas, por isso mesmo, posso ser útil às pessoas.

— O que você sugere é impossível — disse Raio Veloz. — Se foram os comerciantes que trouxeram a doença, você deve ser um deles. Eles voltarão e matarão os indefesos no acampamento que estará sob seus cuidados.

James fitou o fogo.

— Minha mulher espera um filho — murmurou. — Ela também está com a doença.

Mais uma vez passou-se o cachimbo, e a centelha na extremidade do ramo da erva aromática, que se queimara lentamente, brilhou pela última vez, se apagando.

— Devemos pensar no assunto — disse finalmente Alce Vermelho. — Devemos observar e esperar. É tudo o que tenho a dizer.

— Ohan — disseram os outros, como uma única voz. Urso Solitário deu um resmungo. Alce Vermelho bateu as cinzas do cachimbo dentro do fogareiro e os cinco homens partiram, cada um em uma direção dentro da noite fria e branca.

Quanto mais tempo demorassem para deliberar, mais grave se tornaria a situação, pensava James, apressando-se em direção à tenda. Com a cabeça coberta pelo gorro de pele de texugo e o abrigo de búfalo que se arrastava atrás dele na neve, imaginava que estranha figura faria no campus de Harvard. Como sua vida mudara no curto espaço de um ano. Algo o trouxera ali. O mais maravilhoso era que acreditava nisso. Não era o mesmo James Garrett que, no ano anterior, caminhava pelas ruas frias de Boston com sua cartola e capa preta de lapela de veludo. E o novo homem no qual se transformara não mais pertencia àquele lugar. Mas Raio Veloz e muitos outros não estavam ainda prontos a aceitá-lo como um dos seus.

O vento zunia em seus ouvidos quando ele se inclinou para desfazer o nó de couro que mantinha a entrada da tipi fechada. Ao fazê-lo, escutou os gemidos de dor de sua mulher, esquecendo tudo o mais. Eram gemidos curtos, desesperados, como se lhe faltasse o ar. Atirou-se pela entrada e, com as mãos trêmulas, refez o nó. Desvencilhara-se do abrigo e colocou duas achas de lenha no fogo, antes de se aproximar dela.

— Sinto muito ter ficado fora por tanto tempo, mas precisava...

Em meio à dor que a cegava, Kezawin vislumbrava bem no fundo de sua mente que era errado estar ali, naquele momento. Ele era um homem e esse era um momento reservado exclusivamente à mulher. Com a mão trêmula, tentou empurrá-lo.

— Vá embora, James. Quando estiver acabado...

— Quando o que estiver acabado? Você vai ficar...

— E o bebê — engasgou-se ela. — Quando tudo estiver acabado, choraremos juntos, mas agora...

Ele sentiu a garganta apertada e baixou os olhos, para em seguida desviá-los. O abrigo de búfalo a escondia, mas sob ele... Ela arfava, não emitindo mais do que um gemido surdo, apesar de toda a agonia que experimentava. Ele tomou-lhe as mãos

entre as suas. Ela apertou-as com surpreendente força para o estado debilitado em que se encontrava.

— Vou preparar um cataplasma para a hemorragia — sussurrou ele.

— É tarde demais. O bebê não está mais em meu corpo.

A dor diminuiu por um momento, cobrindo de desolação os olhos escuros.

— Outros bebês virão — prometeu ele. — Você ficará forte outra vez.

— Mas perdi este bebê.

— Nós o perdemos, nós dois — corrigiu ele.

Kezawin notou sua amargura, mesmo assim, esforçou-se por dizer:

— Por mais diferente que possa ser, você é um homem e esse momento é da mulher. Deve sair agora, James.

"Sou seu marido", ele queria gritar, mas em vez disso, disse calmamente:

— Sou shaman e muito do que sei aprendi com uma mulher. Você não vai me mandar embora.

O cataplasma que lhe aplicara era dela; a bolsa de gelo que lhe colocara sobre o ventre, era dele. A dor finalmente diminuiu e a hemorragia foi controlada. Limpou a cama, fez um caldo de carne, obrigando-a a tomar alguns goles antes que mergulhasse em sono profundo. Ia comer algo quando escutou uma voz chamando-o para a tenda do conselho.

Só estavam presentes três dos wakincuzas. James sentou-se e aguardou enquanto passavam o cachimbo.

Urso Solitário falou:

— O neto de Alce Vermelho morreu e sua mulher e filho estão doentes. O eyapaha anunciará o novo acampamento ao nascer do sol e aqueles que estiverem sãos se mudarão. Escolhemos um lugar do outro lado da ravina, bem protegido do vento.

James assentiu.

— Quantas pessoas estão doentes?

— Oito, talvez nove.

— Transportem esta tenda para perto da minha. É grande o suficiente para abrigar os que já estão doentes e os que ficarão — suspirou James. — Creio que outras pessoas adoecerão. Cada um que estiver são deve partir e cada um que adoecer deverá retornar de imediato.

— Alguns não partirão — declarou Urso Solitário.

— Mas devem ser forçados a partir. Se não estiverem doentes, não lhes deve ser permitido que fiquem.

— Cada um decidirá por si mesmo, caso alguém de sua própria família esteja doente — disse o ancião. — Não vou separar mães de seus filhos ou...

— Se esta mãe tiver outros filhos, deve pensar neles. — Encarou os anciões um a um, mas parecia que nenhum concordava com ele. — Espero que vocês lhes expliquem as conseqüências, caso decidam permanecer aqui.

— Nós lhes diremos tudo o que nos contou. Alce Vermelho decidiu ficar — comunicou Urso Solitário. — E eu também.

— Sua filha não vai permitir. Eu cuidarei dela e dos outros.

— É demasiado trabalho para um só homem. — Bateu as cinzas do cachimbo e todos descruzaram as pernas para partir.

— Urso Solitário, eu lhe imploro que dê o exemplo para os outros. Os que estão bem devem cuidar de si próprios e nos fornecer água, lenha e alimentos e também rezar para que a varíola nos deixe.

— Não estou bem — disse em voz baixa o ancião. — Raio Veloz e Grito de Corvo irão para o novo acampamento. A akicita recolherá tudo o que tiver sido tocado pelos doentes e fará com que seja queimado.

Na luz fraca da fogueira, James observou de perto o rosto do sábio curandeiro e detectou o primeiro sinal da doença; o rosto amarelado do velho.

— Vou trazer seus abrigos de dormir para minha tenda, tunkansi — disse James, chamando-o de sogro.

O velho concordou.

— Há algo mais — acrescentou James, dirigindo-se a todos. — Os cadáveres deverão ser queimados junto com tudo o que houver sido tocado pelos doentes.

— Não é nosso costume — protestou Grito de Corvo.

— Nesse acampamento, Alce Vermelho e eu decidiremos — declarou Urso Solitário. — Quando a hora chegar, tomaremos as decisões.

Os lábios de Raio Veloz se crisparam ao fitar James.

— Fico pensando quanto tempo demorará para que cada um de nós seja obrigado a vir para esse acampamento. Será que o homem branco ficará observando até que o último lakota se transforme em fumaça e cinzas?

— Eu vi que alguns morrerão e outros viverão — respondeu James. — Mas não vi os seus rostos. Eu já perdi... virou-se para Urso Solitário, a voz embargada — meu filho que ainda não havia nascido.

Capítulo XII

Não foi possível persuadir a todos. Ameixa Doce permaneceu com seus filhos que haviam contraído a doença. Não havia muito o que James pudesse fazer pelos enfermos, exceto tratar dos sintomas: a febre, a náusea, as dores; dava-lhes ervas medicinais, banhos frios, e bastante líquido. Alce Vermelho, garantindo que sua pele estava demasiado curtida pelo sol para que lhe saíssem erupções, cuidava dos doentes dia e noite. Urso Solitário contribuía com fumaça, orações e súplicas, até o dia em que desmaiou nos braços de James e teve de ser carregado para a tenda da filha.

A cada dia que passava, Kezawin enfraquecia mais. Quando James entrava na tenda para vê-la, para dar-lhe um pouco de chá ou caldo de carne e para infundir-lhe ânimo, ela decidia continuar viva por mais uma noite só para ouvi-lo contar que o sol nascera outra vez. Então, fechava os olhos e a risada da mulher gamo soava em seus ouvidos, impedindo-a de sucumbir a um sono mais profundo e repousante.

Quando descansava dessa maneira, a respiração quase imperceptível, James a embalava em seus braços, escutando seus murmúrios desconexos, friccionando sua mão delicada entre as suas para lhe transmitir força.

— Você não pode me deixar — sussurrava, com esperanças de que ela ouvisse algo, em meio a tanto sofrimento. — Uma vez você me disse que eu deveria descobrir o que me é mais caro e foi o que eu fiz. É você, Kezawin. Você é minha parceira, lembra-se? Minha mestra, minha aluna, minha kola, minha amante, minha mulher. Não foi por acaso que nos encontramos. Você sabe disso. Quando nos aproximamos, éramos duas metades que se completavam. Não sei o que faria ou aonde iria se você me abandonasse agora.

Desejando que ela sentisse a força que os unia, pressionou os lábios sobre a mão dela. Queria lhe transmitir sua força, respiração e imunidade. Se de algum modo isso fosse possível, seria entre ambos. Duas partes de um todo.

— Você não vai me deixar agora, Kezawin — exigia ele, como se o tom mais duro transformasse sua súplica em realidade. — Se você partir, juro que irei com você. Não vou ficar aqui para enterrar os mortos. Não serei o homem branco que atira a terra sobre os rostos de nossos irmãos. Deixe que sejamos um só, Kezawin. Fique comigo. Se eu tiver um destino nesta vida, não posso cumpri-lo a não ser que esteja a seu lado. Fique comigo — murmurava ele, os lábios acariciando a fronte molhada de suor. — Não me abandone.

Todas as manhãs, James se encontrava com um mensageiro da akicita, que trazia lenha e água fresca, comida se houvesse, e os novos doentes. Esperava no ponto de encontro, e dessa vez foi Pele de Alce quem apareceu, trazendo um cavalo carregado de lenha e de água. A bruma da manhã já se havia levantado e permanecia flutuando, filtrando os raios de sol. Com seu pesado abrigo e a cabeça protegida por um gorro de pele de coioite, o mensageiro colocou-se de frente a James, observando a distância de seis metros da quarentena.

— Posso ter esperança de que você não trouxe nenhum doente hoje, meu amigo? — perguntou James.

— Só trouxe água e lenha. Talvez já estejamos chegando ao fim do pesadelo.

— Precisamos de comida aqui, Pele de Alce. Carne fresca. Alguns estão tão fracos...

— Trarei carne da próxima caçada. A neve está demasiado espessa. Todos os animais estão hibernando ou partiram. — Desviou os olhos para as rédeas presas em suas mãos. — Como estão minha mulher e meus filhos?

— Creio que Trovão Azul já superou a fase pior. Ameixa Doce... tem febre agora.

O índio assentiu, sem levantar os olhos.

— Quais as novas que devo transmitir aos outros?

— Durante a noite, perdemos a mãe de Cavalo de Bronze e o filho mais novo de Touro Bravo.

— Eu lhes direi que a fumaça de hoje pertence a eles. — Ergueu os olhos que brilhavam sob os pêlos prateados do gorro. — E meu filho, Menino do Sol?

— Reze por ele, meu amigo. Ele está muito fraco.

— É muito duro estar longe deles. Se a akicita não fosse necessária aqui, eu cruzaria a linha da quarentena para morrer com eles.

Percebendo a angústia nas palavras de seu corajoso amigo, James lembrou-se do juramento semelhante que, momentos antes, havia feito a Kezawin. Pele de Alce continuaria a cuidar dos vivos ainda que seu coração permanecesse com os seus. James não estava certo de ser tão forte.

— Cuidarei deles como se fossem a família de meu próprio irmão — prometeu James.

Pele de Alce se voltou e seguiu seu caminho.

Urso Solitário agonizava e não havia mais nada a fazer. James perdera a noção do tempo. Kezawin devia estar no sexto dia. As vesículas haviam se transformado em pústulas. O velho índio estava no terceiro dia. As erupções haviam acabado de aparecer, mas a febre esgotara as forças do ancião.

— Já chega — protestou Urso Solitário, movendo a cabeça em sinal de repúdio, ao ver a tigela nas mãos de James. — Não consigo mais engolir.

— Você deve me dizer o que fazer, Tunkansi. Eu já usei todos os meus conhecimentos. Deixe-me tentar suas ervas. Diga-me...

Urso Solitário ergueu a mão ossuda, apertando os lábios.

— Quando o momento chegar, você trará o tambor. Você deve tocar devagar... suavemente. Eu entoarei minha canção da morte.

— Sua filha vive. Você é tão forte quanto ela. Olhe para ela. — Nas condições em que se encontrava, o ancião não podia enxergar tão longe. Mas era pela própria Kezawin que James esbravejara com o velho curandeiro. Ali estava ela, dormindo, a respiração fraca, e, no entanto, cada vez que lhe trazia algo para beber ela tomava. — Ela não vai desistir, Tunkansi, e não quero que ela se levante e descubra que você se foi.

Um tênue sorriso aflorou nos lábios partidos.

— Não irei muito longe, você sabe. Não pronuncie meu nome.

— Não tente me assustar. Não sou mais o ingênuo que costumava ser.

— Você aprendeu alguma coisa — concordou o ancião. — Quando você tiver paciência... quando tiver sabedoria... — Cerrou os olhos, lutando contra a respiração ofegante. — Então será tão velho quanto eu.

— Não terei tempo de ser tão sábio quanto você. Não existem sóis, luas e verões suficientes para que eu consiga chegar até lá.

— Você sabe como agradar o coração de um velho. Pense nisso. Existem alguns momentos que são impregnados de vida, como quando uma mulher está para dar à luz. Eles fazem a vez de uma centena de verões. São eles que tornam você... o homem que é.

Este, sem dúvida, era um desses momentos, e James buscava desesperadamente algo importante para dizer, algo que mantivesse o velho vivo por mais algum tempo.

— Eu dançarei neste verão e contemplarei o sol — disse rápido. — Perfurarei meu peito. Você precisa estar lá, ate. Precisa me orientar, explicar como fazê-lo.

A cabeça grisalha movia-se de um lado para outro, mas o sorriso pálido ainda pairava em seus lábios ressequidos. James o chamara de ate, pai, e não de sogro; Urso Solitário entendeu.

— Você saberá como agir. Deve fazer seus votos... mas não para mim. Tunkasila o escutará. Diga: todos meus parentes.

— Mitakuye oyasin.

— Isso. Nós também o ouviremos. Fique descansado. — Abriu os olhos de repente e fixou o olhar vidrado em um ponto além da abertura de fumaça da tenda. — Acolha-o. Ele vem. Ele vem.

Desolado, James agarrou o pequeno tambor sagrado e começou a tocar, acompanhando os cânticos do ancião.

"Sou um ancião. Curei muitas pessoas. Estou feliz em seguir meus ancestrais. Ele vem, hey hunh. Ele vem."

O cântico tornava-se cada vez mais fraco e finalmente dissolveu-se como um fio de fumaça em direção ao céu escuro da noite fria.

Escutando a canção de morte do pai, Kezawin não tinha forças para chorar por ele como deveria. Havia visto lágrimas nos olhos de seu marido, mas ela mesma não conseguia chorar. Seu corpo estava exaurido depois de alimentar a nova vida que não vingara e esforçar-se por não sucumbir aos males que a afligiam. Ardia em febre. O fogo interno de seu pai o consumira rapidamente, mas o dela queimava devagar, enquanto sua vida se esvaía. Percebia vagamente o que se passava a sua volta, mas era tudo parte do ardor. Quando James lhe falou de tristeza, nada sentiu. Não tinha mais forças. Não pronunciou uma só palavra ao ver o marido carregando o cadáver de seu pai para fora da tenda.

James transportou o corpo do velho sábio ao pequeno outeiro que já estava negro de tanta lenha transformada em carvão e cinzas. Preparou um leito com achas de lenha e ali deitou o corpo de Urso Solitário, envolto em seus abrigos de dormir. Ao lado, o robusto Alce Vermelho depositou o cadáver de uma criança e, juntos, ficaram contemplando o passado e o futuro dos lakotas transformarem-se em cinzas. O calor das chamas irritou os olhos de James, fazendo com que as lágrimas rolassem livremente.

Foi só quando retornou à tenda que percebeu a gravidade do estado de Kezawin. Mal podia sentir-lhe o pulso e a respiração era difícil. Ela sobrevivera até agora e se ele conseguisse algum alimento, talvez se recuperasse. Havia partilhado com todos os alimentos que possuíam e pouco restara. Há muito habituara-se a passar fome, alimentando-se de ervas secas, mas Kezawin precisava de carne fresca. O seu povo era caçador e o sangue de todas as criaturas das pradarias corria junto como se fosse em uma única veia.

Ofereceu-lhe um gole de chá que, pela primeira vez ela recusou, enrolando-se no cobertor. O pânico tomou conta de James, como se uma lança o tivesse atingido.

— Você precisa tentar, Kezawin.

Ela parecia não ouvir. Tinha os lábios secos e acinzentados e as pálpebras inchadas. Com cuidado, levantou-lhe a cabeça, aproximando a tigela de sua boca. Seus olhos e lábios permaneceram cerrados.

— Você não vai morrer — decidiu James. — O futuro nos reserva muito. Eu sei. Posso sentir. Temos muito o que fazer, uma vida em comum diante de nós. Temos...

A pintura do gamo branco chamou sua atenção. O reflexo das chamas iluminava o perfil estilizado, a forma que ele ainda não havia terminado de pintar. Estava rígido e sem vida, mas o olho cor de cereja brilhava com uma compaixão suave e insistente. Que estranho. Não se recordava de haver pintado aquele olho. Talvez Kezawin o tivesse terminado para ele. Mas por que teria ela completado só esta parte se ele havia deixado outras incompletas na tela? E como poderia ter se tornado tão... humano?

Fez com que Kezawin se deitasse outra vez e apoiou a cabeça nas mãos, pressionando os olhos. A fome e a exaustão provocavam estranhas visões, mas ao voltar-se outra vez para o gamo branco, aquele olhar o assombrou.

— Por quê? — murmurou para a figura. — Você me trouxe aqui para presenciar a morte dessas pessoas? Não tenho qualquer utilidade para minha mulher. Nesse momento, não tenho utilidade para ninguém. Eu e os de meu povo. — Fitou o olho enquanto tentava pôr-se de pé, o sangue pulsando forte em todo seu corpo. — Não traga mais nenhum de nós até aqui. Está me ouvindo? Veja o que fizemos!

De repente, ouviu um ruído aterrador, como se estivesse no meio de uma enorme manada de búfalos. Ainda fitando a figura, quase esperando que tomasse vida, sentiu que algo o impelia a agarrar o abrigo e o rifle. Em um momento de lucidez, voltou-se para se certificar de que Kezawin dormia. Foi tudo o que lhe foi permitido. Deixou a tenda sem rumo ou razão. Algo o empurrava para além da pira fumegante, dentro da escuridão da noite. Nada escutava, além dos tropéis em sua mente, uma terrível ansiedade feita de pura energia. Só via o céu escuro e enormes planícies cobertas de neve, estendendo-se até a eternidade. A Via Láctea era a trilha dos lakotas para a eternidade. Talvez fosse essa a sua jornada.

Chegou até um bosque de choupos às margens de um riacho congelado. O tropel dentro de sua cabeça desapareceu, dando lugar ao silêncio sepulcral das noites de inverno. Deu uma olhada por entre as árvores, mas o bosque era denso e escuro como a morte. Então uma brisa moveu os galhos mais altos que farfalhavam como o chocalho sagrado. Avançou mais um passo e parou. Alguma força estranha o impedia de entrar no bosque.

"Está bem. Vou esperar aqui mesmo", pensou.

Ficou observando e, enquanto aguardava, sua mente estava completamente voltada para a necessidade de alimento. Não sua própria, mas a de Kezawin e dos outros, extremamente enfraquecidos pela doença. Sentiu o cheiro de carne, mas não tinha desejo de se alimentar. Ele era o provedor. Agachado na neve, carregou o rifle, apoiando-o sobre os joelhos; para ele, cascas de salgueiro e raiz de cálcamo bastariam. Talvez ele houvesse se tornado o irmão do gamo. Puxou o gorro de pele sobre a testa e esperou; o que esperava, não fazia a menor idéia. Só sabia que estava onde deveria estar e que algo estava para acontecer.

O gamo branco, a real criatura, saiu do bosque. James ficou sem respiração. Essa área já havia sido vasculhada nos últimos meses e todos os animais encontrados tinham sido abatidos. De onde poderia ter vindo esse gamo branco? Tinha a anca arredondada e larga e os posteriores bem formados. Estava tão alimentado como se durante todo o inverno tivesse pastado em um milhar ai.

Não podia ser abatido. Ainda que a família passasse fome, nenhum caçador atiraria em tal animal. Mesmo que James não acreditasse que tal criatura era wakan, e que abatê-la traria calamidade, tinha consciência da raridade do albino. Estava

encantado com a beleza do animal e perturbado com a visão. Como os outros de sua espécie, já deveria estar muito, muito longe, nessa época do ano.

James se sentou e esperou, imóvel. O gamo branco farejou o ar da noite e, em seguida, aproximou-se. Uma voz sussurrou em seus ouvidos que Kezawin não sobreviveria uma noite mais sem carne fresca. E havia outros. Trovão Azul, Menino do Sol e Ameixa Doce. A infeliz Lontra Branca... Todos eles precisavam da carne fresca. "Acolha-o. Acolha-o. Ele vem. Ele vem." James agarrou o rifle e seus olhos se encheram de horror ao ver que o gamo branco continuava se aproximando. Não! Ele não poderia fazer isso. Levantou-se de repente e, agitando a mão, gritou:

— Corra! Continue correndo até as montanhas!

O gamo não se moveu. James pôde ver seu olhar agora, suave e cheio de compaixão.

— Fuja — murmurou, a voz embargada. — Não posso atirar em você.

As lágrimas lhe embaçavam os olhos e escutou o chocalhar da morte nas árvores. Sua visão não mais se limitava aos olhos.

"Você é o Irmão do Gamo Branco. Não deve consumir sua carne, mas ele partilhará de seu corpo para ajudá-lo a alimentar sua família."

— Mande-me qualquer outra coisa — implorou, tremendo violentamente, mas as mãos firmes. — Tunkasila, mande-me qualquer outra coisa. Não esse...

"Acolha-o. Acolha-o. Ele vem. Ele vem."

O gamo branco deu um passo à frente e ficou imóvel.

James fez pontaria para que a morte fosse rápida e sem sofrimento; puxou o gatilho. O gamo caiu pesadamente na neve. Lágrimas abundantes corriam pelas faces de James, tanto pelos que ficaram no acampamento quanto pelo irmão gamo que tombara imóvel a seus pés. Era por Urso Solitário e Kezawin, Menino do Sol e Lontra Branca; todos os que sofreram. Entoou com voz firme seu pedido de perdão e ajoelhou-se para tirar as vísceras do animal sacrificado.

O estômago de James se revoltava, pois ele jamais poderia se alimentar da carne de seu irmão. Por mais faminto que estivesse, o odor da carne de veado cozinhando fazia-o sentir-se mal e lhe tirava o apetite. Esfriou uma tigela de caldo que preparara com a carne e um tipo especial de ervas. Colocou o braço suavemente sob a cabeça de Kezawin; estava preparado para uma recusa, mas não para qualquer pergunta.

— Não restou mais carne de veado. Aonde foi que você encontrou... encontrou esta?

Refletiu por um momento. Não iria conseguir mentir para ela, mas contar-lhe o que havia feito...

— Esta lhe foi dada pelo seu sicun.

— O gamo branco?

James aquiesceu, ainda com a tigela nas mãos.

— Você não... o abateu, não é, James?

— Beba isso e eu lhe contarei como meu irmão me ajudou a alimentar minha família nesta noite.

Ela fitou a tigela e, quando se voltou, havia confiança em seus olhos.

— Não foi uma miragem, Kezawin — disse ele, enquanto ela tomava o caldo. — Carne não pode ser feita de sonhos. Ainda assim, durante todo o tempo em que eu limpava o corpo, imaginava que ele se desvaneceria no ar gelado da noite. Fui conduzido ao bosque de choupos — maravilhava-se ele. — Por quem ou por quê, não sei, mas simplesmente segui... algo. E ele veio a mim. Não consegui espantá-lo. E aquela voz...

Era muito estranho falar sobre isso. As palavras faziam com que toda a experiência soasse ridícula a seus ouvidos. Havia matado o gamo branco, o fato era esse. Certo ou errado, já estava feito.

— Você reconheceu a voz, James? — Ela aceitava o que ele lhe contara com naturalidade, pois, para ela, mistérios não precisavam ser desvendados.

— Pareceu-me ser a voz de seu pai, mas como tenho pensado muito nele, posso ter imaginado, desesperado como estava...

— A sopa está boa — sussurrou ela.

Ele sorriu. Um fio de esperança começou a despontar dentro dele.

— Não sei de onde ele possa ter vindo. Estava gordo como um novilho alimentado por milho.

— Os mandans quase não produziram milho este ano. Talvez ele tivesse visitado os pawnees.

Havia um brilho nos olhos dela, uma luz que ele não via desde quando ela adoecera. O coração confrangia-se.

— Fiz um juramento de perfurar meu peito e contemplar o sol — contou-lhe. — Disse isso a seu pai e cumprirei minha palavra.

Ela aquiesceu, em silêncio.

— Você se recuperará, Kezawin. Vai ficar forte mais uma vez.

— E os outros?

— Estou animado com o fato de que não vieram mais doentes do outro acampamento. Alce Vermelho, milagrosamente não foi atingido. A carne fresca ajudará os outros, ao menos alguns deles, estou certo.

— Você sabia o que fazer — disse ela. — É por isso que foi trazido para cá pelo meu sicun.

— Talvez. — Ela terminou o caldo e James fez com que se recostasse, cobrindo-a com o abrigo de búfalo. — Descanse agora. Deixe que o sangue de meu irmão faça com que se fortaleça.

Menino do Sol era pouco mais do que a sombra do que havia sido. Seu pequeno corpo aleijado estava emaciado, quase sem musculatura. Trovão Azul já superara a crise e tentava fazer com que seu irmão tomasse um pouco do caldo de carne preparado pelo shaman branco. Mas era em vão. A sopa escorria pelos cantos da boca do garoto. Não conseguia mais engolir. Murmurava frases desconexas. Parte dele já havia partido para sua última jornada e logo sua respiração também seguiria.

Trovão Azul estava forte o suficiente para comer a carne do gamo que o homem branco abatera. Durante o dia seu corpo refrescara, a náusea o deixara. Tinha algumas poucas pústulas no corpo, mas bem menos do que sua mãe, Ameixa Doce, deitada no lado oposto, na parte da tenda reservada às mulheres. Ela também respirava com dificuldade e não conseguia engolir. Não muito longe, Alce Vermelho envolvia em uma manta o corpo de Lontra Branca.

Quando o homem branco entrou na tenda, Trovão Azul sentiu o corpo retesar. Tinha a cabeça do irmão moribundo sobre o colo e precisava se enfurecer com alguém. Os comerciantes haviam trazido o mal para seu povo e os comerciantes eram brancos. Menino do Sol adorava esse homem, mas ele não podia compartilhar de tal devoção. Quando o homem branco se aproximou, afastou-se.

— Meu irmão está morrendo — declarou com arrogância, como se a notícia deixasse James feliz.

James ajoelhou-se ao lado do corpo franzino, tomou-lhe o pulso e tocou-lhe o rosto. Suspirou, como se isso pudesse livrá-lo da sensação de impotência que o invadira, mas foi em vão. Viu ódio no rosto de Trovão Azul.

— Você conhece seu irmão melhor do que ninguém — disse James. — Se diz que a morte está se aproximando dele, eu acredito em você. Como devemos nos preparar para isso?

— Não quero que ele morra.

— Eu sei. Você lhe disse isso?

— Disse, mas creio que ele não pode mais me ouvir.

James afastou uma mecha de cabelos da testa do garoto.

— Talvez não. Talvez ele já esteja em paz.

— Foram os comerciantes brancos. E outros como eles.

James ergueu o rosto e viu que o ódio estava voltado contra ele.

— Sinto muito, meu amigo. Você tem razão. Fomos nós que trouxemos os problemas.

— Eu deveria matar você — grunhiu Trovão Azul, os olhos dardejando de ódio.

— Se isso trouxesse de volta Menino do Sol eu lhe diria para ir em frente. — A angústia velou-lhe os olhos. — Eu matei, e posso lhe dizer que nada é resolvido com a morte. É um peso terrível que não desejaria que caísse sobre um amigo.

— Não sou seu amigo.

— Mas eu sou. — Tocou a face de Menino do sol com as costas da mão. — Eu perdi o filho que minha mulher carregava no ventre — disse em voz baixa. — Perdi meu sogro. Anos atrás, perdi minha mãe. Todos para essa maldita doença. — Fitou o rosto do menino. — Choro a morte deles, como você.

Finalmente o garoto deixou a dor aflorar, mas não se permitiu lágrimas.

— Deveria ter sido eu — disse. — Eu fui o responsável pelo acidente que o deixou inválido há muitos anos. Meu irmão deveria viver em meu corpo e eu morrer no dele.

A tristeza infinita que cobria os olhos escuros do garoto era mais angustiante do que lágrimas. James buscou as palavras certas e de repente lá estavam.

— Já passei pelos mesmos tormentos que você passa neste momento, mas seus desejos não estão ao seu alcance. Meu sogro lhe diria que existem outros sacrifícios que você pode fazer.

— Para quê?

— Não sei — disse James. — Nós escutamos os mais sábios, seguimos seus bons exemplos e então observamos e esperamos.

Na manhã seguinte, Trovão Azul foi até a tenda de James. Por respeito, desviou os olhos dos abrigos de dormir no fundo da tipi enquanto segurava o corvo que estava empoleirado em seu ombro, oferecendo-o a James.

— Como devemos queimar seus pertences, nada temos dele para lhe dar, exceto o pássaro. Ele gostaria que ficasse com você, James Garrett.

James aquiesceu e estendeu o braço à guisa de poleiro.

— Minha mãe também nos deixou — disse o garoto. — Estamos levando-os até a colina agora.

— Eu os encontrarei lá.

Depois que o garoto saiu, James encontrou um poleiro para Sapa, o corvo, no topo do suporte de salgueiro. Colocou mais lenha na fogueira e apanhou o abrigo e o gorro, todo o tempo evitando os olhos de Kezawin. Pensou que se tornaria duro depois de tantas mortes, mas não era o que acontecia. Dentro de seu peito, tinha o coração dilacerado e não podia erguer os olhos. Um único olhar e ele não mais suportaria a tensão.

— Você precisa me ajudar, James.

A decisão dele se desvaneceu ao vê-la sentada na cama. Ela segurava os cabelos de um lado e, com a faca de esfolar, tentava cortá-los.

— Kezawin, o que...

— Vou até a colina com você — disse ela. — Já é hora que eu chore a morte de meu pai.

Em duas passadas largas ele estava a seu lado.

— *Você está tão fraca quanto um filhote de pássaros — protestou. — Mal pode ficar em pé.*

— *Você me ajudará — disse ela, calma. — Se eu tropeçar, você me carregará. Se recusar, eu seguirei só, me arrastando.*

Os lindos cabelos caíam desordenadamente pelo chão.

— *Ele não ia querer isso, Kezawin.*

— *Ele deve ser devidamente chorado por quatro dias e, depois disso, não haverá mais lamentações. Ela ergueu o rosto e pela primeira vez James viu lágrimas escorrendo-lhe pelas faces. — Eu ainda não tive meus quatro dias.*

— *Por favor, amor — implorou ele. — Você esteve tão doente. Cuide-se... por seu marido.*

— *Eu me cuidarei. — Ela tocou-lhe a barba dourada e macia. — Seu coração está dilacerado, tanto quanto o meu. O meu não se curará a não ser depois que se lamente da tristeza. E você deve fazer o que seus costumes mandam.*

Ele a envolveu com os abrigos mais quentes. No entanto, assim que chegaram ao outeiro, ela se desfez do abrigo e arranhou seus braços enquanto se lamentava em voz alta. A voz dela ecoava mais alto do que o crepitar das chamas. Alce Vermelho entoava cânticos e Trovão Azul, que provocara ferimentos nas próprias pernas, cobriu a cabeça com cinzas e permaneceu imóvel. James deixou que as lágrimas escorressem enquanto observava a mulher desfazer-se das roupas e cobrir seu corpo de cinzas.

Capítulo XIII

Finalmente o longo inverno de fome terminara. No couro onde estava descrita, por meio de uma espiral de símbolos, toda a trajetória de seu povo, Alce Vermelho gravara o símbolo daquele tempo que ficaria na memória como o Inverno da Varíola. Apesar da certeza de que o símbolo voltaria a ser gravado, o ancião esperava ser esta a última vez em que o pintava. As medidas tomadas para impedir que o mal saltasse do corpo de uma pessoa para outra, ainda que houvessem salvo muitas vidas, haviam-no deixado extremamente perturbado. Filhos separados dos pais. Era errado. Pessoas enviadas a sua última jornada sem que seus corpos fossem erguidos em direção ao sol. Também era errado. Uma afronta a seus instintos. A finalidade, porém, era a de expulsar o mal, e tão logo James trouxera carne fresca, o mal os deixara.

Mais uma vez o verão chegava às pradarias. A neve abundante alimentara as raízes mais profundas da terra. Na primavera a terra cobriu-se da relva verdejante que atingiu sua plenitude com as primeiras chuvas de verão. Os hunkpapas viajavam em

direção só sul. Pequenos acampamentos de inverno iam se encontrando como os riachos que vão se fundir em um grande rio. Quando o sol chegasse ao solstício, a grande nação Lakota estaria reunida na sagrada Paha Sapa, as Montanhas Negras, onde aqueles que sofreram menos durante as luas de fome honrariam a resistência de seus primos com presentes e canções. Haveria banquetes e cerimônias para celebrarem a promessa de renovação da vida.

Durante os tempos difíceis, votos haviam sido feitos e, nesse verão, muitos dançariam contemplando o sol. Os jovens, como Trovão Azul, dançariam pela primeira vez e os homens maduros buscariam atingir níveis mais elevados de visões. Algumas dentre as mulheres participariam da dança em nome daqueles que já não estavam entre eles, mas não do sacrifício. Todos os participantes haviam selado seus votos com o cachimbo. Viajavam agora em direção ao ponto de encontro nas majestosas colinas recobertas de pinheiros para reunir-se, segundo a tradição, em cerimônias com todos os parentes, incluindo os que já haviam partido e os que ainda não haviam nascido.

James também havia feito seus votos, primeiro só para Urso Solitário e depois segundo os ritos formais. Kezawin estava viva e para ele a Dança do Sol seria uma maneira de demonstrar sua gratidão. Alce Vermelho concordara em tomar o lugar de Urso Solitário, seu mestre. Mas enquanto cavalgava ao lado de sua mulher junto àquela corrente humana, sob o sol escaldante de verão, James sentiu o peso da ausência do sogro; hesitava em participar da dança sem a presença do velho sábio. O pássaro que o acompanhava em um poleiro sobre a sela trazia-lhe outra dolorosa lembrança.

Kezawin percebeu a angústia em seu marido mas ele só falaria quando se sentisse preparado. Acamparam, partilharam da comida e caminharam lado a lado em silêncio. Algumas mulheres se divertiam com o jogo de caroços de ameixas, as meninas enrolavam fios em seus dedos na brincadeira do jogo de barbante e homens contavam histórias ao redor das fogueiras. Ao ver James e Kezawin, uma jovem grávida correu para sua tenda; outros, porém, saudavam-nos calorosamente. Pele de Alce, a caminho da reunião de seu Grupo de Raposas, deteve-se para convidar James a caçar com ele e o filho.

Caminharam em direção às colinas onde pastavam os cavalos. Kezawin acabou por se acostumar com o modo que James lhe tomava a mão, toda vez que se afastavam do acampamento.

— Esta tarde, enquanto você foi buscar água, encontrei mais plantas de raízes vermelhas — disse James, por fim.

— É sempre quando está só que você as encontra.

Nunca lhe ocorrera mas, pensando bem, era verdade.

— Estou certo que é coincidência.

— Creio que a planta o atrai. Você não notou? — As franjas do vestido resvalavam suavemente em suas pernas, enquanto caminhava. — Isso acontece comigo em relação a algumas plantas. Com as minhas preferidas.

— Talvez você tenha razão, eu estava observando uma luta...

— Luta?

— Entre um texugo e uma cascavel. Ela estava dormindo sobre uma pedra, tomando sol, e provavelmente a toca do texugo ficava sob essa pedra. Fizeram uma barulheira terrível. O texugo ficou inchado como uma bola e a cada bote, ele saltava. Mesmo quando me aproximei, não despregaram os olhos um do outro. Eu estava bem ao lado deles quando a cascavel desistiu e desapareceu no mato.

— O texugo venceu?

— Por enquanto. Correu para dentro da toca, para cuidar de seus ferimentos, imagino, mas conseguiu expulsar a cascavel de seus domínios. Foi então que encontrei a planta de raízes vermelhas, logo do outro lado da colina, perto da margem do riacho.

— Sua sacola medicinal é feita de pele de texugo. Ele compartilha essa vitória com você.

— Meu lado de cientista me diz que devo observar, fazer anotações sobre isso. O outro lado vê algum outro sentido. Devo buscar alguém mais sábio do que eu para interpretar.

— O que fez você?

— Recolhi parte da planta de raízes vermelhas e voltei.

— Somente uma parte?

— Deixei algumas para que voltem a dar sementes, como você costuma fazer. E também, pedi-lhes desculpas. — Não sabia por que hesitara em contar isso. Sentia-se bem em fazer as pazes com as plantas.

Caminhavam na noite escura, afastando-se da tropa de cavalos, guardados por sentinelas. Ouvia-se o ruído estridente dos grilos na relva alta.

— Vamos nos sentar no bosque de choupos, à beira do riacho... — sugeriu Kezawin.

— Não, vamos buscar outro lugar. Talvez do outro lado da colina.

Desde aquela noite em que ele seguira seus instintos até o bosque de choupos onde o gamo branco o esperava, não mais entrara em um bosque depois do sol se pôr. Experimentara então a intensa sensação de que, ao menos para ele, o bosque era inviolável. Não era a maneira de pensar de um homem instruído, dizia a si mesmo. Apesar disso, subiram a colina e Kezawin colocou um cobertor sobre a relva.

Estenderam-se, observando o céu estrelado. Ele lhe ensinou os nomes das constelações e descreveu os mitos gregos sobre cada uma delas. Kezawin contou-lhe os nomes e as lendas criadas pelos lakotas. Era surpreendente que povos de lados opostos do mundo houvessem, por séculos, observado as estrelas e visto as mesmas formas: ursos, cães, caçadores; por toda a parte havia sonhadores.

— Estou com medo da Dança do Sol — confessou ele, abruptamente.

— É uma provação muito difícil, James. Deve estar preparado para a dor.

— Não tenho medo da dor, Tenho medo de... Creio que é de tudo aquilo por que não tenho a capacidade de compreender. Tenho medo de ficar vulnerável, de escutar e ver coisas que não posso explicar mas que não posso mais ignorar.

— O seu povo não tem mistérios?

— Sim, temos mistérios, mas nos sentimos compelidos a solucioná-los e se não conseguimos, nos afastamos deles.

— Parece muito estranho — decidiu ela.

— É verdade... agora também me parece estranho. Virou-se, apoiando-se no cotovelo. — Kezawin, e se eu não pertencer ao seu mundo? O que ocorreria se durante a dança eu visse ou ouvisse algo que me indicasse que não faço parte do povo lakota?

— É isso o que você teme?

— É sim. É o meu maior medo.

— Aonde você iria?

— Não sei. Não estou certo onde é meu lugar agora.

— Você me levaria junto?

Ele parou por um momento, antes de perguntar carinhosamente:

— Você viria comigo?

— Sou sua mulher. Passamos fome juntos. Sofremos juntos a perda de nosso filho e sempre serei fiel a meu marido, tenhamos ou não outros filhos.

Os votos dela significavam que jamais se casaria outra vez.

— Eu não a afastaria de seu povo. Eles precisam muito de você.

— Então você me abandonaria?

— Não, nunca. Eu jamais me separaria de você. — Acariciou-lhe o rosto com os dedos. — Não sei o que faria. Continuo pensando que não deveria buscar nenhuma outra visão. A última foi... tão povoada de mortes.

— Mas salvou muitas vidas, James. Essa varíola veio do homem branco e só outro homem branco saberia o que fazer para quebrar sua força.

— Mas e se houver mais? — Voltou-se de costas, outra vez observando as estrelas. A meio continente de distância havia tanta gente. Quantos estariam neste momento observando as estrelas e sonhando em mudar-se para o Oeste em busca de uma vida melhor?

Sentou-se e ela o imitou. O luar refletia-se nos cabelos negros que já lhe chegavam aos ombros. James arrancou uma haste de capim e colocou-a na boca.

— Uma vez eu lhe disse que não acreditava que os homens brancos viessem viver aqui. Eles têm suas casas de madeira, suas fazendas e cidades e não consigo imaginá-los adaptados a este lugar com seus ventos constantes e suas terras planas e áridas. Mas se vierem, não vejo nada além de problemas.

— *Você não trouxe problemas.*

— *O meu único intuito era o de estudar as plantas. Agora, parece-me que tudo o que desejo é amar minha mulher.* — *Ele sorriu.* — *E estudar as plantas, aprendendo a utilizar cada uma delas.*

— *A Dança do Sol é algo muito pessoal — ela disse.* — *Se voltar atrás em seus votos, isso deve ser resolvido entre você e Tunkasila.*

— *O que pensaria de um homem que volta atrás em sua promessa?*

— *Não me lembro de nenhuma ocasião em que isso tivesse ocorrido.* — *Por um momento, ficou calada.* — *Pensaria que este homem se conhece e sabe o que deve fazer.*

Ele riu.

— *Você não é aquele tipo de mulher que está sempre dizendo ao marido o que ele deve fazer, não é?*

— *Ohan! Tal mulher acabaria por ser transformada em uma estrela para servir de exemplo às outras. Talvez as cicatrizes de minhas manchas se transformem em estrelas.*

Com a ponta dos dedos, ele tocou as duas cicatrizes que ficavam paralelas em suas faces.

— *Deixaram seu rosto mais bonito ainda. Estão aí para que eu jamais esqueça como estive perto de perdê-la. Devo ser muito mais cauteloso. Como você disse, um homem branco deveria saber que tipo de ameaça pode vir dos de sua própria raça.*

— *Os lakotas são um povo muito forte, James. Se houver uma luta...*

— *Essa praga não foi uma batalha. Significava morte certa para a maioria da tribo se não tivéssemos colocado os doentes em quarentena.*

— *O que é morte certa? A morte vem quando chega a hora. Mesmo Iktomi, o mais trapaceiro dos deuses, não pode enganar a morte. James Garrett também não. Algo wakan veio até você, tão certo quanto algo wakan veio até mim. Devemos escutar e observar. O gamo branco é um poderoso sicun.*

— *Devo honrar minha promessa — disse, convicto, e prosseguiu, meio receoso.*
— *Estarei muito atento. Vamos ver o que se passará. Quero saber a que mundo pertença.*

— *Creio que nesta noite seu lugar é entre meus braços — murmurou ela, a cabeça recostada em seu ombro.*

Ele retirou a haste da boca e abriu um largo sorriso.

— *E o que a faz pensar assim?*

— *Quando forem iniciadas as preparações para a dança, você deverá se abster.*

— *Por quanto tempo?*

— Alce Vermelho lhe dirá. — Sentou-se sorrindo, os olhos cheios de malícia. — Creio que será para você a parte mais difícil do sacrifício.

— Quanto a isso, não tenho a menor dúvida — murmurou, mergulhando o rosto nos cabelos negros.

— A volta aos braços de sua mulher será um momento de júbilo. — Com essa promessa, ela desfez o nó de sua tanga. A sua feminilidade respondia até mesmo ao hálito quente dele em seu pescoço.

Com as mãos, James percorreu-lhe as coxas, sob a saia.

— Não preciso de qualquer visão para me revelar isto — sussurrou.

— Mas estará tão enfraquecido que talvez não consiga... — ele gemeu quando ela o tocou —, fazer com que este guerreiro fique ereto.

— Eu vou confiá-lo a você. — Deitou-a sobre a relva e inclinou-se sobre ela.

A formação perfeita do círculo só podia ser visualizada do cume das montanhas que rodeavam e protegiam o vale. Compunha-se de centenas de tipis, como se tivessem sido atiradas, como um punhado de areia, no vão entre as colinas. No entanto, a disposição havia sido rigidamente determinada pela tradição e cada tiospaye, cada clã, ocupava seu próprio lugar. Entre os lakotas, tudo era feito de acordo com os costumes. Quando seu povo se reunia para as celebrações do verão, cada uma das inúmeras e antigas tradições deviam ser observadas. A Dança do Sol era a cerimônia mais solene e importante, pois celebrava a unicidade do povo e fazia a conexão entre a carne e o espírito dos lakotas.

O eyapaha percorria todo o acampamento a cavalo, anunciando que haviam escolhido o can wakan, o poste sagrado. Os festejos duravam doze dias, divididos em três períodos. O primeiro era dedicado à preparação do lugar para acampar; o segundo, às instruções dadas pelos sábios curandeiro aos que participariam da dança; e o terceiro, à Dança do Sol. Guias de confiança comunicaram aos sábios curandeiros que haviam encontrado o choupo perfeito a ser utilizado. Todo o acampamento estava febril com a excitação e todos os corações batiam acompanhando o ritmo dos tambores; homens, mulheres e crianças, alguns montados em cavalos pintados e enfeitados com colares de folhas, iriam trazer a árvore escolhida até o poço que havia sido cuidadosamente preparado para ela.

A árvore foi derrubada pelos homens e mulheres considerados dignos de tal honra. Com extremo cuidado, removeram as folhas e todos os ramos, exceto a forquilha e alguns dos galhos mais altos, antes que a procissão retornasse ao lugar previsto, bem no centro do acampamento. Ali foi erguida a tenda da Dança do Sol, no meio de um enorme caramanchão redondo, construído com estacas e coberto de ramos de pinheiros para fornecer sombra aos espectadores. Por entre as forquilhas dos galhos mais altos, foram colocados reforços transversais onde tiras de couro cru foram amarradas, uma para cada um dos participantes da dança.

Para os demais, os preparativos consistiam em visitar amigos e parentes que se haviam dispersado durante os últimos meses de inverno. Aqueles que haviam feito os votos de participar do sacrifício da Dança do Sol permaneceram todo o tempo recolhidos em uma mesma tenda, recebendo instruções. Então, houve três dias de solenidades por todo o acampamento, enquanto os Contempladores do Sol dançavam do nascer até o pôr-do-sol, como se fossem um único corpo, assobiando seus apitos de osso de águia. No quarto dia, os participantes se purificaram na tenda de suadouro, já preparados para a última fase do ritual.

Com certeza, James perdera nos últimos três dias o peso que recuperara durante a abundante estação de caça na primavera. Apesar disso, enquanto Alce Vermelho ajudava-o a se vestir para o momento mais importante da cerimônia, sentia-se preparado, tanto física quanto mentalmente para a etapa final. Estava forte e limpo. Embora muitos dos participantes usassem saias vermelhas, Alce Vermelho havia enrolado, em torno da cintura de James, um cobertor azul para indicar que, por exibir as cores dos céus, tinha uma tarefa sagrada a cumprir. Levava um arco recoberto de pele de lontra para simbolizar o sol e o ciclo das estações. Levava o amuleto de gamo que Kezawin lhe dera e, em torno do pescoço, sua bolsa medicinal. Braçadeiras e tornozeleiras proclamavam seu amor, sua força e inteligência.

Deveria passar por intenso sofrimento físico e estava preparado para isso. Aprendera com Alce Vermelho que deveria sentir alegria na dor e dor na alegria, pois essa era a grande verdade da vida. Depois de três dias de danças e purificação, sua mente clareou e era como uma criança que não se preocupava com o que estava por vir.

Os sábios conduziram os participantes até a grande tenda circular da Dança do Sol. Bebês foram trazidos ao círculo e as mães convocavam os guerreiros mais sábios e corajosos para que furassem as orelhas de seus filhos. Ao ouvir seu nome, o guerreiro dava um passo à frente e relatava seus feitos a fim de que todos aprendessem com seu exemplo e os bebês pudessem imitá-los.

Havia chegado o momento mais difícil do ritual, a perfuração da pele. James estava deitado sobre um couro de búfalo pintado. Alce Vermelho colocou-lhe um pedaço de madeira entre os dentes e a cabeça grisalha aproximou-se de seu peito. A primeira dor que veio tomou-o de assalto. Alce Vermelho mordeu logo abaixo do mamilo, para amortecer a área. Então, com um golpe rápido, varou-lhe a pele com uma sovela afiada e atravessou-a com uma vareta de sálvia e uma garra de águia que foram amarradas a uma das tiras de couro. Moveu-se para o lado direito de James, repetindo a operação. A dor tornou-se constante e latejava como as batidas dos tambores.

James levantou-se e Alce Vermelho fez com que se afastasse o mais possível do poste sagrado, mantendo as tiras de couro bem esticadas. Filetes de sangue escorriam por seu ventre. Pele de Alce ajudou Trovão Azul a pôr-se de pé e colocou-o ao lado de James, de frente para o sol. Os outros, doze ao todo, tornaram-se um só guerreiro. Estavam juntos, todos eles contemplando o sol que se inclinava.

As tiras de couro repuxavam sua pele, esticando-a de seu peito. James olhou para si e viu duas tipis, como os seios eretos de uma mulher. Por algum tempo, seria homem e mulher. Recordava-se como Kezawin suportara a perda do bebê, do pai, quase a própria vida. Esperava, ao menos neste momento, ter a coragem feminina e masculina. Alce Vermelho colocou na boca de James o apito feito de osso de águia: cada respiração tornava-se uma oferenda.

O sol abrasara seu cérebro até que o interior de sua mente se transformou em pura luminosidade. No começo parecera-lhe impossível encarar o sol dançar sem parar, mas agora era impossível desviar os olhos. Ó som do tambor impulsionava seu corpo e seus pés se arrastavam em uma cadência que, nos últimos dias, lhe era instintiva. As vozes cantando se tornavam cada vez mais distantes enquanto seus ouvidos se enchiam do som de seu próprio apito. Alce Vermelho estava sempre por perto lembrando-o de que mantivesse as tiras sempre esticadas. A carne se dilaceraria, disse. O homem corajoso haveria de suportar a dor.

A forte luminosidade filtrava-se agora por uma névoa de dor. Kezawin aproximou-se, sorrindo. Viu nos olhos dela aquela maravilhosa expressão, a mesma que demonstrava cada vez que ele lhe trazia caça. Ela limpou seu rosto empapado de suor com algo muito suave; James sentiu o cheiro forte de sálvia.

— É permitido que eu limpe seus ferimentos — disse ela. — Se a sede ameaçar dominá-lo antes que se liberte, peça água e eu lhe trarei. Não há qualquer vergonha nisso. Você está realizando algo sagrado.

Percebeu que ela tratava de seu peito, mas não sabia com que. Sentiu um profundo alívio e queria implorar que continuasse, mas calou-se. Com medo de se envergonhar de suas palavras, nada disse enquanto ela cobria seu rosto com gordura.

— Você suportará essa dor por mim — disse Kezawin em voz baixa. — Pois eu sou parte do meu povo e você é parte de nós. Você é nosso hunka.

— Hunka, Hunka. Hunka. — Outra voz se sobrepôs às últimas palavras de Kezawin. A voz do tambor. A voz de um homem. Não de Alce Vermelho. Era Urso Solitário. James endireitou os ombros e afastou-se para que o velho índio pudesse ver sua coragem e sentir orgulho dele.

O sol queimava provocando bolhas em sua mente, e das bolhas surgiram as cascavéis.

— Acolha-o. Acolha-o. Ele vem. Ele vem.

O gamo branco esperava por James. Seus enormes olhos escuros, cheios de compaixão, chamavam-no. Era feito de luz, tão luminoso que fazia os olhos de um homem doer só de olhar para ele. Tão belo que um homem não conseguia desviar os olhos.

"Você é Irmão do Gamo Branco Ele ajuda a alimentar sua família, o povo do centro da terra. Acolha-o. Acolha-o. Ele vem. Ele vem."

Imbuído de uma força repentina, James jogou-se para trás contra suas amarras. Sua carne se dilacerou e ele caiu na terra, invadido pela sensação eufórica de completa liberdade.

Tomado pela exaustão, James mal percebia as festividades e banquetes que se seguiram à Dança do Sol. Sentia-se grato pela atenção dada a seus ferimentos, pela água e alimentos. Ansiava pela caverna escura e fresca do sono. Ao despertar, notou que Alce Vermelho havia cuidado dele. Como os demais mestres, aguardava que o participante se recuperasse a fim de interpretar sua visão e, em seguida, conduzi-lo a sua tenda.

Para James, no entanto, tudo estava muito claro. Durante todo o tempo do sacrifício, Urso Solitário estivera a seu lado, mostrando-lhes o mundo ao qual pertencia. Mais tarde, falou disso a Kezawin, enquanto ela tratava seus ferimentos.

— Tunkasila não permitirá que eu abandone aquela parte de mim que encontrei — contou-lhe. — Tenho trabalho a realizar aqui. Meu papel consiste em ser uma espécie de ponte. Se com palavras não conseguir fazer com que meu povo compreenda, escreverei, relatando todas as experiências pelas quais passei, mostrando-lhe o que sei ser a verdade.

— Quando aqui chegou, você não tinha condições de compreender, caminhando tropeçadamente pelas pradarias em busca de plantas.

Ele sorriu com a, descrição da imagem do que ele fora anteriormente.

— Eu tinha que ser transformado. Enquanto você pensava que se transformaria na mulher gamo, era eu, na verdade, que passava por grandes mudanças.

— Talvez eu ainda tenha muito o que aprender sobre a mulher gamo. Os dotes que possuo são dádivas dela.

— É verdade. — Ele não mais duvidava da existência dela. Eram muitos os mistérios inexplicáveis e, apesar de todo o aprendizado ao qual estava se submetendo, só agora começava a entender o que significava mistério. — No entanto, creio que estou em paz com a mulher gamo. Não creio que me prejudicaria.

Um grasnado cortou os ares como um aviso; em seguida, uma asa negra resvalou no rosto de James e Sapa se empoleirou em seu ombro.

— Animal impossível! — resmungou James, fazendo com que subisse em seu braço e recolocando-o no poleiro. — Estou falando com minha mulher agora. Espere sua vez. Conversaremos mais tarde.

— Sahhpahh — grasnou o corvo.

— Eu sei, você é um prodígio. — Voltou-se para Kezawin. — Pele de Alce me procurou para dizer-me que Trovão Azul deseja conhecer meus poderes de curar, que são, é claro, nossos poderes. O que você acha?

— Trovão Azul deve ter sido tocado por esses desejos enquanto contemplava o sol.

— Nesse caso, devemos dar-lhe essa oportunidade — concluiu James. — Talvez a comunidade jamais me considere lakota, principalmente os parentes daquele que eu matei, mas creio que me aceitarão no meio deles.

— Você precisa libertar-se do peso da morte daquela pessoa — disse Kezawin. — Deve fazer compensações à família da maneira apropriada e dar o assunto por encerrado.

— Existe alguma maneira de fazer isso?

— É claro que sim. Sempre existe algum modo de se deixar de lado sentimentos de ódio e de culpa. Se não houvesse meios para libertar as pessoas desses sentimentos, o que seria de nós?

O que seria mesmo? Como será que alguém ousara considerar selvagem esse povo?

— Diga-me o que devo fazer.

— Eu o farei. — Sorriu ela. — Amanhã. — Tocando seus ferimentos com suavidade perguntou: — Será que é cedo demais para um feliz reencontro com sua mulher?

Devolveu-lhe o sorriso ainda mais malicioso que o dela.

— Não é a mim que deve perguntar.

— Devo perguntar ao guerreiro?

— Ele está ansioso para lhe dar uma resposta.

Kiciyuskapi, a Cerimônia de Libertação, foi anunciada pelo arauto por todo o acampamento. Na noite anterior, James se submetera ao inipi e expressara sua necessidade de se livrar do peso da morte de Escudo de Trovão. Na manhã seguinte, ele e Kezawin esperavam à frente da tenda do conselho enquanto Alce Vermelho fora comunicar a Raio Veloz, o parente mais velho do morto, que James estava disposto a reparar sua parte de culpa em relação à morte de seu sobrinho. A família se reuniu na tenda do conselho, diante de toda a comunidade. Alce Vermelho acendeu o cachimbo cerimonial com uma pedra de sílex e entregou-o a Raio Veloz.

— Tome este cachimbo. Ao fumá-lo, não guarde qualquer rancor em relação a ninguém.

O índio deu uma baforada e então o cachimbo foi oferecido a James, seguido da mesma advertência. Em seguida, Alce Vermelho ordenou a Pele de Alce e a dois outros membros da akicita que trouxessem os cavalos à tenda do conselho. James e Kezawin doaram todos seus animais, exceto um, à causa da paz. Muitos dos cavalos lhes haviam sido dado em pagamento pelas curas. Alce Vermelho explicou que Pele de Alce deveria montar um dos oito cavalos. Quando o fez, Alce Vermelho tomou as rédeas e o conduziu de volta a sua tenda; a akicita acompanhou os demais cavalos. Feito isso, Alce Vermelho declarou que a cerimônia alcançara seus objetivos.

— Eles estão livres — proclamou.

Os Amigos do Gamo Branco, a sociedade secreta formada por duas pessoas, afastavam-se da aldeia, montados no único cavalo de que não haviam disposto, um baio robusto. Pretendiam passar a tarde recolhendo plantas nas encostas de Paha Sapa, e podia-se escutar suas risadas enquanto se afastavam. Era impensável que um homem montasse dessa forma, a mulher sentada à frente. Não era correto também que uma mulher risse daquele modo tão despudorado. Mas ninguém voltou a cabeça. Ninguém os censurou. Era a Mulher Gamo Sonhadora com seu marido, o estranho coletor de plantas. Ninguém negava os fortes poderes de cura dos dois. O comportamento deles era às vezes estranho, mas assim como o winkte e o heyoka, eram wakans e, sem eles, o círculo não se completaria.

*****Fim*****

A autora

*Kathleen Eagle nasceu em Massachusetts. Numa de suas viagens, conheceu um índio Lakota com quem se casou. Foi quando abandonou os grandes centros para mudar-se definitivamente para o cenário preferido de seus livros: as pradarias de Dakota. Também pela Harlequin Books publicou *Private Treaty*, inédito no Brasil.*